UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

DANIELA MACHADO GONZAGA FERREIRA DIDONE

**Saúde, alimentação e medicamentos na província de São Paulo: o olhar
de Spix, Martius e Auguste de Saint-Hilaire no início do século XIX.**

São Paulo
2007

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

**Saúde, alimentação e medicamentos na província de São Paulo: o olhar
de Spix, Martius e Auguste de Saint-Hilaire no início do século XIX.**

DANIELA MACHADO GONZAGA FERREIRA DIDONE

Dissertação apresentada ao Programa
Pós-Graduação em História Social
do Departamento de História da
Faculdade de Filosofia, Letras e
Ciências Humanas da Universidade
de São Paulo, para a obtenção do
título de Mestre em História

Orientador: Professor Dr. Henrique Carneiro

São Paulo
2007

Resumo

Esta dissertação investiga o universo da saúde, da alimentação e dos medicamentos na província de São Paulo no início do século XIX, através do olhar de Spix, Martius e Auguste de Saint-Hilaire. Esses viajantes vieram à América Portuguesa com o intuito de registrar as peculiaridades encontradas neste território e anotaram aspectos ligados à flora e a fauna, aos colonos e indígenas, a morfologia e anatomia das espécies, alimentação, medicamentos etc.

Na província de São Paulo, alguns alimentos e plantas eram utilizados como remédios. Jesuítas e indígenas, além da medicina oficial, desempenharam importante papel no universo da cura nesta região. Outros aspectos também foram abordados, como o papel da medicina sertaneja, as influências cósmicas, as orações como tratamento e a atuação dos boticários no ofício de curar.

Palavras-chave:

alimentação;
medicamentos;
viajantes;
medicina;
saúde.

Summary

The main objective of this dissertation was to search on the universe of health, food and medicines in the province of São Paulo at the beginning of the nineteenth century through the eyes of Spix, Martius and Saint-Hilaire.

These travelers came to America Portuguese in order to register the specifics subjects found in this area. They noted aspects of the flora and fauna, the settlers and indigenous, morphology and anatomy of the species, food, medicine etc.

In the province of São Paulo, some foods and plants were used as medicines. Jesuits and indigenous, besides official medicine, played important role in the universe of healing in this region. Other issues were also addressed, such as the role of medicine in the backwoods, the cosmic influences, the prayers as treatment and the performance of pharmacists in order to cure.

Key words:

food;
drugs;
travelers;
medicine;
health.

Agradecimentos

Agradeço a todos que participaram da produção de minha dissertação de mestrado. Na graduação, à professora Lílian Lisboa Miranda, que acreditou na minha capacidade e me mostrou os caminhos para chegar à USP. Em especial, ao meu orientador, Henrique Carneiro, pela paciência e compreensão de sempre e pelas preciosas sugestões, observações e críticas.

Quero agradecer aos professores que participaram dos meus exames de qualificação e defesa: Márcia Moisés Ribeiro e João Pimenta, pelas intervenções que muito me valeram para a construção desse texto.

Sou muito grata aos meus familiares: minha mãe, por transmitir-me tranqüilidade; meus irmãos, Marcelo e Murilo, pelas palavras de amizade e momentos de descontração; meu marido, Rubens, que com seu bom humor, fez-me sorrir muito durante a escrita da dissertação.

Ao meu pai, *In Memoriam*, dedico esse trabalho, que na época dos exames para adquirir uma vaga no mestrado, mesmo doente, apoiou-me com palavras doces de incentivo. Apesar de não ter presenciado o desenvolvimento de minha dissertação de mestrado, deixou-me exemplos de determinação e sabedoria, que levarei pelo resto da vida.

Índice

Introdução	4	
 Capítulo I: O mundo luso-americano (séculos XVI ao XVIII).		
Agentes e métodos de cura: as boticas e a atuação dos boticários na medicina multifacetada.....	6	
Comércio de medicamentos e a atuação dos profissionais de saúde.....	12	
Observações do Dr. Mirandela, médico de D. João V.....	17	
 Capítulo II: A capitania de São Paulo (séculos XVI ao XVIII).		
O cotidiano da capitania de São Paulo.....	27	
Os jesuítas e os índios no ofício de curar.....	30	
Medicina sertaneja.....	40	
Influências cósmicas e orações como tratamento.....	51	
 Capítulo III: A província de São Paulo (século XIX).		
A alimentação e o mercado interno.....	55	
A arte de curar.....	65	
A fiscalização metropolitana.....	75	
O uso medicinal das plantas.....	79	
 Capítulo IV: Naturalistas, ciência e medicina no século XIX.		
Os viajantes e a América portuguesa: Spix, Martius e Auguste de Saint-Hilaire.....	86	
Alimentos e remédios.....	103	
O universo da cura: Spix, Martius.....	114	
O universo da cura: Auguste de Saint-Hilaire.....	134	
 Conclusão		152
Lista de medicamentos		157
Bibliografia		169

Introdução

No estudo feito sobre *saúde, alimentação e medicamentos* no início do século XIX verificou-se que as práticas populares conviveram com a medicina considerada oficial e que muito do conhecimento na arte de curar de Portugal foi retirado dos saberes indígenas que utilizavam alimentos, ervas e plantas para tratar de doenças e ferimentos. Os jesuítas em virtude do contato que tiveram com os nativos, aprenderam como se faziam os medicamentos e enviaram esse aprendizado para Portugal. Os próprios médicos, em virtude das condições existentes, aplicavam uma medicina multifacetada: incluíam na sua prática alguns medicamentos utilizados pelos curandeiros. Os procedimentos terapêuticos adotados pelos curandeiros não agrediam os médicos. O que causava mal estar a esses profissionais da saúde era o agente, no caso o curandeiro, que segundo os médicos, não tinham condições acadêmicas para desenvolver tais métodos de cura.

Muitos questionamentos ao longo da pesquisa foram surgindo: até que ponto o conhecimento popular de algumas receitas feitas pelos chamados curadores faziam parte do cotidiano paulista no período de 1816 à 1822? Será que a medicina acadêmica interferiu na credibilidade que alguns curandeiros conseguiram conquistar ao longo dos anos no tocante a cura das doenças na província de São Paulo?

Com isso, é possível verificar a importância em estudar esse tema, que nos permite encontrar nas práticas populares, representações, costumes e formas simbólicas que explicam como a realidade social no âmbito da cura de doenças foi construída e pensada na época colonial.

Entender como era o universo da *saúde, alimentação e medicamentos* na província de São Paulo no início do século XIX através do olhar colocado nas literaturas de viagem de Spix, Martius e Auguste de Saint-Hilaire foi o objetivo central deste trabalho. Essa escolha, no entanto, pressupôs um olhar científico de pesquisador, pois essas fontes históricas foram escritas por europeus que tinham concepções sociais, culturais de quem vivia na Europa no final do século XVIII e começo do século XIX. O desafio foi justamente esse: conhecer melhor o olhar desses viajantes em relação a *saúde, alimentação e medicamentos* na sociedade paulista na época colonial.

Como objetivos específicos, foram selecionados alguns, tais como: descobrir e problematizar as relações existentes nas práticas populares enraizadas na sociedade e cultura da época no tocante a questão alimentar como medicamento, verificar as diferenças e os conflitos existentes entre as formas tradicionais e “modernas” de tratamento de doenças, quais eram os alimentos utilizados na produção de remédios, destacar o limite entre alimento e medicamento, diferenciar os medicamentos considerados “caseiros” daqueles elaborados por boticários com autorização médica, verificar como eram feitos esses medicamentos e para quais doenças eles eram indicados, quem eram as pessoas que faziam esses remédios, todas as pessoas tinham acesso a esses produtos? Como a fabricação desses medicamentos influenciava no cotidiano dos paulistas, como foi feito o processo de fiscalização da metrópole nessa região em relação à produção desses elementos de cura e destacar a visão dos viajantes em relação a todo esse contexto.

O material selecionado foi em grande parte relacionado aos viajantes Spix, Martius e Auguste de Saint-Hilaire que estiveram na América Portuguesa no início do século XIX.

No primeiro capítulo, *O mundo luso-americano (séculos XVI ao XVIII)*, foi feita uma breve apresentação sobre os agentes e métodos de cura: as boticas e a atuação dos boticários no universo da cura na América Portuguesa; o comércio de medicamentos e os profissionais de saúde e as observações do Dr. Mirandela, médico de D. João V.

Já no segundo capítulo, *A capitania de São Paulo (séculos XVI ao XVIII)* alguns aspectos pontuais foram colocados relacionados à São Paulo, principalmente sobre a atuação dos jesuítas e indígenas no ofício de curar, a importância da medicina sertaneja, das influências cósmicas e das orações como tratamento.

No terceiro capítulo, *A província de São Paulo (século XIX)*, foram apresentados aspectos sobre a alimentação e o mercado interno, a arte de curar, a fiscalização metropolitana e o uso medicinal das plantas.

No quarto capítulo, *Naturalistas, ciência e medicina no século XIX*, foram analisadas algumas observações de Spix, Martius e Auguste de Saint-Hilaire sobre o universo da cura na província de São Paulo no período proposto.

Em anexo, foi apresentada uma lista de medicamentos baseada nas fontes históricas e na bibliografia utilizada nesta pesquisa.

Capítulo I: O mundo luso-americano (séculos XVI ao XVIII)

Agentes e métodos de cura: as boticas e a atuação dos boticários na medicina multifacetada

Para que o corpo estivesse saudável era preciso uma alimentação farta. Até o século XIX, pouco se conhecia sobre o valor calórico e protéico dos alimentos, a maior parte da população colonial alimentava-se mal e muitos dos problemas de saúde eram causados pela subnutrição.¹

No tocante a questão da utilização do alimento como medicamento, São Paulo, Minas Gerais e outras regiões mais afastadas das informações da corte que, no início do século XIX encontrava-se no Rio de Janeiro, desenvolveram seus próprios métodos de sobrevivência, criaram fórmulas para a cura de doenças que eram acolhidas pela sociedade: chás, receitas que utilizavam raízes, folhas, alguns alimentos, benzedores, amuletos eram muito utilizados na formulação de medicamentos.²

Na vinda de escravos nas embarcações até a América Portuguesa era possível verificar diversas doenças causadas pela má alimentação. Além disso, os poucos alimentos que havia nos navios, muitos deles, estavam estragados:

Além de escassos, os alimentos embarcados encontravam-se estragados antes mesmo de começar a viagem. Armazenados em porões úmidos, os comestíveis, ao longo da jornada, apodreciam ainda mais rapidamente. O “rol dos mantimentos” costumava incluir biscoitos, carne salgada, peixe seco (principalmente bacalhau salgado), banha, lentilhas, arroz, favas, cebolas, alho, sal, azeite, vinagre, açúcar, mel, passas, trigo, vinho e água. Nem todos os presentes tinham acesso aos víveres (...) Grumetes e marinheiros pobres eram obrigados a consumir “biscoito todo podre de baratas, e com bolor mui fedorento e fêdido”, entre outros alimentos em adiantado estado de decomposição. Mel e passas eram oferecidos aos doentes da tripulação nobre. Febres altas e delírios que costumavam atingir muitos dos tripulantes, decorriam da ingestão de carnes excessivamente salgadas e podres regada a vinho avinagrado. Quando

¹ Betânia Figueiredo. *A arte de curar*. Cirurgiões, médicos, boticários e curandeiros no século XIX em Minas Gerais. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2002, p.98.

*ocorriam calmarias, (...), os marinheiros famintos ingeriam de tudo: sola de sapatos, couro dos baús, papéis, biscoitos repletos de larvas de insetos, ratos, animais mortos e até mesmo carne humana. Matavam a sede com a própria urina (...)*³

O europeu foi responsável pela disseminação do sarampo, varíola, tuberculose, doenças venéreas, o que fez com que o estudo de curas terapêuticas fosse mais amplo para o tratamento destas doenças. Vale lembrar que os africanos também contribuíram para a disseminação de algumas doenças e que o convívio dessas três culturas (indígena, africana e européia) e a interação de conhecimentos constituiu a singularidade colonial no tratamento de doenças. Alguns problemas de saúde foram associados aos maus hábitos alimentares, tais como cólicas, debilidade intestinal, desnutrição e escorbuto.⁴

Com isso, verificamos a quantidade de doenças que devem ter se proliferado durante as navegações e o mau estado que os tripulantes sobreviventes chegavam à América Portuguesa. Além disso, eles encontraram aqui uma realidade em que havia muita pobreza, pouca diversidade de alimentos, as pessoas se alimentavam mal e havia muitos doentes. Logo, a iniciativa dos curandeiros, boticários, farmacêuticos e médicos em atividades de cura, nesta época, era essencial para a própria sobrevivência dos colonos. Por isso, a necessidade do desenvolvimento de fórmulas cada vez mais eficazes na cura das doenças.

Curandeiros, rezadores, conhecedores de ervas e raízes, parteiros, barbeiros, juntamente com os boticários e os farmacêuticos conseguiram em relação aos seus conhecimentos de cura atender as necessidades dos habitantes da colônia, que preferiam as fórmulas receitas pelos farmacêuticos, boticários, curandeiros àquelas prescritas pelos médicos:

Para a população, que não estava habituada a esse convívio, a possibilidade de recorrer aos médicos formados constiuía-se numa alternativa secundária. As primeiras providências relacionavam-se com as práticas caseiras, as conversas e

² Ibidem, p.19.

³ Laima Mesgravis e Carla Bassanezi. *O Brasil que os europeus encontraram*. São Paulo: Contexto, 2002, p.20-21.

⁴ Betânia Figueiredo, op. cit., p.97.

*orientações junto aos boticários, o contato com os mais velhos e até a leitura de algum manual de medicina popular.*⁵

Não interessava a posição social das pessoas, muitos acreditavam nas rezas, chás, fórmulas secretas e utilizavam estes métodos para se sentirem melhor:

*...Mas mesmo aqueles que tinham por hábito procurar o médico e pagar os seus honorários, também procuravam outras formas de cura: procuravam o curandeiro, seguiam as receitas caseiras tradicionais, reforçavam o medicamento com simpatias e outros rituais.*⁶

Dentro desse grupo pertencente à medicina popular, havia diferenças no modo como praticavam a arte de curar. Note que havia pessoas que apenas aconselhavam o doente, indicavam determinado chá ou alguma outra receita caseira sem receber qualquer tipo de remuneração. Já os boticários, farmacêuticos, barbeiros participavam da relação mercantil e recebiam pelo trabalho realizado.⁷

Ao se direcionar para o universo do doente, é certo que este buscava a cura, queria acabar com as dores que estava sentindo. Muitas vezes, a utilização de determinadas fórmulas feitas pelos boticários, curandeiros e as conversas descontraídas com o paciente faziam com que este se sentisse melhor. O ambiente familiar e acessível existente entre doente e curador ajudava muito mais no restabelecimento que a relação formal existente entre um médico que possuía, muitas vezes, um vocabulário acadêmico:

*(...) o curador pode intuitivamente lidar com a fraqueza e sensibilidade emocional do doente contribuindo para o restabelecimento da saúde.*⁸

Além disso, os medicamentos de botica tinham sabores diferentes aos que pessoas estavam acostumadas (remédios caseiros).⁹

⁵ Vera Regina Beltrão Marques. *Natureza em Boiões*. Medicina e boticários no Brasil setecentista. Campinas, SP.: Editora da UNICAMP, 1999, p.58.

⁶ Betânia Figueiredo, op. cit., p.233.

⁷ Vera Beltrão Marques, op. cit., p.66.

⁸ Keith Thomas. *Religião e o declínio da magia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p.159.

⁹ Richard Morse. *Formação Histórica de São Paulo*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

As boticas e as farmácias dos séculos XVIII e XIX desempenharam um papel social que não se limitou apenas na fabricação de medicamentos, mas também foram locais de encontros, discussões políticas, espaços de socialização de problemas e planejamentos. Como esses estabelecimentos permaneciam abertos dia e noite, muitas pessoas com culturas e pensamentos diferentes freqüentavam esses locais. O boticário passava a ser o amigo confidente e não apenas alguém ligado estritamente a problemas de saúde: “Tanto as farmácias como as boticas, nas últimas décadas do século XVIII e primeiras do século XIX, representam uma referência de informação, de apoio, de notícias, de encontros nas regiões onde estavam estabelecidas.”¹⁰ As boticas tornaram-se um centro de encontro dos homens, que debatiam questões sociais, problemas do cotidiano, falavam sobre negócios, fofocavam etc.¹¹ Alguns até pensavam em formar sociedades literárias, conspirar e organizar insurreições.¹²

As boticas eram estabelecimentos mais tradicionais e as farmácias, a partir de meados do século XIX, passaram a ser consideradas espaços mais “modernos” em que o farmacêutico deveria ter uma formação acadêmica.

Com o tempo, os farmacêuticos passaram a se interessar pela formação acadêmica sistematizada,¹³ o que fez com que estes profissionais se diferenciasssem dos boticários. É bom lembrar, que grande parte dos farmacêuticos que se estabeleceram no Brasil eram cristãos novos que haviam fugido da Inquisição.

Na época colonial, havia uma arca de madeira denominada “caixa de botica”, onde eram colocados os medicamentos, muito úteis nas expedições. Nas cidades, os remédios eram encontrados nas boticas que, a princípio, importava quase todos os medicamentos de Portugal.¹⁴

Os habitantes da América Portuguesa, independente do estrato social, confiavam no farmacêutico: “...o farmacêutico era considerado gente do lugar, não tem pedantismo, descobre as doenças, faz o remédio, geralmente velhos remédios conhecidos, ele mesmo os aplica e ainda cobra mais barato.”¹⁵

¹⁰ Figueiredo, B. “O arranjo das drogas nas boticas e farmácias mineiras entre os séculos XVIII e XIX.” in Renato Venâncio e Henrique Carneiro. *Álcool e drogas na história do Brasil*. São Paulo: Alameda, Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2005, p.142.

¹¹ Betânia Figueiredo, op. cit., p.194.

¹² Vera Regina Beltrão Marques, op. cit., p.22.

¹³ Betânia Figueiredo, op. cit., p.22.

¹⁴ Richard Morse. *Formação Histórica de São Paulo*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970, p.20.

¹⁵ Geine Nunes Coelho. *Minas perpétua*, Belo Horizonte: SESC, 1986, p.182.

Em virtude de haver poucos médicos nas cidades, o farmacêutico assumia esta função em diversos momentos: além de preparar o medicamento, algumas vezes receitava remédios para que o paciente conseguisse aliviar as dores.¹⁶

Apesar de encontrarmos na historiografia informações que havia a escassez de remédios nas boticas, Auguste de Saint-Hilaire observou no início do século XIX, durante a sua passagem pela província de São Paulo, que havia muitos medicamentos nas farmácias:

*Por ocasião da minha viagem, o hospital militar ficava situado nas vizinhanças de Santa Efigênia. Uma escadaria dava acesso a ele, havendo no centro do prédio um pátio quadrado. Na farmácia, cuja porta dava para a rua, vendiam-se remédios ao público, em benefício do hospital. A farmácia era grande, muito limpa, bem organizada e possuía um sortimento completo de medicamentos.*¹⁷

De maneira geral, pelo fato de nas boticas os medicamentos serem escassos, comercializados em péssimo estado e a preços abusivos, os habitantes mais pobres, moradores de vilarejos preferiam utilizar as ervas, raízes cultivadas nos quintais, preparar chás e outras receitas caseiras. Havia um comércio paralelo que envolvia o universo da cura. Vendedores ambulantes de ervas medicinais percorriam as ruas e eram conhecidos como raizeiros.¹⁸

É bom destacar que os boticários da metrópole, durante muito tempo, enviaram medicamentos para as boticas do Brasil. Muitos dos que vieram para a América Portuguesa não confiavam nos medicamentos preparados pelos profissionais da colônia. Com o tempo, essa visão foi modificada e os colonos começaram a perceber que não precisavam mais importar remédios de Portugal.¹⁹

Os poucos médicos e cirurgiões que havia na colônia não conseguiam atender a alta demanda populacional. Esses profissionais, nas cidades davam assistência às tropas, aos presídios, hospitais e recebiam uma baixa remuneração paga pelas câmaras municipais.²⁰ Muitos desses profissionais tiveram que se deslocar para lugares mais

¹⁶ Betânia Figueiredo, op. cit., p.201.

¹⁷ Auguste de Saint-Hilaire. *Viagem à Província de São Paulo*. São Paulo/ Belo Horizonte: EDUSP/ Itatiaia, 1972, p. 130.

¹⁸ Betânia Figueiredo, op cit., p.161.

¹⁹ Vera Regina Beltrão Marques, op. cit., p.197.

²⁰ Márcia Moisés Ribeiro. *A ciência dos trópicos*. A arte médica no Brasil do século XVIII. São Paulo, Hucitec-Edusp, 1997, p.32

afastados, insalubres. Essa situação fazia com que diminuísse a vontade de médicos trabalharem na colônia.

No entanto, quando ocorriam epidemias, as autoridades coloniais ofereciam um salário bem mais alto para o médico. Em 1722 ocorreu uma epidemia de varíola e o senado paulistano chegou a pagar trezentos e vinte réis exigidos pelo médico Manuel da Cunha para examinar os escravos.²¹

Através da verificação em manuais e guias de medicina entre os séculos XVIII e XIX é possível notar a existência de uma legislação que define as regras de atuação dos boticários. Há critérios para validação das práticas, o modo como boticas e farmácias deveriam funcionar.

A falta de medicamentos na botica, os preços abusivos dos remédios e a má conservação deles fizeram com que a prática empírica fosse muito utilizada pelos habitantes da colônia.

*Mulheres e homens despossuídos de bagagem teórica, cirurgiões com pouca prática, curandeiras, raizeiros, benzedores, parteiras, feitiçeiros e até mesmo charlatães preencheram o vazio deixado pela medicina oficial. Eles socorreram, prestaram auxílio e até mesmo agravaram estados de morbidez.*²²

Sobre a questão da disposição dos remédios, como já foi dito, verificou-se que além da falta de medicamentos nas boticas, havia a presença de remédios estragados. Luís Gomes Ferreira, cirurgião português que veio à América Portuguesa na primeira metade do século XVIII escreveu *Erário mineral* que relatou aspectos ligados à cura na colônia e destacou o fato dos remédios presentes nas boticas estarem em péssimo estado para o consumo. Não havia uma eficaz fiscalização das autoridades sanitárias em relação aos medicamentos importados, que muitas vezes se encontravam em estado de decomposição logo quando eram retirados dos navios.²³ No entanto, em relação aos produtos coloniais, os boticários recebiam multas, caso conservassem ingredientes estragados retirados da colônia.

No entanto, ao ler os inventários é possível verificar a existência de boticas bem sortidas. No inventário do capitão de mar e guerra George Francis Leon (Lyon), um dos

²¹ Apud Duílio Crispin Farina. *Medicina do planalto de Piratininga*. São Paulo, s/e, 1981, p.44.

²² Márcia Moisés Ribeiro, op. cit., p.39.

²³ APM- *Regimento com foros de lei que devem observar os comissários do físico-mor do reino no estado do Brasil* (Seção Colonial- reservados), cód.02. Apud Ribeiro, M. (1997, 25)

fundadores da Mina de Morro Velho, que faleceu em 1832²⁴ encontramos a descrição dos vasilhames, lista das drogas e dos instrumentos de cirurgia. Mas isso era uma exceção.

Ainda no inventário do Capitão é possível verificar: “quatro medidores de vidro, um vaso próprio de banhar os olhos também de vidro, um almofariz, dois graís de pedra, duas medidas de estanho, um vaso do mesmo próprio para sangrar, 16 latas de folhas de flandres contendo várias raízes e folhas medicinais, uma forma de fazer pílulas, uma lata com iononado inglês (sic), grande porção de emplasto superiores de diferentes qualidades e muitos outros remédios indispensáveis”.²⁵

Para os parâmetros da época, essa botica era muito bem sortida, podendo até mesmo ser um hospital para atender os trabalhadores das minas de Morro Velho.

Havia estabelecimentos de vendas que misturavam muitas mercadorias, como, por exemplo, a venda de José Custódio de Almeida (1793) que vendia escravos, gado, terras de cultura, ouro, prata, bronze e estanho e em uma lojinha, tecidos, objetos, livros, cartilhas e remédios (erva doce, salsa parrilha, cravo-da-Índia e o maná). Note que o senhor Almeida não era boticário.

Comércio de medicamentos e a atuação dos profissionais de saúde

Existia um comércio de medicamentos lucrativo e muitos comerciantes disputavam o direito de vendas. Houve até mesmo o caso de uma pessoa que solicitou à Câmara de São Paulo a exclusividade na venda de remédios.²⁶

Diante de tantas discussões acerca da disputa pela venda de remédios, D.João V promulgou em 1744 um regimento que fixou preços dos remédios²⁷, regularizou as visitas, determinou a fiscalização dos pontos de vendas de drogas e a manutenção dos remédios. No entanto, essas tentativas de melhorar as condições das vendas de medicamentos não deram certo. Os boticários continuaram a cobrar preços abusivos dos remédios e não se preocupavam com a conservação deles. Segundo o conde de Resende, os boticários “sem temor a Deus usam de vegetais e drogas já corruptas conservando-as

²⁴ CSO(64)2.

²⁵ Ibidem, p.147.

²⁶ Atas da Câmara de São Paulo(IX-498). *Apud* Sérgio Milliet. “Curandeiros e farmacêuticos na época colonial.” Separata de revista *Investigações*. São Paulo, ano II, mar.1950, n.15, p.9.

enquanto não lhes dão saída, a fim de não perderem o lucro das quais que mandaram vir do reino por alto preço e talvez já em mau estado...”²⁸

Havia um interesse mercantil associado ao descobrimento e produção de medicamentos fitoterápicos. Podemos observar o ofício do desembargador Francisco Antônio Berquó da Silveira Pereira (1776) que buscava encontrar receitas de remédios:

Tendo eu a notícia que havia na botica do mesmo colégio algumas receitas particulares e entre elas a do Antídoto ou Triaga Brazilica, fiz a necessária diligência para que me viesse à mão antes que fosse de outrem visa pelo justo receio de que transladassem ou se desencaminhasse por indústria de quem com eficácia a buscava, o que não evitaria, faltando a predita cautela, que se ignora na inteligência de que poderiam os mesmos Padres ocultar a dita receita, como fizeram aos principais remédios, que em lugar incompetente foram achados. Por esta receita me dizem haverá nesta cidade quem dê três ou quatro mil cruzados e é certo que o fundo principal da dita botica era este remédio, pelo grande gasto que tinha, por ser prompto o seu efeito, também achei outros manuscritos de outras receitas, que poderão não ser vulgares, porquanto delas se vê mandarem os prelados com pena de desobediência se não mostrassem a pessoa alguma.(ABN, 1910, p.401.)

Durante o século XVIII, a divisão de atividades entre cirurgião (aplicar ventosas e sanguessugas, curar ferimentos, sangrias, escarificações, extração de balas) e médico (prescrever medicamentos, medicar, verificar qual a doença e quais procedimentos médicos deveriam ser feitos) não havia na América Portuguesa; elas se misturavam, interagiam. A falta de profissionais especializados no campo da saúde deu espaço para o desenvolvimento das práticas de curandeiros de forma que esta prática tornou-se preferência dos colonos.

A formação de cirurgião era diferente do médico. Havia uma separação entre cirurgia e medicina: “As escolas médico-cirúrgicas criadas no Rio de Janeiro e Bahia em 1808 formavam cirurgiões que teriam o direito de exercer também a medicina nas localidades onde não residissem médicos, pois as suas cartas referiam-se às habilidades cirúrgicas.”²⁹ Note que no início do século XIX já havia uma divisão rígida entre as funções das profissões, mas que na prática, muitas vezes, os cirurgiões assumiam as

²⁷ APM- regiemnto com foros de ley que devem observar os comissários do físico-mor do reino no estado do Brasil (Seção Colonial-reservado), cód.2 (APM-Mss.cit.). Apud Ribeiro, Márcia (1997, p.31)

²⁸ IHGB. Correspondência do conde de Resende a Corte de Portugal. Apud Ribeiro, Márcia (1997, 30).

funções de médicos, principalmente em regiões distantes. Ao médico ficou estabelecida a tarefa de diagnosticar, prescrever e acompanhar o tratamento recomendado ao doente e ao farmacêutico, o preparo e venda de medicamentos prescritos:

*No Brasil colonial a divisão clássica dava-se entre o médico (ou físico), cirurgião e o boticário. Cada qual com a sua função, aos médicos caberia medicar, aos cirurgiões intervir no corpo doente e aos boticários manipular os medicamentos.*³⁰

Era peculiar o saber médico colonial, pois havia uma interação de culturas na preparação dos medicamentos e uma troca de informações. O português impôs a sua cultura aos nativos, mas ele espalhou pela Europa o conhecimento que adquiriu na América Portuguesa, principalmente informações associadas ao universo da cura. Saint-Hilaire comentou sobre a eficácia de alguns vegetais:

*Algumas plantas medicinais foram indicadas aos portugueses pelos índios, que sem dúvida as conheciam havia muito tempo; a semelhança mais ou menos impressionante com as espécies usadas na Europa, o gosto e o odor peculiar, e talvez só a fantasia, decidiram da escolha de outras plantas usuais.*³¹

Para o tratamento ser eficiente deveria ser doloroso: isso estava na imaginação dos colonos. A pólvora foi muito utilizada na medicina popular e até mesmo no século XIX, ela foi utilizada como tratamento:

*... outros empregos da pólvora (...) De mistura com caldo de limão, era, ao que consta, o remédio predileto da célebre Donana Curandeira no tratamento de impingens. Isso na capital paulista e em pleno século XIX.*³²

O jesuíta Affonso da Costa chegou a recomendar para acabar com as chagas incuráveis:

²⁹ Betânia Figueiredo, op. cit., p.79.

³⁰ Ibidem, p. 147.

³¹ Auguste de Saint-Hilaire. *Viagens pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. São Paulo, Edusp/Belo Horizonte, Itatiaia, 1975, p.228.

³² Sérgio Buarque de Holanda. *Caminhos e Fronteiras*. São Paulo. Companhia das Letras, 2001, p. 86.

*Tomem um cão todo preto, pendure-se com os pés para cima bem seguro no ramo de alguma árvore, ou cousa semelhante, e estando assim pendurado o açoutem e façam enraivar muito, e então lhe cortem a cabeça de repente. Esta cabeça se meta em uma panela nova... até que a dita...fique bem torrada e se faça reduzir a pó fino e com estes se pulverizem as chagas as vezes que forem necessárias.*³³

A circulação de conhecimentos de cura de doenças ocorria e não era raro, pois havia circulação de mercadorias, pessoas, idéias que acompanhava os novos estudos medicinais. A troca de conhecimentos entre as culturas era intensa:

*Na área médica, a troca de técnicas e conhecimentos ocorreu de modo muito ativo. De um lado para outro transportavam-se ingredientes que futuramente fariam parte de apreciadas composições farmacêuticas.*³⁴

Luís Gomes Ferreira, autor do *Erário Mineral* estudou algumas maneiras para tratar o alcoolismo assim como o jesuíta Affonso da Costa. Ambos possuíam receitas parecidas para o tratamento desta doença. O conteúdo das receitas era o mesmo. O primeiro afirmou “tomem a cabeça de um cordeiro com lã, ossos e dentes e um quartilho de sangue do mesmo cordeiro, e uma mão cheia de cabelos da cabeça de qualquer homem, e o fígado de uma enguia com o seu fel; tudo junto se meta em uma panela barrada (...) e se meta no forno, até que fique tudo bem torrado para se fazerem pós (...) dos quais se darão ao bêbado todos os dias uma oitava desfeita em vinho.”³⁵ O padre Costa : “tomem a cabeça de um cordeiro com lã, osso e dentes e uma mão cheia de cabelos de qualquer homem, a que se ajuntará um quartilho de sangue do mesmo cordeiro com o fígado de uma enguia(...) e tudo se meta em uma panela nova(...) ou torrar tudo, até que possa reduzir o pó e deste se dará ao bêbado em vinho uma oitava a cada dia.”³⁶

³³ WH.M-Miss. *Árvore da vida dilatada em vistosos e salutíferos ramos ornados de muitas aprasíveis e saudáveis folhas em que se deixam ver muitos e singulares remédios* Província de Goa (C. de 1720)T1, P1, R3. Apud Ribeiro, M.(1997, 93).

³⁴ Márcia Moisés Ribeiro, op. cit, p.56-57.

³⁵ Luis Gomes Ferreira. *Erário Mineral dividido em doze tratados*. Lisboa, Oficina de Miguel Rodrigues, 1735, p.220.

³⁶ W.I.H.M-Mss. *Árvore da vida dilatada em vistosos e salutíferos ramos ornados de muitas aprasíveis e saudáveis folhas em que se dexam ver muitos e singulares remédios...*Província de Goa(C. de 1720) tronco1, parte1,ramo 1. Apud Ribeiro, M.(1997, 59)

Para organizar os métodos curativos, a rainha D. Maria I em 1794 publicou uma farmacopéia oficial portuguesa redigida por um médico chamado Tavares.³⁷ Algumas receitas para a preparação de medicamentos utilizando raízes, ervas, sementes da América Portuguesa foram destacadas neste documento.³⁸ Essa farmacopéia era vista como um livro didático para que os estudantes de farmácia aprendessem melhor o preparo de medicamentos:

*(...)desordem, com que as boticas de meus reinos, e domínios se fazem as preparações, e composições, por falta de uma farmacopéia, que sirva para regular a necessária uniformidade das ditas preparações, e composições; e sendo certo que sem que haja esta uniformidade, é impossível que a medicina se pratique sem riscos de vida, e saúde de meus fiéis vassalos, deixando-se à vontade, e capricho de cada um dos boticários adotar diferentes métodos de compor, e preparar os remédios.*³⁹

A arte médica na América Portuguesa teve que ser flexível e se adaptar à realidade. Conhecimentos eruditos, muitas vezes, interagiam aos populares para que os males fossem sanados. Havia uma mistura dos níveis culturais, o que favoreceu a formação de uma medicina multifacetada e baseada no universo da magia:

*Além do processo de trocas culturais, a análise gira em torno das relações de proximidade da medicina com o mundo da magia. Era imensa a dependência dos indivíduos em relação aos fenômenos da natureza e do sobrenatural na busca de soluções para os problemas do dia-a-dia, o que se constituía em fator de aproximação entre a medicina erudita e o saber popular.*⁴⁰

Quando os europeus adoeciam, galinha e ovos compunham o medicamento prescrito até mesmo pelos médicos. Já para evitar que os negros adoecessem, estes consumiam alho, bebiam aguardente e vinho.

Carnes de vaca, de porco, peixes, farinha e bacalhau eram alimentos consumidos por negros doentes. Para se prevenir da malária, o remédio era a aguardente do Reino,

³⁷Maria Benedita Araújo. *O conhecimento empírico dos fármacos nos séculos XVII e XVIII*. Lisboa, Cosmos, 1992, p.59.

³⁸ *Pharmacopéia geral para o reino e domínios de Portugal*, publicada por ordem de D. Maria I. Lisboa, Régia Oficina Tipográfica, 1794. Apud Ribeiro, M. (1997, 65)

³⁹ ANRJ. Códice 441. Alvarás da Rainha Documento n.17.

⁴⁰ Márcia Moisés Ribeiro. *A ciência dos trópicos*. A arte médica no Brasil do século XVIII. São Paulo, Hucitec-Edusp, 1997, p.17.

bagaceira de uvas, aguardente da terra e a cachaça. Além disso, os negros acreditavam que o tabaco tinha o poder de higienizar o organismo e de prevenir a malária, pois essa erva colocava para fora os “humores supérfluos”, favorecendo a circulação pulmonar.⁴¹

O genipapo era indicado para doenças relativas ao estômago. Nas palavras do médico Guilherme Piso, que esteve no Brasil no século XVIII com os holandeses e desenvolveu estudos dos efeitos terapêuticos das frutas e outras plantas muito utilizadas pelos indígenas:

*...Os frutos não maduros são verdades; logo depois de amadurecidos, (...), apodrecem e ficam bons de comer (...) Detêm os ardores do palato e do estômago, trazendo alívio tanto a sãos como a doentes.*⁴²

Os indígenas retiravam das plantas nativas ou cultivadas grande parte de sua alimentação e medicamentos e ensinavam aos viajantes, aventureiros e colonizadores o que e como consumir. O caju era indicado para acabar com febres e males do estômago; o maracujá para acalmar e baixar febres e ananaz para dores nos rins.⁴³

Os índios retiram o leite dos mamões e o utilizam como medicamento para acabar com os vermes. Também colocam fatias de mamão em cima das carnes pra deixá-las mais macias.⁴⁴

Observações do Dr. Mirandela, médico de D. João V

O médico Francisco da Fonseca Henríquez, conhecido como Dr. Mirandela, que cuidou da saúde do rei D. João V, fez várias observações em relação ao universo da cura, como, por exemplo, correlacionar o poder nutricional dos alimentos. Segundo este médico, a alface era indicada para as pessoas que sofriam de insônia e para as mulheres

⁴¹ Camara Cascudo. *História da Alimentação no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967, p. 210-1.

⁴² Guilherme Piso. *História Natural do Brasil Ilustrada*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1948, p.76-77.

⁴³ Vera Beltrão, op. cit., p.60.

⁴⁴ Martius. *Natureza, doenças, medicina e remédios dos índios brasileiros*. São Paulo: Editora Nacional, 1844, p.246.

grávidas obterem muito leite, além de ser um laxante.⁴⁵ Este médico defendia a importância de se alimentar adequadamente:

*Assim como não se pode viver sem ar, também não se pode conservar a vida sem alimento. Está o corpo em contínuo dispêndio de sangue, que no seu sustento se gasta, e de espíritos, que nas suas operações se dissipam, e por isto têm carência de cotidiano alimento, com que a perda do sangue e dos espíritos se recobre, a fim de que a sua nutrição se perenize, sem a qual a saúde logo se arruína e a vida brevemente caduca. É pois alimento tudo aquilo que nutre o corpo, e o que melhor o nutre, esse é para ele o melhor alimento. E porque este negócio da nutrição depende da boa quilificação do estômago, é necessário que entre ele e os alimentos haja alguma analogia ou familiaridade, para que mais facilmente os possa dissolver, assimilar ou cozer, como vulgarmente se diz. Porque, não se dissolvendo bem o que se come, não se fermentando bem no estômago e não se depurando exatamente das suas partes excrementosas e inúteis, não só não se nutre bem o corpo, mas também resultam vários danos assim no estômago como nos ductos do quilo e em outras partes que o sangue mal volatizado pode ofender na sua circulação.*⁴⁶

O Dr. Mirandela dizia que a laranja-da-china tinha um poder antiescorbútico. A melancia auxiliava a digestão; miolos de galinha e perdiz eram indicados para aqueles que não possuíam uma boa memória; mel para a longevidade; o pão e a carne eram alimentos que nutriam bastante o organismo; a carne de carneiro era indicada para pacientes com cólicas; para os asmáticos, carne de galo; a cenoura, o nabo, o pepino, os morangos tinham efeitos diuréticos; as batatas e uvas eram excelentes purgativos; para as pessoas que se sentiam tristes, eram indicadas maçãs; romãs para pessoas que vomitavam muito e um ótimo purgante era a ameixa.⁴⁷

Este médico acreditava que a conservação da saúde se dava através da observação dos seguintes elementos: o ar ambiente, o comer e o beber, o movimento e o descanso, os excretos, os retentos e as paixões da alma.⁴⁸

O Dr. Mirandela vivia em uma realidade em que a medicina clínica baseava-se em vomitórios, purgantes e sanguessugas e que se as pessoas não morressem da doença,

⁴⁵ Francisco da Fonseca Henriques, *Âncora Medicinal*: Para conservar a vida com saúde. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004, p.13.

⁴⁶ Francisco da Fonseca Henriques, *Âncora Medicinal*: Para conservar a Vida com Saúde. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004, p.45.

⁴⁷ Francisco da Fonseca Henriques, *Âncora medicinal*: Para conservar a vida com saúde. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004, p. 12, 13.

⁴⁸ Ibidem, p.II.

acabavam por falecer pelo tratamento que recebiam. Este médico correlacionava o poder nutricional dos alimentos à sensação de calor e à “recomposição dos espíritos do sangue”. Ele conseguia explicar o processo da digestão, desde quando o alimento era recebido pelo estômago até a transformação em quilo.⁴⁹:

*(...) devem saber os que não forem médicos (...) que os alimentos no estômago não se cozem só em virtude do seu calor, como cá fora se cozem, que em nada têm semelhança estes cozimentos. O do estômago consiste em fermentar bem, dissolver ou fazer líquido o alimento, ainda que seja sólido e duro. E quando fica bem dissolvido, bem desfeito e bem líquido, então é que está bem cozido. Porém esta dissolução é efeito da fermentação do estômago e o calor nunca pode fazê-la. Poderá o calor dissolver e derreter as coisas pingues e oleosas como a manteiga e a cera, mas dissolver as coisas duras, isto nenhum calor do estômago pode fazer, e muito menos o transforma-las em uma substância branca em que os alimentos, de qualquer cor que sejam, se transformam no estômago, o que se faz por obra do seu ácido fermentativo, que é um licor azedo que de si lançam as glândulas da parede interior do estômago, o qual é o ácido esurino, que excita a fome, o mênstruo que dissolve os alimentos e o fermento que os transforma em uma substância branca e pultácea a que chamam quilo...*⁵⁰

Este médico dizia: “(...) não há alimento tão bom que para alguma natureza não possa ser mau, nem alimento tão mau que para outros não possa ser bom.” Ele preservava as individualidades das pessoas e as especificidades dos alimentos e acreditava que o correto era comer pouco para viver mais: “(...) O melhor modo para durar pouco é comer muito (...) Muito mais os que morrem pelos excessos da mesa do que pelos golpes da espada.”⁵¹

O Dr. Mirandela destacou alguns alimentos como o pão e as carnes: (...) pão - “o melhor e mais comum dos alimentos”; a carne de vaca - “alimento próprio para pessoas fortes, que trabalham e se exercitam muito (...) para todo sexo, toda idade e todo temperamento”; a carne de porco “A excelência do sabor que dificulta a moderação; o pão rústico (contém fibras) era um laxante eficaz”.⁵²

⁴⁹ Ibidem, p.12.

⁵⁰ Ibidem, p. 46.

⁵¹ Francisco da Fonseca Henríquez. *Âncora Medicinal*: Para conservar a vida com saúde. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004, p.12.

⁵² Ibidem, p. 12.

Sobre os peixes, o Dr. Mirandela destacou o poder nutricional desse alimento, principalmente os que viviam nos rios e destacou o poder digestivo e hidratante das frutas, que podiam agir como laxantes. A hortelã confortava o estômago, dissipava os “flatos”, provocava atos libidinosos, fornecia benefícios para o bom desenvolvimento do cérebro, conservava e aumentava a memória; o vinho, “o leite da senielidade”, restaurava os espíritos perdidos, “vigora o calor natural”, preserva o bom funcionamento do coração e fornece muita energia, mas não deve ser consumido por crianças. O chocolate “é a melhor bebida de quantas inventaram os castelhanos (em relação à descoberta do cacau na América). Toma-se em jejum, ao almoço e ao jantar, que em qualquer tempo (...) o recebe bem o estômago.”⁵³ As bebidas eram indicadas para aumentar o estômago e para “ajudar o seu cozimento, para dissipar os flatos, para alentar os espíritos e nutrir o corpo; para tudo isto é melhor o vinho, o chocolate, o chá e o café.”⁵⁴ O café ajudava a preservar a memória, deixa as pessoas mais alegres, “reprime e abate os vapores do vinho”. Mas, era necessário respeitar o equilíbrio e não cometer excessos:

Ainda que sejam bons os alimentos, hão de usar-se em moderada quantidade, de sorte que a natureza não se oprima com eles e que bastem para nutrir o corpo. Nisto pecam ordinariamente os homens com gravíssimo dano seu. Há alguns gulões e comilões que, levados pela sua voracidade e mesclados com o agradável condimento de iguarias e manjares de bom gosto, soltam as rédeas ao apetite e transcendem os lindes da moderação, até chegarem a experimentar os estragos da gula. Quantos, depois de uma mesa lauta, ficaram com queixas que lhe duraram toda a vida? Quantos foram do banquete para o túbulo?...⁵⁵

Em suma, o Dr. Mirandela buscava o aprimoramento da qualidade de vida, através de boas noites de sono, a prática de exercícios físicos, virtudes no trabalho, paixões da alma e principalmente com uma alimentação saudável e equilibrada, pois, conforme Hipócrates também destacou, o exercício físico era tão importante quanto à sobriedade na mesa.

Ele verificava até mesmo qual o horário adequado para as refeições: “Aconselha seja o almoço entre 11 e 12 horas e a ceia entre 9 e 10 da noite. Quanto às outras duas,

⁵³ Ibidem, p.13.

⁵⁴ Ibidem, p.13.

⁵⁵ Francisco da Fonseca Henríquez, op. cit., p.51.

merenda e desjejum (que supomos sejam pela manhã e à tarde) recomenda se tome tão pouco alimento que não sirva de embaraço para o almoço e o jantar, a horas costumadas. Sugere também que nos climas quentes ou no verão se jante mais cedo, pois “o calor destrói o apetite e não ajuda os cozimentos, referindo-se à digestão. Admite, porém, que os rústicos que trabalham e se exercitam muito, comam e bebam largamente quatro vezes ao dia, sem ofensa, nem poderiam trabalhar muito se não comessem tanto.”⁵⁶

O alimento consumido deve ser específico para cada idade e temperamento. Na infância, idade em que há “grande calor”, em que “cresce e se aumenta o corpo”, deve-se consumir alimentos úmidos e líquidos. Não devem ser ingeridos chocolates, chás, cafés. Na juventude, “em que há grande calor e secura” deve-se consumir alimentos frios, úmidos e sólidos. Já os idosos, “idades frias e secas”, devem consumir alimentos quentes e úmidos, como por exemplo, o vinho.⁵⁷

Este médico tratava o doente e não a doença; percebia que tipo de alimento cada pessoa poderia ingerir. Mesmo que o alimento fosse considerado ótimo para a saúde, se o paciente dissesse que este alimento não havia lhe feito bem, imediatamente o Dr. Mirandela retirava esse alimento da dieta de seu paciente:

*... Mas na saúde o alimento que deve ter preferência é o com que o estômago melhor se dá, se o corpo se nutre bem com ele, o que só cada pessoa pode saber, para mais corretamente se governar.*⁵⁸

Mas, caso o paciente estivesse com alguma doença, alguns alimentos deveriam ser ingeridos, mesmo o organismo não os aceitando: “Em havendo doença ou achaque, isto então tem outras regras muito diferentes, porque têm preferência os alimentos que se julgam mais próprios para o mal que padece.”⁵⁹

O Dr. Mirandela acreditava que o mais correto era consumir pouca variedade de alimentos em uma refeição, pois o estômago não tinha como assimilar diversos tipos de alimentos ao mesmo tempo. Devem ser ingeridos alimentos parecidos: “..Já se os alimentos forem todos da mesma graduação ou de qualidades quase semelhantes como

⁵⁶ Ibidem, p.19

⁵⁷ Ibidem, p.78.

⁵⁸ Ibidem., p.49.

⁵⁹ Ibidem, p.49.

são pombos, perdizes, rolas, coelho, leitão e ainda vaca, vitela, carneiro e cabrito(...), todos cozerá o estômago do mesmo modo, estes bem se pode comer em uma mesa.”⁶⁰

No entanto, se os alimentos forem diferentes nas qualidades e natureza, como, por exemplo, a vaca e o leite, o presunto e o peixe podem acarretar males para a saúde se forem consumidos ao mesmo tempo, na mesma refeição, pois alteram o cozimento ou fermentação do estômago.

O Dr. Mirandela sabia que na maioria das vezes ficava difícil ingerir alimentos semelhantes, logo propôs a ordem que os alimentos deveriam ser consumidos. Seguindo o raciocínio de Galeno, afirmou que inicialmente os alimentos tênues deveriam ser consumidos e depois “os crassos e sólidos que se cozem com maior dificuldade.”⁶¹ Acreditava que os cozidos eram menos nutritivos do que os assados: “... que os cozidos têm mais fácil transmutação, ou cozimento no estômago, e nutrem menos do que os assados. Estes como ficam mais duros, cozem-se com mais dificuldade, mas nutrem melhor do que os cozidos.”⁶²

Além disso, defendia a idéia de que havia alimento próprio para cada estação do ano, como, por exemplo, no inverno por ser frio e úmido, devia-se consumir alimentos quentes e secos.

Para o Dr. Mirandela, o pão era o alimento que mais nutria e engordava o corpo. Para ser de boa qualidade, o pão deveria ser assado por vinte e quatro horas. Sobre o pão de centeio:

*O pão de centeio é o sustento da maior parte de Portugal e de Galiza. Chamaram-lhe centeio os castelhanos, dizendo que produzia tanto que cada grão de semente dava cento.*⁶³

Este tipo de pão, frio e seco era indicado para homens rústicos e trabalhadores. Estava presente nas mesas dos mais pobres.

Sobre as virtudes medicinais da carne de vaca, o Dr. Mirandela acreditava que pelo fato de possuir um sangue de textura crassa, era um excelente alimento medicinal: “Da vaca se escreve que seu fígado tem virtude para os cursos disentéricos e celíacos ou

⁶⁰ Ibidem, p.59.

⁶¹ Ibidem, p. 62.

⁶² Ibidem, p.75.

⁶³ Francisco da Fonseca Henríquez, op. cit., p.89.

comido, ou tomado em pós. O seu fel cura as chagas.”⁶⁴ A carne da vaca também era utilizada, misturada com outros elementos, para curar dores, tirar caspa “e misturado com urina de bode é remédio para a surdez.” Para melhorar a vista, era indicado inalar pó da pedra do fel da vaca ou do boi. Pós da maçã de vaca feitas em xarope eram para acabar com icterícia. Mios de touros derretidos em óleo de nozes eram ótimos para contusões. Esterco de boi fazia cair as verrugas. Já o fel da vitela misturado com vinagre acabava com “as lândeas dos cabelos da cabeça, penteando-os com ele.”⁶⁵

Os pulmões dos carneiros assados curavam as cólicas e as dores “rebeldes”. O sebo do carneiro curava diarreias. A mistura das tripas do carneiro era indicada para dores da bexiga. Sobre as virtudes medicinais da galinha:

*A galinha tem muitas virtudes medicinais e por isto os antigos supersticiosamente a consagraram a Esculápio, que não há parte nela que não sirva de remédio...) Dos seus mios escreve Rasis que são bons para os tremores do cérebro, confortam a memória e aguçam o engenho. Os pós da sua moela têm virtude para quebrar e excluir a pedra e areias dos rins. O seu excremento, principalmente o branco, tem muito sal volátil com que descoalha os humores crassos e quaisquer outros detidos e impelidos em alguma parte, e por isto é grande remédio nos pleurises, nas cólicas e nas esquinências, ou assoprando-o nelas em pó, ou usando-os nos gargarejos. A galinha, comida, clarifica a voz nas rouquidões. O seu fel, posto nas pálpebras que estão corroídas, é remédio que as cura. O sangue de galinha toda negra tira as nódoas do rosto, pondo-o quente nelas. O pó da pele interior do estômago da galinha é remédio para dores de estômago, para confortar e para quebrar e fazer sair as pedras e areias dos rins.*⁶⁶

Já o caldo de galo era indicado para asmáticos e para acabar com as cólicas; o sangue de sua crista para dor de dente e o seu fel para dores de cabeça; o fel do peru era indicado para casos de surdez; a carne do pato era para eliminar icterícia; o caldo de faisões e os ovos de galinha eram para tísicos; a gordura da truta colocada nos ouvidos, curava surdez. Grãos facilitavam o parto e podiam provocar o aborto; feijão acabava com os vômitos; arroz para acabar com diarreias. As hortaliças, como o almeirão e o espinafre eram indicados para males do estômago; as cenouras eram diuréticas; as batatas purgativas. As frutas, como o melão para febres e tem ação diurética; melancia

⁶⁴ Ibidem, p.96.

⁶⁵ Ibidem, p.96.

⁶⁶ Ibidem, p.115-116.

para refrigerar o sangue; pepino e morango causavam efeitos diuréticos; abóbora secava o leite; os figos lubrificavam o ventre; as uvas limpavam os intestinos e tinha ação laxativa; pêras eram ótimas para males do estômago; pêssegos para surdez; damascos para dores de ouvido; maçãs para depressão; romãs para acabar com vômitos; ameixas eram purgantes; cereja para paralisia na língua; amoras para melhorar o fluxo sangüíneo; limões doces curavam males do ventre, limões azedos para febres; maçãs-de-anáfega para tosses e rouquidões.⁶⁷

O miolo do cordeiro era utilizado para retirar os dentes sem dores; a bexiga da ovelha torrada no forno era utilizada em pó juntamente com vinho para curar incontinência urinária; o esterco da ovelha mais vinagre também fazia cair as verrugas; o sangue de cabrito era consumido por aqueles que queriam acabar com as febres e também por aqueles que eliminavam muito sangue pelo nariz; o sebo do cabrito era indicado para problemas de pele; o sangue do bode e sua urina eram indicados para acabar com pedras no rim; o baço da cabra era para eliminar dores no baço. Para dores nos ouvidos era indicado fel de porco; o chifre cru do veado era consumido por aqueles que estivessem com sarampo, febre e vermes; raspas do chifre com água fervida era para inflamações dos olhos, depressão. Já as cinzas do pulmão eram para asmáticos e o couro do veado era utilizado para eliminar os males do útero.

Segundo Luis da Camara Cascudo, os indígenas indicavam o mingau de carimã para as crianças doentes. Este alimento que, na verdade, era encarado como um medicamento consistia em uma papa de mandioca, cevada, leite de gado, gema de ovo e açúcar.⁶⁸ Gilberto Freyre em *Casa Grande e Senzala* destacou: “..aconselhando contra o mal das crianças mijarem na cama este infalível remédio: comerem carne assada e beberem um pouco de bom vinho; ou então o medo, a ameaça de castigo.”⁶⁹ Além disso, Gilberto Freyre comentou sobre o caso de uma menina, filha de Felix Cavalcante de Albuquerque Melo, que estava com cólera e não urinava. A receita do médico para a menina foi: “... cinco moscas torradas, dissolvidas numa colher d’agoa morna, fel-a urinar em 13 minutos.”⁷⁰

Pode-se deduzir com isso, o porquê de mortes infantis nesta época: havia um grande desconhecimento em algumas práticas de cura, que resultavam em absurdas

⁶⁷ Ibidem, p.116-149.

⁶⁸ Luis da Camara Cascudo. *História da alimentação no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967, p.103.

⁶⁹ Gilberto Freyre. *Casa Grande e Senzala*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1964, p.505.

⁷⁰ Ibidem, p.508.

receitas para solucionar as enfermidades. Além disso, crianças consumiam comidas fortes, amas de leite possuíam moléstias contagiosas como sífilis, escrófulas.⁷¹

Ao abordarmos os métodos de cura na América Portuguesa, podemos observar a presença da cultura material, do universo simbólico, das práticas cotidianas para acabar com os males, das crenças na utilização de plantas, objetos, animais, alimentos e principalmente notar a grande influência que o ambiente de magias, santos, temores a espíritos e demônios exerceram no processo de cura das doenças.

Nas práticas terapêuticas havia uma miscigenação de saberes africanos, europeus e indígenas. De fato, as trocas culturais entre ameríndios, europeus e africanos favoreceram o desenvolvimento da medicina colonial e metropolitana. O experimentalismo ocorreu na América Portuguesa de forma intensa provocando a ampliação dos estudos médico-botânicos. Havia um acervo de espécies medicinais na colônia que provocaram modificações no receituário lusitano. Muitos remédios elaborados a partir do estudo dessas espécies medicinais começaram a ser vendidos nas boticas metropolitanas.

Isso se deve a escassez de medicamentos importados de Portugal para as boticas, o que fez com que os indígenas e os colonos conseguissem desenvolver práticas de cura que pudessem sanar os males. Os nativos retiravam de seu habitat o seu alimento e sua cura. Segundo Sérgio Buarque de Holanda, os índios tinham o dia todo para conhecer e retirar os benefícios que o mundo natural oferecia.⁷² Os paulistas aprenderam muito com o conhecimento dos índios não apenas no universo da cura, mas nos métodos de sobrevivência de maneira geral.

Sérgio Buarque de Holanda no texto *Botica da Natureza* comentou que além da alimentação, o paulista conseguia retirar da natureza a sabedoria na arte de curar:

*...Na medicina popular e de emergência, os produtos tirados do reino animal são, talvez, apenas superados pelos de procedência vegetal. E foi certamente no contato assíduo do sertão e de seus habitantes que o paulista terá apurado as primeiras e vagas noções de uma arte de curar mais em consonância com nosso ambiente e nossa natureza.*⁷³

⁷¹ Ibidem, p.510.

⁷² Sérgio Buarque de Holanda. *Caminhos e fronteiras*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1975, p.63.

Sérgio Buarque de Holanda afirmou que havia a possibilidade dos índios já conhecerem as práticas de sangrias antes da vinda dos europeus. Ao invés de lancetas, os índios utilizavam bicos de aves, ferrões de arraia, dentes de quatis ou cutias.⁷⁴

Houve elementos que também foram utilizados no universo da cura como, por exemplo, a mistura de aguardente com ervas e outras mezinhas que aumentava o poder curativo.

Nesse pequeno texto foi possível notar que a dimensão relacionada ao universo da cura tem vida, é algo dinâmico e que deve ser estudado com um olhar crítico, respeitando a época dada. A economia também se insere nesse contexto, por isso a necessidade de analisá-la, mesmo que a grosso modo, e verificar a realidade da capitania de São Paulo no início da colonização e no século XIX.

⁷³ Ibidem, p.76.

⁷⁴ Sérgio Buarque de Holanda. *Caminhos e Fronteiras*. São Paulo, Companhia das Letras, 2001, p.78.

Capítulo II: A capitania de São Paulo (séculos XVI ao XVIII)

O cotidiano da capitania de São Paulo

A capitania de São Vicente, durante os séculos XVI, XVII e XVIII, apresentou um contexto bem diverso do vivenciado no século XIX. Nos primeiros séculos, esta capitania ocupou uma posição periférica, teve uma intensa presença indígena e ocorreram expedições apresadoras de índios e exploração de metais preciosos. Já no século XVIII, vamos ter a presença mais forte do comércio desta capitania com outras regiões.

A metrópole fundou diversas vilas na América Portuguesa, as quais eram governadas pelas Câmaras municipais, que faziam cumprir a legislação, moralizavam e vigiavam os colonos. A vila de São Paulo teve sua Câmara formada por um juiz ordinário, dois vereadores e um procurador.⁷⁵ A presença indígena foi de suma importância no processo de ocupação desta região e na formação cultural na arte de curar dos jesuítas. Um pouco mais adiante, destacaremos a importância da miscigenação de saberes dos nativos e desses religiosos.

A política econômica implantada na América Portuguesa desenvolveu métodos de incentivos apenas para a produção monocultora. No entanto, o marquês de Lavradio afirmava ser necessário explorar todas as possibilidades da agricultura colonial para “abrir novas frentes de mercado”.⁷⁶

Para a produção de cana-de-açúcar, foi necessária a presença do engenho com todo um conjunto de máquinas e aparelhos, tais como moenda, caldeira, casa de purgar

⁷⁵ Paula Porta (organização). *História da cidade de São Paulo*. A cidade colonial 1554-1822. São Paulo: Paz e Terra, 2004, p.645.

para que houvesse uma organização de caráter fabril, além da habitação do senhor denominada Casa Grande e dos escravos, a Senzala e outras instalações como oficinas e estrebarias. Tudo isso foi de suma importância econômica e social para o desenvolvimento colonial, pois foi a partir da organização da grande lavoura que ocorreu a disposição das categorias populacionais.⁷⁷ Na capitania de São Paulo, a cultura da cana iniciou-se além do litoral, Ubatuba e São Sebastião, também no planalto na faixa que ligava o rio Tietê ao Mojiguaçu, entre Itu e Moji. Foi feita uma tentativa de modificação da agricultura paulista através do fornecimento de manuais de lavoura enviados pela metrópole para os fazendeiros da colônia. Além disso, foram mandados para a capitania de São Paulo, técnicos agrícolas para ensinar aos lavradores métodos de cultivo e utilização do solo:

*A tentativa de renovação da agricultura paulista foi feita também por meio de manuais de lavoura, enviados em vários exemplares pela metrópole, para serem vendidos entre os fazendeiros. Eram manuais fundamentalmente destinados ao setor da lavoura de exportação em processo de implementação na capitania. Dentre eles, os mais difundidos foram: O Fazendeiro do Brasil, para o fabrico do açúcar, e A Obra sobre os Alambiques.*⁷⁸

A pesquisadora Maria Luíza Marcílio em *Crescimento demográfico e evolução agrária paulistana* (1700-1836) destacou o fato da economia na capitania de São Paulo no século XVIII estar em plena e contínua expansão com um crescimento populacional: “A região paulista do século XVIII e inícios do XIX estava em desbravamento, em processo de ocupação e de disseminação de homens sobre seu território, de organização de formas de vida e de subsistência.”⁷⁹

A capitania de São Paulo saiu de região periférica e inaugurou, na segunda metade dos setecentos, um setor colonial de exportação dentro de uma economia dinâmica interna e interligada nas regiões brasileiras.

Na primeira metade do século XVIII, o número de fazendas de gado aumentou bastante em virtude do mercado da mineração (havia a Feira de Sorocaba). Com o

⁷⁶ Fernando Novais. *Portugal e Brasil na Crise do Antigo Sistema Colonial*. São Paulo: HUCITEC, 1979, p.255.

⁷⁷ Caio Prado Jr., *Formação do Brasil Contemporâneo*, São Paulo: Brasiliense, 1992, p.145

⁷⁸ Maria Luíza Marcílio, *Crescimento demográfico e evolução agrária paulista (1700-1836)*. São Paulo: HUCITEC, EDUSP, 2000, p.182.

⁷⁹ Ibidem, p.18.

tempo, esse crescimento foi sustentado pela própria demanda da província juntamente com as vendas para fora do território paulista (mercados carioca e fluminense):

...Os registros da feira de Sorocaba _ por onde passava o gado que, vindo do Sul, era redistribuído para o Rio de Janeiro e São Paulo e parte de Minas Gerais _ indicam a potencialidade da pecuária e de seu comércio em São Paulo, em fins do século XVIII e início do século XIX.⁸⁰

É certo que no final do século XVIII, a agricultura voltada para o mercado externo fez-se presente de forma mais organizada na capitania de São Paulo. Houve uma criteriosa divisão do trabalho:

No último quartel do século XVIII a agricultura comercial de exportação instalou-se de vez na região e, a partir daí, não deixou mais de se expandir: primeiro a cana, depois o café. Mas a intervenção do capitalismo internacional na agricultura paulista tornou-se possível porque a região apresentava, no século XVIII, uma demografia extraordinariamente dinâmica e ascendente, sob a influência da mineração.⁸¹

Com a exploração do ouro em Minas Gerais, São Paulo aumentou a sua produção para atender o mercado consumidor paulista e mineiro:

Sob o estímulo das minas, as populações paulistas responderam rapidamente e passaram a organizar suas produções de forma que atendesse ao abastecimento de uma região nova e que passou, de súbito, a concentrar importante população urbana. A agricultura de autoconsumo da capitania de São Paulo estruturou-se em moldes que se transformasse em agricultura para o comércio interno. Ao lado dela, o gado trazido pelos primeiros colonos portugueses do sul da colônia e que se multiplicava (...) convidava a uma domesticação e a uma criação mais sistemática, a fim de atender de imediato às populações mineiras concentradas. Uma região especializada na pecuária para o corte e para os transportes formou-se rapidamente no sul. Outra região, mais próxima às Minas e do vale do Paraíba, ampliou suas roças de alimentos e suas pequenas criações para atender à demanda de Minas Gerais.⁸²

⁸⁰ Ibidem, p.172.

⁸¹ Maria Luíza Marcílio. *Crescimento demográfico e evolução agrária paulista (1700-1836)*. São Paulo: HUCITEC, EDUSP, 2000, p.183

⁸² Maria Luíza Marcílio, op. cit, p. 18.

Os paulistas passaram a desenvolver formas de produção interna que atendessem ao abastecimento de uma nova região e desse modo, constituiu uma população urbana. Além disso, fez-se a domesticação e criação de gado com o intuito de atender às populações mineiras.

O aumento populacional paulista e a dinamização do comércio interno e externo provocaram a passagem de um sistema de cultivo extensivo e rudimentar do solo que visava apenas o autoconsumo da família e da comunidade para um modo de produção “empresarial”, mais lucrativo, de exploração da terra.⁸³

Com isso, foi possível verificar, de maneira geral alguns aspectos da economia da capitania de São Paulo até meados do século XVIII. Mas o que de fato nos interessa é o universo da cura: como os medicamentos eram preparados e até onde isso interferia no cotidiano dos paulistas. Logo, dentro deste universo não podemos deixar de comentar sobre a importância dos jesuítas e dos índios.

Os jesuítas e os índios no ofício de curar

Como já foi dito, o contexto de São Paulo, de maneira geral, nos séculos XVI, XVII e XVIII é bem diverso do encontrado no século XIX. Com isso, proponho-me a destacar alguns aspectos históricos desses séculos ligados ao universo da cura, para um melhor entendimento da realidade do século XIX.

O desenvolvimento de São Paulo na arte de curar ocorreu em meio a improvisos no dia a dia e teve uma forte participação indígena e jesuítica na preparação de medicamentos. Os sertanistas abriram caminhos para a formação de núcleos populacionais e para a aplicação de certos métodos de cura.

Comentar sobre as práticas médicas dos indígenas e jesuítas nos primórdios da colonização implica em destacarmos o fato desses últimos estarem vinculados nos *Exercícios Espirituais*, base das normas da Companhia de Jesus.⁸⁴ Esse ideal religioso entrou em confronto com a figura do pajé e seus ditos poderes sobrenaturais. Mesmo assim, a convivência com os indígenas fez com que os jesuítas aprendessem métodos de cura desenvolvidos pelos nativos.

⁸³ Maria Luíza Marcílio, op. cit, p.143

⁸⁴ Lomonaco, Maria Aparecida Toschi. “Práticas médicas indígenas e jesuíticas em Piratininga.” IN Guido Arturo Palomba, Ivomar Gomes Duarte e outros (coordenadores). *450 anos de história da medicina paulistana*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004, p.4.

O fundador da Companhia de Jesus, Santo Inácio de Loyola, desempenhou um papel importante na divulgação dos trabalhos jesuíticos. Foi na casa de São Paulo de Piratininga a formação do primeiro noviciado da Companhia de Jesus no Brasil. Ele queria que esta instituição religiosa fosse instrumento da Contra-Reforma, expandisse o catolicismo e instrísse de maneira correta os princípios do catolicismo, principalmente para aqueles que não tinham acesso a esta doutrina e nas regiões que estavam sendo conquistadas pelos colonizadores.⁸⁵

Os serviços de saúde realizados pela Companhia de Jesus eram baseados no princípio da caridade cristã e ensinados como ofícios: os irmãos-farmacêuticos manipulavam remédios e os irmãos-enfermeiros cuidavam dos doentes. Os padres desta instituição religiosa permaneceram no Brasil de 1549 à 1760 e nos colégios existiam enfermarias, que foram de grande valia para os nativos e moradores da colônia. Muitos padres visitavam os doentes, os medicavam e levavam alimentos.

Os jesuítas conheciam aspectos ligados à botânica, a prática medicinal e já estavam familiarizados com as moléstias européias que começaram a aparecer no universo indígena como a gripe, a varíola e a tuberculose.

Os tupiniquim migraram para a região próxima ao Tietê, e constituíram parte da população indígena que habitava o Planalto. Os jesuítas, neste local, passaram a conviver com os índios e aprenderam técnicas na arte de curar.

Os índios tupi-guarani acreditavam que os espíritos os rodeavam e que muitos deles podiam interferir na vida cotidiana e causar doenças. Os jesuítas, aproveitando dessa crença, introduziram a idéia de que as cruzes afastavam os maus espíritos:

...Os espíritos apareciam aos humanos sob a forma de animais estranhos e bizarros. Eram fabulosos e usavam, quando desejavam, o dom da invisibilidade. Alguns deles guardavam uma aparência mais material, com cores cambiantes, e imitavam ruídos particulares.

À noite, as trevas enchiam-se de espíritos, mas o simples acender de fogueira já os espantava. Para maior segurança_ em determinadas situações_ fechavam-se também as entradas das ocas.

A cólera dos espíritos podia ser refreada através de oferendas, como flechas ou penas. Havia uma preferência pelas penas de perdiz.

Uma das causas numerosas do êxito dos jesuítas e de outros religiosos entre os tupinambás foi a promessa de que as cruzes erguidas e plantadas os colocavam ao abrigo dos

⁸⁵ Serafim Leite. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. v.II Lisboa, 1938, p.414.

*ataques dos espíritos. Notícias sobre a eficácia dessa providência difundiam-se em todas as aldeias, que passavam a suplicar aos padres que erigissem cruzeiros para protegê-los.*⁸⁶

Cada tribo tinha o seu pajé, responsável pela cura de doenças. O pajé/feiticeiro/curandeiro caminhava pelas tribos, acolhia os doentes e desenvolvia técnicas para curá-los. O pajé, segundo a crença indígena, conseguia ressuscitar os mortos e conversar com os espíritos: *...as curas maravilhosas operadas pelos feiticeiros eram sempre atribuídas à ação de algum espírito...*⁸⁷

Como o pajé era considerado o feiticeiro, o sacerdote, o curador; logo, era alguém que deveria ser temido e respeitado. Já os jesuítas tinham em mente propagar a imagem de um único Deus e enunciar os dizeres: “buscar a Deus em todas as coisas.”

O maracá, constituído por uma cabaça com sementes ou pedras, era um instrumento que exercia uma importante função nos rituais dos feiticeiros: os espíritos só se manifestavam com a utilização do maracá.

As principais enfermidades dos índios eram: o bócio, algumas parasitoses e dermatoses, febres, disenterias, problemas resultantes de envenenamentos, picadas de cobra, pneumonia e ferimentos de conflitos como a cegueira e a perda de membros. Somente o pajé/feiticeiro poderia curá-las. Ele utilizava o maracá e dizia palavras ditas mágicas:

Qualquer tratamento começava por soprar energicamente o doente e fumigá-lo, para em seguida sugar a parte do corpo em que supunha haver localizado a moléstia, de forma a extrair todo o mal. O sopro, presente em todas as cerimônias e atos do pajé, muitas vezes era o suficiente. Bastava que fosse dirigido à parte lesada do doente para que, através dele, todos os malefícios fossem expelidos.

*Para a fumigação, o feiticeiro tomava um caniço de quatro ou cinco pés de comprimento, em cuja extremidade havia um pouco de petun (tabaco) seco e aceso. Rodando o caniço para todos os lados e soprando a fumaça sobre o selvagem, dizia: “para que vençais os vossos inimigos, recebei o espírito e a força”.*⁸⁸

⁸⁶ Lomonaco, Maria Aparecida Toschi. “Práticas médicas indígenas e jesuíticas em Piratininga.” In Guido Arturo Palomba, Ivomar Gomes Duarte e outros (coordenadores). *450 anos de história da medicina paulistana*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004, p.8 e 9.

⁸⁷ Ibidem, p.10.

⁸⁸ Lomonaco, Maria Aparecida Toschi, op. cit., p.13.

Virtudes eram conferidas à fumaça do tabaco: os tupinambás acreditavam que esta fumaça ajudava a deixar a pessoa mais inteligente, a esclarecer as idéias, a conservar a alegria e a saúde. O pajé sugava o local atingido pela doença e em seguida, escarrava com muita força, colocando para fora todos os males. As sangrias também eram utilizadas. Independente da doença, o doente deveria ficar em quarentena privado de alimentos.⁸⁹

Serafim Leite em *História da Companhia de Jesus* destacou o uso medicinal do tabaco e do chocolate:

Quanto ao uso do tabaco e do chocolate, achamos umas instruções curiosas. O P. Francisco de Matos, provincial de 1697 a 1702, “sobre o uso da bebida do chocolate, já proibida, acrescentou que de nenhum modo se consentisse haver dos médicos aprovação com pretexto de necessidade para remédio habitual continuado; bastando que este só se aplique a algum achaque contingente e transitório. E deu por ilícita a retenção dos ingredientes para esta bebida, que quando fosse necessário, bastaria que estivessem na enfermaria.”

Levado o caso a Roma, responderam: “proíba-se sobretudo com os novos, mas não se pode negar a licença aos outros que necessitem dessa bebida, mesmo habitualmente, sobretudo a juízo do médico; nem a proibição dos ingredientes se entenda, senão segundo o voto de pobreza.” Parece que se lhe dava uma intenção moral, que de Roma se rejeita.

Pelo que se refere ao tabaco, o mesmo Provincial “proibiu e ordenou que se zelasse muito esta proibição do uso do tabaco de fumo, nem ainda por medicina habitual e continuada; e muito mais que para isso se não pedisse aos médicos a sua aprovação bastando a aplicação deste remédio a algum caso singular e urgente. E deu também por ilícita a retenção dos ingredientes para o tabaco.” Respondeu-se: “entenda-se esta proibição como a resposta dada para a bebida do chocolate.”⁹⁰

Com isso, podemos verificar a questão do proibicionismo no tocante ao uso do chocolate e do tabaco no século XVI. Somente em casos específicos estes produtos eram utilizados como medicamentos.

Os índios utilizavam o ananás verde para curar diversas enfermidades como, por exemplo, as feridas. Para a cura do bicho-do-pé utilizava-se o óleo de hiboucouhu feito da urucuba. A urtiga do mamão era utilizada no tratamento de cataratas. Os nativos utilizavam grande quantidade de vegetais para a cura de doenças: a copaíba (*Copaifera*

⁸⁹ Ibidem, p.13.

officinalis), a capeba ou pariparoba (*Piper rohri*), a maçaranduba (*Minusops elata*, *Lucuma procera*), a cabriúva (*Myrocarpus fastigiatus*) e a caroba (*jacarandá brasileira*) para úlceras e ferimentos; o maracujá para febres; o ananás como diurético; a ipecacuanha, a batata-purga como purgativos...⁹¹

Os nativos também utilizavam como medicamentos, a saliva, a urina, o sangue humano e de animais, sapos queimados (pó), da gordura da onça, de bicos, garras, chifres, ossos, cabelos pulverizados. O pajé costumava mastigar os ingredientes para depois expeli-los no local afetado. Para os índios, o sangue reconstituía, a saliva cicatrizava e a urina fazia o doente vomitar.⁹²

Os jesuítas aprenderam com os índios como poderiam fabricar as mezinhas com elementos retirados da natureza. É certo que havia a necessidade de desenvolver meios de cura, visto que os colonos nos sertões encontravam-se dentro de um contexto em que havia ataques de animais, cobras, o aparecimento de moléstias raras e ficavam distantes dos curandeiros, barbeiros sangradores:

*...Mas só a larga e contínua experiência, obtida à custa de um insistente peregrinar por territórios imensos, na exposição constante a moléstias raras, a ataques de feras, a vinditas do gentio inimigo, longe do socorro dos físicos, dos barbeiros sangradores ou das donas curandeiras, é que permitiria ampliar substancialmente e organizar essa farmacopéia rústica.*⁹³

Os jesuítas eram conhecidos como “médicos do corpo e da alma”⁹⁴ e adquiriram conhecimentos com os índios para curarem doenças, visto que os nativos utilizavam diversas plantas medicinais para a preparação dos remédios.⁹⁵

Esses religiosos desempenharam um papel fundamental na preservação dos conhecimentos medicinais indígenas. Muitas receitas de medicamentos os jesuítas

⁹⁰ Ordens para o Governo da Província, Gessi, Colleg.20 / Brasile, 7. Apud Serafim Leite (1938, 421) v.II.

⁹¹ Santos Filho, Lycurgo de Castro. *História Geral da Medicina Brasileira*. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1977.v.1, p.106. Apud Lomonaco (2004, 17).

⁹² Lomonaco, Maria Aparecida Toschi, op.cit, p.17.

⁹³ Sérgio Buarque de Holanda. *Caminhos e Fronteiras*. São Paulo. Companhia das Letras, 2001, p.76-77.

⁹⁴ Márcia Moisés Ribeiro. *A ciência dos trópicos, a arte médica no Brasil no século XVIII*. São Paulo, 1997, p.98.

⁹⁵ Renato Venâncio e Henrique Carneiro. *Álcool e drogas na história do Brasil*. São Paulo: Alameda; Belo Horizonte, PUCMinas, 2005, p. 160.

aprenderam convivendo com os índios. Esse conhecimento os jesuítas aplicaram para a cura de doentes e os segredos das receitas foram enviados para Portugal.⁹⁶

Um dos principais remédios exportados: a Triaga brasílica, feita no Colégio da Companhia de Jesus da Bahia a partir de raízes, ervas e frutos da colônia e que era utilizado para sanar diversos males:

*Dotados de tão excelentes virtudes que cada uma só por si pode servir em lugar da triaga magna, pois com algumas raízes de que se compõem este antídoto e curam no Brasil de qualquer peçonha e mordedura venenosa, como também de outras enfermidades, só como mastiga-las; e a experiência tem mostrado que se não é melhor que a triaga magna, não é inferior a ela, porque é efficacíssima contra todo o veneno.*⁹⁷

Com isso, percebemos que o conhecimento medicinal das plantas brasileiras contribuiu muito para a formulação dos medicamentos caseiros e os jesuítas o incorporaram em suas boticas. Além disso, as farmácias dos conventos ofereciam aulas na arte de curar e formavam boticários. Curandeiros faziam seus remédios através de conhecimentos que haviam adquirido de gerações passadas ou de conhecidos que diziam ser mestres na arte de curar e através da fé, de crenças, de receitas baseadas em folhas, chás e alimentos indicavam aos seus pacientes alguns medicamentos. Havia pessoas que diagnosticavam através da observação do cotidiano de seus pacientes, como eram os hábitos alimentares, se havia excessos alcoólicos para então receitarem uma determinada medicação. Os boticários utilizavam todo o aprendizado que adquiriam com curandeiros, mezinheiros, pajés, farmacêuticos e formulavam suas receitas para seus pacientes: transformavam plantas curativas em remédios.⁹⁸ Serafim Leite destacou que o pescado, o vinho e a galinha eram utilizados como medicamentos.

É certo que os colonizadores observavam o modo de preparo de medicamentos feito pelos indígenas e seus pajés e copiavam as receitas para combater as doenças. Além disso, as informações adquiridas em relação ao universo da cura indígena eram divulgadas na metrópole, como, por exemplo, a utilização da quina. Em Portugal havia profissionais que verificavam as receitas para em seguida, retornar à colônia

⁹⁶ Márcia Moisés Ribeiro, op.cit, p.29.

⁹⁷ Curvo Semedo. *Memorial de vários símplies que da Índia Oriental, da América e de outras partes vêm ao nosso reino*. Lisboa Ocidental, Oficina de Antônio Pedroso Galain, 1927, p.27.

⁹⁸ Vera Regina Beltrão. *Natureza em Boiões*. Medicina e boticários no Brasil setecentista. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1999, p.29.

compêndios de matéria médica ou farmacopéia para os boticários e farmacêuticos da América Portuguesa.

A utilização de elementos da flora e da fauna para usos medicinais foi cada vez mais incorporada à farmacologia do Brasil. Os padres passaram a preparar uma mistura de vinho cozido, mel para curar as feridas. Os jesuítas revelaram a quina para o mundo com o nome de “mezinha dos padres da Companhia” ou “pó dos jesuítas” e a utilizaram para acabar com a maleita ou intermitente.⁹⁹

O progressivo desenvolvimento das técnicas de cura dos jesuítas fazia com que cada vez mais os índios procurassem ajuda desses religiosos, deixando um pouco de lado as curas dos pajés.

Na documentação preservada pela Companhia de Jesus é possível verificar que os padres tratavam diversas doenças: varíola, sarampo, malária e sífilis, problemas hepáticos, pulmonares, gástricos, renais, cardíacos e outros.¹⁰⁰ Para pedras nos rins era indicado o suco de ananás verde. As boticas dos colégios de padres eram providas de remédios vindos da Europa. O padre Anchieta aplicou métodos de cura em alguns doentes na capitania de São Paulo e ele notou que em alguns casos, mesmo em casebres, havia um local para os medicamentos:

*De Janeiro até o presente tempo permanecemos, algumas vezes vinte, em uma pobre casinha feita e barro e paus, coberta de palhas, tendo quatorze passos de comprimento e apenas dez de largura, onde estão ao mesmo tempo a escola, a enfermaria, o dormitório, o refeitório, a cozinha, a dispensa.*¹⁰¹

O padre Anchieta enviou uma carta para Coimbra destinada aos seus irmãos doentes, em que relatou:

Neste tempo em que estive em Piratininga, foi mais de um ano, servi de alveitar algum tempo, isto é, de médico daqueles índios, e isto foi sucedendo ao irmão Gregório Serrão, o qual, por mandado do P. Nóbrega sangrou alguns índios sem nunca o ter o feito senão então, e viveram alguns de que se não tinha esperança, porque outros muitos daquelas enfermidades eram mortos. Partindo o irmão Gregório de lá, fiquei eu em seu lugar, que foi o mais do tempo,

⁹⁹ Serafim Leite. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Lisboa. 1938, VII, p. 583.

¹⁰⁰ Lomonaco, Maria Aparecida Toschi, op. cit., p.25.

¹⁰¹ Anchieta, Carta do quadrimestre de maio a setembro de 1554, dirigida a Santo Inácio de Loyola, Roma. Apud Viotti, 1954.

*e sangrei muitos duas a três vezes e cobraram saúde. E, juntamente servia o deitar emplastros, levantar espinhelas e outros ofícios de alveitar, que eram necessários para aqueles cavalos, isto é índios.*¹⁰²

Apesar das sangrias serem condenadas pela Companhia de Jesus, os padres utilizavam este método para curar doenças. Durante a sua convivência com os índios, Anchieta fez uso das sangrias para curar doenças indígenas e conheceu os efeitos afrodisíacos de um bicho todo recoberto de pêlos presente nas florestas:

*Parte deles, quando tocam o corpo, produzem grande dor que dura muitas horas; outra parte (compridos e negros e de cabeça vermelha), tem pêlos venenosos, que provocam a sensualidade. Os índios costumam aplicá-los aos órgãos genitais, que se excitam em veemente e ardente luxúria e incham, e três dias depois apodrecem. Donde se segue muitas vezes que o prepúcio se fura em diversos pontos, e não só deformam por tão feia doença, mas também mancham e infeccionam as mulheres com quem têm relações.*¹⁰³

Segundo Serafim Leite em *História da Companhia de Jesus no Brasil*, Anchieta ajudou a cuidar dos índios com a prática das sangrias que foram muito utilizadas em São Paulo de Piratininga:

*A sua caridade não era só de palavras. Basta ler os seus escritos. Em Iperoig, por exemplo curava as enfermidades dos índios, a uns levantava a espinhela, a outros sangrava e a outros ocorria em outros tratamentos, conforme as doenças, lancetava e cortava carne corrupta e salvou a muitos a vida.*¹⁰⁴

É certo que o padre Anchieta nos relatos deixados nos documentos da Companhia de Jesus era tido como “herói” dos doentes, dos índios, dos desfavorecidos. Até onde isso é verdade? Neste caso, vale um olhar crítico de historiador.

De acordo com Serafim Leite, os jesuítas portugueses ao chegarem ao Brasil depararam com doenças, falta de medicamentos e de médicos. Mas, ao conviver com os índios, aprenderam a preparar compostos curativos de ervas, frutas, raízes e conseguiram adquirir a confiança dos nativos:

¹⁰² Anchieta, Carta aos irmãos enfermos de Coimbra. Apud Viotti, 1954.

¹⁰³ Anchieta. Apud Viotti, 1954.

¹⁰⁴ Serafim Leite, S.I. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Lisboa, 1938. V.II, p. 486. Volume pesquisado na Biblioteca Pública Estadual Luiz Bessa- Belo Horizonte.

*Contendo-se dentro desta posição discreta e científica, nem por isso deixaram de captar a confiança absoluta dos índios, que chamavam aos padres o seu Poçanga, isto é a sua verdadeira medicina.*¹⁰⁵

Serafim Leite destacou que o intuito dos jesuítas ao virem ao Brasil era serem médicos da alma e acabaram assumindo também a função de médicos do corpo: curaram dores de cabeça, pedras nos rins, feridas etc.¹⁰⁶ Os padres também faziam cirurgias de urgência, a flebotomia, a assistência nas epidemias e nas doenças venéreas. Quando um índio apareceu muito doente e com o braço inchado, o padre Anchieta: “Caíndo-lhe doente, corrompeu-se-lhe a mão, inchando-lhe todo o braço. O tratamento consistiu em excisar profundamente a palma da mão com uma lanceta; e o doente recuperou a saúde.”¹⁰⁷

Durante a epidemia de varíola (1563-1564), o padre Anchieta curava os doentes da seguinte forma:

*Os índios mandavam fazer umas covas longas à maneira de sepultura, e depois de bem quentes com muito fogo, deixando-as cheias de brasas e, atravessando paus por cima e muitas ervas, se estendiam ali tão cobertos de ar e tão vestidos como eles andam, e se assavam, os quais comumente depois morriam, e suas carnes, assim com aquele fogo exterior como com o interior da febre, pareciam assadas. Três destes, que achei, revolvendo as casas, como sempre fazia, que se começavam assar, e levantando-se por força do fogo, os sangrei e saravam pela bondade de Deus. A outros, que daquele pestilencial mal estavam mui mal, esfolei parte das pernas e quási todos os pés, cortando-lhe a pele corrupta com uma tesoura, ficando em carne viva.*¹⁰⁸

Os padres de maneira geral curavam os machucados os estancando com emplastros de almécegas e azeite. Anchieta aprendeu com os índios que o mel curava as feridas Além dos remédios indígenas, os jesuítas mandavam vir de Portugal, algumas conservas terapêuticas: ananases para dor de pedra, marmeladas de ibas, camucis, carazases para diversas doenças.¹⁰⁹

¹⁰⁵ Ibidem, p. 569.

¹⁰⁶ Ibidem, p.570.

¹⁰⁷ Serafim Leite, S.I. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Lisboa, 1938.v.II, p.571.

¹⁰⁸ Ibidem, p.572.

¹⁰⁹ Ibidem, p.581.

As mulheres indígenas utilizavam aranhas para fazer bebidas envenenadas, que ingeridas produziam excessivo frio e tremores. Muitas índias levavam seus filhos doentes para os padres curarem.

Os índios utilizavam o chamado *eiraaquãyetâ* que causava contração nos nervos, dor, tremura, vômito e desarranjava os intestinos¹¹⁰ e os índios utilizavam uma raiz denominada *yeticopê*, semelhante ao rábano, saborosa, que curava a tosse e feridas, mas sua semente era venenosa:

Das árvores, parece digna de menção, (embora haja outras que destilam líquidos semelhantes à resina, úteis para remédios), uma que dá um suco suavíssimo, que querem que seja bálsamo (...) Exala cheiro não demasiado, mas suavíssimo, e é muitíssimo próprio para curar feridas, de maneira que em pouco tempo nem sinal fica da cicatriz (como dizem estar comprovado pela experiência).¹¹¹

Anchieta fez um verdadeiro curso de medicina indígena; aprendeu a manipular os medicamentos e reconhecer a eficácia do uso de ervas para a cura de determinadas doenças. Em relação às árvores e às raízes de plantas ele destacou:

Úteis à medicina há muitas árvores, raízes e plantas, mas direi alguma coisa sobretudo das que servem para purgantes. Há uma árvore (...) da qual sai um líquido branco, parecido ao leite, mas mais espesso, o qual, se beber pouco desembaraça os intestinos e limpa o estômago com um vômito de grande violência; mas se houver demasia na porção, por pouco que seja, mata. Convém tomar só o que cabe numa unha, e diluído e muita água. Não se fazendo assim, causa cruéis dores, queima a garganta e mata.

Há outra raiz, muito útil para o mesmo, comum nos campos; rala-se e bebe-se diluída em água. Esta, embora provoque vômito com bastante violência, contudo toma-se sem perigo de vida.

Há outra, chamada vulgarmente raiz bárbara que os índios chamam marareçô (...) Encontrou-se há pouco outra, que se tem em grande conta e não sem razão (...) Desembaraça os intestinos com bastante fluxo, que cessa logo que se tome qualquer alimento.

Além destas, há muitas outras, de bom préstimos para desembaraçar o ventre, ao passo que para o prender (exceto o fruto de algumas o ventre, ao passo que para o prender (exceto o fruto de algumas árvores) quase não se encontra nenhum remédio eficaz.

¹¹⁰ Lomonaco, Maria Aparecida Toschi, op. cit., p.27.

¹¹¹ Anchieta, in: Viotti, 1954.

Por fim direi que entre estes brasis quase não se encontra nenhuma deformidade natural, e só raramente um cego, um surdo, um aleijado ou um coxo, nenhum nascido monstro.

112

Com isso, verificou-se o quão importante foi a contribuição medicinal indígena para os jesuítas na arte de curar. Este aprendizado foi transmitido para os colonos e muitas informações medicinais foram enviadas para Portugal com o intuito de produzirem medicamentos. Como já foi dito, algumas boticas de Portugal enviavam medicamentos para a América Portuguesa, sendo que muitos deles haviam sido preparados com informações oferecidas pelos índios.

Os jesuítas, com o aprendizado medicinal que adquiriram com os índios aliado a algum conhecimento que já possuíam na arte de curar, conseguiram atuar na América Portuguesa, como clínicos, cirurgiões, enfermeiros e boticários.

É certo que a iniciativa em desbravar riquezas naturais estendeu-se durante o século XVIII, que ficou caracterizado como a época da utilização da razão como forma para explicação de todos os fenômenos e fortalecer, desse modo, a idéia do domínio do homem sobre a natureza; logo se fez associação do corpo humano a uma máquina e começou-se a pensar em uma nova concepção de doenças e tratamentos.¹¹³

Muitos medicamentos eram criados através de uma mistura de ingredientes, muitas vezes sem uma lógica científica. Note que no início do século XVIII, os paulistas curavam os resfriados aplicando “enxofre muito bem moído, acutilando-a depois, muitas vezes, com o gume de uma faca posta em brasa.”¹¹⁴

Essa mistura de informações científicas trazidas da Europa juntamente com a utilização do conhecimento indígena medicinal retirado das espécies naturais resultou na nossa farmacopéia produzida e usada até o século XIX.

Medicina sertaneja

Segundo Sérgio Buarque de Holanda, a medicina sertaneja tentou procurar entre os produtos medicinais da terra elementos já experimentados no Velho Mundo, o que

¹¹² Anchienta, in: Viotti, 1954.

¹¹³ Betânia Figueiredo. *A arte de curar*. Cirurgiões, médicos, boticários e curandeiros no século XIX em Minas Gerais. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2002, p. 39-40.

¹¹⁴ José Rodrigues de Abreu. *Histologia médica, I. Lisboa Ocidental, 1733*. Apud Holanda, S. (2001, 78).

contribuiu para a sua formação. Isso foi feito na seleção de drogas, nos amuletos e medicamentos bezoárticos.¹¹⁵

Fernando Novais destacou que em São Paulo as bandeiras abriram caminhos para a formação da sociedade paulista e a economia, no início, era de subsistência e com o tempo, assumiu uma dinâmica e uma mobilidade considerável.¹¹⁶

Os sertanistas aprenderam alguns aspectos da cultura indígena. Os bandeirantes misturaram-se aos índios e passaram a não usar sapatos “esparramando, como os índios, toda a planta dos pés pelo chão ao andar...”¹¹⁷

A capacidade de improvisar era muito presente entre os sertanistas, que se alimentavam até mesmo de cavalo morto que quebrara a perna e utilizavam os depósitos acumulados em cactáceas que eram verdadeiras “samaritanas do sertão”.¹¹⁸

Além da coleta, da caça e da pilhagem, os sertanistas ao longo dos caminhos percorridos, plantavam roças de subsistência e ao voltar colhiam o que haviam plantado ou deixavam para outros sertanistas consumirem.¹¹⁹

Existe a idéia de que os paulistas preferiram plantar milho a mandioca devido a facilidade do transporte dos grãos nas longas jornadas. A mandioca, além da dificuldade de transportá-la na penetração pelo interior paulista, havia também o pensamento de que a demora das viagens alteraria sua capacidade germinativa.

Durante essas jornadas, os doentes recebiam atendimento quando as canoas lhes entregavam mantimentos básicos, como feijão, farinha, toucinho e algumas galinhas. Muitos dos sertanistas, por sentirem muita fome, comiam exageradamente jenipapos, o que lhes causava prisão de ventre.¹²⁰ Alguns sertanistas chegaram a plantar cana e a produzir rapaduras.

O hospedeiro de um determinado casebre, certa vez, ofereceu para os viajantes na ceia “meio macaco e umas poucas formigas”, pois era o que possuía. Ele convenceu seus hóspedes de que as formigas eram muito saborosas e que depois de cozidas eram muito mais gostosas do que a melhor manteiga de Flandres.¹²¹

¹¹⁵ Sérgio Buarque de Holanda. *Caminhos e fronteiras*. Companhia das Letras. São Paulo, 2001, p.79.

¹¹⁶ Fernando Novais. *História da Vida Privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p.25 e 46.

¹¹⁷ Ibidem, p.46.

¹¹⁸ Caio Prado Júnior. *Formação do Brasil Contemporâneo*, p.65-79.

¹¹⁹ Souza, Laura de Mello. “Formas Provisórias de existência: a vida cotidiana nos caminhos, nas fronteiras e nas fortificações.” In Fernando Novais. *História da Vida Privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p.47.

¹²⁰ Ibidem, p.49.

¹²¹ Ibidem, p. 59.

Esses sertanistas tinham que conviver com ataques de cobras, marimbondos, morcegos, aranhas, formigas, mosquitos e ratos; muitos eram picados e tinham que de alguma forma encontrar uma solução:

*Certos vermes picavam a pele e nela introduziam “um bicho negro gadelhudo à semelhança de uma lagarta de couve”; miúdos como piolhos-de-galinha, havia carrapatos que se formavam em “bolas do tamanho de nozes”, pendendo das folhas das árvores e, ao cair sobre alguém, provocando tal estrago que era preciso o ofendido despir-se e outra pessoa correr-lhe todo o corpo com uma bola de cera da terra ou esfrega-lo com caldo de tabaco de fumo, ou sarro de pito.*¹²²

Quando adoeciam, os sertanistas retiravam do próprio meio natural os remédios. A banha animal era utilizada para o reumatismo; dentes de jacaré para os ares; limões azedos para fraquezas; casca de jabuticaba para o sangue; angu e batatas para desmaios; “ervas diversas para as mezinhas: o tingueralho terrestre, a caiapiá do campo, febrífugos poderosos, receitas conhecidas em todo o Brasil da época como “remédios dos paulistas.”¹²³

Os viajantes levavam alguns medicamentos: a pimenta malagueta e o gengibre para os saca-trapos (composto de pólvora, caninha, pimenta da terra e suco de limão azedo que curava a malária); a aguardente com sal para os ataques de cobras; a Triaga de Venia, que livrava “das malignas doenças” aqueles que navegavam pelos rios. Para sangrias e outros tratamentos, utilizavam lancetas e bolsinhas com pedra-ume e verbete e alguns chegavam a levar um “estojo de cirurgia”.¹²⁴

A crença na cura através da reza e da devoção por santos também era freqüente nesta época:

Prodigiosas mercês e milagres que tem feito a Virgem Nossa Senhora dos Remédios a seu devoto Agostinho Pereira da Silva assim em secular como depois de ser sacerdote. (...)Se encomendou à mesma Senhora em uma capelinha que fica logo fora da cidade, e chegando às Minas se meteu ao sertão a buscar fortuna e nele foi mordido de uma cobra e acometido de duas medonhas, e no mesmo sertão esteve morto à fome, à sede, e outros camaradas sem esperança de vida, e depois disto escapou de ser morto que à tradição o quiseram matar os

¹²² Souza, Laura de Mello. “Formas Provisórias de existência: a vida cotidiana nos caminhos, nas fronteiras e nas fortificações.” In Fernando Novais. *História da Vida Privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p.51.

¹²³ Ibidem, p.53 e 54.

¹²⁴ Ibidem, p.54.

paulistas e por estes e muito mais sucessos prometeu à sua Santíssima Patrona a Senhora do Remédios de entrar no Seminário de Belém para servir no estado sacerdotal e depois de ser sacerdote estando já desenganado de que morria em uma grande enfermidade sem se poder ter em pé só encostado em uma muleta, com uma grande chaga em uma perna a Senhora dos remédios lhe deu saúde, e para memória mandou aqui pôr este painel no ano de 1749.”(Ex-voto mandado fazer por Agostinho Pereira da Silva, 1749, Salvador)¹²⁵

Mais tarde, observou-se que os caminhos das viagens eram tão ruins, porque os próprios proprietários dos pousos não queriam que melhorassem, justamente para os viajantes, sertanistas e aventureiros fossem obrigados a usufruírem de suas estalagens e consumirem no seu comércio.¹²⁶

Os sertanistas andavam sempre em grupos, vivenciavam os improvisos, passavam fome, conviviam com as pestes de bichos e buscavam mezinhas de “água samaritanas” (água benta), o que permitia poucos momentos de privacidade. A sobrevivência era garantida pela manutenção do convívio grupal.¹²⁷

Quando os remédios de botica não faziam efeito, alguns doentes procuravam feiticeiros que faziam simpatias domésticas. Muitos padres foram acusados de serem fregueses de calundzeiros e reconheceram a eficácia de alguns tratamentos feitos por negros. A Igreja condenava isso, e muitos desses ditos “infiéis” foram para nos Tribunais da Inquisição.¹²⁸

Mesmo assim, havia muitas rezadeiras, benzedadeiras e adivinhas que curavam pessoas através de suas simpatias domésticas e orações:

...João, preto, escravo, benzia panos para estancar sangue das feridas; os pardos Faustina e João Dias faziam quimbandos, enquanto Joana também parda mas forra, benzia quebranto, olhado, carne-quebrada, ventre caído e bicheira.

Francisca Nunes (...) curava retenção de urina com rosário e livrinho de letras redondas. Com uma caixinha do Senhor do Bonfim, o ermitão Manoel Peregrino curava de cobras, feitiço e dor de dente, cortando pequenos talhos com uma navalha na coroa das pernas

¹²⁵ Souza, Laura de Mello. “Formas Provisórias de existência: a vida cotidiana nos caminhos, nas fronteiras e nas fortificações.” In Fernando Novais. *História da Vida Privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p.61, nota 19. Ver ex-voto mandado fazer por Agostinho Pereira da Silva (1749), Salvador; óleo sobre tela. Salvador., Igreja e mosteiro de São Bento.

¹²⁶ Souza, Laura de Mello, op cit., p.65.

¹²⁷ Ibidem, p. 80-1.

¹²⁸ Mott, Luiz. “Cotidiano e vivência religiosa: entre a capela e o calundu.” In Fernando Novais. *História da vida Privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p.192-193.

*dos homens e na chave da mão das mulheres; untava os talhos com sua saliva e mandava rezar sete padres nossos e sete ave-marias...*¹²⁹

No caderno de apontamentos manuscrito, que pertenceu ao governador Rodrigo César de Meneses, encontra-se no I.H.G.B. informações sobre alguns remédios utilizados pelos paulistas. Neste manuscrito há explicações sobre os benefícios da utilização da “pedra de porco espinho” no Oriente para casos de vômitos, problemas estomacais e cardíacos, dores no útero, retenção de urina e febres. No Brasil utilizavam-se os porcos do mato:

*...”Nos ditos porcos”, reza o manuscrito, “se acha no buxo pedra verdoenga do tamanho de hum pequeno limão. Tem hum sabor amargo e he a celebre pedra do porco espim.”*¹³⁰

Nas orelhas do porco do mato encontravam pedras pardacentas e esbranquiçadas que constituíam antídoto para a supressão de urinas. Nos veados e antas também encontravam pedras bezoares. Nos sertões da capitania de São Paulo tinha:

*“... huns Sapos grandes de cornos que chamão Nambicoaras, e os cornos ou orelhas são o melhor unicórnio para se meter na água, que purifica, apesar da peçonha.”*¹³¹

Na cabeça do jacaré encontravam pedras que eram aplicadas nos febricitantes. Essas pedras eram colocadas nas mãos de pessoas com febres, que eram eliminadas.

Nos sertões os moradores acreditavam bastante na aplicação terapêutica ou na utilização de amuletos de quase todas as partes do corpo dos animais selvagens que não eram úteis para alimentação: “os chifres, os dentes, as unhas, os ossos, os cascos, as couraças, as gorduras. Há indícios de que mais de um desses medicamentos já seriam utilizados pelo gentio antes de qualquer contato com os adventícios.”¹³²

¹²⁹ Ibidem, p.194.

¹³⁰ “manuscrito deixado pelo então governador Rodrigo César de Meneses, Ms. Do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, liv.89, ms.1509, fl.269. Apud Holanda, S. (2001, 79)

¹³¹ Manuscrito do governador Rodrigo César de Meneses. Ms. Do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, liv.89, ms.1509, fl 269.

¹³² Sérgio Buarque de Holanda. *Caminhos e Fronteiras*. São Paulo. Companhia das Letras, 2001, p. 79.

No litoral foram observados mais casos de varíola, sarampo. Já nos sertões, as febres eram mais comuns. Os sertanistas ao longo de suas jornadas deparavam-se com as moléstias, a fome, a sede, os ataques dos índios, os animais peçonhentos.

O médico austríaco Johann Emanuel Pohl observou que nos sertões da colônia havia uma escassez de médicos e farmácias e que os comerciantes vendiam a preços abusivos remédios simples e até mesmo estragados como, por exemplo, a jalapa, a ipecacuanha, o ruibarbo, a quina, o ópio, a cânfora, mercurais. Todos, na maioria das vezes, estavam estragados.¹³³

É certo que pelo sistema de vida precário dos sertanistas, pela dificuldade ao acesso a remédios e profissionais da cura, eles utilizavam diversos recursos bizarros de emergência:

*...Já se viu como, a falta de lancetas para a sangria dos enfermos, usavam de simples facas. Nas sezões e pestes gerais do sertão, seriam esses instrumentos de grande socorro, ao lado das ervas medicinais que crescem no mato. O mesmo fogo que cozinhava ou moqueava a caça e que acendia os morrões de escopeta, servia para cauterizar feridas. E finalmente a mesma pólvora, que abate o inimigo, também podia restabelecer os doentes do maculo ou corrupção, ou mal-de-bicho, que costumava sobrevir às crises de maleita. Com efeito, para combater essa peste, que restrita inicialmente às terras da marinha, invadiu no século XVIII as minas e quase todo o sertão, nenhum remédio terá adquirido tamanho e tão intenso prestígio quanto o terrível saca-trapo, em que a pólvora figurava como ingrediente obrigatório ao lado da caninha, da pimenta da terra, do fumo e alguma vezes também do suco de limão azedo.*¹³⁴

Algumas tribos indígenas acreditavam na força mágica dos dentes de jacaré que eram talismãs que afastavam os maus espíritos. Os sertanistas de São Paulo tinham mania de matar jacarés para retirar seus dentes que são “contra o ar”¹³⁵, contra os espíritos ruins e eliminavam a “corrupção” do ar.

A influência do ar era destacada pelos colonos como um dos motivos para adquirir doenças. Nas palavras de Gandavo:

¹³³ Johann Emanuel Pohl. *Viagem no interior do Brasil*. São Paulo, Belo Horizonte: Edusp, Itatiaia, 1976, p.102.

¹³⁴ Sérgio Buarque de Holanda. *Caminhos e Fronteiras*. São Paulo. Companhia das letras, 2001, p.86.

¹³⁵ Manuel Cardoso de Abreu, “Divertimento admirável”, *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, VI (São Paulo, 1902). Apud Holanda, S. (2001, 80).

*Este vento da terra... é mui perigoso e doentil; e se acerta de permanecer alguns dias, morre muita gente, assim portugueses como índios (...)*¹³⁶

As unhas do tamanduá-bandeira eram utilizadas como ornamento corporal “ajuntando-as entre si aos pares, por meio de resina, à maneira de um crescente como o fazem com as do tatu-canastra.”¹³⁷ Até hoje existem algumas tribos indígenas que mantêm essa atividade. O sr. F. C. Hoehne verificou a existência de unhas de tamanduá entre os produtos de origem animal colocados à venda em alguns estabelecimentos na capital paulista.¹³⁸

As unhas da anta também foram muito pesquisadas e utilizadas contra males do coração. Do bucho retiraram pedras que eram utilizadas como ar do bezoar; os ossos eram queimados e se tornavam bebidas para acabar com as disenterias; a banha era aplicada em fricções nos casos de reumatismo.

O reumatismo era algo freqüente em São Paulo. Óleos e azeites eram indicados para acabar com este mal:

*E realmente não deixa de merecer atenção a extraordinária freqüência com que aparecem, entre mezinhas tipicamente paulistanas, as que se destinam a acalmar dores reumáticas. Quase sempre constam de óleos e azeite, e entre estes os de origem animal, se não têm decidida primazia, são, não obstante, largamente aproveitados.*¹³⁹

O sr. F.C. Hoehne verificou nos ervanários de São Paulo que além da utilização da banha da anta, a da capivara, a de quati, as de cobra (jibóia, sucuri, jararacuçu, cascavel, coral e urutu.), a do gambá, a do tamanduá, a do tatu também eram indicadas para acasos de reumatismo.¹⁴⁰

O gambá também foi tido como um animal que poderia ser aproveitado para fins medicinais:

¹³⁶ Pero de Magalhães Gandavo, *Tratado da terra do Brasil*. Rio de Janeiro, 1924, p.42.

¹³⁷ Sérgio Buarque de Holanda. *Caminhos e Fronteiras*. São Paulo. Companhia das Letras, 2001, p.80.

¹³⁸ F.C.Hoehne, *O que vendem os ervanários de São Paulo*. São Paulo, 1920, p.217.

¹³⁹ Sérgio Buarque de Holanda, op.cit, p.81.

¹⁴⁰ Frei Vicente do Salvador. *História do Brasil*, 3ed. São Paulo, sd., p.41; Gabriel Soares de Souza, *Tratado descritivo do Brasil em 1587*, 3ed. São Paulo, 1938, p.185; F.C. Hoehne. *O que vendem os ervanários de São Paulo*. São Paulo, 1920, pp.215-6.

*... A cauda, que não serve para outra coisa, era a parte preferida no preparo de mezinhas. Pisada e ministrada com água, na quantidade de uma onça, era excelente em doenças de rins, especialidade nas litíases, pois algumas doses, tomadas em jejum, limpavam os órgãos e lançavam fora qualquer pedra... Além disso curava cólicas, fazia gerar o leite, tirava espinhas se mastigada, acelerava os partos.*¹⁴¹

Alguns animais também tiveram utilização farmacológica como, por exemplo, uma ave da família dos anhimídeos chamada anhuma, que era utilizada na preparação de um medicamento em casos de envenenamentos.¹⁴²

A anhuma foi muito procurada pelos colonos para a preparação de medicamentos. Essa ave “com seu unicórnio frontal, os esporões das asas, os pés desproporcionalmente grandes e o grito, que segundo Anchieta, fazia pensar num burro zurrando”¹⁴³ eram muito bem aceita pelos caboclos que viviam empenhados em buscar remédio ou amuletos para eliminar os maus ares, maus espíritos:

*Do unicórnio, sobretudo, mas também dos esporões e até dos ossos, em particular dos ossos da perna esquerda, faziam-se amuletos e mezinhas contra ramos de ar, estupor, mau-olhado, envenenamentos, mordeduras de animais... Raspados com água e dados a beber, curavam os picados de cobras venenosas.*¹⁴⁴

Certa vez, segundo Couto Magalhães, em uma região próxima ao Araguaia à caçada dessa ave foi momento de muita discussão entre as pessoas que o acompanhavam, pois cada um queria adquirir o melhor pedaço. As crianças em Goiás recebiam como presentes amuletos, feitos com partes da anhuma, com o que se livrariam de algum acidente ou doença.¹⁴⁵

¹⁴¹ Simão de Vasconcelos. *Vida do padre*. João de Almeida. Lisboa, 1658, p.116.

¹⁴² Márcia Moisés Ribeiro. *A ciência dos trópicos. A arte médica no Brasil do século XVIII*. São Paulo, Hucitec-Edusp, 1997, p.55-6. Ver também Fernão Cardim. *Tratados da terra e gente do Brasil. Este padre comenta da reputação que esta ave possuía no meio das receitas médicas* “...a anhuma continuava gozando de grande reputação ao longo dos séculos posteriores”. *Curvo Semedo em Memorial de vários símplies que da Índia Oriental, da América e de outras partes vêm ao nosso reino*, p.22 comentou sobre a importância da utilização desta ave a cura de envenenamentos. Outros animais também foram estudados e utilizados para a preparação de remédios, como por exemplo a ema. Retiravam a membrana do estômago da ema que era indicado para combater a picada da cobra cascavel.

¹⁴³ Sérgio Buarque de Holanda, op.cit, p.83.

¹⁴⁴ Fernão Cardim. *Tratados da terra e gente do Brasil*. Rio de Janeiro, 1925, p.56.

¹⁴⁵ Couto de Magalhães. *Viagem ao Araguaia*. 3.ed. São Paulo, 1934, p.165.

No século XVIII, a medicina de Portugal utilizava os excretos como forma de cura: os médicos, os cirurgiões e os sangradores prescreviam esterco de cão para tumores de garganta e bexigas.¹⁴⁶

Os excrementos foram utilizados como purificadores. Mário de Andrade em *Namoros com a medicina* verificou que o costume de refinar o açúcar com esterco de vaca pode ter influenciado na prática médica em relação ao uso de excremento:

*Com o excremento o açúcar se purifica e aperfeiçoa. O açúcar se limpa. O excremento adquire assim um conceito de elemento lustral, purificador. Ora (...) uma das práticas mais generalizadas da medicina excretícia é justamente a terapêutica das moléstias de pele ou atuando sobre a pele.*¹⁴⁷

Nos sertões, o uso da medicina excrementícia era mais freqüente, visto que os colonos acreditavam ser a melhor solução para a cura de seus ferimentos e moléstias, visto que não havia a disposição de outros medicamentos. Podemos notar isso ao verificar o que acontecia quando um colono era ferido:

*... o achamos com a boca, narizes e feridas cheios de bichos, mas vendo que lhe palpitava ainda o coração e que tinha outros mais sinais de vida, o recolhemos na rancharia, curando-lhe as feridas com urina e fumo, e sangrando-o com a ponta de uma faca, por não termos melhor lanceta...*¹⁴⁸

Percebe-se, que a urina quente era utilizada contra inflamações e tumores: “de mistura com fumo, essa genuína panacéia de nossa medicina popular, considerada elemento essencialmente purificador, pareceria meio ideal para fazer sarar toda sorte de ferimentos, qualquer que fosse a sua gravidade.”¹⁴⁹

Dr. José Rodrigues de Abreu viveu muito tempo em São Paulo descreveu as muitas utilidades da urina para fins medicinais: “...para preservar o veneno das víboras; he sórdida a menos capaz de louvar-se a sua bebida na occasiam da peste; na Icterícia, no Scirrho do Baço e na Hidropisia contra a opinião de vários Escritores; nem também a

¹⁴⁶ Manuel da Silva Leitão. *Arte com vida ou vida com arte*, 1738, apud Fernando São Paulo, *Linguagem médica popular no Brasil*, II. Rio de Janeiro, 1936, pp.23-4.

¹⁴⁷ Mario de Andrade. *Namoros com a medicina*. Porto Alegre, 1939, p.66.

¹⁴⁸ “A bandeira de Anhangüera a Goiás, segundo José Peixoto da Silva Braga”, *Gazeta literária*, I, 3. Rio de Janeiro, 1/9/1883, p.64.

¹⁴⁹ Sérgio Buarque de Holanda. *Caminhos e Fronteiras*. São Paulo. Companhia das Letras, 2001, p.85.

Ourina do marido bebida facilita tanto as parturientes, que não falhe este socorro as mais das vezes.”¹⁵⁰

O tratamento para acabar com a doença era uma forma de expiação, em que o remédio prescrito deveria ter um gosto ruim/amargo para que fosse eficiente, pois a doença era considerada uma provação que o paciente deveria passar em virtude de atitudes ou comportamentos incorretos praticados por ele, logo esse processo deveria ser doloroso. O paciente teria que sofrer com a doença e com o tratamento, por isso a utilização dos excrementos humanos e animais como medicamentos. Somente passando pela dor, sofrimento intenso é que a cura viria. Para a cicatrização de machucados, era utilizado o limão, sal, fogo, urina e fezes. Quanto mais difícil fosse curar a doença, mais dolorosa deveria ser a cura. A doença era a punição que Deus havia enviado, por isso a penitência tinha que ser algo muito dolorido ou difícil e ruim de ser ingerido.

Havia o pensamento de que se a adubação (uso da estrumação) fazia bem a terra, logo o uso de excrementos como remédio forneceria curas para as pessoas.

Os excrementos foram muito utilizados para acabar com doenças de pele, úlceras, cólicas, problemas respiratórios e também como cicatrizantes: “As moléstias da pele, que tanto incomodaram as populações nos séculos passados eram um campo promissor para a utilização dos excrementos...”¹⁵¹

Eles eram utilizados com indicações do tipo: excrementos frescos ou não, humanos ou de animais (ratos e vacas) moídos ou triturados. O uso não era apenas tópico, mas os excrementos eram ingeridos.

Os ingredientes oferecidos pela Natureza passavam a ser a matéria prima para a produção de medicamentos. Os colonos tentavam de alguma forma descobrir a cura de determinadas doenças a partir da utilização de ervas, plantas, alimentos que eles encontravam muitas vezes em seus quintais. Aqueles que muitas vezes se aventuravam nas matas e em alguns casos estavam sós, tinham que improvisar maneiras de cura, caso tivesse sido atacado por uma cobra, tendo como matéria prima o que tivessem ao seu redor:

O esterco humano, a pólvora e o enxofre se experimentaram no sertão em pura necessidade, porque segundo me afirmou uma pessoa de crédito que tinha calculado o sertão, que sucedendo uma cobra picar ou morder a um homem, que estava só, ali

¹⁵⁰ José Rodrigues de Abreu. *Histologia médica*, II. Lisboa. Ocidental, 1733, p.431.

¹⁵¹ Betânia Figueiredo, op.cit, p.122.

*ficou sem se poder mover do lugar pelas dores e ânsias do coração, adjunto tudo com o temor da morte, não viu recurso algum, senão o de seu próprio esterco por ter ouvido que era bom.*¹⁵²

Os excrementos de animais também eram utilizados para cura de determinadas doenças. “Gatos, vacas, cachorros e cavalos, além de alguns pássaros, tinham suas fezes aproveitadas em uma série de composições farmacêuticas.”¹⁵³ Essa prática era exercida pelo mundo ibérico e que foi transmitida para a colônia. Mesmo porque, os europeus acreditavam que os excrementos deveriam ser entendidos como algo benéfico para o corpo e para a terra. Bakhtin chegou afirmar que os excrementos na Europa assumiram uma imagem muito positiva nos tratamentos de doenças.¹⁵⁴ No entanto, os índios na colônia não aceitaram esse tipo de procedimento.¹⁵⁵

Partes de defuntos também eram utilizados como métodos curativos e para constituir mezinhas: “... imaginava-se que o homem era um microcosmo, um resumo do universo, que possuía dentro de si as mesmas qualidades essenciais da natureza. Assim, remediá-lo com elementos vindos do próprio homem, no caso defuntos e excrementos, significava devolver-lhe os princípios da vida e da saúde.”¹⁵⁶ O autor do *Erário Mineral* afirmou que colocar a mão fria de um defunto em locais machucados ajudaria a saná-los.¹⁵⁷ O suor também era uma maneira de eliminar os males do corpo.

Utilizar elementos da natureza, parte de cadáveres e técnicas de magia para a preparação de mezinhas fazia parte tanto dos tratados de medicina como das práticas populares.¹⁵⁸

Note que o uso de excretos foi comum em todas as classes sociais, até mesmo durante o século XIX. Esse hábito evidenciava a utilização do sistema hipocrático na cultura cotidiana:

¹⁵² Luis Gomes Ferreira. *Erário Mineral dividido em doze tratados*. Lisboa, Oficina de Miguel Rodrigues, 1735, p.473.

¹⁵³ Márcia Moisés Ribeiro, op.cit, p.70.

¹⁵⁴ Mikhail Bakhtin. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*. São Paulo, Hucitec, Brasília, UNB, 1987.

¹⁵⁵ Ver Karl Von Martius. *Natureza, doenças, medicina e remédios dos índios brasileiros*, p.147. Este autor afirmou que os indígenas enterravam os excrementos, pois acreditavam ter energias ruins. As fezes, o muco nasal, o sangue menstrual, o esperma era algo impuro. Este material poderia ser utilizado em rituais de magia para prejudicar alguém. Sérgio Buarque de Holanda em *Caminhos e Fronteiras*, p.99 afirmou que o uso desses excrementos para fins curativos era utilizado em algumas partes da colônia onde a dificuldade em encontrar medicamentos era enorme.

¹⁵⁶ Márcia Moisés Ribeiro, op. cit., p.75.

¹⁵⁷ Luis Gomes Ferreira. *Erário mineral; dividido em doze tratados*. Lisboa, Oficina de Miguel Rodrigues, 1735, p.188.

¹⁵⁸ Laura de Mello e Souza. *O diabo e a terra de Santa Cruz*, p.166.

*No Brasil, supõe-se que os princípios hipocráticos tenham sido introduzidos pela medicina portuguesa, na qual tiveram ampla penetração, bem como pelos médicos que acompanharam a colonização holandesa. Constantemente realimentadas nos séculos subseqüentes pelo fluxo de idéias em circulação na Europa, de onde provinham os médicos e os manuais que difundiam as regras de higiene e práticas curativas aqui adotadas, acabaram se sedimentando, e medidas como sangrias, purgas, vomitórios, suadouros, fumigações etc. foram intensamente praticadas, especialmente no século XIX.*¹⁵⁹

Influências cósmicas e orações como tratamento

As influências cósmicas ocorriam não apenas na agricultura como nas práticas medicinais. Havia dias, meses e até horas certas para as práticas de cura para que fossem mais eficientes. O que a Natureza oferecesse ao homem deveria ser estudado e utilizado, não apenas as influências cósmicas, mas também a flora e a fauna. O homem deveria saber e explorar a Natureza como fonte de subsistência, não apenas alimentar, mas no campo do conhecimento científico.¹⁶⁰

A saúde sofria influências dos agentes cósmicos, como, por exemplo, do sol, da lua, das chuvas. No final do século XVIII, o Morgado de Mateus relacionou a epidemia de varíola ocorrida em São Paulo a questões relacionadas ao clima:

*Eu atribuo essa intemperança aos contínuos relâmpagos que continuamente se viram cintilar por todos os meses em que por cá costumava ser o inverno, durante esses meteoros até chegarem a formar no hemisfério desta cidade uma terrível trovoadas durante a qual haviam caído tantos, que em catorze lugares tinham causado muitas vítimas.*¹⁶¹

As rezas também eram praticadas para fins curativos, para impedir a ação do mau-olhado, das bruxarias, do ar, das bexigas, dos sarampos, dos venenos ou das dores

¹⁵⁹ Marta Almeida. *Combates sanitários e embates científicos*. Emílio Ribas e a febre amarela em São Paulo. História, Ciências, Saúde_ Manguinhos, Rio de Janeiro, 2000, p.231.

¹⁶⁰ Keith Thomas. *O homem e o mundo natural- mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais(1500-1880)*. São Paulo, Companhia das Letras, 1998, p.33.

¹⁶¹ Apud Duílio Crispin Farina. *Medicina no planalto de Piratininga*. São Paulo, (s.e.), 1981, p.51.

de dentes. O padre Belchior de Pontes rezava e escrevia as rezas para a cura de picadas de cobras. Mas a cura somente ocorria se a reza fosse escrita pelo próprio padre, com sua letra.¹⁶²

Desde cedo os colonos tiveram que descobrir métodos para a cura, pois nas matas havia ataques de animais, picadas de cobras venenosas, aranhas, insetos peçonhentos. Com isso, houve a necessidade em encontrar soluções para casos de envenenamentos. Muitos acreditavam que o veneno tinha uma ligação estreita com a magia.

Foram encontrados documentos que justificam a utilização de rezas para “purificar os ares”, para afastar dos perigos:

*Em nome de Ds. Padre. Em nome de D.s fo. Em nome do Espírito Santo. Ar vivo, Ar morto, ar de estupor, ar de perlesia, ar arenegado, ar escomungado, eu te arenego. Em nome da Santicima trindade q. sayas do corpo desta Creatura, homem ou animal e q. vas parar no mar sagrado pa. Q. viva sam e alliviado. P.N. Maria credo.*¹⁶³

As orações eram praticadas pelos paulistas como forma de proteção. A oração de São Marcos foi muito utilizada pelos colonos do sul de São Paulo:

*São Marcos montou a cavalo e foi bater à porta de Jesus Cristo. Jesus Cristo perguntou o que queria. Senhor, eu vim guerrear com os teus inimigos. Se eles puxarem por armas largas, que são as facas, estas se dobrarão da ponta até o cabo; se eles puxarem por armas estreitas que são espadas, estas virarão batedeiras de algodão; se eles puxarem por armas de fogo, cairão os peixes e correrá água pelo cano; se eles puxarem por armas do mato, que são os porretes, virarão em hóstias. Quem rezar esta oração todas as sextas-feiras terá cem anos de perdão. Amém.*¹⁶⁴

Nota-se que esse tipo de oração era encarada como oração mágica que forneceria o afastamento dos perigos, do ataque dos inimigos. A reza era utilizada tanto para afastar o mau-olhado como para curar uma doença¹⁶⁵ muito grave.

¹⁶² Manuel da Fonseca. *Vida do venerável padre Belchior de Pontes*. São Paulo, 1913, p.33.

¹⁶³ *Documentos interessantes para a história e costumes de São Paulo*, III, 3ed. São Paulo, 1913, p.58. Apud Holanda, S. (2001, 87)

¹⁶⁴ Sérgio Buarque de Holanda. *Caminhos e Fronteiras*. São Paulo. Companhia das Letras, 2001, p.88.

¹⁶⁵ A palavra “doença” significa nos antigos documentos paulistanos qualquer acidente suscetível de causar dor física.

Havia um grupo representante da chamada cura popular que era constituído por curandeiros, rezadores, conhecedores de ervas e raízes, praticantes de simpatias, conselheiros, parteiras e barbeiros que criavam medicamentos próprios, a partir de experiências vivenciadas pelos doentes associadas à experimentação intuitiva. Os receituários populares eram muito bem aceitos pela sociedade colonial. Nas palavras de Maria Célia Paoli, orientadora do trabalho da historiadora Betânia Gonçalves Figueiredo:

... Tão forte é a tradição dessas práticas que, (...), elas invadem a própria invenção médica sobre o corpo doente, como puderam constatar escandalizados viajantes ao observar a recomendação médica das rezas para reforçar os médicos prescritos ou, em outro caso, o apelo às almas de outro mundo em meio a uma cirurgia difícil.¹⁶⁶

As causas das doenças eram misteriosas para os estudiosos da época e por isso, havia tanto interesse em estudar o corpo. Pelo fato de não conhecerem as causas dos males, acreditaram que o corpo doente estaria sujeito a influências de espíritos maus e de práticas de magia.

Já para o saber erudito apenas rezar e proferir palavras divinas não curava doenças. Os médicos não queriam que os leigos tivessem domínio sobre o sagrado. Quem deveria obter domínio do uso do sagrado como forma de curar as pessoas era a cultura letrada:

...A concepção de um mundo que está em constante contato com forças celestes e demoníacas era comum tanto aos estratos populares como às elites cultas a que pertenciam os médicos e o clero. Entretanto, os poderes ligados à Igreja e à medicina reservavam para si o controle do campo mágico.¹⁶⁷

A cultura erudita não queria que os leigos usassem o mundo sobrenatural como forma para curar doenças; defendia a idéia de que para curar era necessário estudar em universidades.

¹⁶⁶ Betânia Figueiredo. *A arte de curar*. Cirurgiões, médicos, boticários e curandeiros no século XIX em Minas Gerais. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2002, p.11.

¹⁶⁷ Márcia Moisés Ribeiro, op. cit., p.93.

Alguns padres para ampliarem a crença no sobrenatural, passaram a colocar alguns nomes de santos e associá-los as curas às determinadas doenças:

*...Santa Brígida curava as dores de cabeça, são Brás as dores de garganta, nas dores generalizadas, santo Adrido era eficientíssimo, nos partos complicados rezava-se para Abelardo, além de outros comumente invocados.*¹⁶⁸

Autoridades passaram a utilizar o poder dos santos para eliminar as epidemias de algumas regiões. O governador de São Paulo em 1773 utilizou o retrato de Nossa Senhora do Carmo como forma para acabar com o surto de doenças que se alastravam nesta região.¹⁶⁹ Águas e pães bentos eram bem acolhidos pela sociedade. Até mesmo os médicos recorriam a rezas para ajudar nos tratamentos, como, por exemplo, o médico português Curvo Semedo:

*Daremos, como digo, um dia depois da lua cheia bebida que receitarei abaixo, com a qual se deve continuar não só todos os dias sucessivos, mas três vezes no dia até chegar o dia da lua nova, e então se deve parar com a dita bebida, até ao dia da lua cheia, e passado um dia depois dela tornaremos a continuar com a dita bebida, e no decurso de dois ou três meses confiem em Deus, que o doente fique são.*¹⁷⁰

Como vimos, este capítulo mostrou a dinâmica de São Paulo em alguns aspectos históricos nos séculos XVI, XVII e XVIII, o que facilita o estudo da província de São Paulo no início do século XIX.

¹⁶⁸ Ibidem, p.97.

¹⁶⁹ Documentos interessantes para a história e costumes de São Paulo, Publicação do Arquivo, v.VIII, p.31. Apud Ribeiro, M. (1997, 97)

¹⁷⁰ João Curvo Semedo, *Compêndio dos segredos medicinais ou remédios curvianos, que inventou e compôs doutor João Curvo Semedo*. Lisboa: Of. De José de Aquino Bulhões, 1783, pp.83, 89 e 122.

Capítulo III: A província de São Paulo (século XIX)

A alimentação e o mercado interno

Em São Paulo é notável a diferença na dinâmica econômica, no cotidiano desta região no início do século XIX: uma realidade bem diversa daquela descrita nos séculos XVI, XVII e XVIII. Em 1815, o território de São Paulo passou a ser uma província.¹⁷¹

No século XIX, ocorreu um intenso povoamento no Oeste da cana-de-açúcar e café e no sul da pecuária e uma maior concentração de vilas no Vale do Paraíba.¹⁷² Houve mudanças na paisagem agrária na capitania de São Paulo em finais do século XVIII e início do século XIX em virtude da intervenção de uma política colonial agressiva nesta região e introdução de uma agricultura lucrativa constituída na produção de monoculturas tropicais para um mercado externo.¹⁷³ O objetivo central era aumentar a produção de mandioca e isso pode ser verificado em uma carta que o governador Lorena recebeu em 1795:

*“manda a mesma Sra (D.Maria I) recomendar muito a VSa a cultura da dita mandioca, e que toda a que não for necessária para a sustentação das famílias, dessa capitania se mande conduzir para este reino.”*¹⁷⁴

Na região de São Paulo houve uma presença mais indígena do que nas outras, logo os paulistas foram muito influenciados pela dieta dos índios. A pesca de água doce foi muito praticada nesta região em vista da abundância de córregos e rios e a população

¹⁷¹ Paula Porta (organização). *História da cidade de São Paulo. A cidade colonial 1554-1822*. São Paulo: Paz e Terra, 2004, p. 663. Ver nota 47: “16.12.1815 – Com a elevação do Brasil a Reino Unido as capitanias passavam a ser denominadas províncias.”

¹⁷² Maria Luíza Marcílio, op. cit., p.143.

¹⁷³ Ibidem, p.179.

¹⁷⁴ Maria Luíza Marcílio, op.cit,p.181.

pobre aproveitava o pequeno espaço que dispunham para desenvolver a criação de porcos para o consumo próprio. O abastecimento desta região chegava, até mesmo, a preocupar as autoridades: os produtos indispensáveis à sobrevivência dos colonos eram comprados de vendedores ambulantes.¹⁷⁵ Isso pode ser verificado nos registros da Câmara Municipal que determinavam ordens para que não faltassem o sal e a farinha. A alimentação paulista era muito frugal, pois a população consumia aquilo que se plantava nas roças, tais como o milho, feijão, farinha de pau, determinadas frutas e o milho era a base da alimentação paulista e também utilizado como medicamento. Fazia-se até mesmo aguardente do milho. Sebastião Oliveira Salgado, lavrador de Santo Amaro afirmou para o Senado da Câmara, ter adquirido aguardente de milho e utilizado para a cura de sarampo em pessoas de sua casa.¹⁷⁶ Mais tarde, o arroz e o feijão passaram a predominar no cardápio e como incremento da dieta, as formigas foram incorporadas nas comidas que se tornaram tradicionais em São Paulo, como por exemplo, os biscoitos de polvilho, pés de moleque, furrundum de cidra, cuscuz de bagre ou camarão, pinhão quente, batata assada ao forno, cará cozido.¹⁷⁷

Segundo Sérgio Buarque de Holanda em *Monções*, o final do século XVIII e início do século XIX na capitania de São Paulo foi marcado pela penúria alimentar: havia “bolsões” populacionais espalhados nessa região e nas lavouras de mantimentos havia pouca diversidade de alimentos:

*Até então, toda a lavoura local resumiram-se em algumas roças de milho, feijão, abóbora, banana e talvez mandioca*¹⁷⁸

Na verdade, não se via com “bons olhos” o incentivo à plantação de cana-de-açúcar perto das lavras auríferas, pois havia o receio de que a partir da propagação desse tipo de produto poderiam surgir engenhos de aguardente, o que causaria desordens e a “perdição dos negros”, visto que traria o vício. Mesmo assim, a partir de 1729 começaram a ter plantações de canas e o fabrico de aguardente em algumas regiões. Este último produto serviu como medicamento na cura de inflamações de barrigas e pernas.

¹⁷⁵ Maria Odila Leite da Silva Dias. *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1995, p. 69.

¹⁷⁶ *Actas da Câmara Municipal de S.P.*, v.XII, p.446.

¹⁷⁷ Sérgio Buarque de Holanda. *Caminhos e Fronteiras*. Rio de Janeiro: Olympio, 1957, p. 57, 184 -185.

¹⁷⁸ Sérgio Buarque de Holanda. *Monções*. São Paulo: Brasiliense, 2000, p. 49.

Além da falta de alimentos disponíveis para o consumo local, havia também a falta de higiene, o que ocasionava o aparecimento de doenças. Juntamente com os porcos, galinhas vieram os ratos “caseiros”. Estes últimos foram considerados pragas nas lavouras:

*Nada mais resistia à faina desses novos invasores, pois destruíram os alimentos, roíam as roupas e inquietavam a todos durante a noite. Para a lavoura chegaram a constituir tremenda praga, acrescentada às muitas que já existiam, de modo que o milho plantado começava a ser devorado por eles antes de nascer...*¹⁷⁹

O crescimento demográfico da região paulista, o desenvolvimento dos campos, da criação de gado, da produção agrícola que tinha como objetivo o abastecimento das minas e do centro urbano do Rio de Janeiro, além do acúmulo de capitais do comércio externo proporcionaram modificações na paisagem agrícola na capitania de São Paulo. Os fazendeiros, elite econômica social e política passaram a desestruturar as regiões constituídas pelo sitiante tradicional da agricultura do autoconsumo, pois visavam desenvolver uma agricultura comercial monocultura, de exportação, constituída pelo trabalho escravo.

Existia toda uma estrutura de abastecimento das capitanias: havia navios exclusivos que chegavam à América Portuguesa com produtos destinados a mercados que os vendiam para as populações locais:

*Abasteciam de alimentos a capitania tanto as próprias zonas fluminenses quanto áreas distantes como o Rio Grande do sul e Santa Catarina. Quatro entre cada dez navios que aportavam estavam abarrotados de produtos como carne-seca, arroz, trigo, milho, feijão, aguardente e outros, destinados sobretudo ao consumo da cidade, mas também aos setores ligados à agroexportação (Fragoso & Florentino, 1990: 28-31).*¹⁸⁰

Muitos desses comerciantes que recebiam essas mercadorias nos portos eram traficantes de escravos, podendo, com isso, deduzir que as atividades desses indivíduos iam além daquelas destinadas ao tráfico:

¹⁷⁹ Sérgio Buarque de Holanda, op.cit., p.51.

¹⁸⁰ Manolo Florentino. *Em costas negras*. Uma história do tráfico de escravos entre a África e o rio de Janeiro. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p.179.

*Entre 9% e 13% daqueles comerciantes marítimos que atuavam no setor de abastecimento através do porto carioca eram traficantes de escravos, estando a eles consignados de 11% a 14% das entradas – generalizando, pode-se situar em 10% sua participação frente ao total de comerciantes, e nos mesmos 10% a proporção de suas consignações frente ao total de consignações destinadas ao mercado interno.*¹⁸¹

Os grandes comerciantes coloniais é que tinham acesso a essas mercadorias vindas dos navios. Já os pequenos submetiam-se aos critérios impostos por esses grandes negociantes. Os almanaques urbanos do século XIX citam alguns nomes de comerciantes que atuavam no mercado carioca, principalmente aqueles que possuíam estabelecimentos comerciais:

*... Entre eles estavam, nas palavras de Rui Vieira da Cunha, tanto os homens de negócio de loja aberta (varejistas), quanto os “de sobrado” – atacadistas propriamente ditos. Ao que parece, o Almanaque de 1829 cinge-se fundamentalmente a estes últimos, ou melhor, àqueles localizados nos principais pólos mercantis do centro da cidade...*¹⁸²

*...Por controlarem a liquidez, estes negociantes de grosso trato pugnavam pela venda em bloco de grandes lotes de mercadorias ainda nos portos. A submissão dos pequenos comerciantes e varejistas do centro receptor ou das áreas do interior lhes era frágil, pois os negociantes de grosso trato controlavam o crédito.*¹⁸³

Além disso, havia pouca circulação de moeda, havia poucas alternativas de investimentos:

... Frágil circulação monetária e grande peso relativo do entesouramento (esterilização temporária de valor) indicam que havia poucas opções de investimento. A monopolização de riqueza, por seu turno, ensejava a emergência de um contexto onde pouquíssimos homens detinham liquidez suficiente para pôr em funcionamento os mecanismos econômicos para além de esferas ultralocalizadas. Daí que a circulação tenha surgido como o grande eixo de acumulação da época. Todos estes fatores seriam traços de um mercado restrito, mesmo que

¹⁸¹ Ibidem, p.180-1.

¹⁸² Ibidem, p.177-8

¹⁸³ Ibidem, p.190.

(ou porque)na sua base se encontrasse uma economia mercantil cujo agente maior_o escravo_era, ele próprio, uma mercadoria...¹⁸⁴

Fernando Novais em *Portugal e Brasil na crise do Antigo Sistema Colonial* comentou que havia uma produção agrícola destinada ao mercado interno e os escravos tinham que plantar, além dos produtos tropicais destinados ao mercado externo, uma quantidade para a sua subsistência.

*...a camada senhorial-empresária tinha necessariamente que procurar reduzir ao mínimo o custo da manutenção da força de trabalho escravizada. Para tanto, procurava fazer com que os escravos produzissem pelo menos uma parcela substancial de sua subsistência dentro da própria unidade produtora para exportação. E assim se inseria, no bojo de uma economia basicamente mercantil, toda uma faixa de produção de subsistência cujo processo se desenrola à margem do mercado.*¹⁸⁵

Havia a necessidade de um mercado interno para que houvesse o abastecimento das populações locais. Havia outras categorias sociais além do senhor e escravo que precisavam das condições mínimas para sobreviver:

*...por outro lado, o próprio funcionamento da produção colonial, exigia outras categorias sociais além do binômio senhor-escravo. Na agro-indústria do açúcar, por exemplo, toda uma gama de operadores, funcionários, etc.; o comércio impunha intermediários, instalações. Tudo resultava, na colônia, na formação dos primeiros aglomerados urbanos...*¹⁸⁶

Há documentos que provam o incentivo da política metropolitana em relação à agricultura de subsistência, desde que respeitassem as ordens estabelecidas. A Coroa tinha consciência da necessidade de manter seus funcionários e os próprios colonos para a realização da agricultura de exportação: a cultura de mandioca era algo que o vice-rei fazia questão de impor, tanto que enviou em 1793 uma carta escrevendo todo um plano para desenvolver esse cultivo.¹⁸⁷

¹⁸⁴ Ibidem, p.189.

¹⁸⁵ Fernando Novais. *Portugal e Brasil na crise do Antigo Sistema Colonial*. São Paulo: HUCITEC, 1979, p.109.

¹⁸⁶ Fernando Novais, op. cit, p.111

¹⁸⁷ Ibidem, p.263.

O desenvolvimento da pecuária, em especial na capitania de São Paulo, exerceu um papel muito importante no contexto histórico colonial, pois trouxe a formação de núcleos populacionais, novas capitanias, freguesias, vilas.

Havia o comércio e o consumo da carne e três grandes zonas desenvolveram esta atividade: os sertões do Norte, a parte meridional de Minas Gerais, as planícies do Sul, incluindo os Campos Gerais (Paraná), o extremo Sul, o Rio Grande. Já a carne suína foi mais aproveitada no Centro-Sul (Rio de Janeiro e São Paulo) como condimento alimentar e Utilizava-se o toucinho e a banha no preparo do feijão.

A sociedade estamental e hierarquizada da América Portuguesa definia bem quem era o senhor e quem era o escravo, o restante ficava sem lugar na organização social e com isso, lutava arduamente pela sobrevivência.¹⁸⁸ Esses homens, mulheres livres tinham que buscar nos trabalhos temporários os meios para conseguirem alimentos para não morrerem de fome. Muitos homens trabalhavam no comércio de ruas, nas pequenas roças.

A alimentação na América Portuguesa era muito deficiente e o abastecimento de alimentos estava relacionado ao cotidiano de homens que viajavam constantemente vendendo alimentos nas diversas regiões do Brasil e que deixavam suas esposas e filhos durante um longo período de tempo sem o apoio financeiro. Essas mulheres, muitas vezes, assumiam o papel de quitandeiras, confeitadeiras, cozinheiras, padeiras, tropeiras para poderem sustentar suas famílias.¹⁸⁹ Os hábitos alimentares relacionavam-se, de certa forma, com a dinâmica do comércio interno dos produtos necessários para a subsistência dos colonos.¹⁹⁰ No entanto, o comércio interno encontrava dificuldades para se expandir, pois o que realmente interessava à Coroa era o desenvolvimento de um sistema monocultor agrícola que visasse o mercado externo.

Note que as mulheres é que preparavam o pão. Era com o trigo produzido em São Paulo e com quantias trazidas pela Coroa que se preparava o pão, que os paulistas consumiam. Affonso de Taunay chegou a classificá-lo como iguaria de luxo, em virtude de ser um alimento caro.¹⁹¹ Verificou-se também, que quando o carregamento de farinha atrasava, as padeiras não tinham como fabricar o pão e a população de São Paulo ficava

¹⁸⁸ Laura de Mello e Souza. *O diabo e a terra de Santa Cruz*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p.72.

¹⁸⁹ Maria Odila. *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1995, p.15, 21, 23 e 26.

¹⁹⁰ Maria Beatriz Nizza da Silva. *Vida privada e cotidiano no Brasil na época de D. Maria I e D. João VI*. Lisboa: Editorial Estampa, 1993, p.220.

sem o produto. As padeiras chegaram até mesmo a serem acusadas de misturar tipos diferentes de farinha e farpas de madeiras no preparo dos pães.¹⁹²

Mesmo o trigo tendo tido toda essa expressão no cotidiano da capitania de São Paulo, o milho é que realmente era a base da alimentação paulista. A farinha de milho era considerada produto mais importante do que a farinha de mandioca e além disso, como já foi dito, era utilizado como remédio:

*Havia ainda a canjica grossa, produzida com o milho seco, quebrado ao pilão que lhe tirava o olho, deixando o mais quase que intacto. Em meados do século XVII, seria esse, conforme o biógrafo de Belchior de Pontes, um “guisado especial de São Paulo” consumido por gente de todas as classes. Não levava, então, qualquer condimento, e isso explica sua fácil aceitação, pois só a falta de sal por aquelas partes poderia ter inventado semelhante manjar.*¹⁹³

Alcântara Machado também comentou sobre o modo como a canjica paulista era preparada, afirmando que neste prato não era colocado sal, visto que era um produto escasso.¹⁹⁴

Até fins do século XVIII, o milho era o alimento que não faltava na alimentação dos paulistas e que fora substituído, mais tarde, pelo arroz. Os sertanistas sabiam preparar diversos pratos tendo como ingrediente principal, o milho.

A carne de porco também era muito apreciada pelos paulistas. Moradores de São Paulo costumavam criar porcos para o consumo próprio e para comerciá-los nas ruas. Ernani Silva Bruno afirma:

*Já se escreveu mesmo que a carne de porco preferida à de boi- ao lado de outros elementos ou traços- indicaria em qualquer região do Brasil a presença de paulistas ou de seus descendentes. Carnes salgadas, sobretudo de porco, sabe-se que em São Paulo se preparavam para exportar para outras partes da colônia e para o Rio da Prata*¹⁹⁵

¹⁹¹ Affonso de Taunay. *História da Villa de São Paulo no século XVIII*. São Paulo: Divisão do Arquivo Histórico, 1951, p.116.

¹⁹² *Actas da Câmara Municipal de São Paulo*, v.XI, p.222.

¹⁹³ Sérgio Buarque de Holanda, op.cit, p.182-3.

¹⁹⁴ Alcântara Machado. *Vida e morte do bandeirante*. Vida e Morte do Bandeirante. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971, p.79.

¹⁹⁵ Ernani Silva Bruno, *História e tradições da cidade de São Paulo*. v.I. Rio de Janeiro: Olympio, 1953, p.257.

Comerciantes vendiam nas ruas de São Paulo laranjas, limões, melancias, marmelos, abóboras, melões, bananas. Algumas frutas vinham de Portugal, tais como maçãs, pêssegos, nozes e amoras. A população chegava até mesmo a desenvolver a produção de vinho em seus quintais, visto que era usado como remédio no tratamento de sarampo e varíola.¹⁹⁶

Em fins do século XVIII, a caça de veado e paca passou a ser uma “mania” entre os paulistas. Há indícios de que os métodos utilizados para tal empreendimento eram, em sua maioria, de origem indígena. Mesmo assim, a pesca é que era o alimento presente na mesa dos paulistas. Talvez pela grande quantidade de rios e córregos, a pesca de água doce foi a que predominou. Segundo Affonso de E. Taunay nos rios de São Paulo, pescadores pescavam traíras, lambaris e trairões.¹⁹⁷

O desenvolvimento da produção agrícola não era importante apenas para atender as exigências do mercado externo, visto que também influenciava na própria dinâmica do consumo interno. Os colonos buscavam meios para não passarem fome, mesmo que para isso tivessem que plantar em terras consideradas inférteis e aqueles que não se enquadravam no binômio fazendeiro-escravo, tinham que, através de improvisos, garantirem sua sobrevivência, seja atuando no mercado interno, em estabelecimentos comerciais, ou como vendedores ambulantes. Alimentar-se, na época colonial, estava relacionado não apenas em satisfazer uma necessidade biológica, mas também a toda uma estrutura que envolvia o cotidiano dos habitantes da América Portuguesa.

João Luís Fragozo comentou sobre o conceito de acumulação endógena desenvolvido na colônia, o que nos levou a perceber a lógica do sistema voltada para o comércio interno de abastecimento. Em especial na região Sudeste, havia segmentos produtivos destinados ao mercado doméstico.

Através da pesquisa em inventários, escrituras públicas, registros do porto do Rio de Janeiro e de tropeiros, relatórios e almanaques, o autor conseguiu estudar quais foram os mecanismos de enriquecimento de fazendeiros e comerciantes ao focar-se na Praça do Rio de Janeiro e seus homens de “grossa aventura”. Esse estudo também permitiu verificar como era a dinâmica econômica de São Paulo e Minas Gerais; havia formas de acumulação que perpassavam a economia escravista colonial no final do século XVIII e início do século XIX.¹⁹⁸

¹⁹⁶ Ernani Silva Bruno, op.cit, *VI*, pp:263-264.

¹⁹⁷ Affonso de E. Taunay, op. cit., p.159.

¹⁹⁸ João Fragozo. *Homens de grossa aventura*. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 1998, p.12 e 13.

O trabalho deste autor permitiu verificar mecanismos da economia colonial que vão além de uma *plantation* escravista-exportadora e mostrou a existência do espaço colonial gerado de uma sociedade e de uma economia cujos “ritmos e flutuação” não são determinados exclusivamente de fora, há toda uma dinâmica interna colonial que deve ser mostrada. Parte da acumulação mercantil produzida nas províncias coloniais não era transferida para a metrópole, era reaplicada aqui mesmo.¹⁹⁹

Fragoso notou que da mesma forma como comerciantes investiam no campo, fazendo parte da aristocracia escravocrata, o lucro mercantil garantia a existência do escravismo.

Durante a primeira metade do século XIX, Portugal passava por uma crise econômica, no entanto, verificou-se que esse quadro recessivo não atingia o Brasil, logo se pode pensar que a dinâmica econômica interna era expressiva; tinha suas especificidades que garantiam a sobrevivência dos colonos. Havia acumulações endógenas no espaço colonial e verificou-se que no período de 1799 a 1811, os preços dos produtos coloniais, como a farinha e o charque eram superiores aos do açúcar branco exportado.²⁰⁰ Fragoso também observou que isso não ocorreu em virtude da vinda da Corte portuguesa ao Brasil em 1808, pois esse quadro positivo da economia colonial já existia.

Com isso, foi possível verificar que a economia colonial é muito mais complexa do que uma *plantation* escravista, submetida ao contexto internacional; há um mercado interno colonial de produções para ele voltado que colocam São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e outras províncias dentro de uma dinâmica muito forte internamente.

Não queremos dizer que a economia colonial não era escravista, exportadora e que não estava ligada ao mercado internacional, mas deve-se verificar que além desses traços, havia dentro da colônia formas de produção, um mercado interno onde se fazia as acumulações endógenas, onde havia as próprias flutuações econômicas. Todo esse capital interno gerou o nascimento de um grupo mercantil residente que passou a participar ativamente na economia colonial. Esse grupo de negociantes apropriava-se de parte do excedente gerado nas acumulações endógenas e na reiteração da agroexportação e controlava o processo de reprodução da economia colonial.²⁰¹

¹⁹⁹ Ibidem, p.12 e 13.

²⁰⁰ Ibidem, p.20.

²⁰¹ João Luís Fragoso. *Homens de grossa aventura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998, p.40.

O autor destacou o fato de Portugal ser, na época, um país pequeno, com escassos recursos materiais e financeiros e que não tinha condições de abastecer de maneira satisfatória o Brasil com produtos manufaturados e alimentos, o que permitiu a colônia o seu desenvolvimento interno e a implantação de uma produção mercantil de alimentos e a retenção de excedentes. O lucro metropolitano estava na revenda de mercadorias coloniais para mercados europeus e na importação-exportação de têxteis europeus para o mercado colonial.²⁰²

Na virada do século XVIII para o XIX, verificou-se a estabilidade de segmentos mercantis em São Paulo. A decadência da mineração em Minas Gerais a partir de 1760 não influenciou no desenvolvimento da província de São Paulo, pelo contrário, houve um crescimento econômico e populacional nessa região.²⁰³ Este crescimento estava associado à introdução e aumento da agroexportação no território paulista, tendo como consequência uma maior demanda de alimentos e a manutenção de um comércio internacional. O crescimento urbano acelerou a transição de uma produção de subsistência para uma agricultura fornecedora de alimentos para o mercado interno paulista. Houve a especialização de determinados cultivos e a presença de fluxos de comércio interno entre São Paulo e as regiões do Sudeste:

*“Apesar de 90% do valor das vendas paulistas (1813-1821), pelo Porto de Santos ser constituído pelo açúcar, em 1812, ao redor de 24% das consignações de produtos paulistas em navios que atracaram no porto carioca eram de alimentos como farinha e feijão, dentre outros.”*²⁰⁴

Através de estudos, verificou-se que no início do século XIX uma parcela pequena da população paulista estava ligada com a produção para o mercado internacional; grande parte dos chefes de domicílios de São Paulo era lavradores e lavrador-criadores.²⁰⁵ Esses lavradores desenvolviam atividades de subsistência (agricultura de autoconsumo) e no fornecimento de alimentos para o mercado interno. A pecuária paulista concentrava-se nas vilas da estrada do Sul (rota do Viamão), incluindo parte do atual Estado do Paraná.²⁰⁶

Não predominava em São Paulo a agroexportação escravista. A economia paulista centrou-se na produção de subsistência e na dinâmica do mercado interno colonial.

²⁰² Ibidem, p.84.

²⁰³ Ibidem, p.135.

²⁰⁴ Gazeta do Rio de Janeiro, 1812. Seção de Periódicos, Biblioteca Nacional. Apud Fragoso, L.(1998, 136).

²⁰⁵ João Luís Fragoso. *Homens de grossa aventura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998, p.137.

²⁰⁶ Ibidem, p.138.

Havia pouco escravo e o trabalho familiar predominava. O comércio terrestre era muito expressivo; havia a venda bovina, eqüina e de mulas. Esse quadro revela a capacidade de geração de riqueza que a Província de São Paulo possuía.

Verificou-se que a existência desse mercado doméstico e o aproveitamento de parte dos mecanismos da agroexportação possibilitaram as acumulações endógenas. Ao obter mulas, porcos etc., a *plantation* permitia o desenvolvimento da produção mercantil e do excedente contido nela: das unidades produtoras desses porcos e mulas. Uma parte do excedente colonial, produzido pela agroexportação permanecia na própria economia colonial.

A arte de curar

Em relação à arte de curar, é certo que a botânica ainda não era uma área de conhecimento autônoma, logo se estudavam as plantas com o intuito medicinal: as plantas deveriam ser utilizadas como remédios.²⁰⁷ Somente em 1814 é que foi estabelecida a disciplina de Botânica na Escola Anatômico, Médico-Cirúrgica do Rio de Janeiro, fundada em 1808.²⁰⁸

O século XIX foi uma época caracterizada pela introdução da medicina em algumas regiões da América Portuguesa. No entanto, o que predominava era uma pluralidade de modos de cura e de maneiras de intervenção sobre o corpo doente, que eram questionadas pelos médicos diplomados. Havia uma tensão muito grande entre os métodos acadêmicos e as receitas dos curandeiros para a cura de determinadas doenças. A convivência estranha entre os elementos da tradição cultural colonial com as atividades trazidas pelo discurso científico levou a questionamentos sobre assuntos ligados à saúde, como a restrição imposta pelos acadêmicos àqueles que falavam sobre doenças e curas.²⁰⁹ Somente em fins da primeira metade do século XIX, que a medicina fixou-se como ciência na sociedade colonial e ocorreu a fundação de faculdades.²¹⁰

Durante o século XIX, a cura popular continuou a ser bem aceita pelas pessoas da colônia e de acordo com Keith Thomas²¹¹, esse tipo de cura era caracterizado por

²⁰⁷ Ibidem, p.62.

²⁰⁸ Ibidem, p.203-4.

²⁰⁹ Betânia Gonçalves Figueiredo. *A arte de curar*. Cirurgiões, médicos, boticários e curandeiros no século XIX em Minas Gerais. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2002, p.9.

²¹⁰ Vera Regina Beltrão Marques. *Natureza em Boiões*. Medicinas e boticários no Brasil setecentista. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1999, p.27.

²¹¹ Keith Thomas. *Religião e declínio da magia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p.159.

possuir uma fórmula de encanto, de medicamento e um modo especial de tratamento existente entre doente e curador. O curandeiro envolvia-se com o problema do doente, fazia com que o paciente confiasse nele e possuía uma maneira ampliada de curar. Esse universo de cura popular foi muito criticado pelos médicos e intelectuais. Vejamos a definição feita por um curandeiro no dicionário de Domingos Vieira:

*Curandeiro é um termo popular para “charlatão, que vende remédios secretos, que trata as doenças com supostos segredos, sem ter conhecimentos médicos.”*²¹²

Os barbeiros e cirurgiões utilizavam em suas práticas, ainda no começo do século XIX as famosas sanguessugas que eram colocadas nos doentes no local onde deveria ser retirado o sangue.²¹³ Estudiosos da história da medicina colonial brasileira como Lycurgo Santos Filho²¹⁴ e Pedro Nava²¹⁵ destacaram que as sangrias e os purgativos eram muito utilizados por aqueles envolvidos na arte de cura.

O boticário colonial era considerado um mediador entre o saber médico e o universo da cura popular. A definição de “boticário” destacada pela historiadora Vera Regina Beltrão em *Natureza em boiões*, apesar de concisa, vale a pena ser observada: “Boticário - O que tem botica, vende drogas medicinais, e faz mezinhas. Os boticários são cozinheiros dos médicos, cozem e temperam quando nas receitas lhes ordenam.”²¹⁶

Esse verbete foi escrito por Raphael Bluteau, um médico que defendia o conhecimento acadêmico e considerava os boticários apenas como cozinheiros, pessoas que não compreendiam o universo da cura, apenas eram úteis para o preparo dos remédios, desde que seguissem as prescrições médicas.

Na teoria, os boticários deveriam possuir uma carta de autorização do físico-mor do reino e somente dessa forma, poderiam abrir uma botica. No entanto, muitos donos de boticas não possuíam conhecimentos em relação às práticas de cura; eram incapazes de trabalhar como boticários. Eles receberam as boticas como herança e não tinham qualquer tipo de qualificação para exercer a função de donos de lojas de drogas.

²¹² Ver Domingues Vieira. *Grande dicionário português ou tesouro da língua portuguesa de 1871*.

²¹³ Vera Regina Beltrão Marques. *Natureza em Boiões*. Medicinas e boticários no Brasil setecentista. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1999, p.139.

²¹⁴ Ver Lycurgo Santos Filho, *História geral da medicina brasileira*.

²¹⁵ Ver Pedro Nava, “Capítulos da história da medicina no Brasil”, *Separata Brasil Médico-cirúrgico*, 1949.

²¹⁶ Verboete pesquisado em Raphael Bluteau, *Vocabulário português e Latino*, edição de 1712, vol. II, pp.169-170.

Como demonstra a análise de inventários e testamentos da época, final do século XVIII e início do século XIX, os boticários receitavam os componentes das receitas, faziam as cobranças dos medicamentos, diagnosticavam o mal físico e preparavam os medicamentos. O boticário era encarado como médico. Vê-se nos inventários que eles liam *Medicina Clínica e/ou Clínica Médica, Manual de Anatomia, Medicina Prática, Preceitos da Medicina, Tratado de nervos e princípios de cirurgia*.²¹⁷

A caixa de botica, uma espécie de arca de madeira que possuía medicamentos, era muito utilizada pelos colonos que além de terem em seus lares também as levavam nas viagens.

Na província de São Paulo havia muitas lojas de barbeiros que comercializavam drogas e produtos terapêuticos. Têm-se notícia que as primeiras boticas, nesta região, surgiram no início do século XVIII e nestes locais eram vendidos remédios, mezinhas, aplicavam sanguessugas, manipulavam drogas.²¹⁸

No século XIX, quando as boticas foram se aperfeiçoando como casas de manipulação de remédios e tomando uma dimensão maior, a fiscalização metropolitana passou a atuar. Os delegados da autoridade reinol examinavam o estado e a qualidade das substâncias medicamentosas e verificavam a limpeza dos estabelecimentos. Essa fiscalização ocorria mais no Rio de Janeiro, pois pelo fato da província de São Paulo estar mais distante, a fiscalização metropolitana era menor.

As boticas paulistas tornaram-se, além de locais de venda de medicamentos, ponto de reuniões dos homens que discutiam diversos assuntos. O boticário normalmente residia nos fundos, sozinho ou com sua família. Na sala da frente, localizavam-se as drogas a serem vendidas, que ficavam enfileiradas nas prateleiras. Havia potes etiquetados contendo ugüentos, pomadas, xaropes e caixinhas de madeira com pílulas. Em uma outra sala em que o público não tinha acesso, eram manipulados

²¹⁷ Todos esses títulos foram coletados no inventário de Antônio Emílio Gomes Britto, de Itabira, que faleceu em 1842. Inventário Cx 03/1843. Britto, Antônio Emílio Gomes de (inventário de) e Souza, Beatriz Pereira de (inventariante) falecido em 1.5.1842. Apud Figueiredo, Betânia. “O arranjo das drogas nas boticas e farmácias mineiras entre os séculos XVIII e XIX.” In Henrique Carneiro e Renato Pinto Venâncio. *Álcool e drogas na história do Brasil*. São Paulo: Alameda, Belo Horizonte: Editora PUCMinas, 2005, p.145.

²¹⁸ Palomba, Guido Arturo. “Boticas e medicamentos.” In Guido Arturo Palomba, Ivomar Gomes Duarte e outros (coordenadores). *450 anos de história da medicina paulistana*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004, p.34.

os medicamentos. Ao lado dos remédios, muitas vezes ofereciam-se as sanguessugas, as comadres e o frango para fazer o caldo para o restabelecimento dos doentes.²¹⁹

O viajante Johann Emanuel Pohl, no início do século XIX, em sua viagem pelo interior da América Portuguesa observou que em relação à assistência médica sentia dó dos habitantes por não possuírem médicos nem farmácias.²²⁰

Foi verificada a presença de títulos relacionados à manipulação de medicamentos e ao universo da cura de maneira geral, não apenas nos inventários dos boticários, mas de homens sem nenhuma prática no campo da saúde:

*Na Freguesia de Santo Antonio do Rio das velhas, comarca de Sabará, no inventário do padre José Luiz Soto, encontramos entre seus bens diversos livros religiosos. Mas não apenas de textos religiosos vivia o padre Soto, pois entre os seus livros encontramos o Erário mineral de Luís Gomes Ferreira. O Erário mineral é o único título relacionado à saúde.*²²¹

Os manuais de saúde circulavam pelo Brasil nos séculos XVIII e XIX com diversos títulos e autores de diferentes nacionalidades que buscavam informar à população, na ausência de um profissional de saúde: “... Títulos os mais diversos, autores de nacionalidades distintas, todos procuravam atender uma população que, na ausência de uma estrutura confiável de apoio, distante dos centros com médicos e cirurgiões, buscava nos manuais como proceder nos momentos delicados do corpo, em casos de acidentes, doença mal-estar.”²²²

No século XVIII, as pessoas passaram a acreditar que o medicamento deveria ser preparado de forma individualizada e constituído por diversos elementos. Essa idéia somente foi modificada no final deste mesmo século.²²³

Muitas das fórmulas descobertas para a cura de determinadas doenças eram mantidas em segredo e havia um grupo que monopolizava o modo como os

²¹⁹ Palomba, Guido Arturo. “Boticas e medicamentos”. In Guido Arturo Palomba, Ivomar Gomes Duarte e outros (coordenadores). *450 anos de história da medicina paulistana*. São Paulo: Imprensa Oficial Do Estado de São Paulo, 2004, p.36.

²²⁰ Johann Emanuel Pohl. *Viagem ao interior do Brasil*. São Paulo, Edusp/ Belo Horizonte, Itatiaia, 1976, p.102

²²¹ Figueiredo, Betânia. “O arranjo das drogas nas boticas e farmácias mineiras entre os séculos XVIII e XIX.” In Renato Pinto Venâncio e Henrique Carneiro. *Álcool e drogas na história do Brasil*. São Paulo: Alameda; Belo Horizonte: Editora PUCMinas, 2005, p.145.

²²² Figueiredo, Betânia. “O arranjo das drogas nas boticas e farmácias mineiras entre os séculos XVIII e XIX.” In Renato Venâncio e Henrique Carneiro. *Álcool e drogas na história do Brasil*. São Paulo: Alameda; Belo Horizonte: Editora PUCMinas, 2005, p.145-6.

medicamentos eram preparados, talvez por receio à concorrência, ou para garantir o sucesso de seus remédios.²²⁴

João Curvo Semedo, médico português, era um mestre na preparação de remédios de segredo: os componentes dos remédios não poderiam ser revelados. Os segredistas faziam de tudo para que suas fórmulas ficassem famosas através das curas que as pessoas obtinham. Havia uma propaganda escrita, distribuída nas ruas sobre a eficiência de determinado medicamento e os preparadores de fórmulas secretas também as divulgavam em propagandas nos jornais da Metrópole no século XIX.²²⁵

Os medicamentos secretos eram produzidos em uma quantidade expressiva. Como suas fórmulas tinham que ser mantidas em segredo, não podiam ser produzidas nas boticas, logo esses medicamentos eram feitos nas casas de seus criadores, onde também eram vendidos.

Havia índios, africanos que produziam esses medicamentos de segredo e que foram muito criticados pelos médicos e autoridades coloniais. Muitos negros que preparavam medicamentos de segredo foram severamente punidos:

*Em 1741, por exemplo, o governador de Pernambuco, Henrique Luís Pereira Freire, apressava-se em escrever ao rei para dar-lhe a notícia da prisão de alguns feiticeiros da capitania. Eles preparavam secretamente uma bebida chamada “jurema”. Segundo o governador, tratava-se de poção “muito perigosa”. Certamente seus formuladores eram escravos, ou indígenas, daí multiplicar-se a periculosidade alardeada pelo governador, pois a jurema era uma bebida que continha ervas psicotrópicas tensioativas. O uso do vinho da jurema tinha a função de curar infecções, agindo também como abortivo. Entre os indígenas, era utilizado para proporcionar alucinações com o intuito de oferecer visões acerca do mundo dos espíritos.*²²⁶

O purgante *Le Roy*, remédio secreto condenado pela Academia de Medicina de Paris, foi muito utilizado no Brasil. Os remédios secretos foram muito apreciados pela

²²³ Gilberto Freyre. *Casa Grande e Senzala*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1964, p.112.

²²⁴ Betânia Figueiredo. *A arte de curar*. Cirurgiões, médicos, boticários e curandeiros no século XIX em Minas Gerais. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2002, p.109.

²²⁵ Vera Regina Beltrão Marques, “Medicamentos secretos: saberes e poderes”, *Cadernos de História Social*, nº 5, abr., 1997.

²²⁶ Marques, Vera. “Medicinas Secretas.” In Sidney Challoub e outros (org). *Artes e ofícios de curar no Brasil*. Campinas, S.P.: Editora da UNICAMP, 2003, p.171.

sociedade colonial. Médicos, cirurgiões, boticários e curandeiros eram a favor dos remédios individualizados; suas fórmulas deveriam ser mantidas em segredo.

Pelo fato do conhecimento acadêmico conviver com as práticas tradicionais de cura, pode-se pensar que esses universos distintos de alguma forma interagiam produzindo um conhecimento mais ampliado sobre determinada doença. Alguns curadores chegavam a consultar manuais e guias de saúde, elaborados por médicos.²²⁷

Quando houvesse alguma dúvida nos procedimentos a serem desenvolvidos para curar determinada doença, os agentes da saúde recorriam ao *Guia Prático de Saúde* de Chernovitz, uma das publicações populares mais bem aceita no século XIX.

As práticas populares de cura não eram mal vistas pela cultura erudita, desde que os agentes desse tipo de prática utilizassem para medicar apenas produtos oferecidos pela natureza: ervas, raízes, frutas. Era considerado ilegal prescrever medicamentos vinculados ao saber médico oficial.

No entanto, os praticantes vinculados aos processos terapêuticos populares conseguiam desviar das normas e da fiscalização das Câmaras Municipais e continuavam a desenvolver seu ofício.

Alguns médicos, em meados do século XIX, passaram a condenar as práticas populares de cura, principalmente porque estes “roubavam” seus pacientes. Os mezinheiros e os curandeiros passaram a ser perseguidos pela medicina acadêmica. O dr. Langaard os chamava de charlatães :

Não posso deixar de notar a nenhuma consideração que o governo dá a classe médica, muito especialmente em épocas calamitosas, flagelados por epidemias, protegendo antes pelo contrário os curandeiros e charlatães, esse cancro da sociedade brasileira, enquanto em todos os países se persegue e se procura extirpar esse grande mal, esses aventureiros que especulam com a saúde e vida da humanidade, são eles aqui nomeados e empregados cirurgiães mores da guarda nacional, exercendo deste modo impunemente a sua industriosa profissão, cloroformizando até morrer, fazendo operações sem nenhum conhecimento de anatomia ou do perigo que expõe os doentes, dando doses exageradas de veneno e vê-se desse modo sancionado o assassinio, contando que esses crimes sejam praticados por indivíduos que se intitulam médicos, não aproveitando o mesmo

²²⁷ Betânia Figueiredo. *A arte de curar: cirurgiões, médicos, boticários e curandeiros no século XIX em Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2002, p. 24.

*governo um pessoal tão distinto, homens de talento e profissionais que consta no seu seio e que vivem oprimidos por aqueles.*²²⁸

É certo que os agentes da cura popular exerciam suas atividades e eram reconhecidos pelos seus conhecimentos medicinais até 1828, durante a Fisicatura no Brasil. Somente a partir de 1830 que os médicos foram querendo cada vez mais se distanciar das atividades dos curandeiros, mezinheiros, raizeiros, justamente para selecionar quem é que detinha o conhecimento medicinal e quem realmente poderia tratar o doente com sabedoria e eficiência. Para os acadêmicos, somente aqueles que possuísem o diploma de médico é que estavam aptos a diagnosticar. No entanto, a prática popular continuou existindo e seus agentes praticavam suas funções, mesmo durante o século XIX.²²⁹

Para popularizar a medicina e reduzir a expressão das crenças em curas populares, médicos começaram a escrever periódicos:

*O pouco apreço que a população em geral manifestava pela medicina inspirou uma outra série de artigos publicados na Revista Médica Brasileira imediatamente após o seu lançamento, ocorrido em 1841. Sempre de forma didática, os artigos procuravam esclarecer os leitores sobre diversos assuntos, tais como a inconveniência do uso de remédios secretos, o perigo do misticismo em medicina, a intolerância em medicina, a posição social do médico e, finalmente, os preconceitos populares contra a medicina.*²³⁰

É importante destacar que não eram somente os médicos que criticavam o trabalho desenvolvido pelos agentes da cura popular. O contrário também ocorria. Isso pode ser verificado nas piadas destacadas no jornal da época *Opinião Liberal*:

²²⁸ Xavier, Regina. “Dos males e suas curas.” In Sidney Challoub e outros (org). *Artes e ofícios de curar no Brasil*. Campinas, S.P.: Editora da Unicamp, 2003, p. 337. Ver Arquivo do Estado de São Paulo, Ofícios diversos de Campinas, nº ordem 856, lata 62.

²²⁹ Para saber mais sobre a atuação da Fisicatura ver Tânia Salgado Pimenta, *Artes de curar: um estudo a partir da Fisicatura-mor no Brasil do começo do século XIX*. Dissertação de mestrado, UNICAMP. Campinas, 1997.

²³⁰ Ferreira, Luiz Otávio. “Medicina impopular: ciência médica e medicina popular nas páginas dos periódicos científicos (1830-1840).” in Sidney Challoub e outros (org). *Artes e ofícios de curar no Brasil*. Campinas, S.P.: Editora da UNICAMP, p.116. Os artigos podem ser encontrados em publicações feitas na Revista Médica Brasileira nos anos de 1841 e 1842.

Um Dr. Célebre em medicina deplorava numa sociedade a morte de um colega, que sucumbira prematuramente.

— *E contudo, dizia ele, não morreu por falta de cuidados. Eu, o Dr. Fulano e o Dr. Sicrano, não o abandonamos um só momento nos últimos dias de sua doença.*

— *Pobre rapaz, exclama um dos assistentes; que havia ele de fazer contra três!*²³¹

Na América Portuguesa, no final do século XVIII houve a circulação dos dicionários e manuais de medicina para o público leigo, que na verdade eram versões estrangeiras adaptadas ao contexto da colônia. Já no século XIX, vários tipos de dicionários e manuais eram publicados, inclusive os de medicina familiar. O dr. Chernovitz em *Formulário e guia médico* buscou a popularização da medicina. Ele conseguiu oferecer ao público leigo, informações básicas sobre como curar determinadas doenças no cotidiano através da publicação do *Dicionário da medicina popular*.

Pode-se dizer que o afastamento cultural entre as medicinas culta e popular ocorreu quando foi implantado o ensino médico no Brasil em 1832 pelo governo imperial. As antigas escolas de cirurgia foram substituídas pelas faculdades de medicina.

Com a lei que substituíra as academias médico-cirúrgicas em faculdades de medicina, estas instituições passaram a emitir títulos de doutor em medicina, de farmacêutico e de parteira, o que fez com que o título de sangrador não fosse mais concedido e as câmaras não registravam mais as cartas expedidas pela Fisicatura.²³²

No entanto, verificou-se que durante o século XIX a medicina ainda encontrava dificuldades para impor os seus conhecimentos científicos: “... pelo menos durante grande parte do século XIX, a atuação das escolas médicas no esforço de expansão quantitativa e de renovação epistemológica da medicina ficou muito aquém da expectativa. A tentativa de copiar o modelo clínico-hospitalar francês fracassou devido ao rígido controle político administrativo exercido pela burocracia imperial e também por causa da ausência de uma cultura científica solidamente estabelecida que pudesse contrapor-se ao clientelismo ostensivamente assumido por professores e alunos.”²³³

²³¹ *Opinião Liberal*, 13 de outubro, 1881. Apud Xavier, R. (2003, 331)

²³² Lei de 3/10/1832, *Coleção de leis do Brasil*. Apud Pimenta, Tânia (2003, 317)

²³³ Flavio Coelho Edler, *As reformas do ensino médico e a profissionalização da medicina na corte do Rio de Janeiro, 1854-1884*. Dissertação de mestrado, faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas,

As sociedades de medicina tentaram forjar uma opinião pública em relação às questões de saúde do Brasil através da publicação de periódicos: *Propagador das Ciências Médicas* (1827-1828), *Seminário de Saúde Pública* (1831-1833), *Diário de Saúde* (1835-1836), e *Revista Médica Fluminense* (1835-1841) e *revista Médica Brasileira* (1841-1843). No entanto, o seu público leitor era restrito, o que dificultava a propagação das idéias da medicina acadêmica.

Mesmo com tudo isso, ainda em 1830 via-se a publicidade de serviços de sangradores e venda de sanguessugas nos periódicos, que indicavam a venda e o aluguel de escravos sangradores/barbeiros:

*Na rua detrás do Hospício n.73, vende-se um preto barbeiro ainda rapaz, sangrador, tem boa vista, e sem vícios, nem moléstia, por seu Sr. Se retirar para fora do Império.*²³⁴

*Bichas de superior qualidade, vendem-se aos milheiros, centos e a varejo, e também se aplicam por preços cômodos; no depósito da rua da Alfândega n.15.*²³⁵

É bom destacar, que o ato de sangrar continuava importante para o médico, mesmo sendo o ofício de sangrador algo mecânico. Mas, os médicos começaram a questionar as habilidades dos sangradores; acreditavam que muitos dos sangradores não praticavam seus ofícios com sabedoria, o que levava a morte de pessoas. Em 1832 a Sociedade de Medicina encaminhou um ofício para o ministro de Estado do Negócios, pedindo para que as leis fossem cumpridas:

*Serem franca, e impunemente exercidas estas profissões (sangrador e dentista, associadas ao ofício de barbeiro) não só por homens livres, ainda que ignorantes, e sem princípios, como também por escravos ainda boçais, por comissão de seus Senhores, dando lugar a inconvenientes bem desagradáveis, e mui tristes, que se tem efeito reparáveis nestes últimos tempos, sem que por ora tenha havido exemplo algum de punição contra os infratores das Leis que existem.*²³⁶

Universidade de São Paulo. São Paulo, 1994. Em relação ao clientelismo na reprodução da elite médica brasileira, ver Odaci Luiz Coradini, "Grandes famílias na medicina do Brasil", *História, Ciência, Saúde_Manguinhos*, volIII, nº 3, 1997, pp.425-66.

²³⁴ *Jornal do Commercio*, 22 fev., 1833. Apud Pimenta, T. (2003, 318)

²³⁵ *Jornal do Commercio*, 21 abr., 1833. Apud Pimenta, T. (2003, 318)

²³⁶ AGCRJ. Código 50-1-4(Sangradores__Requerimentos da SMRJ sobre barbeiros). Apud Pimenta, T. (2003, 319).

Muitas pessoas passaram a ser atuadas por desenvolver ofícios sem habilitação. Os médicos criticavam a atuação de curadores que desenvolviam fórmulas sem o menor conhecimento teórico sobre tratamento medicinal. Mesmo assim, os anúncios em jornais continuavam, em especial, sobre as novas descobertas:

*Nova descoberta. Esta nova descoberta, feita pelo Sr. Antônio Gomes, é um remédio eficaz para curar chagas e impigens novas e antigas, e qual tem provado muito bem, e se pode fazer e ver ao público por pessoas que o têm tomado e hoje se acham perfeitas de saúde; acha-se em casa do seu autor Sr. Antonio Gomes, na rua dos Barbonos n.76.*²³⁷

Em 1885 existiam em São Paulo seis farmácias: as de Joaquim Pires de Albuquerque Jordão (Rua do Comércio), Júlio Lehmann (Largo do Palácio), Luiz Maria da Paixão (no Hospital da Misericórdia), Manoel Rodrigues da Fonseca Rosa (Rua do Ouvidor), Antonio José de Oliveira (rua Direita) e Gustavo Schaumann (rua São Bento). A farmácia fundada por este último é a tradicional botica *Ao Veado de Ouro*, que perdura até os dias atuais.

No final do século XIX, os farmacêuticos faziam propagandas dos produtos de seus estabelecimentos:

Diabetes

A grande diminuição da mortalidade nas pessoas diabéticas provem em grande parte do uso da alimentação de Glúten. Nossos productos, agradáveis ao paladar, também têm a vantagem de se conservar por muito tempo em perfeito estado e serem de qualidade superior, pelo que obtiveram uma Medalha de prata em 1889 e um Diploma de honra em 1892.

Pão de Glúten

Especialidade de Pães de diversas formas, Biscoitos de rainha, Mignonnetes, Bolos, farinha. Maçarão, Letria. Massas para sopas, tapioca Semoula, Granulados, Gluteína, Chocolate sem assucar

Mande-se grátis o Preço corrente e a noticia a quem pedir

Fabrica:5, rua Barbette, Pariz

*Marque de fabrique: 20 anos de sucesso*²³⁸

²³⁷ *Jornal do Commercio*, 20 abr., 1842. Apud Pimenta, T. (2003, 321).

²³⁸ Chernoviz, Pedro Luiz Napoleão. *Dicionário de Medicina Popular de Chernoviz*. 16.ed.Pariz: Livraria de A. Roger e F. Chernoviz, 1897. Apud Guido Arturo (2004, 35).

Após esse texto, foi possível verificar que as bases sócio-culturais da medicina colonial foram constituídas pela interação de três tradições culturais distintas: a indígena, a africana e a européia, com pouca participação dos profissionais de formação acadêmica. No dia-a-dia até meados do século XIX, a medicina era praticada pelos curandeiros, feitiçeiros, raizeiros, benzedores, padres, barbeiros, parteiras, sangradores, boticários e cirurgiões.²³⁹ A medicina culta assemelhava-se à medicina popular, pois nos tratamentos coexistiam o natural e o sobrenatural, a experiência e a crença.

A fiscalização metropolitana

As autoridades coloniais representadas pelos físico-mor e cirurgião-mor do reino começaram a partir de meados do século XVIII a fiscalizarem as práticas médicas da colônia, inclusive o comércio de medicamentos. Podemos observar isso no regimento de 1744. Este regimento estabelecia que:

*Todo boticário do Brasil possuísse listas dos medicamentos com os respectivos valores e mostrassem-nas a quem quisesse vê-las. Seus custos não eram os mesmos em toda a extensão colonial; as variações eram significativas entre as regiões costeiras e o interior.*²⁴⁰

Muitos dos boticários da colônia, a princípio, por não possuírem conhecimento em história natural e de química, importavam o arsenal terapêutico da metrópole. Os medicamentos importados pelo fato de ficarem em locais insalubres nos navios durante a viagem para a América Portuguesa estragavam. Na maioria das vezes, esses remédios ficavam durante muito tempo em prateleiras nas lojas de drogas sem nenhum cuidado necessário para sua preservação e com isso, apodreciam.

²³⁹ Ferreira, Luiz Otávio. “Medicina impopular: ciência médica e medicina popular nas páginas dos periódicos científicos (1830-1840).” in Sidney Challoub, Vera Regina Beltrão, Gabriela dos Reis Sampaio e Carlos Roberto Galvão (org). *Artes e ofícios de curar no Brasil*. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 2003, p.101.

²⁴⁰ Márcia Moisés Ribeiro. *A ciência dos trópicos, a arte médica no Brasil no século XVIII*. São Paulo: Hucitec, 1997, p.31.

Note que as autoridades enviadas pela metrópole para fiscalizar toleravam o estado precário dos medicamentos importados. Isso não ocorria com os remédios produzidos na colônia, que muitas vezes recebiam duras repreensões dos fiscais.

Houve intervenções metropolitanas na arte de preparar medicamentos: os farmacêuticos tinham que ter permissão da Coroa para desenvolverem suas atividades; havia o físico-mor indicado pela metrópole que tinha como função investigar se as boticas possuíam licenças da Coroa para funcionar. O físico-mor fazia visitas regulares e inspeção no preparo de remédios.²⁴¹

Luis Gomes Ferreira em *Erário Mineral* destacou que o clima, os humores, os mantimentos e as habitações da colônia eram diferentes aos de Portugal, logo a causa das doenças também era diversa. Os médicos deveriam notar essas diferenças e produzir um novo conhecimento científico:

Se neste meu livro se notarem algumas cousas por novas, ou por duvidosas, já eu satisfiz com dizer no princípio dele, que quanto mais crescia o tempo, mais alcançavam os homens; e agora direi mais: Que as cousas por novas não podem desmerecer o credito de sua verdade; porque, que cousa haverá hoje no mundo tão antiga, que não fosse nova em algum tempo? Saber o que os antigos souberam não he saber, disse Sêneca. Temo que os que condenam as cousas novas, são aqueles, que não podem dizer, senão as muito velhas e talvez que muito remendadas... Se alguém quiser, que nos atemos em tudo aos passados, quererá que se atem os vivos aos mortos; as cousas velhas são do tempo, as novas do merecimento; porque as velhas são alheias, as novas nossas: se por duvidosas, não obrigo a alguém a crer o que digo por ter a vontade livre.”

Apesar de sua conclusão inovadora, as autoridades médicas continuaram a valorizar os velhos métodos de cura. Isso pode ser verificado na publicação em 1794 de *Farmacopéia geral para o Reino e Domínio de Portugal* que visava a uniformização do preparo e composição dos remédios na metrópole e na colônia. D. Maria I estabeleceu a obrigatoriedade de todos os boticários e os profissionais de saúde de maneira geral a

²⁴¹ Vera Regina Beltrão. *Natureza em Boiões*. Medicina e boticários no Brasil setecentista. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1999, p.167-169.

utilizarem exclusivamente essa *Farmacopéia Geral*. Ninguém poderia produzir, criar uma fórmula diferente da registrada na obra citada.²⁴²

Em 1813 o cirurgião-mor agregado ao regimento de Linha de Minas Gerais, Caetano José Cardoso foi enviado com o objetivo de fiscalizar as qualidades dos produtos fitoterápicos indígenas. Ele notou o pouco uso das quarenta plantas encontradas:

Devo advertir que de todas as plantas, ou produtos declarados na lista retro, excetuando a Ipecacuanha, Contraierva, e Quina, não correm em comercio, nem delas se faz uso nas boticas, não só pela ignorância dos farmacêuticos, como também por que até o presente nenhum dos naturalistas botânicos, que Sua Majestade e Alteza Real tem mandado às Minas, tenha analisado a propriedade de alguma planta, e mandado por em prática. Os mesmos médicos, e cirurgiões das vilas, e cidades aferrados à antiga rotina, somente receitam os remédios, que se acham nas boticas, importados da Europa, pela maior parte arruinados por sua antiguidade.(RAPM, 1902, p.751)

Segundo o que o cirurgião-mor Caetano José Cardoso afirmou, entre as camadas privilegiadas a medicina oficial utilizava pouco da flora indígena na cura das doenças. No entanto, o conhecimento indígena era muito bem aceito como recurso terapêutico popular.

Houve uma tolerância maior das autoridades coloniais e metropolitanas em relação às práticas médicas da América Portuguesa. Note que os colonos não tinham a estrutura médica adequada e muitos deles tinham que improvisar tanto na alimentação como na medicação para sobreviverem. O Protomedicato²⁴³ até chegou a intensificar a fiscalização da arte curativa com a presença de juízes, mas a situação dos colonos piorou muito, pois eles devido à falta de medicamentos nas boticas, às péssimas condições dos remédios e aos preços abusivos destes produtos recorriam às práticas populares de cura. Mesmo assim, as práticas informais continuaram existindo e os colonos adquiriam as receitas de cura com os curandeiros, benzedeiras etc.

Portugal fez tentativas de regular os ofícios médico-cirúrgicos, de vigiar o comércio das drogas e das práticas de cura de maneira geral, pois havia a preocupação

²⁴² Ribeiro, Renato. “Tortuosas raízes medicinais: as mágicas origens da farmacopéia popular brasileira e sua trajetória pelo mundo.” In Renato Venâncio e Henrique Carneiro. *Álcool e drogas na história do Brasil*. São Paulo: Alameda; Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2005, p.162-3.

²⁴³ Protomedicato foi um órgão criado em 1782 que possuía como objetivos legalizar a prática médica e perseguir o curandeirismo.

de Portugal em relação aos quadros patogênicos, demonstrada nos tratados de medicina. Vale lembrar que muitos escravos adoeciam, principalmente por situações insalubres de sobrevivência. Com isso, buscou descobrir medicamentos que acabassem com os males, para que os escravos permanecessem saudáveis e pudessem trabalhar e produzir cada vez mais.²⁴⁴

A Coroa tomava atitudes mais eficazes em relação aos quadros patogênicos da América Portuguesa quando alguma epidemia se alastrava. Além disso, havia um desinteresse de Portugal em relação ao desenvolvimento científico na colônia: “...o Brasil não apresentou, até quase o fim do período colonial, qualquer manifestação significativa de participação na luta a favor de uma era marcada pelo advento e a imposição da ciência moderna.”²⁴⁵

É importante ressaltar que, em Campinas somente em 1856 é que houve uma fiscalização eficaz das autoridades em relação ao comércio de remédios: “Na cidade e ainda no interior de muitas fazendas em Campinas, os moradores faziam uso de práticas domésticas variadas que podiam incluir o emprego das mais diversas plantas e drogas. Isso não quer dizer, no entanto, que não houvesse controle sobre as panacéias a serem utilizadas. Desde 1856, vigorava na localidade uma postura municipal que restringia o comércio dos remédios a negociantes e boticários habilitados, buscando com isso garantir aos consumidores a qualidade de tais substâncias.”²⁴⁶

²⁴⁴ Márcia Moisés Ribeiro. *A ciência dos trópicos*. A arte médica no Brasil do século XVIII. São Paulo, Hucitec-Edusp, 1997, p.122. Vale destacar que o autor do *Erário Mineral* registrou que as péssimas condições de moradia, trabalho, alimentação dos negros propiciavam o aparecimento de moléstias e a propagação das mesmas: “*Advirto que se o doente for preto, se lhe dê boa cobertura, casa bem recolhida e o comer de boa substância, que nisto pecam muitos senhores de escravos...advirto que os senhores vão ver os seus escravos quando estiverem doente e lhes façam boa assistência, porque nisto lhe darão muita confiança, metendo-lhes ânimo, e esforço para resistirem melhor à doença. E se assim não fizerem, como há muitos que tal não fazem, enchem-se os tais de confusão, vendo que não tem outro pai, e se deixam ir passando sem comer ainda que lho mandem, até que ultimamente morrem, o que digo pelo ter visto suceder; e assim, por conveniência como por obrigação devem trata-los bem em saúde e melhor nas doenças, não lhes faltando com o necessário que desta sorte farão o que devem, serão bem servidos, terão menos doenças, mais conveniências, experimentarão menos perdas e terão menos contas que dar no dia delas*”

²⁴⁵ Olivério Mário Oliveira Pinto. “Explorações científicas.” In *História geral da civilização brasileira*. São Paulo, Difel, 1985, v.II, p.161.

²⁴⁶ Sidney Challoub e outros (org). *Artes e Ofícios de curar no Brasil*. Campinas, S.P: Editora da UNICAMP, 2003, p.335. Sobre as leis municipais ver Arquivo do Centro de Memória da UNICAMP, Posturas da Câmara Municipal de Campinas, Livro Correspondências, posturas, editais, 1856-1872. Posturas de 1856: “todo negociante ou boticário que vender gêneros ou drogas corrompidas, alteradas ou falsificadas ou vender uma coisa por outra será multado ou preso, além da restituição da importância do contrato. Ninguém poderá vender remédios de qualquer qualidade que seja em bruto ou preparado e quaisquer substâncias corrosivas que fossem declaradas em edital, sem estar habilitado, sob pena de multa e prisão.”

Entre 1808 e 1828, licenças e cartas²⁴⁷ eram obrigatórias para aqueles que desejassem exercer práticas de cura na colônia. Os negros libertos que queriam exercer a prática de sangradores tinham que fazer um “exame que avaliaria a sua capacidade” para a prática desejada: “E, caso fosse aprovado, ainda teria que desembolsar mais alguns mil-réis para a confecção da carta com a qual poderia sangrar pelo resto da vida.”²⁴⁸

A Fiscatura, criada em 1808, estava centrada em dois cargos: o de físico-mor e o de cirurgião-mor, que dividiam as fiscalizações: “As que fossem relacionadas à prescrição e fabricação de remédios eram da alçada do físico-mor, e as relacionadas às intervenções cirúrgicas, da responsabilidade do cirurgião-mor.”²⁴⁹ Estes profissionais verificavam se os agentes de cura tinham licenças e se estavam exercendo o ofício com sabedoria. Havia delegados, subdelegados, examinadores, visitantes, meirinhos, escrivães, subalternos do físico-mor e cirurgião-mor que ajudavam na fiscalização.

Com esta estratificação dos ofícios, os sangradores, tiradores de dentes, curandeiras, parteiras eram considerados, segundo a Fiscatura, ofícios inferiores aos de médico, cirurgião e boticário.

A Fiscatura também estabelecia as atividades de cada ofício; “Assim a parteira deveria apenas partejar, enquanto o curandeiro deveria se ater a cuidar das moléstias mais comuns com plantas medicinais nativas, muito embora os membros da Fiscatura soubessem que não era desse modo restrito que os terapeutas populares exerciam as suas artes de curar.”²⁵⁰ As parteiras chegavam a prescrever remédios; os curandeiros muitas vezes agiam como médicos. Mesmo assim, a Fiscatura insistia em dizer que caso as normas não fossem cumpridas, prisões e outras punições ocorreriam.

A extinção da Fiscatura ocorreu quando houve um debate na Câmara do Deputados em 1826 e a Comissão de Saúde Pública fez várias acusações contra a ação da Fiscatura. Havia “numerosos requerimentos dos cidadãos brasileiros, em que se

²⁴⁷ Essa regulamentação já existia em Portugal com a criação dos cargos de cirurgião-mor (século XIII) e físico-mor(XVI) que ficou sob atuação da Real Junta do Protomedicado até 1808. Neste ano, a Fiscatura foi criada. O Rio de Janeiro tornou-se a sede deste órgão, onde existiu até 1828. A Fiscatura passou a estratificar as atividades de cura. O médico ficava acima dos outros agentes de cura. Aqueles que pertencessem a camadas sociais subalternas exerciam ofícios menos prestigiados.

²⁴⁸ Arquivo Nacional(NA). Fiscatura-mor, caixa 1.208.

²⁴⁹ Pimenta, Tânia. “Terapeutas populares e instituições médicas na primeira metade do século XIX.” In Sidney Challoub e outros (org). *Artes e ofícios de curar no Brasil*. Campinas, S.P.: Editora da UNICAMP, 2003, p.308.

²⁵⁰ Pimenta, Tânia. “Terapeutas populares e instituições médicas na primeira metade do século XIX.” in Sidney Challoub e outros (org). *Artes e ofícios de curar no Brasil*. Campinas, S.P: Editora da UNICAMP, 2003, p.309.

queixam das vexações, arbitrariedades, e extorsões dos juízos da provedoria-mor da saúde, e fisicatura-mor do império.”²⁵¹

O uso medicinal das plantas

Bernadino Antônio Gomes, médico que veio à América Portuguesa financiado pela Coroa, publicou em 1803 *Observações botânica-médicas sobre plantas do Brasil* que, ao estudar as plantas, tinha como principal objetivo buscar o progresso das ciências e, principalmente, encontrar a utilização econômica das produções vegetais.²⁵²

O botânico francês Auguste de Saint-Hilaire, em 1817, quando estava no Vale do Jequitinhonha - Minas Gerais observou a correlação entre nomes de plantas e suas propriedades de cura:

Como não existem nessa localidade nem médicos, nem cirurgiões, os habitantes para se curarem experimentaram os vegetais que tinham à disposição e não existe colono que não possua ao alcance seus medicamentos. Algumas plantas medicinais foram indicadas aos portugueses pelos índios, sem dúvida, as conheciam havia muito tempo; a semelhança mais ou menos impressionante com as espécies usadas na Europa, o gosto, o odor peculiar, e, muitas vezes talvez, só a fantasia, decidiram da escolha de outras plantas usuais. Os nomes vulgares das espécies empregadas como remédios podem, aliás, servir em grande parte para desvendar a história da descoberta de suas propriedades reais ou imaginárias. Assim, os nomes guaranis, caapiá (Dorstenta), ipecacuanha (Cephaelis ipecacuanha), sabaíba (Curatella sambaíba), etc., designam suficientemente espécies cujo conhecimento é devido a indígenas; os nomes de barbasco e centaurea de sua pátria; finalmente os nomes de padre-salema (Gomphrena officinallis), quina-de-remijo (Cinchona remijana, Aug de S.Hil.), Ana-pinta (uma Cucurbitácea), são evidentemente os das pessoas que foram as primeiras a empregar esses vegetais como remédios. Seja como for, sente-se que a matéria médica dos brasileiros, baseada unicamente no empirismo, deve ser muito imperfeita.

²⁵¹ Pimenta, Tânia. “Terapeutas populares e instituições médicas na primeira metade do século XIX.” In Sidney Challoub e outros (org). *Artes e ofícios de curar no Brasil*. Campinas, S.P.; editora da UNICAMP, 2003, p.316.

²⁵² Betânia Figueiredo. *A arte de curar*. Cirurgiões, médico, boticários e curandeiros no século XIX em Minas Gerais. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2002, p.125.

*Todavia, entre tantas plantas às quais se atribuem falsamente propriedades maravilhosas, algumas existem que realmente fornecem remédios eficacíssimos.*²⁵³

Note que as designações “do-mato”, “do-campo”, “de índio”, “de bugre” etc. eram utilizadas nas espécies nativas. Já a designação “do reino” indicava as plantas exóticas trazidas do Velho Mundo. A procedência do Oriente era verificada em “da-índia”, “do-ceilão” e “da-china”.²⁵⁴

Luís Gomes Ferreira no *Erário Mineral*, comentou sobre a utilização da raiz de butuá, uma raiz utilizada em infusão para acabar com febres intermitentes e doenças hepáticas:

*...eu vi os paulistas fazerem muito caso dela, trazendo-a consigo, que são estes homens muito vistos e experimentados em raízes, ervas, plantas, árvores, e frutos, por andarem pelos sertões anos e anos, não se curando de suas enfermidades, senão com as taes cousas, e por terem muita comunicação com os carijós, de quem se tem alcançado cousas boas, com que lhes se curam a si de muitas doenças...*²⁵⁵

As virtudes medicinais foram verificadas a partir das semelhanças e diferenças entre plantas de diversas origens: “mas essa busca não era aleatória, pois se recorria, nesse processo de experimentação, a uma espécie de receituário cultural que permitisse associar características físicas e químicas com propriedades terapêuticas específicas.”²⁵⁶

Para os índios, aplicar as semelhanças em relação às plantas e a parte do corpo que necessitasse de tratamento era importante: “... o índio atribuía às plantas e a algumas partes das mesmas, de cor vermelha, uma relação com o sangue; às de cor amarela, identifica relação com a bile e o fígado.”²⁵⁷

²⁵³ Auguste de Saint-Hilaire. *Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. São Paulo, Bnelo Horizonte: Edusp, Itatiaia, 1975, p.228.

²⁵⁴ Ribeiro, Ricardo Ferreira. “Tortuosas raízes medicinais: as mágicas origens da farmacopéia popular brasileira e sua trajetória pelo mundo.” In Renato Venâncio e Henrique Carneiro. *Álcool e drogas na história do Brasil*. São Paulo: Alameda; Belo Horizonte: Editora PUCMinas, 2005, p.166.

²⁵⁵ Luís Gomes Ferreira. *Erário mineral*; dividido em doze tratados. Lisboa, Oficina de Miguel Rodrigues, 1735. Apud Ribeiro, Ricardo. “Tortuosas raízes medicinais: as mágicas origens da farmacopéia popular e sua trajetória pelo mundo.” in Renato Venâncio e Henrique Carneiro. *Álcool e drogas na história do Brasil*. São Paulo: Alameda; Belo Horizonte: Editora PUCMinas, 2005, p.167.

²⁵⁶ Ribeiro, Ricardo. “Tortuosas raízes medicinais: as mágicas origens da farmacopéia popular brasileira e sua trajetória pelo mundo.” in Renato Venâncio e Henrique Carneiro. *Álcool e drogas na história do Brasil*. São Paulo: Alameda; Belo Horizonte: Editora PUCMinas, 2005, p.166.

²⁵⁷ Martius. *Natureza, doenças, medicina e remédios dos índios brasileiros*. São Paulo: Editora Nacional, 1844, p.267.

É importante verificar como o receituário foi construído nessa época: diversas culturas desenvolveram métodos fitoterápicos que foram sendo incorporados em nossa cultura.

É válido destacar que os botânicos vindos de outros países perguntavam para os colonos e nativos para quais doenças poderiam ser utilizadas determinadas plantas, o que se pode pensar que esses pesquisadores valorizavam o conhecimento popular.²⁵⁸

O urucum era passado no corpo como proteção à exposição ao sol e para proteger dos mosquitos: “Os Tupi-guaranis, diariamente depois de um banho, mandavam untar o corpo com unguento feito da matéria corante das sementes do urucu_ *Bixa Orellana* (...) O principal objetivo desse uso era a defesa contra o sol e os mosquitos.”²⁵⁹

Na tradição jêje-nagô, um dos grupos africanos que vieram como escravos para o Brasil introduziu que “as plantas assim como as divindades, os outros seres vivos e todas as coisas possuem um “ase”, uma força vital, uma energia, podem ser usadas para múltiplas finalidades.”²⁶⁰ Cada folha tem suas especificidades que ao serem misturadas podem ser utilizadas para cura de diversos males, podendo ser preparadas para usos mágicos ou medicinais.²⁶¹

Algumas plantas foram mais utilizadas e comercializadas como, por exemplo, a ipecacuanha. No século XVIII houve uma exploração comercial muito forte em relação à nossa flora. As virtudes medicinais de algumas plantas coloniais eram conhecidas na Europa e por isso foram mais exploradas comercialmente.

O médico Bernadino Antônio Gomes em *Memória sobre a Ipecaunha fusca do Brasil*(1801) afirmou que em 1735 uma quantidade expressiva de ipecacuanha foi exportada.

O diplomata e naturalista russo Grigory Ivanivicht Langsdorff que esteve no Brasil em 1824 analisou a coleta da ipecacuanha feita pelos índios;

²⁵⁸ Ribeiro, Ricardo. “Tortuosas raízes medicinais: as mágicas origens da farmacopéia popular brasileira e sua trajetória pelo mundo.” In Renato Venâncio e Henrique Carneiro. *Álcool e drogas na história do Brasil*. São Paulo: Alameda; Belo Horizonte: Editora PUCMinas, 2005, p.181.

²⁵⁹ Martius. *Natureza, doenças, medicina e remédios dos índios brasileiros*. São Paulo: Editora Nacional, 1844, p.246.

²⁶⁰ Ribeiro, Ricardo. “Tortuosas raízes medicinais: as mágicas origens da farmacopéia popular brasileira e sua trajetória pelo mundo.” in Henrique Carneiro e Renato Venâncio. *Álcool e drogas na história do Brasil*. São Paulo: Alameda; Belo Horizonte; Editora PUCMINAS, 2005, p.168.

²⁶¹ José Flávio Pessoa de Barros. *O segredo das folhas, sistema de classificação de vegetais no candomblé jêje-nagô do Brasil*. Rio de Janeiro: Pallas, UERJ, 1993.

Os índios percorrem as florestas em busca dessa raiz, vendem-na e bebem até não terem mais dinheiro. Meio quilo de ipecacunha custa aqui 3 patacas ou 100 réis²⁶², que representa o trabalho de cada índio por dia, totalizando uma arroba por ano ao final de vinte a 25 dias, dedicados a essa atividade, pois, no resto do ano, se ocupavam com a caça e a pesca.²⁶³

Para a exploração desta planta era feito o extrativismo e que com o tempo a ipecaunha foi acabando e a exploração foi direcionando-se para o interior. A extração dessa planta tornou-se um ótimo negócio.

Com o tempo, os exploradores da ipecaunha estabeleceram um método mais racional para coletá-la: esperavam a planta apresentar sementes, para só então extraí-las. Note que a raiz é que era utilizada para produção de medicamentos. Isso pode ser verificado nos escritos deixados por Langsdorff:

A ipecacuanha tem dois tipos de raízes: a medicinal e uma raiz de fibras finas que alimenta a planta. Foi um alívio para mim ouvir dele que os índios colhem essa planta, mas só retiram dela as raízes medicinais, voltando, em seguida, a finca-la na terra. Com isso, ela volta a produzir nova raiz medicinal no ano seguinte. Mas, dizem, os índios também a plantam na época do amadurecimento da semente.²⁶⁴

Para combater envenenamentos, a raiz ipecacuanha (*Cephaelis ipecacuanha*) e conhecida como ipeca foi muito utilizada na América Portuguesa. O médico Bernardino Antônio Gomes esteve durante alguns anos na colônia e divulgou os benefícios da ipeca, visto que o consumo desta raiz era muito grande.²⁶⁵ Houve, com o tempo, o decréscimo das exportações desta raiz em virtude das colheitas predatórias. Bernardino fez a seguinte observação:

²⁶² Langsdorff. *Os diários de Langsdorff*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1997, p.91.

²⁶³ Ribeiro, Ricardo. "Tortuosas raízes medicinais: as mágicas origens da farmacopéia popular brasileira e sua trajetória pelo mundo." In Renato Venâncio e Henrique Carneiro. *Álcool e drogas na história do Brasil*. São Paulo: Alameda,; Belo Horizonte: Editora PUCMinas, 2005, p.177.

²⁶⁴ Langsdorff. *Os diários de Langsdorff*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1997, p.265-6.

²⁶⁵ Bernardino Antônio Gomes. *Plantas medicinais do Brasil*. São Paulo, Edusp, 1972, *passim*.

*O bem que a humanidade percebe desta planta tão acreditada em medicina devia por si só ser um poderoso incentivo para se tomarem as medidas necessárias para obviar a extinção e mesmo a excashez dela.*²⁶⁶

A quina também foi uma espécie muito explorada, mas seu monopólio comercial estava nas mãos da América espanhola. É certo que houve um interesse em explorar a quina no Brasil e o naturalista José Vieira Couto (1752-1827), médico foi incumbido de verificar a existência da quina na América portuguesa. O historiador Warren Dean (1996) afirmou que esse momento ficou conhecido como a “corrida pelo quinino”. Era difícil encontrar a verdadeira espécie da quina, pois havia muitas “falsificações” o que prejudicava a extração.

Pedro Pereira Correia Sena descobriu em Minas uma autêntica quina e uma parte da colheita enviou para a Junta da Real Fazenda de Minas Gerais e também passou a exportar a quina para a África.

Luis José Godoy Torres, físico das tropas de Minas Gerais fez uma lista com 25 plantas medicinais encontradas nessa região e descreveu seus usos. Além disso, acrescenta:

Esta vasta capitania admirável pelos seus produtos em todos os reinos da natureza oferece imensas plantas em proveito da saúde de seus habitantes; de maneira, que ainda nos mais remotos lugares, a que tenho sido chamado por efeito da minha faculdade, achei sempre prontos socorros extraídos das mesmas matas, com os quais felizmente se terminaram graves enfermidades; mas como a maior parte destas plantas tenham p seu uso recente, cumpre observa-las depois de secas, para se regular suas doses e efeitos.

Ao observarmos as receitas, percebe-se uma divisão desequilibrada entre as drogas indicadas de origem vegetal, de origem mineral e as de origem animal. Noventa por cento das drogas indicadas é do reino vegetal em que todas as partes das plantas são utilizadas:

²⁶⁶ Bernadino Antônio Gomes. *Plantas medicinais do Brasil*. São Paulo, Edusp, 1972, p.10. Note que esta raiz vinda de matas fechadas da Bahia e Pernambuco era exportada para Portugal. Outras regiões da Europa compravam de Portugal esta raiz importada do Brasil pelo dobro ou triplo do preço.

*De acordo com as receitas podem compor os preparados as sementes, as flores, os caules, as folhas e as raízes. Todos preparados de várias formas_ em chás, tinturas, aguardente, elixires, emplastros, pomadas e bálsamos.*²⁶⁷

As especiarias, a noz moscada, a canela, o cravo da Índia e a pimenta do reino foram muito utilizadas na preparação de medicamentos assim como as flores; papoula, violeta, rosa e artemísia e as frutas: laranjas, romãs e sementes como o tamarindo. Era utilizado também na preparação de remédios: aguardente, água opiada, água de flor, água-de-rosa, água de vinagre. As bebidas alcoólicas também eram utilizadas como vinho, licores.

Apenas cinco por cento das drogas indicadas eram originárias do reino mineral (ex: ouro e mercúrio). No *Erário Mineral* encontramos a utilização de óleo de ouro para acabar com alguns males:

Da rara virtude do óleo de ouro, das muitas enfermidades para que serve e observações de curas excelentíssimas que com ele se têm feito. A explicação do potencial de cura do óleo de ouro relaciona-se com a qualidade nobre, rara e disputada do metal: Assim como o ouro é o soberano sobre todos os metais, assim também o mais soberano remédio que até o dia de hoje se tem descoberto para curar muitas enfermidades grandes, para as quais os modernos não têm achado remédio de mais relevante virtude que este, com o qual se têm livrado muitos da sepultura.(Ferreira, 2002,p.489-513).²⁶⁸

Um fármaco que também merece destaque é a angélica, uma planta do sertão utilizada para febres e eliminar vermes:

*...É fama pública e constante que os pós deste fruto matam infalivelmente as lumbrigas e tem admirável virtude para as febres malignas.*²⁶⁹

Com isso, vê-se que o universo da cura vai além do estudo das plantas medicinais, pois interfere no cotidiano dos colonos, no entendimento que eles passam a

²⁶⁷ Figueiredo, Betânia. “O arranjo das drogas nas boticas e farmácias mineiras entre os séculos XVIII e XIX.” In Renato Venâncio e Henrique Carneiro. *Álcool e drogas na história do Brasil*. São Paulo: Alameda; Belo Horizonte : Editora PUCMinas, 2005, p.148.

²⁶⁸ Luis Gomes Ferreira. *Erário Mineral*. Belo Horizonte: FJP, Fiocruz, 2002.v.2, p.489-513.

ter sobre a cura de doenças, na crença de que o tratamento com determinada planta vai curar seus males e principalmente na interação de culturas diversas para a preparação de receituários fitoterápicos.

Capítulo IV: Naturalistas, ciência e medicina no século XIX

Os viajantes e a América portuguesa: Spix, Martius e Auguste de Saint-Hilaire

O século XIX foi marcado pelo avanço científico da Europa, em especial da França, Inglaterra e Alemanha. Pode-se pensar, dentro deste espírito de progresso, que estes países com o intuito de ampliar os conhecimentos resolveram investir em expedições científicas destinadas à América. Sabe-se que, nesta época, encetar uma

²⁶⁹ Curvo Smedo. *Memorial de vários símplies que da Índia Oriental, da América e de outras partes vêm ao nosso reino*. Lisboa Ocidental, Oficina de Antônio Pedroso Galvan, 1927, p.20.

viagem além-mar requeria uma estrutura financeira. Vale destacar que até 1820 era muito difícil alguém emigrar. Isso ocorria somente em casos de guerra ou fome.²⁷⁰

Os interesses públicos que fizeram com que países europeus investissem em viagens científicas estavam relacionados a questões diplomáticas, ao desenvolvimento científico, a construção de museus e a investigação das potencialidades que poderiam ser exploradas (recursos materiais e humanos).²⁷¹ Ilka Boaventura Leite analisou o perfil de diversos viajantes que estiveram na América Portuguesa na primeira metade do século XIX e percebeu que vieram naturalistas, comerciantes, diplomatas, mercenários, imigrantes, aventureiros.²⁷² Esta autora comentou que as razões das viagens atingiram a esfera particular e pública. Havia motivações pessoais, como por exemplo, o desejo de aventurar-se, de pesquisar, mas também havia viajantes que buscavam o enriquecimento intelectual, a projeção social, status ou simples deleite.²⁷³

Além do apoio financeiro, essas expedições necessitavam do conhecimento científico de botânicos, zoólogos e geólogos. Os naturalistas que estiveram na América Portuguesa tinham que possuir determinados documentos para a realização das pesquisas, tais como, licenças oficiais, vistos de entrada, cartas de apresentação para facilitar a obtenção de informações e a ajuda da população dos lugares por onde passavam.²⁷⁴

Dentro deste contexto, o rei Maximiliano José I da Baviera escolheu Spix e Martius, em virtude de seus conhecimentos científicos, para serem os responsáveis pela expedição científica que tinha por destino a América Portuguesa. Esses naturalistas estavam conscientes que novas pesquisas em outros territórios trariam informações para a ampliação do “círculo da ciência humana”.²⁷⁵ :

A América, essa nova parte do mundo apenas conhecida de poucos séculos atrás, tem sido, desde a época de seu descobrimento, objeto da admiração e predileção da Europa. (...) Apesar, porém, dos grandes progressos no conhecimento dessa parte do mundo, oferece ela ainda vasto campo ao espírito pesquisador a fim de

²⁷⁰ Eric Hobsbawm, *A era das revoluções 1789-1848*. trad Maria Teresa Lopes Teixeira e Marcos Penchel, pp.26 e 156.

²⁷¹ Ilka Boaventura Leite, *Negros e viajantes estrangeiros em Minas Gerais no século XIX*, São Paulo: tese de doutorado apresentada ao Depto de Ciências Sociais da FFLCH da USP, mimeo, 1986, pp.84-6.

²⁷² Id., op.cit., passim.

²⁷³ I.Boaventura Leite, *op.cit.*,p.74.

²⁷⁴ Id.,op.cit., p.75.

²⁷⁵ Spix e Martius. *Viagem pelo Brasil. 1817-1820*. São Paulo/ Belo Horizonte: EDUSP/ Itatiaia, 1981, p.25

*estender, com os descobrimentos, o círculo da ciência humana. Mais do que qualquer outra porção da América, o Brasil, o seu mais belo e mais rico país, é entretanto, pouco povoado e conhecido, embora seja ele o coração desse novo continente.*²⁷⁶

O zoólogo Johann Baptist Von Spix e o botânico Carl Friedrich Philipp Von Martius, viajantes alemães, vieram na expedição que trouxe a arquiduquesa Dona Leopoldina para o seu casamento com D. Pedro de Alcântara no Brasil.

Spix (1781-1826) nasceu em Höchstadt na der Aisch, sul da Alemanha, estudou Filosofia, Teologia, Medicina, fez cursos sobre o Romantismo (aulas ministradas pelo filósofo romântico Friedrich Wilhelm Joseph Schelling), viajou, com o intuito de desenvolver pesquisas, para Itália, Suíça e acabou interessando-se pelos campos da anatomia e da zoologia. Em 1811, ele conseguiu obter reconhecimento intelectual na Alemanha pelos seus extensos estudos sobre Zoologia. Alguns anos depois, em 1815, Spix publicou a *Cephalogenesis*, um estudo feito em anatomia que falava sobre a evolução craniana no reino animal. Esta obra foi acompanhada pelo cientista romântico Lorenz Oken e foi bastante elogiada por Goethe.²⁷⁷

Já Martius, filho de um farmacêutico da corte e professor de universidade, formou-se médico. Direccionou seus estudos mais para os campos da botânica. Sabe-se que ao escrever *Viagem pelo Brasil*, Martius fez intensos estudos botânicos e fitogeográficos sobre a flora brasileira e em 1831 finalizou a redação dos volumes da *Nova Genera et Species Plantarum*. Nesta extensa pesquisa foram descritos setenta gêneros e apresentadas quatrocentas espécies brasileiras em relação a flora. Em *Flora Brasiliensis*, Martius sistematizou e descreveu muitas plantas brasileiras e destacou suas utilidades medicinais. Ele também destacou a utilização comercial e econômica dessas plantas. D. Pedro II contribuiu para a edição da *Flora*. Vale destacar, que Martius foi um exímio pesquisador das palmeiras do Brasil:

*O projeto estético-científico mais ousado de Martius é a História Naturalis Palmarum, monografia sobre as palmeiras do Brasil e de outras regiões tropicais do planeta. Inspirado na definição humboltiana de um quadro de natureza, Martius antecede às espécies a serem descritas a paisagem de seu hábitat. Daí resulta uma série de quarenta e oito paisagens naturais.*²⁷⁸

²⁷⁶ Ibidem, p.25.

²⁷⁷ Karen Macknow Lisboa. *A Nova Atlântida ou o Gabinete Naturalista dos doutores Spix e Martius*. Dissertação de Mestrado, p.39

²⁷⁸ Karen Macknow Lisboa. *A Nova Atlântida de Spix e Martius: natureza e civilização na Viagem pelo Brasil (1817-1820)*. São Paulo: HUCITEC, 1997, p.71.

Martius possui uma extensa produção intelectual e nela é possível observar como a expedição feita à América Portuguesa contribuiu para que seus escritos não abrangessem apenas aspectos da botânica, mas também da cartografia, estudos etnográficos, lingüísticos sobre os índios. Após *Reise in Brasilien*, publicou *Von dem Rechtszustande unter den Ureinwohnern Brasiliens* (O estado do direito entre os autóctones do Brasil) e uma pesquisa sobre a natureza, e remédios dos indígenas brasileiros: *Das Naturell, die Krankheiten, das Arzthum und die Heilmittel der Urbewohner Brasiliens*, divulgou também uma lista de nomes em tupi de plantas brasileiras: *Über die Pflanzen-Namen in der Tupi Sprache*.²⁷⁹

A Martius caberia estudar a flora brasileira, incluindo aspectos climáticos, geológicos e no campo da mineralogia. Estudos sobre o folclore, os mitos, as tradições históricas também faziam parte dos planos deste viajante.

Em suma, as obras mais conhecidas desses dois viajantes foram *Reise in Brasilien*, *Viagem pelo Brasil*. Há também um anexo musical com partituras de oito modinhas de São Paulo, Minas Gerais, Goiás, Bahia e músicas indígenas. Um Atlas com quarenta e uma litogravuras de paisagens, objetos indígenas, plantas, animais, momentos do cotidiano colonial, retratos dos colonos, mapas geográficos também faz parte da produção de Spix e Martius.

Em 1838, Martius tornou-se sócio emérito do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e bem antes desse acontecimento, para penetrar na elite intelectual brasileira, publicou o tratado *Como se deve escrever a história do Brasil*. Em 1840, o secretário do IHGB, Januário da Cunha Barbosa promoveu um concurso para quem se interessasse em escrever sobre a história antiga e moderna do Brasil, abrangendo o âmbito político, civil, eclesiástico e literário. Martius é que foi o ganhador e acabou por publicar seu texto na Revista do IHGB e anexar uma lista de obras importantes para o estudo sobre a América Portuguesa.²⁸⁰

Auguste de Saint-Hilaire, viajante francês, nascido em Orleans no ano de 1779, foi um botânico pertencente a uma família de nobres e após anos de estudo, foi nomeado membro fundador da Sociedade de Ciências de Orleans. Ele visitou a América portuguesa de 1816 à 1822 e observou todas as especificidades geográficas: a flora e

²⁷⁹ Ibidem., p.46

²⁸⁰ C.F.P.v.Martius. “ Como se deve escrever a história do Brasil”. (1843) Trad.Wilhelm Schüch. In: _____. *O estado do direito entre os autóctones do Brasil*. São Paulo, Edusp, 1982, pp.85-107.

fauna, os usos e costumes dos colonos, o comércio e como era a administração civil e judiciária. Saint-Hilaire interessava-se pelos aspectos filosóficos da história natural e também pelos aspectos práticos de sua especialidade.

Para melhorar a relação diplomática entre a França e o Brasil, em 1816, Luís XVIII nomeou o duque de Luxemburgo para representar a França em uma comitiva para o Rio de Janeiro. Era necessário escolher um conhecedor da botânica. Saint-Hilaire, por ter acesso a corte e ser conhecido pelos seus estudos em botânica, acabou por entrar na lista das pessoas que iriam nesta expedição.

Ao chegar a América, Saint-Hilaire conheceu e fez pesquisas no Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais, São Paulo, Goiás, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, passou pelas nascentes do rio São Francisco e pelas margens do Rio da Prata e fez anotações de tudo aquilo que achou interessante. Suas principais obras foram: *Viagem pela província de São Paulo*, *Viagem ao espírito Santo e Rio Doce*, *Viagem as nascentes do Rio São Francisco*, *Histoire des plantes les plus remarquables du Brésil et du Paraguay* e *plantes usuelles des bresiliens* etc.

É importante destacar, que em virtude de Auguste de Saint-Hilaire ter feito várias observações em relação à flora da América Portuguesa, ele ocupou o lugar de Jean Baptiste Lamarck na Academia Francesa das Ciências.²⁸¹

Com isso, foi possível perceber que tanto Spix, Martius, Saint-Hilaire como outros viajantes exerceram uma influência, através de seus registros, na construção da cultura e da história do Brasil. O intuito desses viajantes era catalogar todo tipo de espécie da flora e fauna encontrada na América portuguesa, registrar os usos e costumes dos colonos, dos índios no cotidiano e os aspectos geográficos.

Com a abertura dos portos em 1808, a entrada de estrangeiros na América Portuguesa foi facilitada, o que explica a vinda de Spix, Martius e Auguste de Saint-Hilaire no início do século XIX. Com isso, nota-se, que é importante saber como se encontravam a cultura e os sistemas mentais na Europa para que se compreendam melhor as narrativas de viagem e o olhar que os viajantes tiveram em relação aos costumes da América Portuguesa.

Durante a segunda metade do século XVIII, havia na França todo um movimento de “civilização dos costumes”. Começou a existir toda uma codificação de

²⁸¹ Maria Emília Amarante Lima, *As caminhadas de Auguste de Saint-Hilaire pelo Brasil e Paraguai*. Belo Horizonte: Autentica, 2002, p. 29.

como se vestir, comer e falar de forma correta.²⁸² No tocante à questão alimentar, o século XVIII trouxe novidades culinárias e principalmente o refinamento dos hábitos alimentares em Paris. Cozinheiros franceses eram exportados para outros países para serem chefes de cozinha de famílias de nobres, pois conheciam diferentes tipos de sopas, molhos, caldos. Houve um refinamento alimentar, os pratos passaram a ser mais estilosos, havia uma codificação em relação a ordem da passagem dos pratos em um banquete.²⁸³ Pelo fato de Saint-Hilaire pertencer a uma família de nobres, pode-se pensar que ele freqüentasse banquetes e convivesse com todas essas inovações alimentares.

No tocante as mudanças ocorridas nos sistemas mentais da Europa, devem-se destacar a passagem da transcendência (predominância do mundo religioso) à imanência (mundo racional, em que o homem está como centro do universo). Os pensamentos passaram a ir além das restrições da Igreja, o homem passou a ser o centro do universo. Diderot e D'Alembert fizeram a *Enciclopédia* com o intuito de colocar todo o conhecimento que havia no mundo em verbetes de A à Z. A teologia foi deslocada, assumindo em seu lugar a memória, a imaginação e a razão. A Filosofia passou a ser considerada a “mãe” de todo saber. A teologia, que antes era o centro, passou a ser apenas um ramo do conhecimento.²⁸⁴

O pensamento de Spix e Martius baseava-se no método sistemático da história natural e foi influenciado pelos conhecimentos deixados desde a publicação da *Enciclopédia*. Esses naturalistas almejavam revelar o saber universal e catalogar todas as espécies encontradas na flora e fauna. As coleções, os herbários, os museus naturalistas e os jardins botânicos reconstruíam de forma ordenada a natureza; eram documentos importantes para o estudo do historiador natural. Spix e Martius chegaram a montar tabelas dos produtos da lavoura na capitania de São Paulo que eram exportados²⁸⁵

Dentro deste contexto, deve-se destacar o Iluminismo como um momento glorioso, pois trouxe uma nova luz para a sociedade com a separação entre ciências do Homem e ciências da Natureza, a cultura e a educação sofreram mudanças, a razão passou a predominar, veio a idéia de que o progresso é natural e necessário, houve o

²⁸² Ver Nobert Elias, *O processo Civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

²⁸³ Piero Camporesi, *Hedonismo e Exotismo*. A arte de viver na época das Luzes. São Paulo: UNESP, 1990, p. 7-13.

²⁸⁴ Francisco Falcon. *Época Pombalina. A ilustração e sua época*. São Paulo, Ática, 1982, p.99-100 e 107

avanço do saber, a idéia de civilização, a passagem do teocentrismo para o antropocentrismo, a predominância da idéia de que a crença no poder iluminado das leis proporcionaria o bem estar e a felicidade dos homens, a difusão dos valores e formas de pensamento da burguesia, a constituição da lingüística como ciência, a separação do campo político do econômico, a presença do despotismo esclarecido, um maior conhecimento da natureza com a utilização da matemática, da astronomia e da física.²⁸⁶

*o iluminismo pode ser descrito como esse compromisso com a “razão”, com o uso de métodos “racionais”, conforme o modelo criado nas matemáticas. Esse período das “Luzes” é principalmente o momento em que a natureza e entendimento humano ganham autonomia...*²⁸⁷

Segundo a pesquisadora Maria Elice Brzezinski Prestes, o século XVIII foi marcado pelo desenvolvimento da História Natural, pela classificação dos seres vivos:

*...Trata-se de um momento em que não apenas o mundo científico, mas também as elites “esclarecidas” da Europa preocupavam-se em coletar, catalogar e colecionar minerais, vegetais e animais em seus gabinetes de curiosidades. Momento em que o europeu se encantava com a exuberante flora e fauna trazida das terras do Novo Mundo e em que se multiplicavam os herbários, jardins e coleções de espécimes, tanto oficiais quanto privados. Também é ali que se começa a fazer sentir as conseqüências dos danos que o homem é capaz de causar na natureza.*²⁸⁸

Com isso, a maioria dos viajantes que esteve na América Portuguesa no início do século XIX interessava-se pelo estudo da natureza.²⁸⁹ Os naturalistas, de maneira geral, encantavam-se pela natureza física, considerada fonte de emoções, que influenciava a sensibilidade do observador.²⁹⁰ Saint-Hilaire, Spix e Martius utilizaram a natureza para compreender, interpretar e obter imagens da América Portuguesa. O primeiro encantou-

²⁸⁵ Spix e Martius, op.cit, p.150-1.

²⁸⁶ Francisco Falcon, *Época Pombalina. A ilustração e sua época*, passim

²⁸⁷ Maria Elice Brzezinski Prestes, *A investigação da Natureza no Brasil Colônia*, São Paulo: Annablume / FAPESP, 2000. p. 45

²⁸⁸ Id, op.cit, p.16.

²⁸⁹ Spix e Martius, *Viagem pelo Brasil*, passim. Também pode ser verificado em *Viagem à Província de São Paulo* de Auguste Saint-Hilaire, passim

²⁹⁰ Antônio Cândido, *Formação da Literatura brasileira*, V.I, p.278.

se com os campos na viagem que fez de Itapetininga aos Campos Gerais. Já Spix e Martius observaram como os paulistas utilizavam a natureza:

*Ao sair de Itapetininga passei por uma ponte de madeira sobre o ribeirão do mesmo nome e entrei num trecho descampado e tão plano quanto as nossas campinas de Beauce (...) O aspecto da campina era encantador, com o capim, que provavelmente havia sido queimado no mês de setembro, formando um tanque verde claro que contrastava com os tons escuros das matas.*²⁹¹

*...O maior merecimento no achar e aplicar a virtude curativa das plantas, assim como o descobrimento das minas de ouro, compete, pois, aos paulistas. O seu gênio ativo e curioso, estimulado pela rica natureza, fê-los prosseguir nas descobertas casuais, ou, mesmo raramente, por alusão dos indígenas, com a perspicácia própria do europeu. O espírito humano, neste domínio das pesquisas, serve-se por toda parte dos indícios da natureza, e, pelos característicos físicos dos objetos, pelo aroma, pela cor, pela semelhança de certas formas com as partes do corpo humano, etc., tira conclusões por analogia sobre as virtudes íntimas dos primeiros e sua atuação como remédio. Assim raciocinava o paulista dotado com vivo senso de natureza, achando em todo o encarnado vivo uma relação com o sangue, nos amarelos, relação com a bÍlis e o fÍgado; ele atribui ao vermelhidão do urupê (*Boletus sanguineus*), que aparece de repente nas árvores podres e muitas vezes só dura um mês, virtude especial para estancar hemorragias uterinas...*²⁹²

Como já foi dito, Sérgio Buarque de Holanda em *Caminhos e Fronteiras*, no capítulo intitulado “Botica da natureza”, comentou alguns hábitos alimentares na província de São Paulo e tratamentos de doenças em que eles utilizavam elementos da natureza na preparação de remédios. Há um caderno de anotações que pertenceu ao governador Rodrigo César de Meneses e que, até hoje, encontra-se no Instituto Histórico Geográfico Brasileiro em que há receitas de remédios caseiros utilizados pelos paulistas, tais como o uso de “pedra de porco-espinho” para vômitos, problemas estomacais, retenção de líquidos e febres.²⁹³

²⁹¹ Auguste de Saint Hilaire, *Viagem à província de São Paulo*, São Paulo/ Belo Horizonte, Edusp/ Itatiaia, 1972. p.208

²⁹² Spix e Martius, *Viagem pelo Brasil. 1817-1820*. São Paulo/ Belo Horizonte, EDUSP/ Itatiaia, 1981, p.162.

²⁹³ Sérgio Buarque de Holanda. *Caminhos e Fronteiras*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995, p.79.

Acrescenta-se a esse olhar dos viajantes em relação à Natureza, aspectos do romantismo, que se manifestou nas artes e na literatura no período compreendido entre final do século XVIII e início do século XIX. Na Alemanha, Inglaterra e Itália é que começam a aparecer alguns aspectos do romantismo, mas somente com a França esta tendência floresce e se espalha por toda Europa e pelas Américas.

O romantismo opunha-se ao racionalismo e às regras do neoclassicismo, privilegiava a liberdade de criação e emoção. Grande parte das obras era caracterizada pela presença do individualismo, do sofrimento amoroso, da religiosidade cristã, da natureza, dos temas nacionais e do passado. Todos esses conhecimentos chegaram aos ouvidos dos artistas plásticos tais como Francisco Goya e Eugène Delacroix. Spix e Martius frequentaram aulas de alguns professores adeptos do romantismo, como, por exemplo, do filósofo romântico Friedrich Wilhelm Joseph Schelling. Martius leu escritos deixados pelos cientistas românticos da natureza, tais como Lorenz Oken, Heinrich Steffens e Ernst Theodor Hoffmann que defendiam a idéia de basear uma interpretação holística da natureza e de que fenômenos naturais desenvolviam-se de forma harmoniosa. Este viajante alemão interessava-se por poemas, tanto que participou da *Zwanglose Gesellschaft* (Sociedade sem obrigações), primeira sociedade literária de Munique criada em 1837. Faziam parte deste grupo, homens que desenvolviam atividades literárias e cada membro poderia ler um texto poético ou prosaico que havia escrito ou de outro poeta que apreciasse.²⁹⁴ Esse contato que Martius teve com o Romantismo também interferiu em sua produção intelectual, pois em sua passagem pela América Portuguesa, escreveu um romance chamado *Frey Apollonio-einn Roman aus Brasilien*, que é considerado um livro de ficção ambientado na região amazônica, mas com uma sensibilidade tão presente na escrita sobre a questão indígena, a ecologia e os hábitos alimentares. Martius relatou detalhadamente alguns dos costumes indígenas e o modo como eles eram gentis para com os viajantes:

A velha índia colocou sobre a mesa uma refeição composta de caruru, nozes de sapucaia, peixes, batatas-doces e bananas, e os dois meninos passaram a servir silenciosamente e atenciosamente. A sobremesa consistiu de beijos com mel, trazidos

²⁹⁴ Karen Macknow Lisboa. *A nova Atlântida ou o Gabinete Naturalista dos doutores Spix e Martius*. Dissertação de Mestrado, p. 54.

numa travessa por uma jovem índia, que os assara no fogão quando de nossa chegada.

295

No tocante ao século XIX, verifica-se que a sociedade européia estava confiante no tocante ao avanço do conhecimento, acreditava que a ciência estava praticamente feita, que não havia mais o que inventar e permeava-se, nesta sociedade, a idéia de ter atingido o ápice, pois o avanço científico era total. Havia uma noção geral de que o progresso viria para todos igualmente, traria prosperidade para todos. Os homens instruídos tinham total confiança nos métodos da ciência e de que o progresso contínuo e linear era o melhor caminho.²⁹⁶

Essa idéia de progresso esteve presente nas observações que Saint-Hilaire fez a respeito da América Portuguesa, onde destacou o fato das doenças interferirem no desenvolvimento da província de São Paulo:

*... Apesar da fertilidade desse distrito, as freqüentes doenças que assolam Moji e seus arredores devem forçosamente emperrar o progresso do lugar. Esse progresso é também entravado pelas altas taxas de pedágio que os agricultores têm de pagar para o transporte de seus produtos, desvantagem essa que não onera os habitantes das cidades mais próximas de São Paulo.*²⁹⁷

O século XIX foi marcado pelo Positivismo francês, que teve como principal representante Auguste Comte e pelo Empirismo inglês representado por John Stuart Mill e Spencer.

O Positivismo pregava a imutabilidade da natureza e a impossibilidade de se obter um conhecimento absoluto, pois a ciência iria ser sempre parcial, construída por etapas. Comte dizia que os homens estavam em constante transformação, mas que no mundo natural as leis eram imutáveis. Havia a perspectiva de progresso evolucionista e o liberalismo encaixava-se nessa realidade.

É justamente com esta corrente filosófica, o Positivismo, que vamos ter a idéia de especialização do conhecimento e teremos então, o botânico, o físico, o historiador, o matemático. Pode-se dizer que alguns setores do conhecimento progrediam mais, como

²⁹⁵ Karl Friedrich Philipp von Martius. *Frey Apollonio. Um Romance do Brasil*. São Paulo, Brasiliense, 1992, p. 54.

²⁹⁶ Eric Hobsbawm. *Era do Capital*. (1848-1875). Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982, p. 261-2.

por exemplo, a Física que crescia mais do que a Química. Note que até o Renascimento, ou podemos dizer, até o Iluminismo, uma mesma pessoa poderia exercer uma multiplicidade de atividades (um pintor poderia ser arquiteto, filósofo, historiador).

Com isso, é possível explicar o interesse dos naturalistas Spix, Martius e Saint-Hilaire de se especializarem cada vez mais em suas áreas de conhecimento e tentarem descobrir novas espécies, sejam da flora ou da fauna na América Portuguesa e catalogá-las.

No tocante a política cultural da Monarquia na América Portuguesa, pode-se afirmar que a partir de 1770, a Coroa Portuguesa começou a patrocinar a publicação de memórias que falassem da flora brasileira, de produtos que não haviam sido explorados e que pudessem ser comercializados.²⁹⁸

A Coroa procurou desenvolver na colônia o estudo “das ciências naturais, da física, da química e da agricultura, da Medicina Cirúrgica e Farmácia, aprovando a fundação da Academia Científica do Rio (1772-1779). Entre seus fundadores, médicos e cirurgiões em sua maioria.”²⁹⁹

Com o movimento Ilustrado, Portugal passou a se interessar mais pelo desenvolvimento de pesquisas científicas: esse espírito foi transmitido para a América Portuguesa. Maria Odila em *Aspectos da Ilustração no Brasil* destacou essa época em que ilustrados tentavam introduzir essa tendência aos estudos científicos na colônia.³⁰⁰

A conjuntura da América Portuguesa modificou-se com a vinda da Corte para o Brasil, significou uma ruptura interna nos setores políticos do velho reino e se configuraram preocupações de povoamento das regiões (Rio de Janeiro e Centro-Sul) e não apenas de exploração. Note que a Corte teria que viver, alimentar-se, sobreviver e dessa forma, precisava “povoar”, em especial, o Rio de Janeiro, de profissionais que pudessem atender as necessidades da família real e dos habitantes desta região e para que isso ocorresse, haveria a necessidade de explorar “os enormes recursos naturais e as potencialidades do Império nascente, tendo em vista o fomento do bem-estar da própria

²⁹⁷ Auguste de Saint-Hilaire, *Viagem à província de São Paulo*, São Paulo/ Belo Horizonte, Edusp/ Itatiaia, 1972, p.106.

²⁹⁸ Jorge Carvalho Nascimento. *A Cultura Ocultada*. Londrina, UEL, 1999, p.31.

²⁹⁹ Cf. Dias, Maria Odila da Silva. *Aspectos da Ilustração no Brasil*, Rio de Janeiro. Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, 1969, p.105-70.

³⁰⁰ Maria Odila Leite da Silva Dias. “Aspectos da Ilustração o Brasil” Separata da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, 1969, p.107.

população local.”³⁰¹ Deveria investir em plantações, em “açougues providos, pomares de frutos, pastos para toda qualidade de gados, tavernas comestíveis... que hajam oficiais de todos os ofícios, mecânicos, Médico ou Cirurgião.”³⁰² No entanto, havia uma falta de unidade e comunicação entre as diferentes regiões brasileiras. O governo do Rio de Janeiro agia com descaso em relação às demais regiões que apresentavam sérios problemas sociais como a miséria. Havia uma interdependência da elite nas possessões portuguesas no tocante aos interesses rurais, administrativos e comerciais. Aliás, a figura do comerciante passou a predominar nesta época. Incentivar o povoamento,

*O aumento da agricultura, as plantações de cânhamo, especiarias e de outros gêneros de grande importância, de conhecida utilidade, assim para o consumo interno como para exportação, a extração dos preciosos produtos, dos reinos mineral e vegetal...*³⁰³

Essas modificações estenderam-se na construção de obras públicas e no aumento de impostos sobre a exportação do açúcar, do tabaco, do algodão e de couros. Houve um processo de interiorização com a construção de estradas:

*...preocupou-se a Corte em abrir estradas e, fato quase inédito, em melhorar as comunicações entre as capitanias, em favorecer o povoamento e a doação de sesmarias. Tinham como fé obsessiva aproveitar as riquezas.*³⁰⁴

Com a abertura de caminhos para o interior, inclusive para a província de São Paulo, houve um desenvolvimento comercial e uma maior comunicação entre as regiões. Neste momento, a Corte proporcionou a vinda de profissionais para a área da saúde, cultura e principalmente para a exploração dos recursos naturais através de pesquisas da flora e fauna e vários estudiosos vieram à América Portuguesa, como Spix, Martius e Auguste de Saint-Hilaire: havia um interesse em fazer mapas topográficos, estudos da hidrografia.

³⁰¹ Maria Odila Leite da Silva Dias. *A interiorização da metrópole e outros estudos*. São Paulo: Alameda, 2005, p.34.

³⁰² Antonio Luiz de Brito Aragão. *Memória sobre o estabelecimento do Império no Brasil*. Anais da Biblioteca Nacional, v.43-4, p.31. Apud Dias, Maria Odila (2005, 34)

³⁰³ João Manuel Pereira da Silva. *História da fundação do Império brasileiro*. Paris; Garnier, 1864-1867, v.III, p.283. Apud Dias, Maria Odila.(2005, 34)

³⁰⁴ Maria Odila Leite da Silva Dias. *A interiorização da metrópole e outros estudos*. São Paulo, Alameda, 2005, p.36.

Além dos estrangeiros, continuaram os viajantes e engenheiros nacionais a explorar o interior do país, a realizar levantamentos e mapas topográficos para o que foi especialmente criada uma repartição no Rio de Janeiro.³⁰⁵ Tentaram dar acesso ao comércio do Mato Grosso por via fluvial e terrestre com São Paulo.

Alexandre Rodrigues Ferreira (brasileiro, zoólogo, mineralogista e etnógrafo) organizou a primeira expedição científica de exploração do sertão brasileiro (1786-1792) que coletou informações sobre a flora e a fauna. Muitos estudantes brasileiros em fins do século XVIII basearam-se nos estudos do Iluminismo e se voltaram para a pesquisa da agricultura, “a mãe do gênero humano e a origem primária e inesgotável de toda a propriedade pública (...) e que contribuía para o aumento da população como a um vantajoso e ativo comércio.”³⁰⁶

Era um momento de divulgação dos “saberes” para que fossem utilizados no desenvolvimento comercial. O Estado queria lucrar com a agricultura brasileira e eram feitos pedidos de estudos de exemplares da flora brasileira para a descoberta de produtos comerciáveis que até então não eram explorados e um estímulo para o desenvolvimento das Ciências Naturais, da Física, da Química, Medicina Cirúrgica e Farmácia.³⁰⁷ A Corte providenciou a fundação da Academia Científica do Rio de Janeiro(1772-1779) e apesar de ter durado poucos anos, muitos estudos sobre a cultura do anil, do cacau, da cochonilha, do café foram realizados. Logo depois, o marquês de Lavradio inaugurou a Sociedade Literária (1786-1794) e passou a incentivar o estudo de assuntos científicos: a botânica e a mineralogia foram assuntos muito pesquisados. Muitos comerciantes começaram a plantar café, cânhamo. Antônio Gonçalves Pereira de Faria dedicou parte de sua vida a tentativas de plantar cânhamo em Santa Catarina, desenvolveu a manufatura do anil e da seda. Francisco José de Sampaio Peixoto inventou um novo processo para manufaturar o anil na capitania de São Paulo.³⁰⁸

D. Rodrigo de Souza Coutinho, absolutista ilustrado, ministro de D. Maria I aplicou uma política de renovação da agricultura e introduziu novas técnicas para conseguir tal objetivo, ordenou a apresentação de relatórios sobre os estudos feitos sobre o cultivo de

³⁰⁵ Manuela de Oliveira Lima. *D. João VI no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1945, v.I, p.255. Apud Dias, Maria Odila (2005, p.36.)

³⁰⁶ João da Silva Feijó. Memória sobre a capitania do Ceará. *O Patriota*, n.2, março e abril de 1814, p.21. Apud Dias, Maria Odila (2005, 46).

³⁰⁷ Maria Odila Leite da Silva Dias. *A interiorização da metrópole e outros estudos*. São Paulo: Alameda, 2005, p.50 e 52.

gêneros exportáveis, o levantamento das plantas nativas e das explorações mineralógicas, ofereceu prêmios aos lavradores mais industriais e impôs medidas para aumentar o comércio interno e de exportação.³⁰⁹

Com isso, uma série de traduções e tratados sobre a cana-de-açúcar, o algodão, as bebidas “alimentosas”, as especiarias e as novas técnicas agrícolas foram feitas.

Dentro dessa orientação oficial, recebia o governador da capitania de São Paulo folhetos e memórias sobre as árvores açucareiras em geral, sobre os tipos de açúcar fabricados no Rio de Janeiro, sobre a cultura da batata, do anil, do café, da canela de Goa, do cravo giroflê, da urumbeba; sobre o algodoeiro, a cultura do linho e do cânhamo; as variedades da quina, a respeito de álcalis fixos e iluminados; os métodos agrícolas usados na América do Norte e livros de natureza mais técnica sobre processos de estamparia (...) ; a arte de fazer cola; o preparo do fumo; tratados de mineralogia e sobre o extrato e preparo do salitre; estudos de Botânica, tratados de Medicina (tratamentos de moléstias intestinais, o método de prevenir a peste, sobre os principais lazaretos etc.)³¹⁰

Houve um aproveitamento dos estudos brasileiros pela Coroa portuguesa e em 1796 João Manso Pereira foi enviado para São Paulo para estudar as nitreiras naturais da capitania de São Paulo. Dentro deste contexto, verificou-se a permanência de uma política da Coroa de manutenção de médicos, de engenheiros e de pesquisadores na América Portuguesa. O Jardim Botânico foi fundado, no final do século XVIII, no Rio de Janeiro o que favoreceu as pesquisas científicas e em 1818 a criação do Museu Nacional veio a confirmar tal política: a Imprensa Régia passou a se preocupar com a manutenção de manuais de medicina cirúrgica.³¹¹

A Coroa portuguesa queria aproveitar o potencial natural da América Portuguesa para usos medicinais.³¹² Alguns trabalhos foram publicados na revista *O Patriota* como “Plantas medicinais indígenas de Minas Gerais”³¹³ do Dr. Luís José de Godói Torres e o

³⁰⁸ Dauril Alden. Manuel Luiz Vieira: na entrepreneur in Rio de Janeiro during Brazil's Eighteenth Century Agricultural Renaissance. *Hispanic American Historical Review*, v.39, 1959, p.537. Apud Dias, Maria Odila (2005, 51)

³⁰⁹ Maria Odila Leite da Silva Dias. *A interiorização da metrópole e outros estudos*. São Paulo: Alameda, 2005, p.58.

³¹⁰ Ibidem, p.60 - 61.

³¹¹ Maria Odila Leite da Silva Dias. *A interiorização da metrópole e outros estudos*. São Paulo: Alameda, 2005, p.62, 82 e 87.

³¹² Maria Odila Leite da Silva Dias. *A interiorização da metrópole e outros estudos*. São Paulo: Alameda, 2005, p.91.

³¹³ *O Patriota*, n.2, fevereiro de 1813, p.56. Apud Dias, Maria Odila (2005, 91).

“Mapa das Plantas do Brasil, suas virtudes e lugares em que florescem”³¹⁴, retirado de ofícios dirigidos à médicos e cirurgiões de diversas regiões brasileiras.

Em relação à participação jesuítica neste processo, pode-se dizer que muitos padres “ilustrados” se dedicaram ao estudo das Ciências Naturais, como Rodrigues da Costa em “Tratado sobre a cultura do pessegueiro” que abordou um aspecto da lavoura de Minas Gerais e o padre Leandro do Sacramento que publicou “Memória econômica sobre a plantação cultura e preparação do chá”. Saint-Hilaire observou que os padres conheciam muito mais técnicas agrícolas do que os próprios fazendeiros e que alguns padres chegavam a utilizar fertilizantes em suas terras.³¹⁵

Podemos destacar a participação de José Bonifácio, que além de político exerceu um papel importante no desenvolvimento das ciências: planejou experiências químicas com a quina no Rio de Janeiro; em Santos organizou estudos sobre a necessidade do reflorestamento e sobre o problema das queimadas que afugentava cobras e mosquitos; interessou-se no aproveitamento da semente do algodão, que acreditava ser melhor do que o da mamona para o fabrico do azeite. Bonifácio tinha como objetivo fundar uma “Sociedade Econômica” em São Paulo que viesse a desenvolver estudos no campo da física, da história natural, possuir coleções de livros de botânica, mineralogia, boletins de assistência aos lavradores e ter duas fazendas experimentais.³¹⁶

Com o tempo, os colonos passaram a desejar estudar as potencialidades da terra, a explorar o conhecimento que a flora e a fauna poderiam oferecer. Fez-se um pedido em 1768 em Sabará ao rei D. José I para a implantação de um curso teórico e prático de anatomia naquela região³¹⁷ e em resposta, a Coroa não aceitou o pedido. Vê-se que a relação de dominação da metrópole em relação à colônia limitava esta última ao desenvolvimento científico. Note que os conhecimentos dos negros e índios influenciavam nas funções terapêuticas desenvolvidas na colônia:³¹⁸ tanto os africanos como os nativos tinham uma visão mágica do corpo e os portugueses também tinham uma crença em fórmulas terapêuticas que envolvessem rezas. Os amuletos, as rezas, as forças sobrenaturais faziam parte das receitas de cura.

³¹⁴ O *Patriota*, n.3, maio e junho de 1814, p.3-13. Apud Dias, Maria Odila (2005, 91).

³¹⁵ Maria Odila Leite da Silva Dias. *A interiorização da metrópole e outros estudos*. São Paulo: Alameda, 2005, p.93.

³¹⁶ Ibidem, p.106.

³¹⁷ IHGB-Mss-1.26 (Conselho Ultramarino). Sobre a representação que fizeram os oficiais da Vila Real de Sabará, 1768. Apud Ribeiro, M. (1997, 123)

³¹⁸ Laura de Mello e Souza. *O diabo e a Terra de Santa Cruz*. São Paulo, Companhia das Letras, 1986, p.166.

Não podemos deixar de comentar que não foi apenas pelo fato da escassez de profissionais da saúde que as práticas informais conseguiram seu espaço na arte de curar, pois pessoas que tinham condições financeiras para procurar um médico, para comprar um medicamento importado de Portugal também faziam uso das receitas de curandeiros.

Com a chegada de D.João e sua Corte ao Rio de Janeiro, começou a ocorrer investigações sobre os recursos naturais da América Portuguesa. Vieram para cá médicos, botânicos, zoólogos para estudar a nossa flora e fauna: houve a criação da imprensa e a publicação em periódicos de reclames de segredos medicinais, como, por exemplo, nos periódicos *Gazeta do Rio de Janeiro*, *Idade d'Ouro do Brasil* (Bahia) e *Farol Paulistano*, primeiro jornal de São Paulo (1827). Estava à venda no Rio de Janeiro garrafas de água de Inglaterra de várias procedências. A de André Lopes de Castro poderia ser adquirida no nº 32 da Rua Direita,³¹⁹ e também era comercializada no ano de 1831, na Rua do Rosário, casa nº 28, em São Paulo.

Houve a discussão entre as elites metropolitanas e coloniais sobre a situação do Brasil, que precisava de investimentos na área cultural incluindo o setor de saúde. Com isso, em 1808 foram instalados cursos de cirurgia e, ao mesmo tempo, receitas de remédios caseiros comuns em Portugal vieram para o Brasil: chás de percevejos e de excrementos de rato para desarranjos intestinais, moela de ema para cálculos biliares, urina de homem ou de burro, cabelos queimados, pós de esterco de cão, pele, ossos e carne de sapos, lagartixa, caranguejos.³²⁰

No início do século XIX, percebe-se que o apoio que a metrópole havia dado em favor dos estudos, das pesquisas, tinha também um interesse em lucrar economicamente com a descoberta e comercialização desses remédios: “Os medicamentos naqueles tempos vinham basicamente da natureza e nossa flora medicinal era rica em espécies exóticas ainda desconhecidas do homem europeu. Cabia melhor conhecê-la para dominá-la, delimitá-la para bem explorá-la economicamente, recomendavam os naturalistas daqueles tempos.”³²¹

D.João VI sentiu a necessidade de fazer modificações na arquitetura das casas, criar instituições políticas, sociais, econômicas e culturais, visto que, naquele momento, o

³¹⁹ “Avisos”, *Gazeta do Rio de Janeiro*, nº 36, 14 jan., 1809. Apud Marques, V.(2003, 172)

³²⁰ Gilberto Freyre. *Casa Grande e Senzala*. 11.ed.. Rio de Janeiro: José Olympio, 1964, p.508.

Rio de Janeiro havia se tornado a sede do Império Português. Spix e Martius fizeram algumas observações a respeito disso:

*...parece que a arquitetura, cujas obras são de tão imediata necessidade para a vida, também se aperfeiçoará mais depressa do que as outras artes. A presença da corte já vai começando a influir favoravelmente no gosto arquitetônico; entre outros exemplos, a nova Casa da Moeda e diversas casas particulares no Catete e Mata-porcos dão testemunho disso; (...) O mais belo e útil monumento de arquitetura, de que o Rio até aqui se pode gabar, é o aqueduto, concluído no ano de 1740, cópia da obra única no seu gênero em Lisboa do tempo de D.João V., por cujos arcos elevados corre, para as fontes da cidade, água potável, que vem do Corcovado...*³²²

Até aquele momento, não havia imprensa, faculdades, escolas e para acabar com o atraso cultural, D.João VI resolveu criar as seguintes instituições: Imprensa Régia, a Biblioteca Real, o Banco do Brasil, o Jardim Botânico, a Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios, a Escola Cirúrgica em Salvador, a Academia Militar, a Escola Naval, o Museu Imperial.

*O Brasil só tardiamente foi palco para o desenvolvimento das ciências, o que se deu apenas com a vinda da família real para o Rio de Janeiro, no início do século XIX. Ao longo dos anos, foram sendo criadas as primeiras faculdades e universidades e a imprensa régia encarregada pela edição e divulgação das matérias científicas.*³²³

É bom lembrar que as teorias científicas entraram no Brasil por intermédio do modelo europeu; não se faziam experiências na colônia, mas sim se copiavam idéias vindas da Europa. O discurso científico darwinista foi utilizado como modelo para interpretar a sociedade brasileira (diferenças sociais, raciais).³²⁴

Pode-se pensar que D.JoãoVI percebendo que em sua colônia não havia instituições científicas suficientes para o próprio desenvolvimento do Estado, visto que os próprios intelectuais tinham que estudar em Coimbra, sentindo a necessidade de conhecer melhor

³²¹ Vera Regina Beltrão Marques. *Natureza em Boiões*. Medicinas e boticários no Brasil setecentista. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1999, p.98-99.

³²² Spix e Martius. *Viagem pelo Brasil*. (1817-1820). São Paulo/ Belo Horizonte: Edusp/Itatiaia, 1981, p.49.

³²³ Maria Elice Brzezinski Prestes. *A Investigação da Natureza no Brasil Colônia*. São Paulo: Annablume/ FAPESP, 2000, p.13.

³²⁴ Lilia Moritz Schwarcz. *O Espetáculo das Raças*. São Paulo, Companhia das Letras, 1993, p.30-4.

as potencialidades naturais para um melhor desenvolvimento da agricultura, da mineralogia, resolveu promover através de um contrato a vinda de pesquisadores estrangeiros para o Brasil.

É interessante destacar que em 1816 um acontecimento marcou o desenvolvimento cultural do Brasil: a vinda da missão artística francesa, que trouxe intelectuais de diversas áreas que contribuíram para o desenvolvimento educacional, pesquisas em relação às potencialidades naturais do território. D.João VI contratou esses profissionais por um período de seis anos.³²⁵

Na verdade, tendo um olhar mais crítico da situação acima descrita, pode-se pensar que D.João estava querendo mesmo é conhecer melhor seu próprio território para depois explorá-lo.

É bom destacar, que as idéias iluministas estavam espalhando-se por toda a Europa e que os filhos da elite brasileira estavam estudando em Coimbra, logo estavam absorvendo essas idéias.

Esses intelectuais que se formaram em Coimbra, quando voltaram para a América Portuguesa começaram a divulgar as idéias de liberdade, igualdade, fraternidade, o que mais tarde colaborou para o desencadeamento do processo de independência e a criação do Estado Nacional no Brasil.

Em suma, este pequeno texto apenas teve o intuito de fornecer um panorama da situação da Europa e da América Portuguesa no início do século XIX e destacar a atuação de Spix, Martius e Saint-Hilaire.

Alimentos e remédios

³²⁵ Karen Lisboa Macknow. *A nova Atlântida ou o Gabinete Naturalista dos doutores Spix e Martius*. Dissertação de Mestrado, p.9-11.

Como já foi dito, Spix e Martiu, viajantes³²⁶ alemães, vieram à América Portuguesa em uma expedição com o intuito de registrar as peculiaridades encontradas neste território. Esta viagem científica foi muito bem planejada: Spix, como zoólogo, estaria encarregado de anotar as especificidades que encontrasse no Reino Animal; tudo que dizia respeito ao homem, tanto indígenas como colonos, as diversidades climáticas, a morfologia e anatomia de todas as espécies e os aspectos geográficos. Martius, botânico, ficaria responsável pela Flora Tropical (plantas, questões geológicas). Ambos também deveriam verificar o campo da mineralogia, as formações montanhosas e recolher a maior quantidade de informações sobre o estado de civilização-histórica dos índios e dos colonos da América Portuguesa. Durante a longa viagem de navio o que mais atormentava esses viajantes era o enjôo:

*A fim de minorar ou curar esse penoso incômodo, recorre-se a diferentes meios: recomenda chupar laranjas com ferrugem da âncora (...) As regras mais eficazes para se evitar esse mal são a dieta e, antes de tudo, conservar-se a pessoa tanto quanto possível no convés, ao ar livre e muito próximo do mastro central, onde o balanço é menos sentido (...) ; e em vez de tomar alimentos líquidos particularmente quentes, acostumar-se a frios, sólidos, sobre tudo ácidos, que consumam muito suco gástrico, por exemplo: peixes salgados, presuntos, etc.*³²⁷

Após terem viajado pelo Mar Mediterrâneo, passado por Gilbratar, ilha da Madeira, Oceano Atlântico, finalmente chegaram ao Rio de Janeiro. Spix e Martius ao pisarem em novo território chocaram-se com o tipo de natureza dos homens que encontraram:

*...A natureza inferior, bruta, desses homens importunos, seminus, fere a sensibilidade do europeu que acaba de deixar os costumes delicados e as fórmulas obsequiosas da sua pátria.*³²⁸

³²⁶ Entenda viajante como aquele que tem por objetivo pesquisar a flora e a fauna da América Portuguesa. Neste trabalho, o termo viajante não diz respeito apenas àquele que veio passear, pois, em especial, Spix, Martius e Saint-Hilaire foram viajantes pesquisadores que concluíram trabalhos científicos durante a passagem pela América portuguesa.

³²⁷ Spix e Martius. *Viagem pelo Brasil* (1817-1820). VI. São Paulo / Belo Horizonte: EDUSP / Itatiaia, 1981, p.38.

³²⁸ *Ibidem*, p.48

Eles passaram a observar os aspectos possíveis, como as casas eram feitas (pouca altura, estreitas, feitas de granito e madeira), a porcentagem do sal da água do mar (menos que a do Oceano), o pequeno comércio interno existente no Rio de Janeiro:

*Com o tráfico comercial de tal expansão como o daqui, é natural que o viajante note por toda parte atividade e burburinho de negócios. Particularmente o porto, a Bolsa, os mercados e as ruas mais próximas do mar, na maioria providas de depósitos para da Europa, estão cheios de negociantes, marinheiros e negros. Os diferentes idiomas da multidão dessa gente, de todas as cores e vestuários, se cruzam; o vozerio interrompido e sempre repetido, com o que os negros levam de um lado para outro as cargas sobre varas, o chiado de um tosco carro de bois de duas rodas, em que as mercadorias são conduzidas pela cidade...*³²⁹

Em seus diários, não economizavam elogios às ações de D.João VI em relação ao bem estar da colônia, como a criação do Conselho de Justiça, o Conselho da Fazenda, a Junta do Comércio, a biblioteca, fundação da Academia de Belas Artes e do incentivo a Missão Francesa.

Pode-se pensar que esses elogios eram pelo fato de D. João ter investido na pesquisa de Spix e Martius e permitido que eles transitassem pelo território:

*...O governo forneceu-nos cartas de recomendação para as autoridades com as quais teríamos que tratar, e o nosso solícito patrício Sr. Muller arranhou-nos um tropeiro paulista, com fama de bom guia de tropa.*³³⁰

Ao chegarem à província de São Paulo, esses viajantes perceberam que esta região precisava de ajuda financeira da Coroa para se desenvolver e, mais uma vez, enalteceram as atitudes de D. João VI:

A capitania de São Paulo não está em condições de fazer os gastos da administração com sua própria receita, mas precisa de um auxílio de sessenta contos de réis anuais. Desde a vinda do rei, que com paternal desvelo, desejava introduzir, em todo o país, mais rigorosa e pronta justiça, mais eqüitativa arrecadação de impostos, e, uma instrução pública mais ampla e

³²⁹ Spix e Martius. Viagem pelo Brasil. (1817-1820). VI. São Paulo / Belo Horizonte: EDUSP / Itatiaia, 1981, p.52.

³³⁰ Ibidem, p.155.

*por isso mais dispendiosa, cresceram na verdade os gastos da província sem que se elevassem em igual proporção as rendas...*³³¹

No dia-a-dia, Spix e Martius procuravam estabelecimentos comerciais ou até mesmo residências para adquirirem alimentos e passarem a noite. A princípio, sentiram uma repugnância em relação à alimentação colonial, mas, com o tempo, tomaram gosto pelas comidas típicas de cada região por onde passaram. Segundo Sérgio Buarque de Holanda, os hábitos alimentares dos europeus passaram por mais transformações em São Paulo do que em outras regiões do território colonial:

*Muito alimento que parecia repugnante a paladares europeus, teve de ser acolhido por aquela gente, principalmente durante as correrias no sertão, pois a fome é companheira constante da aventura.*³³²

Durante suas andanças, Martius percebeu que os colonos ainda usavam a churka (aparelho arcaico utilizado para a retirada do caroço do algodão) e que a pele de carneiro servia para a fabricação de panos grosseiros destinados aos escravos e para a confecção de chapéus de abas largas e copa reduzida. Além disso, no tocante a alimentação, esses viajantes também observaram que grande parte das pessoas no Rio de Janeiro consumia mandioca, fubá, feijão preto, cozidos com toucinho e carne seca ao sol e salgada, não dando tanta importância aos peixes. Aqueles que se alimentavam exclusivamente de peixes viviam na mais absoluta miséria. Isso também foi verificado na província de São Paulo. Já a classe média apreciava frutas e queijo:

*..Nos países quentes, onde os alimentos mais depressa se corrompem, parece que o uso do peixe aumenta com a preguiça, com a pobreza, e com o estado doentio do povo; ao menos, em toda a nossa viagem, existia sempre maior miséria, onde os habitantes se alimentavam exclusivamente de peixe.*³³³

Apesar da facilidade em se plantar legumes, os colonos não se interessavam por esses alimentos como os europeus. Grande parte dos habitantes da colônia preferia laranjas, goiabas, melancias, batatas-doces:

³³¹ Ibidem, p.147.

³³² Sérgio Buarque de Holanda. *Caminhos e Fronteiras*. Rio de Janeiro: Olympio, 1957, p.56.

*..as espécies mais finas de legumes europeus, e todas podem ser cultivadas com facilidade, não constituem ainda parte importante da nutrição do povo; são preferidas, porém, as laranjas, goiabas, melancias e batatas doces.*³³⁴

Spix e Martius notaram a simplicidade da dieta dos colonos que interferia na saúde:

*...O brasileiro ...quase não bebe senão água...À noite, ele não toma quase nada..., quando muito, bebe uma xícara de chá ou de café... e priva-se, sobretudo à noite, das frutas frescas. Somente tal dieta e conformidade com as condições do clima, o protegem contra muitas enfermidades, que atacam o estrangeiro incauto ou não informado.*³³⁵

Outros hábitos foram muito bem observados, como o fato dos colonos não praticarem atividades ao ar livre nas horas mais quentes para não terem insolação, não ficarem a noite no sereno para evitar resfriados e gostarem de beber água com vinho ou com cachaça.

No âmbito das questões econômicas, Spix e Martius comentaram como foi importante para a colônia a vinda da corte em 1808 ao Rio de Janeiro e mais tarde, como a abertura dos portos veio favorecer o crescimento comercial colonial. A partir de 1808, o rei D.João VI fez um decreto, no qual houve a abertura dos portos da colônia às “nações amigas” e essa atitude também beneficiou a capitania de São Paulo, pois houve a expansão das relações comerciais; os agricultores puderam vender com mais vantagem seus produtos, passaram a se interessar pelo desenvolvimento da lavoura, dos engenhos de açúcar e das plantações de café:

Antes da mudança da corte, de Lisboa para o Rio de Janeiro, o comércio desta cidade e de todas as outras do Brasil achava-se limitado exclusivamente a Portugal. A diariamente crescente produção de preciosos gêneros coloniais e a diligente exploração de minas de ouro no interior das terras haviam aumentado muito (...), a riqueza, e com isso as pretensões dos brasileiros (...). A partir da libertação do comércio brasileiro, até então paralisado pelo

³³³ Ibidem, p.60.

³³⁴ Ibidem, p.60.

*monopólio e ciúme da mãe pátria, e da abertura dos portos para tidas as nações, data uma nova época para o Brasil. (...).Sem dúvida, essa mudança foi mais salutar e proveitosa para o Brasil do que para Portugal.Este último, depois que se desatou o antigo e estreito laço entre ele e a ex-colônia, nunca mais recuperará aquele esplendor comercial primitivo.*³³⁶

Segundo esses viajantes, a relação de exclusivismo metropolitano não mais existiria e que a América Portuguesa, poderia, então, buscar o seu desenvolvimento comercial. Havia um comércio interno e que era realizado principalmente entre Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo e Rio Grande do Sul e essas duas últimas capitânias desenvolviam a criação de gado para o corte, cavalos e mulas. Minas Gerais era a grande fornecedora de produtos como o algodão, fumo, pedras preciosas, queijos, marmelada, rapadura para o Rio de Janeiro. Verificou-se a ocorrência da importação de determinados produtos naturais fabricados em Portugal, tais como vinho, azeite, farinha de trigo, biscoitos, sal, manteiga, vinagre, bacalhau, presuntos, salsichas, azeitonas e instrumentos de música. Spix e Martius também observaram que os três produtos agrícolas mais importantes que eram exportados para a Europa eram o açúcar, o café e o algodão. O açúcar predominava nos distritos da capitania do sul e a leste da Serra do Mar e proximidades da beira-mar (Ilha Grande, Cabo Frio, Goiatacas). O cultivo da cana de açúcar foi disseminado pelo então governador do Rio de Janeiro Mem de Sá no final do século XVI. O café era cultivado no Rio de Janeiro e São Paulo e o Rio de Janeiro também exportava para o mercado europeu, sebo, peles de lontra, crina, couros de cavalos, chifres de boi, rum, melado, arroz, anil, cacau.³³⁷

*...O comércio principal de São Paulo para Minas consiste em mulas, cavalos, sal, carne seca, ferragens e todos os demais produtos de fabricação, que costumam ser despachados da costa para interior.*³³⁸

Um dos lugares visitados por esses viajantes alemães foi o Jardim Botânico, onde observaram o cultivo do chá chinês, que era após a colheita, torrado. Cultivava-se este tipo de produto em virtude do governo português ter a consciência de que a Inglaterra o importava em grande quantidade da China. Spix e Martius diziam que o

³³⁵ Spix e Martius, op. cit, p. 60.

³³⁶ Ibidem, p. 68-69.

³³⁷ Spix e Martius, op. cit, p.69-71

³³⁸ Ibidem, p.123

aspecto dos chás do Brasil era diferente, pois eram mais ásperos e terrosos. Havia também arbustos de caneleira, craveiro-da-índia, pimenteira, gneto, noz-moscada, a caramboleira e um interesse no uso desses elementos para fins medicinais. Em Angra dos Reis cultivava-se o milho, anil, açúcar, fumo:

*..O chá é aqui cultivado, de modo ao da própria China, todo igual, colhido e torrado. O governo português dedicou especial atenção à cultura desse vegetal, cujo produto da China é anualmente exportado para a Inglaterra...O Ex-Ministro, Conde de Linhares, mandou vir umas centenas de colonos chineses, a fim de tornar conhecidas as vantagens do cultivo e do preparo do chá...O sabor era forte, porém. Longe de ser tão finamente aromático como o das melhores qualidades chinesas, era um tanto áspero e terroso...*³³⁹

No decorrer da viagem para a província de São Paulo, Spix e Martius observaram palmeiras perfumadas, eles chegaram a utilizar as peles de boi como cama e fizeram refeições simples composta de feijão, toucinho e carne seca. Eles sentiram dificuldade em encontrar poços de água, logo tinham que se contentar com as águas pluviais. Havia nas estradas pequenos estabelecimentos que possuíam alguns alimentos básicos para a sobrevivência de viajantes:

*...e ao pôr do sol alcançamos Campinho, uma fazenda situada a três léguas do Rio, e uma venda que têm gêneros de primeira necessidade para as tropas em viagem.*³⁴⁰

*essas choupanas acham-se na maior parte da estrada do Rio de Janeiro para São Paulo e para os mais importantes lugares de Minas Gerais, e, visto se encontrarem as plantações em terrenos úmidos ou na mata virgem, longe da estrada, são freqüentemente as vendas os únicos lugares que ainda fazem lembrar ao viajante a Europa e instituições européias...*³⁴¹

Como já foi dito, observar a natureza, as plantas, os animais era algo de muito interesse para esses cientistas. Pode-se melhor verificar isso, na viagem que eles fizeram com destino a São Paulo. Nas palavras desses viajantes:

³³⁹ Ibidem, p.87.

³⁴⁰ Spix e Martius, op. cit, p.109.

³⁴¹ Spix e Martius, op. cit., p.109.

*...à medida que nos afastávamos das sombrias matas virgens da Serra do Mar. A estrada leva-nos, de agora em diante, pelo vasto Vale do Paraíba, sobre colinas baixas, a princípio cobertas de toda sorte de moitas e árvores isoladas, entretanto, além, estavam mais abertas e livres, apenas revestidas de capim e ervas rasteiras, ou de compridas filas de abacaxis. Manadas de gado ou de mulas pastavam nessas aprazíveis regiões...*³⁴²

Ao chegarem ao sul de Taubaté, observaram que a alimentação era constituída por fubá grosseiro com toucinho e que por sinal, segundo eles, era muito indigesto. Muitos dos habitantes desta região tinham problemas na tireóide. Spix e Martius percorreram a Vila de São José (atual cidade de São José dos Campos)³⁴³ e notaram que os habitantes de Taubaté haviam deixado de lado a extração de ouro e passaram a desenvolver melhor a agricultura e a criação de gado.³⁴⁴

A partir de 1765, uma modificação ocorreu na província de São Paulo: os terrenos que possuíam ouro estavam esgotados e a caça ao índio havia sido proibida. Com isso, os paulistas não tiveram outra alternativa, a não ser se dedicarem a agricultura.

Quando Spix e Martius chegaram à cidade de São Paulo, esta era governada por D. Francisco de Assis Mascarenhas, o Conde de Palma (governador e capitão geral de 1814 à 1817). A cidade de São Paulo estava localizada na extensa planície de Piratininga, possuía três conventos de frades (franciscano, carmeliano e beneditino), dois claustros de freiras, dois hospitais e o palácio do governador (antigo Colégio dos jesuítas) e as casas possuíam sacadas de gradil, as ruas eram largas.

Spix e Martius, antes de conhecerem São Paulo, tiveram contato com algumas obras que relatavam sobre os paulistas, as quais diziam serem eles um povo sem lei, aventureiros e movidos pela cobiça:

*...As narrações de escritores mais antigos descrevem os paulistas como um povo sem leis, avesso a qualquer restrição regulada pelos costumes e sentimentos, e que, por isso mesmo, se separou do domínio português e formou uma república autônoma.*³⁴⁵

³⁴² Ibidem, p.126.

³⁴³ Ibidem, p.128.

³⁴⁴ Ibidem, p. 127.

³⁴⁵ Spix e Martius, op. cit., p.138.

No entanto, quando passaram a conviver com os paulistas perceberam que eles não eram agressivos, mas sim corajosos. O que realmente chamou a atenção foi o prazer que este povo tinha de se aventurar.

*...Atualmente, porém, essa natureza rude se suavizou, e o paulista goza, em todo o Brasil, da fama de grande franqueza, coragem invencível e romântico gosto para aventuras e perigos.*³⁴⁶

Spix e Martius descreveram as características físicas dos paulistas: altos, peito largo, traços físicos acentuados que indicavam franqueza, olhos pardos, alguns azuis, cabelos escuros e lisos, musculatura rígida, ágeis. A resistência paulista em relação aos problemas cotidianos realmente impressionou esses viajantes:

*O vigor muscular com que amansavam cavalos brancos e gado selvagem por meio de laço é tão maravilhoso, como a facilidade com que suportam contínuos trabalhos e canseiras, fome e sede, frio e calor, intempéries e privações de toda a sorte.*³⁴⁷

A província de São Paulo era especialista na criação de gado e cavalos e para termos uma noção como essa atividade era considerada importante, sabe-se, que das dezessete mil e quinhentas léguas quadradas, somente cinco mil eram constituídas pelas matas, o restante eram pastos e campinas:

*Toda a província de São Paulo é especialmente adequada para a criação de gado. Dispõe das mais extensas campinas nas quais excelentemente se cria toda espécie de animais, de modo particular, porém, o gado bovino e eqüino.*³⁴⁸

Spix e Martius observaram que apesar de haver pastos extensos e muitos gados, não havia métodos eficazes para o corte e mesmo para a produção de leite. O gado trazido de Portugal continuava o mesmo na colônia; não se fez nada para melhorar a raça, como por exemplo, introduzir o cruzamento com touros.³⁴⁹

³⁴⁶ Ibidem, p. 138-9.

³⁴⁷ Spix e Martius, op. cit., p. 139.

³⁴⁸ Ibidem, p.142.

³⁴⁹ Ibidem, p. 111.

*... Não obstante possuir um pasto muito extenso, um rebanho extraordinariamente grande, com algumas milhares de cabeça, (...), acha-se a rica propriedade ainda no mesmo estado de abandono, em que Mawe a encontrou e descreveu, há vários anos atrás. Ainda não se cuidou de instalar aqui uma leiteria à maneira européia, e o rei, que tem tão perto da sua residência uma das mais belas manadas de vacas, precisa contentar-se com a manteiga irlandesa salgada, que fez uma viagem marítima de alguns meses.*³⁵⁰

A partir do momento em que a província de São Paulo passou a ser povoada, a agricultura começou a ser mais desenvolvida e com o tempo, esta atividade passou a ser maior do que a de criação de gado. Spix e Martius observaram que os paulistas já não aparentavam mais aquele entusiasmo na pela procura de ouro.³⁵¹

*...atualmente (...) para o plantio da cana e de outros produtos coloniais, a população é mais densa, o rendimento da lavoura, comparado com o da criação de gado, é quase de quatro para um.*³⁵²

Em 1808, havia apenas quatrocentos e cinquenta e oito engenhos de açúcar, seiscentos e um alambiques para a produção de aguardente, melado. Os habitantes preocupavam-se, a princípio, apenas com o consumo interno:

*Mais ou menos a metade da produção da capitania é consumida ali mesmo, e a outra é exportada tanto por mar como por terra. Os produtos propriamente coloniais, como o café, açúcar, fumo, aguardente, um pouco de algodão, óleo de copaíba, peles de boi, chifres e pontas de chifre, sebo, etc., vão para a Europa, diretamente, ou passando pelo Rio de Janeiro.*³⁵³

Os paulistas preferiam plantar mais milho à mandioca, pois acreditavam que a farinha de mandioca fazia mal à saúde. Mesmo, quando percorriam as montanhas, Spix e Martius não deixaram de registrar as paisagens de roças de milho, mandioca e cana.³⁵⁴ São Paulo mandava muito milho para o Rio de Janeiro e para o Rio Grande do Sul, Montevideu, Buenos Aires enviava o açúcar e a aguardente; a carne seca era encaminhada para Pernambuco, Ceará e Maranhão. O porto de Santos era o único da

³⁵⁰ Ibidem, p. 110.

³⁵¹ Ibidem, p.145.

³⁵² Spix e Martius, op. cit., p. 142.

³⁵³ Spix e Martius, op. cit., p.142.

³⁵⁴ Ibidem, p.122..

província que tinha comunicação direta com Lisboa e as ilhas portuguesas. Veja o que esses viajantes observaram sobre a mandioca e o milho:

*...A mandioca não dá muito bem e apodrece facilmente nos solos pesados, barrentos e mais frios das baixadas cobertas de mato; o milho, pelo contrário, produz, quase por toda parte, espigas grandes e ricas de farinha.*³⁵⁵

Grande parte das mercadorias era transportada pelas mulas; demorava-se muito para chegar ao destino e não havia muita circulação de dinheiro:

*O caminho por Cubatão (...) em alguns pontos se elevaria a três e mais pés acima do nível do mar, é extraordinariamente escarpado e apenas transitável por mulas. Embora muito melhorado pelo Sr. Governador Geral França e Horta, só permite a saída dos produtos da terra repartidos em pequenos volumes, e a importação se faz do mesmo modo. Para fornecer a cidade de um só sino e alguns canhões pesados são precisos um esforço e um gasto extraordinários.(...) Por essa exposição do comércio de São Paulo, prova-se que a proporção de riqueza em moeda circulante deve ser aqui muito menor do que nas províncias do Norte...*³⁵⁶

Spix e Martius também notaram que existiam, apesar de insignificantes, dois outros portos (Paranaguá e Cananéia) além do porto de Santos que exportavam alguns produtos tais como, farinha de trigo, peles de boi, carne seca, mate ou chá do Paraguai.

Em 1814, a capitania de São Paulo dedicava-se a produção de açúcar, cachaça, óleo de mamona, farinha de trigo, farinha de mandioca, milho, feijão, arroz, toucinho, peixe, fumo, anil, algodão, café. Havia também a criação de porcos, gado vacum, cavalos, mulas, carneiros, ovelhas.

A exportação por mar era feita de produtos, tais como açúcar, aguardente, café, arroz, farinha de mandioca e de trigo, mate, toucinho, banha, couros curtidos, couros finos, anil, polvilho, salitre, fumo, cordame, fios de algodão, azeite de peixe. Já os produtos exclusivamente comercializados por terra eram o milho, vitelas, porcos e galinhas.

O vestuário era feito de fabricação caseira, de pano de lã grosseiro para a confecção de roupas para a população rural, chapéus de feltro branco. Nos arredores da

³⁵⁵ Ibidem 171

capitania de São Paulo, havia plantações de goiabas, guabiroba, grumixama, jabuticaba, caju, melancia, laranja, figos, marmelo, cerejas, ginjas, pêssegos, maçãs, nozes, castanhas. As videiras e oliveiras não obtinham grande sucesso nesta região, pois o solo era muito úmido. Spix e Martius chegaram a provar algumas uvas, mas as acharam muito ácidas. Ananás era a que mais se adaptava ao clima de São Paulo e poderia ser consumida ao natural ou em compotas como sobremesa, fazia-se vinho desta fruta. As jabuticabas eram muito consumidas e também a partir de seus frutos fabricava-se vinho. Já a plantação de cebola era muito bem desenvolvida. A madeira encontrada era de ótima qualidade e muito procurada pelos comerciantes.³⁵⁷

*(...) as uvas, que aqui provamos, eram ácidas. Para a videira, talvez o solo seja gordo e úmido demais. A oliveira quase nunca dá frutos, talvez também porque a sua época de frutificar recai nos meses de chuvas. As hortaliças européias dão excelentemente; as cebolas de São Paulo, assim como as da ilha de Santa Catarina, são famosas pelo tamanho e pela quantidade*³⁵⁸

Em relação aos utensílios que os habitantes desta província utilizavam: o uso feito pelos peões de uma sela de madeiras com estribos, chapéu com formato de prato preso ao pescoço. Tudo fabricado de couro de veado e de capivara.

Spix e Martius eram bem recebidos pelos habitantes desta região, que faziam questão de servir pratos simples, mas considerados saborosos como ensopado de vaca ou de porco, assado de paca, cutia ou tatu, canjica e frutas em calda:

*Na mesa, eram servidos pratos simples, porém abundantes, como ensopado de vaca ou de porco, um assado de paca ou tatu, que os filhos da casa haviam trazido do mato; em seguida a gostosa canjica; finalmente, quantidade de frutas em calda, que na Europa seriam sobremesa de grande luxo.*³⁵⁹

O universo da cura: Spix e Martius

³⁵⁶ Spix e Martius, op. cit., p.142-3.

³⁵⁷ Ibidem, p.143-144.

³⁵⁸ Spix e Martius, op. cit., p.144.

³⁵⁹ Ibidem, p.171-2.

Ao chegar ao Rio de Janeiro, Spix e Martius fizeram várias anotações sobre o cotidiano dos habitantes dessa região e comparações freqüentes com a Europa. Eles observaram que não havia instituições de ensino e pesquisa como as que estavam acostumados:

*...Até aqui tem sido antes o gosto pelas comodidades, pelo luxo e pelas formas amenas da vida exterior, que se espalha rapidamente, do que o amor pelas artes e pelas ciências no seu verdadeiro sentido. Enquanto o desenvolvimento destas últimas nos países do Norte teve, como conseqüência, o enobrecimento dos gozos da vida, no Sul, ao contrário, com o desenvolvimento mais livre da sensualidade e da vida exterior chega-se tardiamente ao aperfeiçoamento da arte e das ciências. Não se procurem, portanto, ainda, na jovem capital, as grandes e influentes instituições para educação e instrução superior como as que estamos habituados a ver na Europa.*³⁶⁰

A Biblioteca possuía alguns livros que D. João VI trouxe de Portugal, nos quais questões históricas eram abordadas. Havia também um manuscrito intitulado *Flora Fluminense*, que Spix e Martius leram para saber um pouco sobre as plantas do Rio de Janeiro. Mesmo assim: “... aqui é tão pouco sentida a necessidade das ocupações científicas que as salas permanecem, por assim dizer, vazias.”³⁶¹

Para os jovens que queriam estudar, havia algumas escolas. As famílias ricas contratavam professores particulares, que eram poucos, para que seus filhos, mais tarde, tivessem condições de estudar na Universidade de Coimbra (grande parte dos professores era pertencente ao clero). As aulas de História Natural, em especial, de Botânica eram ministradas por Frei Leandro do Sacramento, que usa uma pequena plantação de vegetais para ensinar os conhecimentos científicos para seus alunos: tinha um pequeno museu zoológico, com poucas aves e caixas com borboletas que era utilizado para estudos e havia também aulas de cirurgia e uma escassez de médicos.

...No Seminário de São Joaquim, aprendem-se os rudimentos do latim e do cantochão. Mas o melhor colégio é o Liceu ou Seminário de São José, onde além do latim, do grego, das línguas francesa e inglesa, retórica, geografia e matemática, também se lecionam filosofia e teologia. A maioria dos professores é do clero, o qual, entretanto, exerce atualmente muito menor influência no ensino do povo do que antigamente, sobretudo no

³⁶⁰ Ibidem, p.54.

³⁶¹ Spix e Martius, op. cit., p.55.

*tempo dos jesuítas. Uma instituição muito útil dos novos tempos é a Aula de Cirurgia, que foi fundada para formarem médicos práticos, pessoal de que há absoluta falta no interior. Ao cabo de cinco anos de estudo, podem os jovens diplomar-se aqui, como mestres de cirurgia. Segue-se aí severo programa, e cuida-se da aquisição de conhecimentos positivos na clínica do Real Hospital militar vizinho.*³⁶²

O estudo da teologia e filosofia era ministrado por padres nas escolas e havia apenas uma biblioteca com poucos livros, mas que eram muito utilizados pelo clero.

Em 1810 foi fundada a Real Academia Militar que tinha como objetivo oferecer uma formação científica para aqueles que iriam seguir a carreira militar. Mas, apesar de possuir bons professores havia falta de alunos. Tinha também a Aula do Comércio que além de ensinar aspectos ligados ao comércio, ministravam aulas de química.³⁶³

Spix e Martius observavam muito o clima do Rio de Janeiro e recomendavam os cuidados que as pessoas deveriam ter para não adoecerem:

*...é aconselhável aqui não se ficar fora de casa depois do pôr do sol, quando a atmosfera se resfria de repente e cai o sereno. A madrugada parece, aliás, menos prejudicial ao corpo do que a tarde, porque a volta do sol faz logo restabelecer a transpiração. Rio de Janeiro é tida em geral, contudo injustamente, como uma das menos saudáveis cidades do Brasil. O clima é quente e úmido, o que é devido em grande parte à sua posição, pois altas montanhas cobertas de matas, a estreita estrada e a muitas ilhas da baía estorvam o livre curso dos ventos; entretanto, as mudanças de temperatura não são tão rápidas que prejudiquem a saúde. Ventos frios, úmidos, que dão motivo a ligeiros reumatismos, não são raros aqui. Embora nas baixadas pantanosas, junto ao mar, se espalhe, na ocasião da vazante, insuportável mau cheiro, elas ficam pouco tempo descobertas, para felicidade dos moradores dessas praias, de sorte que as exalações pútridas não chegam a produzir febres endêmicas.*³⁶⁴

Sobre a nutrição da sociedade brasileira Spix e Martius fizeram um longo comentário. Esses pesquisadores associavam o tipo de alimentação com a saúde:

Também a alimentação das classes inferiores do povo dá pouco ensejo às doenças. A mandioca (Cassava), o fubá e o feijão preto, em geral cozidos com toicinho e carne seca ao

³⁶² Spix e Martius. *Viagem pelo Brasil 1817-1820*. Vol.I. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: EDUSP, S.P., 1981, p. 55. Note que no curso que formava médicos, os alunos aprendiam no 1º ano: anatomia, química e farmácia; no 2º ano, as mesmas matérias e fisiologia; no 3º ano higiene, etiologia e terapêutica; no 4º ano cirurgia e obstetrícia e no 5º ano, prática nas clínicas.

³⁶³ Ibidem, p. 56.

*sol e salgada, formam a principal parte do embora pesado e grosseiro alimento, mas saudável para quem faz muito exercício e toma vinho português ou cachaça. Os peixes não são tão apreciados como nas costas do Norte (Europa). Nos países quentes, onde os alimentos mais depressa se corrompem, parece que o uso do peixe aumenta com a preguiça, com a pobreza, e com o estado doentio do povo; ao menos, em toda a nossa viagem, existia sempre maior miséria, onde os habitantes se alimentavam exclusivamente de peixe. Na classe média da burguesia do Rio, que ainda não adotou inteiramente os costumes de Portugal, relativamente não é muito animal a nutrição, pois satisfazem-se com as deliciosas frutas e o queijo importado de Minas, que, com as bananas, nunca faltam em mesa alguma. A farinha de trigo, importada da América do Norte e da Europa, conserva-se aqui uns cinco a seis meses. Também as espécies mais finas de legumes europeus, e todas podem ser cultivadas com facilidade, não constituem ainda parte importante da nutrição do povo; são preferidas, porém, as laranjas, goiabadas, melancias e batatas-doces.*³⁶⁵

Martius afirmava que tanto os índios como os curandeiros de maneira geral separavam os alimentos em quentes e frios e usavam como medicamentos: “Na opinião do vulgo, a banana e o arroz são alimentos quentes, a farinha de mandioca e os carás alimentos frios. A divisão de medicamentos em quentes e frios em igual valor entre eles e a maioria dos curandeiros.”³⁶⁶

Aos arredores do Rio de Janeiro, esses viajantes observaram que a alimentação e o modo de vida eram tão miseráveis, que muitos habitantes tinham aparência doentia. Pelo fato de conseguirem adquirir uma grande quantidade de peixes, não se preocupam em plantar algumas verduras e frutas para incluírem na dieta.³⁶⁷

Como já foi dito, esses pesquisadores observaram que os brasileiros tinham uma regularidade nas refeições, bebiam praticamente só água e quase não comiam à noite, apenas bebiam uma xícara de chá ou café. Os moradores diziam para Spix e Martius beberem água com vinho ou cachaça: “Aconselharam-nos a tomar água com vinho ou cachaça; somente servem com vantagem esses meios, quando se faz pouco exercício e à sombra, pois o violento

³⁶⁴ Spix e Martius. *Viagem pelo Brasil 1817-1820*. Vol I. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1981, p.60.

³⁶⁵ Ibidem, p.60.

³⁶⁶ Martius. *Natureza, doenças, medicina e remédios dos índios brasileiros*. São Paulo. Editora Nacional, 1844, p. 223.

³⁶⁷ Spix e Martius. *Viagem pelo Brasil*. 1817-1820. vol I. Belo Horizonte: editora Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1981, p.84.

afluxo de sangue à cabeça. Durante as viagens, quando nos expunhamos muito ao sol, nos proibiu, sobretudo no primeiro ano, o uso de qualquer bebida espirituosa...”³⁶⁸

No Rio de Janeiro, Spix e Martius observaram que as principais doenças encontradas eram: a diarreia crônica, a hidropisia, febres intermitentes, a sífilis, a hidrocele. Somente esta última, era endêmica e própria da cidade. Os médicos dessa região diziam que a causa desta doença era a água que as pessoas bebiam. Já Spix e Martius discordaram desta opinião:

*Os médicos daqui opinam que enfermidade deriva do uso da água. Essa não pode ser a causa, pois nas classes mais altas onde tal doença mais aparece, a água de que se servem é quase sempre melhorada com o acréscimo de um líquido espirituoso. De fato, inconsiderado uso de roupa leve, refrescos logo depois de violento aquecimento, excessos sexuais, tudo isso parece levar à frouxidão da força muscular, a que o clima quente já pressupõe, como a paralisação dos nervos, dando assim motivo para a hidrocele. Observa-se esta, portanto, especialmente entre os brancos, europeus recém chegados, como americanos do norte, nos quais as influências acima citadas podem produzir, se não uma completa extenuação, pelo menos falsa direção na atividade do sistema linfático e frouxidão dos órgãos sexuais. Os médicos do lugar recomendam como preservativo e remédio contra o mal, abluções locais com rum e água fria e o uso do suspensório.*³⁶⁹

Esses naturalistas observaram a presença de muitas pessoas com sarna e afirmaram que a causa desta doença era principalmente a “supressão da transpiração”:

Uma doença muito comum nos climas quentes, a sarna, é coisa freqüente aqui. Este mal consiste na supuração, devida à inflamação das glândulas sebáceas da pele, com inchação rósea em volta, e anuncia-se especialmente pelo ardor, tensão e insuportável comichão. Nas pessoas sensíveis, produz não raro inchações simpáticas das glândulas inguinais e outras. As suas principais causas não são, como erradamente se supõe, - falta de asseio e vestuário de lã - mas sim, aquecimento, supressão da transpiração, irregularidades do sistema gástrico e obstrução das segundas vias (quililíferas), que justamente são favorecidas pelas influências climáticas. A picada de milhares de mosquitos assanhados, que se torna mais intolerável ainda depois de grande calor, em dias úmidos com céu coberto, contribui igualmente para o desenvolvimento ou propagação dessa doença. Mais raros são os casos no Rio de Janeiro em que a sarna, depois de longo estado crônico, transforma-se numa erupção generalizada e quase semelhante aos primeiros graus da lepra, e então quase sempre está acompanhada de dicrasia sífilítica. Usam-se como

³⁶⁸ Spix e Martius, op. cit., p.61.

*remédio, limonadas e pequenas doses de calomelanos, abluções externas com rum morno muito diluído, banhos e purgantes.*³⁷⁰

As diarreias, que segundo Spix e Martius, procedem de resfriados são curadas bebendo limonada quente de vinagre. A diabetes não é comum, mas quando há alguém com essa doença, na maioria das vezes, é branco. Nos negros é mais freqüente o aparecimento de elefantíase.

Algumas outras doenças foram destacadas pelos viajantes como a sífilis e a varíola. Eles destacaram o fato da sífilis ter-se propagado de forma expressiva, mas não tão forte quanto nos países, onde o clima é mais frio :

A sífilis, tão dominante em toda a zona quente, tampouco é rara no Rio de Janeiro. Em verdade a devastação feita por esta doença desconhecida dos indígenas americanos, como mais tarde nos convencemos, não foi tão horrível e violenta como acontece nos países mais frios, especialmente nas ilhas do Oceano Pacífico, onde mais generalizada e grande é a sua propagação na população inteira (...) Mesmo que a intensidade deste mal tenha diminuído com a transplantação para a zona quente, ao que parece, muito aumentou ao contrário sua capacidade de difusão; por outro lado a receptividade do organismo aqui é, além disso, mais forte do que nos países frios, em parte por causa da aceleração dos processos vitais em geral, em parte pelo maior enfraquecimento devido a dissolução reinante, e pelo constante calor.”³⁷¹ Já a varíola não é muito comum no Rio de Janeiro.

Spix e Martius associaram o grau de civilização com a aquisição de doenças: “O médico que comparar doenças do Brasil como as bexigas, a sífilis e outras, com as enfermidades de outras partes do mundo, chega a conclusão de que assim, como cada indivíduo, em cada idade está sujeito a doenças de desenvolvimento típicas, também nações inteiras e épocas, conforme o grau de cultura e civilização, contraem e desenvolvem mais facilmente certas doenças.”³⁷²

Eles destacaram o fato de não haver instituições públicas responsáveis pela limpeza da cidade e que os urubus é que acabavam limpando a cidade e acrescentaram que a falta de higiene e a falta de atenção do governo frente à rede de saúde prejudicava o trabalho de

³⁶⁹ Spix e Martius, op. cit., p.61.

³⁷⁰ Spix e Martius. *Viagem pelo Brasil 1817-1820*. vol I. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1981, p. 61.

³⁷¹ Spix e Martius, *Viagem pelo Brasil 1817-1820* vol I. Belo Horizonte : Editora Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1981, p.64.

médicos e dos profissionais das farmácias. No entanto, eles destacaram que o que há de eficaz nesta área é a fiscalização dos boletins de saúde dos navios que entram no Brasil e a vacinação contra a varíola supervisionada por um médico.³⁷³ Esses viajantes comentaram um pouco sobre a atuação do Hospital dos Lázaros, do Hospital da Misericórdia e do Hospital Real Militar e destacaram que nesses hospitais eram utilizados medicamentos da farmacopéia de Lisboa, de Londres e de Edimburgo.

Spix e Martius comentaram que o governo fiscalizava as indústrias relacionadas à área da saúde: “... a liberdade que tem o dono de escravos, de utilizar-se deles para qualquer ofício como lhe apraz, muito difere da coação das corporações européias. Entretanto, todas as indústrias que têm relação com a saúde e o bem público estão sob fiscalização da polícia.”³⁷⁴

Esses pesquisadores relataram quais as mercadorias importadas dos países europeus. Alguns medicamentos também eram importados:

*A França tem exportado recentemente, sobretudo do Havre de Grace e do Brest, artigos de luxo, jóias, móveis, velas de cera, medicamentos, licores finos, pinturas(...). A Holanda manda para este mercado cerveja, objetos de vidro, tecidos de linho, genebra, que por suas propriedades diuréticas é muito usada em todos os países tropicais, papel, etc. A Áustria tem mandado ao Rio muitos artigos a prazo (...) mercúrio, sublimado, cinábrio, vitríolo, sal amoníaco, latão, chumbo, cobre, estanho, antimônio, arame de ferro, arsênico, cera branca e amarela(...) De Angola e de Benguela trazem cera, óleo dos cocos de dendê, (Elaeis guineensis L.), óleo de amendoim das sementes de Arachis hypogaea L., marfim, enxofre...*³⁷⁵

Aos arredores do Rio de Janeiro, esses viajantes observaram que as pessoas com muita dificuldade plantavam milho, melancias, batatas doces e cana para a subsistência. Possuíam uma vida miserável, moravam em lugares úmidos, sem ventilação e por consequência disso, apresentavam um aspecto pálido e doentio.³⁷⁶ Na viagem do Rio de Janeiro a São Paulo, Spix e Martius dormiram em algumas casas, muitas vezes perceberam a falta de higiene desses locais, conversaram com os habitantes do local e quando tinham que conduzir a tropa durante a noite, a atenção tinha que ser redobrada, pois receavam os ataques de cobras. Os moradores

³⁷² Ibidem, p. 64.

³⁷³ Ibidem, p.64.

³⁷⁴ Ibidem, p.75.

³⁷⁵ Spix e Martius. *Viagem pelo Brasil. 1817-1820*. Vol I. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1981, p. 70.

³⁷⁶ Ibidem p.84.

do local diziam que era só fazer a oração de São Tomé que nenhuma cobra atacaria. Percebe-se, então, a força que tinha a reza.³⁷⁷

Nas planícies de São Paulo plantavam-se o fumo, que era encarado como purificador dos espíritos, dos males:

*A planície, embora parcialmente muito pantanosa, pertence à região mais fértil de São Paulo. Em particular, prospera aqui excelentemente o fumo, e o seu cultivo é um dos principais trabalhos dos habitantes de Lorena e da Vila de Guaratinguetá, distante duas léguas, onde pernoitamos. Como o calor úmido favorece especialmente a secreção da substância específica nas folhas do fumo, o que determina antes de mais nada a excelência do mesmo, pois goza da preferência do fumo cultivado ao longo da costa do mar e no vale mais quente do Paraíba e com o nome de “tabaco de farinha” é distinguido da qualidade inferior, o “tabaco da serra acima”. O mais apreciado do país, porém é o da Ilha de São Sebastião, que é exportado também para fora da província como rapé. É muito simples o tratamento das folhas, que são colhidas diversas vezes no ano. Depois de secarem ao ar, são reunidas em grandes pacotes ou retorcidas em rolos, o que constitui um dos mais importantes artigos de permuta com os navios negreiros de Guiné, em troca de escravos.”*³⁷⁸

Em Taubaté, Spix e Martius observaram uma “inchação endêmica” da glândula da tireóide muito saliente:

*Às vezes, todo o pescoço fica tomado da inchação, o que dá a essa gente, na maioria de cor, que sem isso já não tem fisionomia agradável, uma horrível aparência. Parece, entretanto, que no país se considera o bócio mais embelezamento do que deformação, pois não é raro verem-se mulheres com o monstruoso bócio enfeitado de correntes de ouro e prata a se exibirem, de cachimbo na boca ou com um fuso na mão, para fiar algodão, sentadas diante de suas casas.”*³⁷⁹

Os negros, mamelucos e mulatos exibem o bócio. As mulheres brancas, em menor número, também apresentam essa doença. Spix e Martius acreditavam que a causa desta doença era o clima, e a má alimentação:

³⁷⁷ Ibidem, p.122.

³⁷⁸ Ibidem, p.123.

³⁷⁹ Spix e Martius. *Viagem pelo Brasil 1817-1820*. Vol I. belo Horizonte: editora Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1981, p. 128.

A direção de ambas as serras do sul para o norte não permite bastante saída das exalações; as mesmas neblinas, que se formam durante o dia acima do rio e dos brejos vizinhos, em parte cobertos de matas, caem novamente à noite, no vale. Ao lado disso, o calor é intenso, e a água do rio muitas vezes turva, impura e morna, tem de substituir a água límpida de fonte; também são poucas asseadas as casas úmidas e expostas aos ventos. A alimentação, feita com fubá grosseiro, que aqui é mais comum do que a farinha de mandioca, de fato mais nutritiva, por outro lado mais indigesta, e o emprego de muito toucinho, talvez concorra para o desenvolvimento da doença; finalmente devem ser considerados os excessos sexuais, assim como no Rio de Janeiro, a causa conjunta da sarcocèle e da hidrocele, e igualmente a do bório.”³⁸⁰

Spix e Martius surpreenderam-se com o tratamento desenvolvido pelos habitantes do local: os moradores tratam o bório com “cataplasmas quentes de abóbora, e internamente com água exposta durante alguns dias sobre massa socada de cascas de cupins. O material dessas cascas de cupins (...), para cuja construção o inseto se serve de uma substância viscosa própria para cimento, parece ter virtude curativa para o bório.”³⁸¹ Segundo esses viajantes, talvez o ácido fórmico influenciaria positivamente o sistema nervoso e no sistema linfático do paciente.

Em Mogi, Spix e Martius foram recebidos por uma família muito hospitaleira, que contou a eles que poucos dias antes, havia morrido um empregado da família que tinha sido ferido por uma jararaca e ao saírem da casa para continuarem a viagem, os pesquisadores deixaram um medicamento para “mordedura de cobras”.

Nos arredores da província de São Paulo, esses viajantes observaram que havia muitas pessoas com sífilis, problemas de pele, inflamações de olhos e erisipelas com complicações hepáticas.³⁸²

A má alimentação era uma das causas das doenças. “Em vez da farinha de mandioca, quase exclusivamente se come farinha de milho grosseira. Vem à mesa, em cestinhas, como o pão, na Europa, e, somente a pedido do hóspede, é substituída pela farinha-de-pau (mandioca). Raras vezes se fazem pães e bolos com ela. No mais é a canjica, igualmente preparada com milho: e nunca falta na sobremesa essa comida nacional dos paulistas.”³⁸³

³⁸⁰ Ibidem, p. 128.

³⁸¹ Ibidem, p.130.

³⁸² Spix e Martius. *Viagem pelo Brasil. 1817-1820*. Belo Horizonte, Editora Itatiaia; São Paulo, EDUSP, 1981, p.163.

³⁸³ Ibidem, p.163.

Ao chegar a São Paulo, Spix e Martius fizeram um comentário sobre a maneira de ser dos paulistas, destacaram que apesar deles terem sido descritos como um povo sem leis, de serem rudes e sem sentimentos, possuíam algumas qualidades. Na verdade, os paulistas foram vistos por esses viajantes como corajosos, aventureiros, como um povo de caráter: “e o paulista goza, em todo o Brasil, da fama de grande franqueza, coragem (...) o estrangeiro não vê no seu modo altivo senão seriedade e caráter; acha que a sua franqueza cordial e hospitalidade são traços amáveis.”³⁸⁴ Esses pesquisadores descreveram fisicamente os paulistas e acrescentaram ser o paulista o mais forte, saudável e energético habitante do Brasil. Os paulistas conseguiam suportar a fome, o frio, o calor e as “intempéries e privações de toda a sorte”.

O caráter melancólico e de gênio forte do paulista foi explicado, de forma determinista, por Spix e Martius como fruto do lugar onde moravam: “... quanto mais próximo do equador, tanto mais pronunciado se encontra o gênio suscetível de cólera e irritável.”³⁸⁵ No entanto, nas horas livres o jogo de cartas, danças e cantigas fazem parte do cotidiano desse povo.

A criação de gado é algo marcante na província de São Paulo e a geografia dessa região permite o desenvolvimento desta atividade: “Toda a província de São Paulo é especialmente adequada para a criação de gado. Dispõe das mais extensas Campinas nas quais excelentemente se cria toda espécie de animais, de modo particular, porém, o gado bovino e equino.”³⁸⁶ Muitos produtos passavam pelo Rio de Janeiro e eram exportados para a Europa, como, por exemplo, o café, o açúcar, o fumo, a aguardente, o algodão, o óleo de copaíba, peles de boi, chifres e pontas de chifre, sebo.

Em São Paulo, como já foi dito, esses viajantes perceberam que havia pouca mandioca e muito milho. Os moradores da região diziam que a farinha de mandioca era pouco saudável.³⁸⁷ Observaram também que as principais doenças encontradas eram o reumatismo e estados inflamatórios, principalmente, nos olhos, peito, pescoço, tuberculose dos pulmões e da laringe. As doenças gástricas e febres intermitentes não eram comuns. Havia casos de infecções do fígado, hidropisias. Segundo Spix e Martius, o clima tropical favorecia o desenvolvimento das inflamações. O bócio era comum nas margens do Paraíba. Como já foi

³⁸⁴ Ibidem, p. 139.

³⁸⁵ Ibidem., p.139.

³⁸⁶ Ibidem, p.142.

³⁸⁷ Spix e Martius. *Viagem pelo Brasil 1817-1820*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1981, p.142.

dito, as mulheres achavam charmoso apresentar bócio, pois este era visto como um ornamento. Elas colocavam colares em seus pescoços para destacar o bócio.³⁸⁸

Spix e Martius observaram que os sertanejos, principalmente as mulheres, conheciam muito bem a prática da medicina e utilizavam as plantas para prepararem os medicamentos. Os habitantes recorriam a essas mulheres para aliviarem suas dores, pois era muito difícil encontrar um médico na região. Nas palavras destes viajantes:

*.sobretudo as mulheres, entre os habitantes desta província, têm fama de grande proficiência na prática da medicina. Em quase todas as casas, uma ou outra exerce as funções de curandeira, que não lhe são disputadas por nenhum médico, nem cirurgião; na época em que percorremos a capitania de São Paulo, não existia na capital nem fora, médico diplomado algum.*³⁸⁹

No tocante às funções curativas, os homens predominavam como profissionais do universo da cura, mas vale destacar que as mulheres também tiveram uma participação expressiva neste campo. Spix e Martius relataram em seus diários de viagem que pelo fato de cozinhareem, cuidarem da horta, as mulheres possuíam um conhecimento sobre as práticas informais de cura que era usado no dia-a-dia: utilizavam ervas, raízes, alimentos para a preparação de medicamentos e por vivenciarem a gestação, cuidarem dos filhos conseguiam adquirir conhecimentos empíricos que a maioria dos médicos desconhecia.

As mulheres chegaram a exercer a prática da cura. Mas, no início do século XIX, os pesquisadores Spix, Martius observaram durante suas viagens que os sertanejos excluía as mulheres de determinados processos de cura.³⁹⁰

Spix e Martius notaram que quando a mulher dava à luz, o homem deveria se afastar dela: havia uma dieta a ser seguida antes do parto: “marido e mulher privam-se, durante algum tempo, da carne de certos animais, e vivem de preferência de peixes e frutas.”³⁹¹

É bom lembrar, que na América Portuguesa as mulheres grávidas, na hora do parto, aceitavam somente as parteiras, não deixavam que um médico ou cirurgião acompanhasse o momento do nascimento do bebê.

É interessante observar, que tanto Spix como Martius não reconheciam o conhecimento indígena sobre as práticas de saúde. Pelo contrário, acreditavam que os nativos eram

³⁸⁸ Ibidem, p.157.

³⁸⁹ Ibidem, p.160-162.

³⁹⁰ Ibidem, p.188.

³⁹¹ Spix e Martius. *Viagem pelo Brasil 1817-1820*. Belo Horizonte, editora Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1981, p.234.

preguiçosos e que os colonos não haviam aprendido nada com eles. Os paulistas é que realmente conheciam o universo da cura:

...É erro julgar que esses conhecimentos práticos das virtudes curativas de plantas tenham sido herdados, por tradição, dos primitivos indígenas americanos pelas atuais gerações. Longo convívio com os índios convenceu-nos de que a indolência desses infelizes os impossibilita de investigar as propriedades curativas da natureza (...) O maior merecimento no achar e aplicar a virtude curativa das plantas, assim como o descobrimento das minas de ouro, compete, pois, aos paulistas.³⁹²

No entanto, é válido destacar que a importância do conhecimento indígena no preparo de medicamentos deve ser destacada, mesmo encontrando desprezo em alguns escritos, como os deixados pelo viajante alemão Martius que dizia serem os índios preguiçosos e incapazes de desenvolverem receitas de curas. Note que Martius utilizou muito do conhecimento indígena na arte de curar quando escreveu sua *Matéria médica*.

Podemos observar o que Martius pensava sobre o conhecimento indígena:

... A maioria apresentava monstruosas barrigas, e os mais velhos dentre eles um evidente endurecimento do fígado e do baço, consequência das constantes febres, contra as quais os habitantes do Japurá não conhecem remédio, e também por indolência não os compram dos brancos. ..Este fato desmente a noção geral, porém falsa, de que os índios dispõem de muitos e eficazes medicamentos. Segundo a minha experiência, são raras as plantas que conhecem , primando entre elas certos frutos purgativos, como meio curativo, e muitos cipós e sucos seivosos de efeito venenoso. .. Conhecem também os selvícolas muitas plantas que são eficazes para certas doenças, entretanto, não tem idéia da dosagem, nem das horas de administração, nem do seu termo. O mais poderoso meio, com que combatem certas doenças, é o jejum que em certos casos agudos tem eficácia, mas nos crônicos muitas vezes arruína o paciente, levando-o ao extremo.³⁹³

Martius criticava a prática medicinal indígena: “O pagé nunca é mestre: quando muito é um ministro da natureza. Em quanto na Europa, a Faculdade de Medicina se ocupava primeiramente de estudar a etiologia da doença, o pagé se limitava à

³⁹² Ibidem, 162.

observação, muitas vezes sem diagnóstico preciso e sem indicação”³⁹⁴. Além disso, esse viajante alemão afirmava que o pajé fazia inúmeras perguntas evasivas para os doentes que não diziam respeito à doença: “... pagé se entretem com uma porção de cousas sem interesse, pergunta onde estiveram os membros da família nesse ou naquele dia, o que fizeram, o que falaram, com quem se encontraram.”³⁹⁵

Segundo Martius, o mérito do desenvolvimento de medicamentos estava nas mãos dos paulistas, visto que estes desvendaram os mistérios da terra em que viviam por uma questão de sobrevivência: “*O mérito no descobrimento e na utilização das plantas curativas (...) coube em maior grau aos paulistas, tanto quanto o descobrimento das minas de ouro.*”³⁹⁶

Martius acreditava que os índios eram seres inferiores: “Tudo quanto até aqui temos dito a respeito das particularidades somáticas dos brasis, nos leva a concluir que ocorrem neles deficiência de sensibilidade e retardamento das funções vitais.”³⁹⁷

De maneira geral, Martius comentou que os índios possuíam uma vida metódica, alimentavam-se mal e ficavam facilmente depressivos e com diarreias: “..., os brasis mostram-se logo incommodados e aborrecidos por tudo que o affecte de modo contrario à sua vida anterior, em breve definham, em consequência de profunda melancolia e desespero em que se acham; perdem o apetite e a agilidade dos membros; caem num abatimento geral e quase sempre, acabam victimas de diarreias colliquativas.”³⁹⁸ Muitos índios possuíam uma lenta cicatrização das feridas e úlceras. Martius associou a má alimentação com a melancolia constante:

...nutrindo-se de alimentos grosseiros, pesados, mal cozidos e não adubados, além de terem fraco systema nervoso, devem os brasis superabundas em humores crús. Estes homens são de natureza pesada e fria e, por assim dizer,quase amphibios humanos. A pouca excitabilidade de sua fibra que é animada só por poucas paixões, o languido movimento do seu sangue frio, a vagarosa assimilação de pouca substancia proveniente da abundancia de alimentos grosseiros e ainda mais o silenciosos e abatimento da alma,

³⁹³ Martius. *Natureza, doenças, medicina e remédios dos índios brasileiros*. São Paulo: Editora Nacional, 1844, p.249.

³⁹⁴ Martius, op. cit., p.269.

³⁹⁵ Ibidem, p.272.

³⁹⁶ Martius & Veloso de Oliveira. *Sistema de matéria médica vegetal brasileira*. Rio de Janeiro, 1854, p.21.

³⁹⁷ Martius. *Natureza, doenças, Medicina e Remédios dos índios Brasileiros*. São Paulo. Editora Nacional, 1844, p.28.

³⁹⁸ Martius, op. cit., p.29.

são os elementos determinantes de uma constituição lymphatica.³⁹⁹ Martius afirma que isto descrito correspondia a melancolia no “temperamento do índio”.

Martius destacou que a morte dos índios era muito lenta, que os órgãos eram, aos poucos, afetados:

“Do que fica ponderado, facilmente se deprehende quaes devam ser as doenças dessa raça humana. Baseam-se facilmente na assimilação e alimentação: doenças do systema lymphatico. Por isso que são de constituição pouco excitável, as doenças deenvolvem-se nelles mui lentamente; affectam mui pouco sympathicamente os órgãos; não mostram grande exactidão de peridiocidade, e findam a maior parte das vezes, sem que tenham attingido o systema nervoso, poucos momentos antes da morte. Um médico português que por espaço de trinta annos viveu entre os índios, asseverou-nos “a morte é nelles mui lenta,e apodera-se do moribundo, por assim dizer, por partes.”⁴⁰⁰

Além do sarampo e da varíola: “As doenças mortaes dos brasis são, pela maior parte, chronicas e se manifestam na esphera da assimilação: engorgitamentos, inflamações e supurações das glândulas mesaraicas, do epiplon, do fígado, do baço, hidropsias e febres consumptivas.”⁴⁰¹

Martius observou que, de maneira geral, a alimentação indígena era composta por peixes, animais caçados, vegetais crus, inhame, cará, batata, mandioca, milho e frutas verdes. As carnes eram assadas em espetos ou cozidas na água sem tempero. Spix e Martius chegaram a comer formigas secas misturadas com farinha e Martius até não achou ruim o fato dos índios comerem formigas secas, pois elas possuíam ácido fórmico:

Em consequência de tão indigestos e gordurosos alimentos, vemos, muitas vezes, reinar durante a estação das chuvas, graves diarréias ou fluxos chylosos. Accresce ainda mais o uso de fructas verdes; assim, povoações inteiras são, às vezes, acomettidas por disenterias.”⁴⁰²

³⁹⁹ Martius. *Natureza, doenças, Medicina e Remédios dos Índios Brasileiros*. São Paulo: Editora Nacional, 1844, p.52

⁴⁰⁰ Martius, op. cit., p.53.

⁴⁰¹ Martius, op. cit., p.54.

⁴⁰² Martius. *Natureza, doença, medicina e remédios dos índios brasileiros*. São Paulo: Editora Nacional, 1844, p. 63.

As formigas eram assadas com farinha de mandioca e esse composto era “poderoso excitante na dyspepsia”. O estômago do jacaré, seco e pulverizado: “serve para as affecções calculosas; usam as pedrinhas encontradas no estomago desse amphibio, na lithiase renal, e o pó de espinha de peixe, na estranguria. Obturam os dentes cariados com cinzas das unhas de onça, para alliviar a dor.”⁴⁰³

Os índios acreditavam na eficiência da banha animal como tratamento. Podia ser banha de jacaré, onça, veado, gado, galinha. Misturavam a banha animal com carvão de madeira ou ervas frescas. Casos de úlceras e tumores eram tratados com banha animal.⁴⁰⁴ A banha de onça era empregada para acabar com as úlceras e “contra a dor sciatica applicam a pele de cachorro, recentemente esfolada.”⁴⁰⁵ Os indígenas com a banha do jacaré preparavam um remédio eficaz para o tratamento de pessoas que tinham sido infectadas pelas mordidas de uma cascavel. Além disso, a banha de jacaré também era utilizada no tratamento de reumatismo. Faziam uma pomada e passavam nas feridas.⁴⁰⁶ A banha era utilizada pura ou misturada com vários tipos de carvão de madeira ou ervas frescas. Os índios levavam em suas viagens as pomadas que haviam feito:

*A espécie de pomada ou substancia unctuosa para friccionar o corpo, conforme as latitudes, era preparada pelo índio, com gorduras ou azeites de origem animal, como a banha do jacaré, da capivara, de iguana, azeite de peixes; de origem vegetal, como o óleo de palma. Estas gorduras se misturavam a quente com as substancias corantes das sementes da Bixa Orellana, e se dava a consistência necessária.*⁴⁰⁷

Como já foi dito, a carne de sapo era utilizada para aliviar o trabalho de parto. Observe também como os indígenas curavam a sífilis e alguns problemas de pele. A cascavel era muito utilizada na preparação de medicamentos:

Cortam a cabeça e a cauda de uma cascavel viva e cozinham, durante muito tempo, juntamente com um frango, até que tudo se transforme quase em geléa. Esta

⁴⁰³ Martius,, *op. cit.*, p.226

⁴⁰⁴ Martius, *op. cit.*,p.227.

⁴⁰⁵ Ibidem, p.227.

⁴⁰⁶ Ibidem, p.224-5.

⁴⁰⁷ Ibidem, p.247.

*iguaria, comida de uma vez, cura conforme dizem, erupções cutâneas chronicas e syphilis.*⁴⁰⁸

Além disso, Martius observou que os índios comiam alimentos pesados e mal cozidos muito devagar e possuíam um modo de viver metódico. Ao mesmo tempo, os índios perdiam o apetite muito facilmente:

*Fóra destas condições de vida, os brasis mostram-se logo incommodados e aborrecidos por tudo que os affecte de modo contrario à sua vida anterior; em breve definham, em consequência de profunda melancolia e desespero em que se acham; perdem o apetite e a agilidade dos membros; caem num abatimento geral, e, quase sempre, acabam victimas de diarréias colliquativas.*⁴⁰⁹

No âmbito da cura, Martius criticou os métodos ineficazes dos índios, que envolviam superstição, milagres e acrescentou que os índios utilizavam para dividirem os medicamentos a noção de quentes e frios assim como nos alimentos, o que pode ser relacionado à teoria humoral destacada anteriormente:

*Na opinião do vulgo, a banana e o arroz são alimentos quentes, a farinha de mandioca e os carás alimentos frios. A divisão de medicamentos em quentes e frios tem igual valor entre elles e a maioria dos curandeiros.*⁴¹⁰

Alguns indígenas utilizavam o fogo como forma de cura: “Assim sucedeu com o processo que consistia em afoguesar-se por meio de brasas o corpo ou parte do corpo afetados por alguma enfermidade.”⁴¹¹ Os pajés utilizavam o fogo como forma de cura e defendiam a superstição e crença nos milagres.⁴¹² Martius afirmava que o tratamento dos índios era muito duvidoso:

Antes de tudo devemos dizer que o medico dos brasis, em todo tratamento, emprega remédios que são forças mysteriosas para elle e para os doentes. No que diz respeito a natureza desses remédios, sobre os modos como actuum e curam, não tem

⁴⁰⁸ Martius, *Natureza, doenças, medicina e remédios dos índios brasileiros*. São Paulo: Editora Nacional, 1844, p.60.

⁴⁰⁹ Ibidem, p.29.

⁴¹⁰ Ibidem, p.223.

⁴¹¹ Sérgio Buarque de Holanda. *Caminhos e Fronteiras*. Companhia das Letras. São Paulo, 2001, p. 78.

⁴¹² Martius. *Natureza, doenças, medicina e remédios dos índios brasileiros*. São Paulo: Editora Nacional, 1844, p.189.

elle, absolutamente, idéia clara e precisa; por isso, em todo caso clinico, sua conducta medica é vacillante, o prognostico incerto e o êxito duvidoso.”⁴¹³

Mesmo os índios já conhecendo curas através do uso de excrementos, a medicina excretícia trazida pelos europeus para o Brasil foi muito bem absorvida pelos nativos. Martius em sua pesquisa sobre as doenças e medicinas dos nossos índios, observou que eles distinguiam entre os excretos, aqueles impuros (nocivos) dos puros e medicinais.⁴¹⁴

Segundo Martius, os índios atribuíam qualidades impuras ao muco nasal, ao sangue, logo utilizavam esse material para a prática de feitiço. Já a saliva e a urina eram consideradas remédios.⁴¹⁵ Além disso, amuletos eram freqüentemente utilizados:

*...Dão grande importância do poder medicinal de certos ossos, bicos, garras e esporões das azas de alguns pássaros(Parra, Palamedea). Os dentes de onça, as unhas dos grandes tamanduás(...) são usados como adorno e amuletos no pescoço e nas extremidades; como preventivo contra a picada de cobras venenosas, trazem penduradas os dentes de jacaré; as raspas desses dentes são ingeridas com água, contra a mordedura de cobras.*⁴¹⁶

Podemos observar como Martius descreve a importância do Reino Vegetal para a medicina:

*Estes são colhidos frescos, das árvores ou dos arbustos, pelo pagé, e empregados internamente em infusão e decocto, ou externamente em cataplasmas e lavagens. Está completamente fora do seu círculo visual a manipulação de outros preparados. Estas plantas medicinaes têm além disto, no estado fresco em que são empregadas pelo medico selvagem, a mais effcaz virtude medicamentosa, e em muitos casos substituem, com feliz êxito, as composições chímicas da medicina européa.*⁴¹⁷

⁴¹³ Ibidem, p.191.

⁴¹⁴ Ibidem, p.224

⁴¹⁵ Ibidem, p.224.

⁴¹⁶ Ibidem, p.224-5.

⁴¹⁷ Martius. *Natureza, doenças, medicina e remédios dos índios brasileiros*. São Paulo: Editora Nacional, 1844, p.233.

Segundo a doutrina das assinaturas, já comentada anteriormente, Spix e Martius destacaram o fato dos paulistas utilizarem o aroma e a cor de plantas e frutas e os compararem com partes do corpo e a partir de então iniciarem as receitas para a cura de determinadas doenças: o vermelho existente no urupê (*Boletus sanguineus*) que aparecia nas árvores velhas podia ser utilizado para estancar hemorragias uterinas; a madeira amarela da butua (*Abuta rufescens*) era utilizada para doenças do fígado; para fortalecer o coração, era bom utilizar as raízes em forma testicular da contra-erva (*Dorstenia brasiliensis*) e nas folhas cordiformes do coração-de-jesus (*Mikania officinalis nob.*)⁴¹⁸

Spix e Martius perceberam que a maioria dos medicamentos caseiros era preparada com plantas frescas e que os remédios importados da Europa quando chegavam ao Brasil, perdiam os seus benefícios. Esses viajantes criticaram a ação de alguns médicos:

*Também o fato de empregarem para uso medicinal desses remédios caseiros, na maioria plantas frescas⁴¹⁹ é de grande importância, ao passo que na Europa, por se estar mais afastado da natureza pelo modo diferente de vida, talvez não se aprecie bastante essa circunstância. Os remédios europeus do reino vegetal, quando aqui chegam, em geral, já perderam grande parte de sua força e o médico brasileiro substitui, portanto, sem escrúpulo, muitos do que vêm de fora, pelos produtos nacionais.*⁴²⁰

Esses viajantes, por serem estrangeiros e pesquisadores foram considerados pela população local como médicos e muitas pessoas doentes vinham até eles para pedir remédios, receitas:

*...já o boato da vinda de dois médicos estrangeiros se espalhou até longe, nestas regiões desertas e, de todos os lados, foram chegando doentes, que nos vinham pedir conselhos e remédios. Também o dono da casa, homem cheio de patriotismo, julgou dever aproveitar, para os seus vizinhos e amigos, a presença benéfica dos hóspedes, e encaminhou grande número de consultantes. Demos, no espaço de duas semanas, umas quinhentas receitas à multidão que acudia, o que esgotou a metade de nossa farmácia de viagem.*⁴²¹

⁴¹⁸ Martius, op. cit., p.162.

⁴¹⁹ Para saber mais sobre o nome das plantas medicinais utilizadas pelos paulistas para a fabricação de medicamentos ver Spix e Martius. *Viagem pelo Brasil*. Vol I. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1981, p.172-3.

⁴²⁰ Spix e Martius. *Viagem pelo Brasil. 1817-1820*. Vol I. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1981, p. 162-163.

⁴²¹ Spix e Martius,. *Viagem pelo Brasil. 1817-1820*. Vol I. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1981, p.163.

Foi levado aos pesquisadores um jovem escravo negro que devido a um resfriado, perdera o movimento de um braço. Spix e Martius, como tratamento, aplicaram um tratamento magnético no braço doente. O negro ficou curado e as pessoas acharam que poderia ter sido magia: “... um de nós fê-lo colocar o braço sobre a mesa, e, apenas magnetizado alguns minutos, o doente prendeu a atenção de todos os presentes pelo movimento vivo dos músculos. O médico, animado com o resultado, redobrou os esforços; quando, depois de algum tempo, ordenou com voz de comando ao negro: “Levanta-te! Estende o braço!”, o doente ainda hesitante, levantou o braço, mas quando pôde fazer todos os movimentos, livremente, a cena que se apresentou ao observador seria digna de um pincel de mestre. Quadro muito expressivo foi o do espanto e medo tímido dos espectadores diante dessa feitiçaria...”⁴²²

Spix e Martius apreciavam o desenvolvimento das práticas de cura desenvolvidas pelos paulistas e chegavam a comentar sobre médicos acadêmicos utilizarem as informações e a experiência dos roceiros para ampliarem o conhecimento da farmacologia:

...também deve o médico cientista aproveitar as singelas informações e a experiência dos roceiros, para ampliar o tesouro da farmacologia. Sobretudo feridas e doenças externas das mais diversas espécies são, aqui na província, tratadas, às vezes, com surpreendente êxito.”⁴²³

Spix e Martius notaram que alguns curadores aplicavam métodos secretos de cura e os habitantes da colônia confiavam neles de tal forma que dispensavam a ajuda de médicos e cirurgiões, mas que nem sempre obtinham sucesso.⁴²⁴ Para picadas de cobras esses curadores utilizavam raízes, folhas e banha de jacaré e além disso, o paciente tinha que seguir umas regras para que o medicamento fizesse mais efeito:

*Os curadores declaram que a cura só se pode considerar completa no fim de sessenta dias após a picada (...) Eles proíbem durante este tempo que o doente fique na proximidade de mulheres em menstruação, e que saia da cama por mais tempo do que o sol permanece no horizonte; e de tomar outro alimento que não seja de animal muito tenro.*⁴²⁵

⁴²² Spix e Martius. *Viagem pelo Brasil 1817-1820*. VolII. Belo Horizonte: editora Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1981, p.164.

⁴²³ Spix e Martius. v.I, op. cit, p. 162.

⁴²⁴ Ibidem, p.187.

⁴²⁵ Spix e Martius. *Viagem pelo Brasil. 1817-1820*. Belo Horizonte, Editora Itatiaia; São Paulo, EDUSP, 1981, p.188.

A este tipo de observação, Spix e Martius fizeram duras críticas e chegaram a chamar esses curadores de charlatães:

*...os processos do curador são sempre acompanhados de certo charlatanismo e indicam, por várias vezes, a sua procedência africana ou indiana. Também os que exercem essa arte são, sobretudo, negros libertos e mamelucos.*⁴²⁶

Mesmo assim, os europeus que vieram para a América Portuguesa tinham conhecimento de que muitas plantas medicinais encontradas constituíam-se de espécies e gêneros que não eram conhecidos na Europa e que por isso, poderiam trazer novas descobertas à terapêutica.⁴²⁷ Segundo Martius: “a mata é a farmácia deste povo.”⁴²⁸

Já em Minas Gerais, na cidade de Vila Rica, esses viajantes observaram a existência de muitas pessoas com doenças reumáticas, inflamações na garganta, elefantíase e um tipo de lepra (mal de São Lázaro).⁴²⁹ Os índios apresentavam inflamações nos olhos, doenças de fígado, diarreias, disenteria e malária que ocorriam em virtude do modo de vida que possuíam, por estarem sempre em matas úmidas e segundo os portugueses, por comerem carne de anta que gerava problemas na vista. Como cura, era recomendado repouso e dieta.
430

Fernando Novais comentou que quando os colonos adoeciam, a princípio, buscavam imediatamente algo que a natureza pudesse oferecer para curar seus males e as batatas eram indicadas para deixar as pessoas mais fortes e saudáveis, jacus e jacutingas para a dieta dos enfermos etc. É bom destacar, que os viajantes também levavam seus medicamentos: a pimenta-malagueta e o gengibre em suas caminhadas.⁴³¹

Os moradores dos engenhos consumiam farinha de mandioca ou milho, feijões, arroz e hortaliças; a carne de vaca e a galinha eram indicadas aos doentes e a cachaça e a maconha eram utilizadas pelos escravos para aliviar o sofrimento do cativo.

Os tropeiros em seus pousos consumiam feijão com carne seca, angu de milho e as mulheres participavam do comércio de quitutes, vendiam pastéis, bolos, doces, mel e em São Paulo vendiam muito as saúvas tostadas e no Rio de Janeiro, o pão-de-ló.

⁴²⁶ Spix e Martius, op.cit., p.188.

⁴²⁷ Vera Beltrão Marques. *Natureza em Boiões*. Campinas, S.P., editora da Unicamp, 1999, p.31.

⁴²⁸ Vera Beltrão Marques, op. cit, p.61.

⁴²⁹ Spix e Martius, *Viagem pelo Brasil 1817-1820*. Belo Horizonte, Editora Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1981, p.206.

⁴³⁰ Spix e Martius, op. cit, p.235.

O genipapo, uma fruta grande parecida com a laranja, foi durante muito tempo um remédio que acabava com os ardores do palato e do estômago, fornecendo alívio aos doentes.⁴³²

A historiadora Vera Beltrão Marques no livro *Natureza em Boiões* destacou algumas funções terapêuticas do caju, maracujá e ananaz que eram muito utilizados na América Portuguesa: o sumo do caju era fornecido aos doentes com febres e males do estômago. O maracujá também era utilizado para pacientes febris e pessoas com pedras no rim ingeriam ananaz.⁴³³

Em suma, percebe-se como o tema *Saúde, alimentação e medicamentos na província de São Paulo*, nos possibilita estudar várias questões históricas, como, por exemplo, a história da medicina, os tipos de tratamentos utilizados, a utilização de alimentos no preparo de medicamentos e através desse estudo, conhecer o cotidiano dos colonos, em especial, dos paulistas.

O universo da cura: Auguste de Saint-Hilaire

Saint-Hilaire, viajante⁴³⁴ francês, veio à América Portuguesa em 1816 por influência do conde Luxemburgo e conheceu o Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Ao chegar a São Paulo em 1819, Saint-Hilaire fez anotações sobre as montanhas, os cursos d'água, o clima, a vegetação, a população, a administração geral, a divisão da Província, a sua Justiça criminal, as finanças e destacou a boa qualidade do ar e a “encantadora localização”.⁴³⁵ Esse viajante passou por diversas regiões, tais como Moji Mirim, Campinas, Jundiaí, Itu, Porto Feliz, Sorocaba, Itapetininga, Itapeva e notou que em finais de novembro floresciam nas matas cravos, botões-de-ouro, papoulas,

⁴³¹ Fernando Novais (org). *História da Vida Privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p.54.

⁴³² Vera Beltrão Marques. *Natureza em Boiões*. Campinas, Editora da UNICAMP, 1999, p.51.

⁴³³ Vera Beltrão Marques, op. cit., , p.58.

⁴³⁴ Saint Hilaire conhecido como um viajante, atuou como pesquisador, pois não estava visitando as regiões da América Portuguesa por deleite: “o naturalista observa, examina, colhe as plantas, seca-as(...) para curar os males do homem.” Ver Maria Emília Lima, *As caminhadas de Auguste de Saint-Hilaire pelo Brasil e Paraguai*, p. 22.

⁴³⁵ Auguste de Saint-Hilaire. *Viagem a Província de São Paulo*. São Paulo / Belo Horizonte: EDUSP / Itatiaia, 1972, p. 127.

ervilhas-de-cheiro, os cravos-da-índia e que havia plantações de morango, pêssego, ameixa, laranja, limão, figo, romã, maçã e amora. Observe:

*A Província de São Paulo é pelo menos tão bem irrigada quanto a de Minas e o sul de Goiás. É bem verdade que não se encontra nela um curso d'água que, no presente, seja navegável numa extensão tão grande quanto o Araguaia, o Tocantins e o São Francisco. Todavia, situada a beira mar, ela tem menos necessidade de uma navegação fluvial do que as províncias Centrais...*⁴³⁶

Durante a viagem com destino à província de São Paulo, Saint-Hilaire passou por diversas regiões e ao chegar a um lugarejo chamado Rio das Pedras, impressionou-se com o estado de miséria encontrado: mulheres, homens e crianças vestiam-se e alimentavam-se mal; eram sujos.⁴³⁷

Em Pouso Alto, um vendedor de milho, informou a Saint-Hilaire que as terras da redondeza eram férteis e que uma vez por ano ia à cidade de São Paulo vender toucinho e algodão e trazia sal e ferro. Em Franca percebeu que grande parte dos habitantes desta região eram agricultores, plantavam e fabricavam tecidos de algodão e de lã, criavam bois, porcos e carneiros:

*...a criação de gado expandiu-se extraordinariamente no distrito de Franca, e em 1838 esse distrito era um dos principais exportadores de gado.*⁴³⁸

Em Batatais, Saint-Hilaire hospedou-se em uma fazenda, em que o proprietário dedicava-se a criação de gado e a fabricação de queijos. Mas, o quê realmente chamou sua atenção foi o fato da casa estar limpa, visto que havia achado os paulistas antihigiênicos:

*...Sua casa era muito limpa e bem arrumada, sendo nesse particular muito diferente das dos paulistas de toda a região. Esse homem possuía também um engenho de açúcar, igualmente bem cuidado onde destilava a cachaça.*⁴³⁹

⁴³⁶ Auguste de Saint-Hilaire, op. cit., p.53.

⁴³⁷ Ibidem, p.85

⁴³⁸ Ibidem, p.89.

⁴³⁹ Ibidem, p.95.

Ao chegar a Campinas, instalou-se em um rancho e logo se deparou com comerciantes e suas tropas de burros que transportavam açúcar que também por ali se hospedaram. Campinas desenvolveu-se através da produção do açúcar que foi feita em terras características dessa região (cor vermelho escuro) e grande parte dos habitantes dessa cidade eram agricultores que se dedicavam aos engenhos de açúcar:

*...Em 1819 já havia ali uma centena de engenhos de açúcar, incluindo as destilarias, e em 1838 já se contavam noventa e três engenhos propriamente ditos e um igual número de destilarias onde se fabricava a cachaça.*⁴⁴⁰

Em Jundiaí, Saint-Hilaire descobriu que durante muitos anos atrás, nos arredores desta região, havia plantações de arroz, milho, o feijão, que, além de serem vendidos no comércio interno, eram transportados para a capitania de São Paulo. No entanto, com a política monocultora imposta, a produção de cana de açúcar passou a predominar.⁴⁴¹

No tocante a questões relacionadas a doenças, Saint-Hilaire, assim como Spix e Martius, notou a presença de bócio em regiões paulistas, principalmente em Jundiaí, onde os habitantes que possuíam essa doença eram chamados de “papudos”.⁴⁴² É certo que além das herborizações, Saint-Hilaire dedicou-se ao estudo das plantas com a finalidade de aplicá-lo na arte de curar.⁴⁴³

Auguste de Saint-Hilaire também observou que era muito complicada a administração colonial, pois a comunicação entre as capitanias era muito restrita. Cada capitania tinha como autoridades governantes, um capitão geral, um ouvidor e um juiz de fora que aplicavam diferentes funções. No tocante a arrecadação de impostos, os principais eram os donativos de ofícios, novos impostos, pedágio dos rios e o dízimo dos produtos da terra. Alguns proprietários de engenhos passavam por sérias dificuldades financeiras, visto que, tinham que pagar altos impostos.

Saint-Hilaire não considerou a América Portuguesa um “paraíso”, pelo contrário fez críticas a administração colonial.⁴⁴⁴

Em relação aos aspectos físicos da capitania de São Paulo, Saint-Hilaire anotou com detalhes tudo que observou: havia várias praças públicas, como por exemplo, a do

⁴⁴⁰ Auguste de Saint-Hilaire, op. cit., p.110.

⁴⁴¹ Auguste de Saint-Hilaire, op. cit., p. 114.

⁴⁴² Ibidem, p.115.

⁴⁴³ Maria Emília Torres Lima, *As caminhadas de Auguste de Saint-Hilaire pelo Brasil e Paraguai*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002, p.28.

Palácio e a da Catedral. Na periferia havia uma praça chamada *Corro*, onde aconteciam as touradas. As casas eram construídas de taipa, cobertas por telhas e aquelas pertencentes a pessoas que tinham um nível de instrução eram mais limpas e bem mobiliadas.⁴⁴⁵ Havia vários edifícios públicos e segundo este viajante francês, a província de São Paulo possuía uma localização que favorecia ser ela um depósito de produtos vindos da Europa:

*A cidade não passa de um grande depósito das mercadorias que vêm da Europa e de um local de trânsito dos produtos da região.*⁴⁴⁶

Havia também diversas lojas, nas quais se vendiam artigos que atendiam às necessidades básicas da população. De forma geral, não havia luxo, a grande maioria da população vestia-se de forma simples, alimentava-se mal, consumindo, apenas, o necessário para a sua subsistência. Os comerciantes conseguiam comprar as mercadorias por um bom preço e com isso, adquiriam um lucro:

*...Todavia, comerciando com uma boa parte dos pequenos povoados da província obtêm um lucro regular e garantido, e além do mais as despesas ali são bem menores do que no Rio de Janeiro.*⁴⁴⁷

É interessante destacar, que na província de São Paulo quem vendia produtos nas ruas eram as mulheres negras, eram elas que carregavam na cabeça mercadorias, vendiam legumes e outros produtos na Rua da Quitanda:

*Em São Paulo não se vêem negros percorrendo as ruas, como no Rio de Janeiro, carregando mercadorias na cabeça. Os legumes e outros pequenos produtos são vendidos por mulheres negras, que se agrupam numa rua chamada Rua da Quitanda, nome que recebeu por causa do comércio que nela se faz.*⁴⁴⁸

Fica claro na leitura de seus escritos sobre a expedição que fez à América Portuguesa, o espanto que teve em relação à falta de higiene dos alimentos vendidos:

⁴⁴⁴ Ibidem, p.21.

⁴⁴⁵ Ibidem, p. 128.

⁴⁴⁶ Auguste de Saint-Hilaire, op. cit, p. 132.

⁴⁴⁷ Ibidem, p. 132.

Os mantimentos essenciais para a sobrevivência da população, tais como, farinha, toucinho, arroz, milho, carne-seca eram comercializados na chamada Rua das Casinhas. Os estabelecimentos comerciais não adotavam nenhum tipo de prática de higiene para a manutenção dos alimentos. Saint-Hilaire impressionou-se com esta falta de higiene:

*...Não devemos esperar encontrar nessas lojas a limpeza e a ordem. São todas escuras e esfumaçadas. O toucinho, os cereais e a carne ficam ali atirados de qualquer jeito, misturados uns com os outros, e os lojistas ainda estão muito longe de possuir a arte de nossos comerciantes de Paris.*⁴⁴⁹

Não se pode deixar de comentar o fato de que com a vinda de D.João VI para o Brasil em 1808 e mais tarde, a abertura dos portos da colônia às “nações amigas”, a capitania de São Paulo conquistou uma nova posição no campo comercial:

*A Capitania de São Paulo tirou proveito da nova ordem das coisas. Suas relações comerciais expandiram-se e se tornaram mais importantes; a cabotagem reiniciou sua atividade; os agricultores, podendo vender mais vantajosamente os seus produtos, dedicaram-se com mais afinco à lavoura...*⁴⁵⁰

A quantidade de engenhos de açúcar e plantações de café aumentou; a imigração para São Paulo cresceu e pessoas de diversos países passaram a viver na cidade paulista e divulgar novas técnicas agrícolas.

Essa “liberdade comercial” conquistada pelos paulistas durou pouco tempo, pois em 1811 ocorreu a guerra entre o Brasil e os hispanos americanos do Rio da Prata. São Paulo e o Rio Grande forneceram armas para eliminar os inimigos. Com isso, a província paulista viu-se obrigada a arcar com todas as despesas, o que lhe trouxe graves conseqüências, visto que as suas “economias” haviam sido investidas nesta disputa. Vários paulistas foram recrutados (solteiros e casados) para a guerra e lutaram contra inimigos que nunca tinham ouvido falar e tinham que se distanciar de suas famílias. Com isso, alguns dos paulistas com medo das conseqüências da guerra

⁴⁴⁸ Ibidem, p. 132.

⁴⁴⁹ Auguste de Saint-Hilaire, op. cit., p.132-133.

⁴⁵⁰ Ibidem, p. 47.

emigraram para Minas Gerais e mesmo os soldados paulistas sendo alimentados com carne sem farinha e sem sal, acabaram vencendo a guerra.⁴⁵¹

Passado alguns anos, em fins de 1820, os brasileiros receberam a notícia de que em Portugal iria se promulgar uma constituição liberal e o rei não teria mais poder absoluto. Os brasileiros ficaram entusiasmados com tal notícia. Com isso, em São Paulo foi instalado um governo provisório em 1821. No entanto, os paulistas, principalmente, os das zonas rurais tinham respeito pelo rei, que consideravam como “árbitro supremo de sua vida e da de seus filhos”⁴⁵² e não concordaram com este novo governo.

Saint-Hilaire, depois de ter observado toda a dinâmica das regiões por onde passou, percebeu que a América Portuguesa iria continuar durante muito tempo agrícola, que não havia como, naquele momento, instalar indústrias. No entanto, afirmou, que caso houvesse qualquer possibilidade disso ocorrer, deveria começar por São Paulo: era nesta província que as indústrias deveriam ser implantadas.⁴⁵³ Isso porque, segundo ele, os habitantes de São Paulo tinham características mais propícias para o tipo de trabalho exigido pelas indústrias:

*...O clima da província não é tão enervante quanto o do norte do Brasil, o custo de vida é razoável e os hábitos do povo da região tornaram-no mais indicado aos trabalhos sedentários do que os habitantes da Província do Rio Grande de São Pedro do Sul.*⁴⁵⁴

Saint-Hilaire comentou, em poucas palavras, sobre os primeiros operários que começaram a trabalhar em uma fábrica de armas (fuzis) em São Paulo que permaneceu até finais de 1820 e afirmou que esses trabalhadores alimentavam-se e vestiam-se muito mal e o pouco dinheiro que tinham gastavam na compra de cachaça.⁴⁵⁵

De forma geral, segundo este viajante francês, os habitantes de São Paulo não pareciam ser saudáveis e também não eram dotados de uma beleza física que pudesse ser destacada: a pele dos paulistas era amarelada e algumas pessoas pareciam ter doenças de pele, como, por exemplo, a sarna.

⁴⁵¹ Ibidem, p. 47.

⁴⁵² Auguste de Saint-Hilaire, op. cit., p.49.

⁴⁵³ Ibidem, p.133.

⁴⁵⁴ Ibidem, p. 133.

⁴⁵⁵ Ibidem, p.134.

Em relação ao clima, Saint-Hilaire observou que na província de São Paulo chovia muito e que, nos meses de junho e julho geadas faziam parte da paisagem paulista, o que prejudicava grande parte das plantações de cana-de-açúcar e café:

*...Pelo que me informaram, cai geada todos os anos nos meses de junho e julho. Por essa razão, nem o café nem a cana-de-açúcar são cultivados em grande escala nos arredores de São Paulo, ao passo que essas plantas se dão muito bem em Campinas, Itu e Jundiá...*⁴⁵⁶

No tocante a vida social, Saint-Hilaire sentia falta dos grandes jantares que estava acostumado na Europa, pois nos anos de 1819 e 1820, ele não havia sido convidado para nenhum jantar. Não era freqüente, na província de São Paulo, haver reuniões sociais, jantares. No entanto, um dia Saint-Hilaire chegou bem na hora em que o jantar na casa de uma autoridade de São Paulo iria ser servido:

*...porém, não fui convidado para nenhuma reunião social, nenhum jantar, e não conversei com nenhuma senhora. Em certa ocasião, ao visitar uma das pessoas mais importantes da cidade, cheguei à sua casa no momento em que ia sentar-se à mesa. O homem me convidou para partilhar da refeição, mas comemos sozinhos. Sua mulher não apareceu.*⁴⁵⁷

Apesar disso, algum tempo depois, este viajante começou a ser convidado a reuniões sociais. Um general o convidou para um banquete em homenagem a rainha Carlota. Inicialmente, os convidados bebiam, conversavam e logo em seguida, era servida uma sopa:

*...cheguei ao palácio às três horas e aí encontrei reunidas as principais autoridades locais, bem como vários oficiais da Guarda Nacional, todos em uniforme de gala. Enquanto esperávamos o jantar, o general organizou uma partida de uíste. Depois de servida a sopa, ele se levantou para brindar o rei...*⁴⁵⁸

Saint-Hilaire observou que durante o jantar, os convidados tinham costumes interessantes: primeiro, brindavam à saúde de D.Sebastião e de outras autoridades locais; era necessário que o convidado soubesse o nome de todas as pessoas presentes

⁴⁵⁶ Auguste de Saint-Hilaire, op. cit., p. 134.

⁴⁵⁷ Ibidem, p.136.

⁴⁵⁸ Ibidem, p.142.

no jantar para não errar na hora do brinde; após tomar algumas doses de vinho do Porto, alguns convidados ficavam mais “alegres” e declamavam poesias.

Havia um contraste social na província de São Paulo que chegava a chamar atenção: enquanto as importantes autoridades ofereciam banquetes e vestiam-se até que razoavelmente, os agricultores tinham uma vida miserável, alimentavam-se e vestiam-se mal, possuíam um baixo nível de educação e moravam em lugares insalubres. Mesmo assim, Saint-Hilaire simpatizou-se pela província de São Paulo:

*...A proximidade do litoral; a doçura do clima, os atrativos do lugar_ tudo isso fazia com que os estrangeiros se sentissem mais atraídos para ali do que para as cidades distantes de portos do mar.*⁴⁵⁹

Saint-Hilaire também comentou que a capital da província de São Paulo era considerada uma das regiões menos férteis quando comparada a todas as outras cidades pertencentes a São Paulo. Mesmo assim, havia plantações de arroz, feijão, milho e mandioca, ervas para se fazer chá, café, legumes, frutas; criavam-se bois, porcos, burros, carneiros e cavalos; as bananeiras e a produção de cana de açúcar não se adaptavam muito bem na capitania paulista. Não havia muitas fazendas, mas sim chácaras que se localizavam ao redor da cidade de São Paulo e nestas chácaras havia plantações de café, laranjas, jabuticabas. Saint-Hilaire visitou uma determinada chácara e notou:

*... Essa propriedade, onde cheguei (...) No pomar vi vários pessegueiros cujos frutos (29 de novembro) tinham o tamanho de um ovo de pomba. Vi também abricoteiros, ameixeiras, macieiros, pereiras, castanheiras e nogueiras, bem como belas latadas de parreiras, algumas em floração, outras já começando a frutificar.*⁴⁶⁰

Nas vizinhanças de São Paulo, Saint-Hilaire visitou uma chácara chamada Água Branca. Havia plantações de laranjas, pêssegos, pitangas, abacaxis, jabuticabas. Essas frutas eram vendidas nas ruas da cidade. Saint-Hilaire comentou sobre o sabor das jabuticabas:

⁴⁵⁹ Auguste de Saint-Hilaire, op. cit., p.144.

⁴⁶⁰ Ibidem, p. 149.

*... As jabuticabas levam certamente vantagem sobre todas as frutas indígenas do Brasil. São doces sem serem enjoativas, agradavelmente mucilaginosas e extremamente refrescantes. Era também a época das pitangas. Estas são bastante inferiores às jabuticabas, têm um gosto resinoso que, aliás, é encontrado na maioria dos diferentes frutos do grupo das Mirtáceas. Entretanto são boas para a feitura de doces, conservando depois de cozidas um pouco do seu sabor primitivo.*⁴⁶¹

Um outro lugar que Saint-Hilaire visitou, foi a paróquia Nossa Senhora da Penha, que ficava perto da província de São Paulo. Durante a viagem, na estrada, ele observou umas casas consideradas “vendinhas”, que possuíam um diferencial quando comparadas as de Minas Gerais, que era o fato desses estabelecimentos comerciais não serem abertos a todos, como as casas de vendas mineiras:

*... enquanto que na Província de Minas e em outros lugares essas casas são abertas para todo mundo, ali o comprador não entra no local onde estão armazenados os mantimentos e a cachaça. Do interior, a mercadoria é passada ao freguês por uma janela que dá para fora.*⁴⁶²

Este cuidado para que os fregueses não tivessem contato com as mercadorias era um costume que perdurava desde os tempos iniciais da colonização, pois os comerciantes receavam que os índios e mamelucos roubassem os produtos.

Em suas anotações, Saint-Hilaire descreveu a história da província de São Paulo: a formação desta província, a presença dos jesuítas e a atuação da Companhia de Jesus, o povoamento dos paulistas no interior, o aprisionamento dos índios, os imprevistos que ele passou etc. No entanto, o que vale destacar, neste trabalho, era como Saint Hilaire descreveu a atuação dos paulistas na arte de curar: como eles curavam uma picada de cobra, uma febre, doenças de pele, uma disenteria e principalmente como todo esse universo refletia no cotidiano dessas pessoas no início do século XIX.

É certo que o processo de povoamento dos paulistas no interior, além da caça ao índio, esteve associado à descoberta do ouro nas regiões mineiras. Como já foi dito, os paulistas sustentavam as regiões mineiras com mantimentos e atendiam as necessidades

⁴⁶¹ Auguste de Saint-Hilaire, op. cit., p. 149.

⁴⁶² Ibidem, p. 148.

básicas dos núcleos populacionais que se formavam. Isso fez com que o comércio e a população se desenvolvessem e mais tarde formasse a cidade de São Paulo:

Enquanto os paulistas, ao percorrerem o interior do Brasil, não tiveram outro objetivo senão a caça aos índios, eles nunca se estabeleceram fora de sua província. Todavia, nos fins do século XVI, uma notícia importante espalhou-se no seu meio: havia ouro na selva. A partir desse momento operou-se uma notável mudança.

Preciosas minas de ouro existiam, de fato, bem longe do litoral (...) Era preciso encontrar o lago da madeira dourada (Lagoa do Pau Dourado), que prometia aos seus possuidores uma fortuna cobiçada (...). Homens de todas as condições, pobres e ricos, velhos e moços, brancos e mestiços_ todos abandonaram em massa seus lares, suas mulheres e seus filhos e tomaram de assalto as vastas solidões do Brasil.(...) Quando encontravam um terreno aurífero, armavam barracas nas proximidades e iniciavam a exploração. Esses acampamentos (arraiais) transformavam-se em povoações, depois em cidades, e foi assim que os paulistas começaram a povoar o interior do país, acrescentando à monarquia portuguesa algumas províncias mais vastas, algumas delas, do que muitos impérios.⁴⁶³

Durante esse processo de formação de povoações no interior, alguns imprevistos ocorriam como, por exemplo, a falta de medicamentos para curar determinada doença. Febres intermitentes eram comuns e os paulistas acabaram por aceitar as receitas de cura dos índios.

Com o esgotamento das minas, os paulistas passaram a desenvolver melhor a agricultura e o comércio. A metrópole, para impedir o desenvolvimento comercial de São Paulo, determinou proibições que prejudicaram as negociações com a Bahia e outras regiões para onde a província de São Paulo vendia o gado. Segundo Saint-Hilaire, somente com a vinda da família real e a abertura dos portos é que o comércio paulista voltou a crescer:

As desastrosas determinações de Antônio José da Franca e Horta permaneceram em vigor até o ano de 1808, quando então o rei D. JoãoVI, pondo-se em fuga diante da armada francesa, chegou ao Brasil. (...)

A Capitania de São Paulo tirou grande proveito da nova ordem de coisas. Suas relações comerciais expandiram-se e se tornaram mais importantes; a cabotagem reiniciou sua antiga atividade; os agricultores, podendo vender mais vantajosamente os seus produtos, dedicaram-se com mais afinco à lavoura; os engenhos de açúcar e as plantações de café se

⁴⁶³ Auguste de Saint-Hilaire, op. cit., p.28.

*multiplicaram; homens de todas as nações chegaram ao país, trazendo novas idéias e aperfeiçoando as técnicas existentes (...).*⁴⁶⁴

É válido dizer que de acordo com as obras lidas, percebe-se que a província de São Paulo, mesmo havendo as proibições, nunca deixou de comercializar os mantimentos e o gado. Talvez Saint-Hilaire quisesse enaltecer a importância da presença do rei para o desenvolvimento de São Paulo, mesmo por que, ele precisava do apoio de D. João para o prosseguimento de sua viagem e pesquisa científica.

Durante a viagem à província de São Paulo, ao repousar perto de Mogi, Auguste de Saint-Hilaire adquiriu “bichos do pé” e disse que a causa desse problema era a falta de limpeza das casas e das choupanas, o que favorecia o aparecimento de outras doenças:

*Parei para dormir no Rio das Pedras, espécie de lugarejo formado por alguns casebres, todos de aspecto miserável (...) mas, pelo que parecia, ninguém jamais se dava ao trabalho de varrê-lo, pois os bichos-de-pé (Pulex penetrans) nos atacaram ferozmente.*⁴⁶⁵

Ele ficou impressionado com a aparência doentia da maioria das pessoas que viviam nos arredores e na província de São Paulo e as descrevia como seres indolentes, ignorantes e ociosos. Contou que certa vez ao analisar as plantas, um homem parou ao seu lado e ficou olhando para ele, parado, sem dizer nada durante muito tempo: “... Desde Vila Boa até o Rio das Pedras eu tive diante de mim uma centena de exemplos de homens indolentes e estúpidos como esse. Essa gente (...) não pensa em nada, apenas vegeta como árvores...”⁴⁶⁶

Como já foi dito, a falta de higiene era algo que impressionava Saint-Hilaire:

...e me senti chocado pela desordem e sujeira que reinavam nessa miserável morada. Fui logo cercado por um bando de homens, mulheres e crianças. Os primeiros vestiam a penas um calção e uma camisa de algodão grosseiro, as mulheres uma saia simples e uma blusa (...) As vestes dos pobres colonos do Rio das Pedras eram tão sujas quanto as suas choupanas(...) Esses homens, que tinham uma aparência tão doentia quanto a dos habitantes das margens do

⁴⁶⁴ Ibidem, p. 47.

⁴⁶⁵ Auguste de Saint-Hilaire. *Viagem à província de São Paulo*. São Paulo/ Belo Horizonte: Edusp/Itatiaia, 1972, p.84.

⁴⁶⁶ Auguste de Saint-Hilaire, op. cit., p.85.

*Rio Grande, me disseram que a região ali era muito pantanosa e insalubre e eles eram atacados freqüentemente por febres intermitentes...*⁴⁶⁷

Ao ler os escritos deixados por Saint-Hilaire, foi possível verificar que o mesmo não queria contar como os índios faziam os medicamentos ou curavam as doenças. Quando há algum comentário sobre o processo de cura praticado pelos indígenas e curandeiros, Saint-Hilaire fez questão de dizer que os procedimentos medicinais não são corretos ou que não fazem efeito. Pode-se pensar, que este pesquisador ou não estava querendo admitir que, segundo ele, uma raça inferior (o índio) pudesse fornecer a cura e principalmente exercer a função de “médico” ou porque Saint-Hilaire estava guardando as “receitas” de cura para depois enviá-las a seu país de origem e somente lá desenvolver os medicamentos:

Enquanto eu me achava no arraial, José Mariano⁴⁶⁸ saiu para caçar. Voltou já bem tarde e me contou, ao chegar, que tinha sido picado por uma cascavel, acrescentando, porém, que não sentia nenhum receio pois havia sido benzido por um curandeiro e depois disso já fora picado uma vez sem ter sofrido nada. Ele disse isso com um ar tão tranqüilo e a fisionomia tão inalterada, afirmando com tanta segurança que sentia apenas um ligeiro entorpecimento na perna, que a princípio não me preocupei. Mas logo que vi a cobra e a marca da picada deixada por ela, juro que pouco faltou para que eu desmaiasse. Veio-me à lembrança a dolorosa perda que sofrera em São João del Rei e imaginei que poderia perder também José Mariano, como ocorrera com Prégent, e de uma maneira ainda mais cruel. Essa viagem me parecia amaldiçoada pela Providência; meus olhos se encheram de lágrimas. José Mariano me contou que, ao ser picado, estava atravessando uma pequena mata. Ao pisar na cobra, esta o mordera mas continuara no mesmo lugar. Pedira, então, a Firminiano que a matasse com um pedaço de pau, porque, segundo ele, toda pessoa que foi curada(benzida) não deve matar, ela própria, a cobra que a picou nem permitir que a matem com um instrumento de ferro. José tinha duas perfurações pouco acima do calcanhar, uma mais profunda do que a outra. Os dentes da cobra não tinham ficado na ferida e, pelo que me contou Firminiano, tinha saído um pouco de sangue dela. José me disse que a dor que sentira no momento da picada se assemelhava apenas à de uma queimadura violenta. Resolvi fazê-lo tomar um pouco de álcali. Primeiramente, dei-lhe três gotas num copo d'água e com a ajuda de uma pena pinguei duas ou três gotas na ferida. No momento em que eu fazia essa aplicação o doente sentiu uma dor muito aguda, que se espalhou como uma labareda por sua perna acima, segundo explicou. Passado um quarto de hora repeti o tratamento. O doente estava pálido e parecia abatido. Mandeí que se deitasse e

⁴⁶⁷ Ibidem, p. 85.

*ele permaneceu de repouso cerca de meia hora, depois levantou-se e começou a preparar os pássaros e a cobra que o havia mordido. Queixava-se de entorpecimento no local do ferimento, mas a perna não inchou, e ao jantar ele comeu como de costume. Dois dias depois não sentia mais nada. **Eu não podia acreditar na ciência dos curandeiros**, e atribui ao álcali a cura de José Mariano...*⁴⁶⁹

Em suas andanças, Auguste de Saint-Hilaire observou que para os paulistas matar era algo natural e que as leis não existiam:

*...eu ouvi muitas vezes, depois de atravessar a fronteira de São Paulo, a gente do povo falar em matar com a mesma facilidade com que falaria em aplicar uma surra em alguém. Chumbo na cabeça, faca no coração_ essas eram as palavras que eu ouvia freqüentemente. Os antigos paulistas faziam quase tão pouco caso de sua própria existência do que o faziam seus pais, mas não parece que tenham grande apreço pelo próximo. Na verdade, como poderiam eles perder a rudeza hereditária? (...) e nessas regiões remotas as leis são praticamente inexistentes.*⁴⁷⁰

Na verdade, Saint-Hilaire fez uma análise das ações dos paulistas, seguindo os seus princípios morais. Para os paulistas dessa época, matar era uma questão de sobrevivência; eles valorizavam a vida: receitas de cura pareciam pipocar no cotidiano dessas pessoas que acreditavam muito nos métodos curativos desenvolvidos pelos curandeiros e os utilizavam com freqüência, justamente para curar doenças e salvar vidas.

Os paulistas utilizavam amuletos para se proteger de ataques de índios e animais. Grande parte dos habitantes utilizava rosário, dentes de animais para evitar mau-olhado e afastar os maus espíritos: “... a maioria dos habitantes pobres do interior do Brasil trazem ao pescoço não apenas um rosário mas também vários amuletos (...). Quando me encontrara em Batatais, entretanto, um homem que trazia um comprido dente pendurado ao pescoço explicou-me que se tratava de um dente de lobo e que não havia melhor para evitar mau-olhado.”⁴⁷¹

Saint-Hilaire ao conviver com José Mariano e analisar suas atitudes, começou a achar que ele tinha problemas mentais:

⁴⁶⁸ Arrieiro: empregado de Saint-Hilaire.

⁴⁶⁹ Auguste de Saint-Hilaire, op. cit., p. 89-90.

⁴⁷⁰ Ibidem., p.92.

⁴⁷¹ Ibidem, op. cit., p. 96.

*...Durante todo o resto da noite, José Mariano deu mostras de um mau-humor insuportável, mudando de idéia três ou quatro vezes, ora dizendo que devíamos seguir viagem no dia seguinte, ora que seria melhor ficar ali para caçar os papagaios. Tive o cuidado de não irritá-lo ainda mais, pois começava a temer por sua sanidade mental. Ele passava vinte e quatro horas sem comer, mantinha os olhos apenas entreabertos, tinha a tez amarelada e uma aparência intratável. Procurava briga com todo mundo...*⁴⁷²

Sabemos que se uma pessoa fica muito tempo sem comer, ela pode ter atitudes estranhas, mas isso não diz respeito a sua sanidade mental. Um conjunto de aspectos é que pode determinar isso.

Como já foi dito, as febres intermitentes eram comuns e Saint-Hilaire chegou a associá-las a má qualidade das águas:

*O Rio Pardo, à beira do qual passei dois dias tem sua nascente nos campos vizinhos da cidadezinha de Caldas (...) No local onde é atravessado pela estrada Goiás-São Paulo, ele se acha(...) e suas águas têm uma coloração marrom, não sendo muito boas para beber. As vizinhanças do Rio Pardo são muito menos insalubres do que as do Rio Grande. Não obstante, aparecem esporadicamente aí as febres intermitentes.*⁴⁷³

Além dessa região, outras próximas a outros rios também eram caracterizadas como insalubres e causadoras de febres: “...O Rio Moji-guaçu, ou simplesmente Moji, tem sua nascente na Serra da Mantiqueira (...) Esse rio fornece excelentes peixes aos habitantes do lugar, mas suas águas são insalubres e costumam causar febres intermitentes . Essa a razão principal do pequeno aumento da população ocorrido no arraial, ao passo que os povoados vizinhos cresceram de maneira sensível.”⁴⁷⁴

As pessoas desta época acreditavam em lendas, principalmente em regiões próximas a rios: os habitantes fazem questão de afirmar que nas cheias, um monstro aparece nos rios:

...Existe a lenda de que na época das cheias aparecem, no meio desses rios, mamíferos anfíbios de tamanho monstruoso, alguns parecendo porcos, outros semelhantes a touros. Essas histórias me fazem lembrar naturalmente as que ouvi em Goiás sobre o célebre minhocão, e

⁴⁷² Ibidem, p.98.

⁴⁷³ Auguste de Saint-Hilaire, op. cit., p.99.

*tenderiam a confirmar a existência desse animal. Essa lenda é também confirmada pelo que escreveu Luis d'Alincourt, o qual ao falar da lagoas situadas a cerca de 13 léguas do Rio Pardo, perto de Olhos d'Água, acrescenta que, segundo os fazendeiros da região, elas são habitadas por um animal monstruoso, cujo corpo tem o formato de um tonel e que é chamado de minhocaçu.*⁴⁷⁵

Com isso, fica mais fácil entender a crença dessas pessoas nas práticas medicinais, que envolviam magia, amuletos e outros. Nesta época, a história contada acima não era lenda, era algo real para os habitantes da região.

Saint-Hilaire fez referências às águas minerais do Rio Pardo, que poderiam ser utilizadas para fins medicinais:

*...As águas minerais a que já me referi têm sua nascente numa densa mata, situada a cerca de uma légua do rio. Lá se vêem grandes clareiras, próximas umas das outras, onde não cresce nenhuma árvore e onde existe apenas, em meio a alguns tufo de capim, uma lama espessa, revolvida pelas patas dos animais. No meio desse brejo vêem-se pequenos poços de água esverdeada e lodosa, que não têm escoamento. São essas as águas minerais do Rio Pardo. Não são amargas como as de Araxá, mas têm um gosto de ovo podre muito pronunciado.(...) O que eu disse acima sobre o sabor dessas águas basta para mostrar que elas são essencialmente sulfurosas e que em consequência, poderiam ser empregadas com sucesso no tratamento das moléstias cutâneas, infelizmente tão comuns no Brasil.(...) Gostaria de recomendá-las aos administradores da Província de São Paulo. Achando-se pouco afastadas de grandes centros de população, como Moji-mirim, Campinas e Jundiaí, elas poderiam ser utilizadas com grande proveito.*⁴⁷⁶

Até hoje essas águas termais são utilizadas como complemento no tratamento de algumas doenças. Idosos costumam ir a Poços de Caldas, Águas de São Pedro e outras regiões de águas termais para se tratarem.

Conforme Saint-Hilaire passava pelas regiões, pesquisava e colhia plantas, o que indicava para os moradores da região ser ele uma pessoa culta ou talvez um médico: “O mais idoso do bando, um velho de grande robustez, veio consultar comigo certa noite. “O senhor é médico”, disse-me ele, ao que respondi negativamente. “O senhor não quer

⁴⁷⁴ Ibidem., p. 104.

⁴⁷⁵ Ibidem, p. 99.

⁴⁷⁶ Auguste de Saint-Hilaire, op. cit., p.99.

admitir isso, mas se não fosse médico não andaria colhendo uma variedade tão grande de plantas”.⁴⁷⁷

Para os colonos, a arte de curar estava associada ao recolhimento de plantas, ervas e folhas para a fabricação de medicamentos: os curandeiros tinham como matéria prima esses elementos. Saint-Hilaire, em relação à situação acima descrita, teve que aceitar o título de médico e cuidar de seu paciente, que dizia sentir fraquezas e cansaço. O viajante francês prescreveu: “...Pare quando sentir que o cansaço começa a dominá-lo. Não tome nenhum remédio, alimente-se bem e de vez em quando beba um pouco de vinho.”⁴⁷⁸

Em Mogi-mirim, Saint-Hilaire observou os engenhos de açúcar e o comércio existente deste produto. Além disso, ele notou que apesar da fertilidade da terra, os colonos tinham a aparência doentia e “ as freqüentes doenças que assolam Mogi e seus arredores devem forçosamente emperrar o progresso do lugar...”⁴⁷⁹

Este viajante francês achava incoerente haver um solo tão fértil, onde poderia plantar-se de tudo um pouco e alimentar corretamente a população, com pessoas doentes, muitas vezes por falta de uma boa alimentação.

Saint-Hilaire, assim como Spix e Martius, verificou a presença de bócio na região de Jundiaí.:

*Não posso deixar de mencionar que o bócio, infelizmente tão comum em certas partes da Província de São Paulo, é ainda mais freqüente em Jundiaí e nas suas redondezas, sendo mesmo dado aos habitantes da cidade o apelido de papudos de Jundiaí. Como bem observaram Spix e Martius, essa doença, entre os brasileiros, não vem acompanhada do idiotismo completo que caracteriza os papudos dos vales suíços, e se os doentes de certas partes da Província de São Paulo - por exemplo, da região situada entre Itu e Itapeva - são apáticos e pouco inteligentes, o mesmo acontece, na verdade, com os seus conterrâneos que não se acham atacados da moléstia.*⁴⁸⁰

Durante toda a sua viagem a América Portuguesa, Auguste de Saint-Hilaire presenciou o contraste social existente: jantares grandiosos com o rei e sua corte e grande parte da população comendo e vivendo muito mal em condições insalubres.

⁴⁷⁷ Ibidem, p. 103.

⁴⁷⁸ Ibidem, p. 103.

⁴⁷⁹ Auguste de Saint-Hilaire, op. cit., p.106.

⁴⁸⁰ Ibidem., p. 115.

Este viajante visitou um hospital militar em São Paulo e verificou que havia uma farmácia organizada e com medicamentos : “...Uma escadaria dava acesso a ele, havendo no centro do prédio um pátio quadrado. Na farmácia, cuja porta dava para a rua, vendiam-se remédios ao público, em benefício do hospital. A farmácia era grande, muito limpa e bem organizada, encontrando-se nela um sortimento completo de medicamentos.”⁴⁸¹

Também notou a presença de um hospital de leprosos, “onde ficavam internados os infelizes atacados dessa horrível moléstia, que só a caridade nos impede de olhar com repulsa...”⁴⁸² Havia vários leprosos nas regiões próximas da estrada São Paulo-Rio de Janeiro. Este hospital não possuía mais de vinte e quatro leitos, logo muitos dos leprosos viviam pelas ruas sem moradias, vivendo em precárias condições.

O hospital de leprosos dependia da Santa Casa de Misericórdia, que segundo Saint-Hilaire tinha várias unidades espalhadas em várias cidades. No entanto, este hospital não possuía uma estrutura para manter os doentes e praticamente vivia de doações e ajuda dos fiéis. Em Itu também havia um hospital para leprosos.

Saint-Hilaire comentou sobre o Jardim Botânico, o comércio, a falta de higiene nas vendinhas e nos lares, sobre a posição de São Paulo e a saúde da população:

*“É inegável que o clima de São Paulo”, disse um dos presidentes da província, “é muito salubre, pois durante seis meses a cidade fica alagada, por assim dizer, pelas águas que transbordam do Tietê e do Tamandataí, e no entanto a saúde de nossos concidadãos não parece ressentir-se absolutamente.” É fora de dúvida que a posição de São Paulo e os ventos que a varrem preservam os seus habitantes das febres e doenças endêmicas que inundações desse tipo causam em outros lugares. Não obstante, acho difícil acreditar que as que ocorrem ali todos os anos não tenham alguma influência sobre a saúde pública. Eu imaginara, pelo que me haviam dito sobre a localização de São Paulo e o seu clima, que só iria encontrar ali homens robustos e saudáveis. Não foi o que aconteceu, porém. Mesmo os que habitam a própria cidade estão longe de ter a aparência sadia e a bela constituição física encontradas entre o povo da maior parte da província de Minas Gerais...”*⁴⁸³

Em São Paulo, a sífilis espalhou-se de tal forma que certa vez Saint-Hilaire perguntou a uma prostituta se ela era portadora de sífilis. A resposta dela foi: “Quem é

⁴⁸¹ Ibidem, p. 130.

⁴⁸² Ibidem, p.130.

⁴⁸³ Auguste de Saint-Hilaire, op. cit., p. 134.

que não é?”⁴⁸⁴ As pessoas mais simples não tomavam cuidado em relação a aquisição da doença e nem ao tratamento.

Saint-Hilaire notou a escassez de médicos e farmacêuticos. Mesmo depois de sua viagem, em 1839 havia em São Paulo cinco médicos, quatro cirurgiões e sete farmacêuticos, o que dificultava o atendimento a todos os doentes:

*Em um país onde os médicos são ainda pouco numerosos, cada cultivador procura remédios nos vegetais que crescem em volta de sua moradia...*⁴⁸⁵

Durante sua viagem, Saint-Hilaire presenciou a ação de alguns, que diziam ser médicos, mas que na verdade não tinham nenhuma qualificação profissional: “...Todos os que então praticavam a cirurgia na cidade de São Paulo e nas suas redondezas eram homens sem educação e sem estudo, sem falar nas parteiras, que eram ainda mais ignorantes.”⁴⁸⁶

Um certo dr. Francisco de Melo Franco, filho de um médico famoso, contou a Saint-Hilaire, que as parteiras para exercerem sua função, faziam com que as grávidas sentassem sobre uma medida quadrada denominada meio-alqueire e algumas pessoas a seguravam e a sacudiam para que a criança saísse mais rápido, enquanto a parteira se colocava embaixo e segurava a criança.⁴⁸⁷

Para a cura de animais, o mercúrio-doce era indicado para as infecções umbilicais, principalmente das éguas: “... As éguas começavam a parir em julho. (...) a fim de evitar que se criem vermes na cicatriz umbilical. Para esse fim era usado mercúrio-doce.”⁴⁸⁸

Auguste de Saint-Hilaire também presenciou em 1818 na cidade de Itapeva que os bambus floresceram muito rapidamente e houve um aumento do número de ratos, que atraídos pelas sementes do bambu, devoraram quantidades enormes de milho e a colheita acabou sendo prejudicada, a fome e a disenteria imperaram nesta época.⁴⁸⁹

Saint-Hilaire, através de suas pesquisas, acrescentou vinte espécies novas de planta e as descreveu em *Flora Brasiliae Meridionalis*, o que até hoje, é um material muito utilizado pelos pesquisadores.

⁴⁸⁴ Ibidem, p.135.

⁴⁸⁵ Maria Emília Amarante Torres Lima, op. cit., p.92.

⁴⁸⁶ Auguste de Saint-Hilaire, op. cit., p. 135.

⁴⁸⁷ Auguste de Saint-Hilaire, op. cit., p. 135.

⁴⁸⁸ Ibidem, p.162.

Conclusão

Estudar *Saúde, alimentação e medicamentos* na província de São Paulo no início do século XIX, nos remeteu, além de outras abordagens, a questões do cotidiano paulista: hábitos alimentares, fabricação de medicamentos, alimentos que foram utilizados na arte de curar, participação jesuítica e indígena, medicina sertaneja, agentes da cura como boticários, curandeiros, feiticeiros, médicos, cirurgiões, pajés e outros. Com isso, foi possível analisar os tratamentos e cuidados com o corpo que a sociedade paulista possuía.

No final do século XVIII e início do XIX houve um decréscimo nas explicações sobrenaturais e uma crescente tendência na busca por explicações racionais em relação ao universo da cura.⁴⁹⁰ Mesmo assim, as receitas de cura baseadas nas rezas, nos amuletos, chás, excrementos, ervas, plantas e alimentos continuaram a ser prescritas aos doentes pelos agentes de cura, inclusive pelos médicos no decorrer do século XIX.

É certo que a convivência do racionalismo com o universo da magia esteve presente nos diversos setores sociais e que a Ilustração do século XVIII trouxe questionamentos das crendices da Igreja e do universo mágico, através de um raciocínio lógico e exato. No entanto, essa época também foi de permanências dos ideais de magia e de curas milagrosas: antigas crenças de cura se mantiveram dentro dos contextos novos que o século XIX propunha.

Havia a mistura de conhecimentos: almanaques de medicina passaram a circular entre os curandeiros, assim como curas criadas pelos agentes da medicina popular eram praticadas pelos médicos e com isso, os sistemas mágico-simbólicos continuaram a influenciar as pessoas e a conviver com o pensamento científico.⁴⁹¹ Na verdade, o que incomodava os médicos era quem exercia a prática de cura e não o medicamento usado. Eles não admitiam ter um agente de cura sem qualificação profissional para exercer tal função. O médico poderia utilizar uma receita caseira no exercício de sua profissão, mas o curandeiro, não.

No decorrer da leitura das obras selecionadas para o desenvolvimento da pesquisa, houve uma dificuldade em estabelecer os limites entre o que era cura popular e quais os tratamentos utilizados especificamente pelos médicos, pois o que prevalecia

⁴⁸⁹ Ibidem, p. 221.

⁴⁹⁰ Márcia Moisés Ribeiro. *A ciência dos trópicos*. São Paulo, Hucitec, 1997, p.132.

⁴⁹¹ Ibidem, p.137.

era a interação desses saberes com um único propósito: encontrar a cura de determinada doença. Esses dois universos não eram contraditórios e nem divergentes.

A transformação do pensamento firmada no universo da magia para o científico foi lento, pois havia resistências mentais a todo esse processo. No início do século XIX, os livros de medicina já não possuíam recomendações de exorcismos, mas o uso de excretos, ervas, insetos etc. continuava na prática da medicina. O Reino Vegetal passou a ser mais valorizado e entendido como o meio pelo qual novos medicamentos pudessem ser feitos e comercializados.

Com a abertura dos portos em 1808 e a entrada de estrangeiros no país, a literatura de viagem foi impulsionada com a vinda de Spix, Martius, Auguste de Saint-Hilaire e outros, que tinham por objetivo central ampliar o conhecimento científico ao estudar a flora, a fauna e aspectos sociais da América Portuguesa. Missões foram demarcadas em nome da ciência: algumas financiadas pelas Academias, sociedades científicas, museus de história natural e pelos monarcas. Tudo isso ocupou um lugar de destaque na produção intelectual.

As anotações feitas por esses viajantes, inclusive receitas de medicamentos, foram publicadas na Europa, com grande repercussão e contribuíram também para a política expansionista dos centros hegemônicos europeus.⁴⁹²

O olhar dos nossos viajantes⁴⁹³ sobre a América Portuguesa é definido pela pesquisa naturalista e por uma visão baseada no Romantismo: tinham como objetivo a observação da natureza física e dos aspectos sociais, políticos, econômicos e históricos.

Herdeiros da Ilustração, Spix e Martius entendiam que a divulgação da civilização espalharia “cultura” e “salvação”. No entanto, esses viajantes, a princípio, não acreditavam na possibilidade de civilizar os índios, pois eles eram insolentes e imutáveis: “Tudo quanto até aqui temos dito a respeito das particularidades somáticas dos brasis, nos leva a concluir que ocorrem neles deficiência de sensibilidade e

⁴⁹² Karen Macknow Lisboa. *A Nova Atlântida ou o Gabinete Naturalista dos doutores Spix e Martius*. São Paulo: dissertação de mestrado. FELCH- SP, 1995, p. 201.

⁴⁹³ Como já foi explicado, o termo viajante, neste trabalho, vai além de ser aquele que vem para a América Portuguesa por simples deleite, mas diz respeito a pesquisadores naturalistas como Spix, Martius e Auguste de Saint-Hilaire que participaram de uma modificação no contexto apresentado nas literaturas de viagem. As anotações realizadas por viajantes do século XVI, XVII e XVIII, muitas delas eram estritamente descritivas e fantasiosas. Já os escritos deixados por Spix, Martius e Auguste de Saint-Hilaire encaixaram-se dentro de um processo de “avanço” da ciência; a atividade científica desenvolvida por esses pesquisadores foi precisa e o material deixado e publicado por eles foi mais elaborado e detalhado (flora, fauna). O olhar desses pesquisadores sobre a natureza foi científico, pois eles possuíam técnicas peculiares para a análise e para a classificação das plantas.

retardamento das funções vitais.”⁴⁹⁴ Somente em *Como se deve escrever a História do Brasil*, Martius considera possível a integração dos índios no processo civilizador.

Martius modificou o seu pensamento em relação às receitas criadas pelos curandeiros, no decorrer de sua viagem: em *Viagem pelo Brasil* v.I, defendeu a idéia de que os índios eram seres inferiores e que suas receitas não curavam as doenças. Ele criticou a medicina desenvolvida pelos indígenas, visto que muitos doentes pioravam, após o uso de mezinhas preparadas pelos nativos. Os pajés, segundo Martius, eram charlatões, pois afirmavam que rezas, ervas poderiam curar casos considerados graves, o que na verdade, somente um médico poderia diagnosticar e prescrever o medicamento correto.

Já em *Viagem pelo Brasil* v.III verifica-se um Martius bem mais consciente da importância da medicina indígena para a ampliação do conhecimento científico e em *Frey Appolonio*, romance escrito por Martius e em *Natureza, doenças e remédios dos índios brasileiros*, ele defendeu e divulgou idéias e receitas criadas pelos nativos e disse ser necessário aprimorá-las e divulgá-las.

Para que a viagem científica e o projeto de desenvolvimento de uma pesquisa acontecessem, Spix e Martius foram financiados pelo rei Maximiliano José I da Baviera, orientados pela Academia de Ciências de Munique e receberam a autorização do rei D. João, no Rio de Janeiro, para a concretização do trabalho. Muitos são os elogios de Spix e Martius aos feitos de D. João na América Portuguesa.

Já Auguste de Saint-Hilaire, apesar de também ter sido financiado por estruturas acadêmicas e políticas, fez críticas à administração do monarca na América Portuguesa e denunciou a estratificação social.

Spix, Martius e Auguste de Saint-Hilaire, através de suas andanças, pesquisas e anotações perceberam a fonte inesgotável de objetos de estudo que havia na América Portuguesa, o que possibilitou a ampliação dos gabinetes naturalistas.

Além disso, esses pesquisadores questionaram a idéia que os europeus tinham de debilidade natural e destacaram o fato da América Portuguesa estar a caminho de seu desenvolvimento, inicialmente através da miscigenação, pois dessa forma, a sociedade seria “paulatinamente branqueada.”⁴⁹⁵

⁴⁹⁴ Martius. *Natureza, doenças, medicina e remédios dos índios brasileiros*. São Paulo. Editora Nacional, 1844, p. 28.

⁴⁹⁵ Karem Macknow Lisboa. *A Nova Atlântida de Spix e Martius: Natureza e civilização na Viagem pelo Brasil* (1817-1820). São Paulo, Hucitec, 1997, p.206.

Ao chegarem a São Paulo, esses viajantes encontraram uma província dinâmica no comércio, na agricultura e na criação de gado, interligada comercialmente com outras regiões e com muitos produtos sendo exportados para a Europa, como o café, o açúcar, o fumo etc e perceberam a falta de interesse da população pela aquisição de conhecimento, a existência de pousos insalubres e a ausência de higiene e de medicamentos apropriados para a cura de doenças.

A província de São Paulo foi marcada pela presença indígena, que influenciou na dieta e nos tratamentos para a cura de doenças desta região. Os índios possuíam um saber diferenciado sobre a natureza: tinham uma percepção sobre os acontecimentos naturais, cultivavam diversos alimentos, como a mandioca, o milho, o algodão etc. Em suma, sabiam extrair da natureza tudo o que ela oferecia para a sobrevivência, inclusive receitas de cura para os males do corpo.

Dentro da cultura indígena, as receitas de cura através da utilização de plantas e alimentos foram passando de geração para geração. No entanto, não houve evolução para o desenvolvimento de outros métodos de cura e nem o aprimoramento dos já existentes. Não havia ambição por parte dos nativos em conhecer novos métodos de cura para que houvesse uma comercialização desse material, pois eles não objetivavam o lucro, mas sim a sobrevivência.⁴⁹⁶

Já a medicina sertaneja era muito crente no poder eficaz dos excrementos na cura de doenças e na idéia de que os excretos eram geradores de vida, utilizados na adubação e nutrição dos campos, logo capazes de nutrir o corpo. Alguns medicamentos relacionados à medicina excrementícia foram pontuados nesse trabalho.

Esses naturalistas observaram que a maioria da população tinha uma vida miserável e muitos tinham aparência doentia, por não se alimentarem corretamente, e que algumas doenças eram freqüentes em São Paulo e arredores como, bócio, sarna, sífilis, erisipelas, complicações hepáticas e inflamações e olhos. As causas desses males, esses viajantes acreditavam ser o clima tropical, a ausência de uma alimentação e higiene adequadas e a falta de profissionais para uma melhor orientação preventiva.

Respeitando a temporalidade, pode-se pensar que a medicina multifacetada permanece até os dias atuais: médicos homeopatas que receitam cápsulas baseadas em ervas; doentes que rezam em busca de cura; vizinhos que nos oferecem uma xícara de chá de boldo para curar os males do estômago e pessoas que andam sempre com terços

⁴⁹⁶ Shozo Motoyama. "Ciência em São Paulo: um esboço histórico." In Paula Porta (org) e outros. *História da cidade de São Paulo: a cidade colonial 1554-1822*. São Paulo: Paz e Terra, 2004, p.371.

ou foto impressa do santo de devoção para que nenhum mal lhes aconteça. Além disso, cada vez mais a ciência médica evolui na descoberta de novos medicamentos para a cura de diversas doenças e mesmo assim, continua a conviver com uma mentalidade baseada nas crenças citadas.

Na verdade, houve uma fusão das crenças populares com a dos médicos e ultimamente verificamos um fortalecimento do uso da fitoterapia com a prescrição de chás e remédios caseiros para a cura de determinadas doenças.⁴⁹⁷

Por fim, após a leitura das obras de Spix, Martius e Auguste de Saint-Hilaire, verificou-se o quão rico é o tema “Alimentação, medicamentos e saúde”, pois nos faz questionar e entender atitudes tomadas por esses viajantes que enfrentaram dificuldades inseridas nesse contexto, como má alimentação, aquisição de remédios adequados e ausência de conhecimentos científicos no campo da saúde nos lares paulistas. O universo da magia, das receitas de curandeiros e de indígenas predominava e convivia com o avanço do legado medicinal divulgado pela Ciência Médica. Esses viajantes vivenciaram uma medicina multifacetada e cheia de crenças (algumas perduram nos dias atuais).

Eles deixaram anotações que até hoje são estudadas e questionadas, o que nos faz pensar que muitos outros trabalhos ligados a esse tema devem ser produzidos: talvez destacar a eficácia dos medicamentos propostos pelos curandeiros, explorar o tema do comércio de medicamentos ou da fiscalização metropolitana, ou quem sabe comparar os escritos deixados por esses viajantes em suas diversas obras e perceber a mudança de pensamento e visão deles, através da convivência e do conhecimento do cotidiano dos colonos da América Portuguesa.

O olhar crítico de historiador deve estar atento às afirmações desses viajantes e questionar suas anotações. Muitos dos relatos desses estudiosos relacionados às questões sociais da América Portuguesa, devem ter sido manipulados pelo governo, para não afetar a imagem do monarca. Mas, é importante dizer que a análise dos relatos deixados por esses viajantes vão muito além do estudo científico realizado nesta dissertação de mestrado. Os escritos deixados por Spix, Martius e Auguste de Saint-Hilaire têm vida eterna e por isso, inúmeras interpretações relacionadas a esses relatos estarão por vir e muitas outras considerações finais também.

⁴⁹⁷ Betânia Gonçalves Figueiredo. *A arte de curar: cirurgiões, médicos, boticários e curandeiros no século XIX em Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2002, p. 234.

Lista de medicamentos

Abóbora	<p>Seca o leite</p> <p>Francisco da Fonseca Henríquez, <i>Âncora Medicinal</i>: Para conservar a vida com saúde, p. 184.</p>
Aguardente	<p>Antisséptico nas feridas e chagas.</p> <p>Henrique Carneiro, <i>Filtros, mezinhas e triacas</i>, 137.</p>
Aguardente do Reino juntamente com bagaceira de uvas, aguardente da terra e cachaça	<p>Evitar a malária</p> <p>Camara Cascudo, <i>História da alimentação no Brasil</i>, p.210-1.</p>
Aguardente com sal	<p>Feridas</p> <p>Laura de Mello e Souza. “Formas Provisórias de existência a vida cotidiana nos caminhos, nas fronteiras e nas fortificações.” In Fernando Novais <i>História da vida privada no Brasil</i>, p. 53-54.</p>
Almeirão e espinafre	<p>Males do estômago.</p> <p>Francisco da Fonseca Henríquez, <i>Âncora Medicinal</i>: Para conservar a vida com saúde, p. 166-7.</p>
Alface	<p>Insônia; grávidas para obterem muito leite</p> <p>Francisco da Fonseca Henríquez, <i>Âncora Medicinal</i>: Para conservar a vida com saúde, p. 13.</p>
Alho	<p>Quebrar e eliminar pedras nos rins</p> <p>Ibidem, p.175.</p>
Alho, aguardente e vinho	<p>Evitar que os negros adoecessem.</p> <p>Câmara Cascudo, <i>História da alimentação</i>, p. 211.</p>
Amora	<p>Melhora o fluxo sangüíneo.</p> <p>Francisco da Fonseca Henríquez, <i>Âncora Medicinal</i>: Para conservar a vida com saúde, p. 195.</p>

Angélica	Febres; eliminar vermes. Curvo Semedo, <i>Memorial de vários símplies que da Índia Oriental, da América e de outras partes vêm ao nosso reino</i> , p. 20
Ananaz verde	Vera Beltrão Marques, <i>Natureza em Boiões</i> , p. 60. Lycurgo Santos Filho, <i>História Geral da Medicina brasileira</i> , p. 106.
Ananás	Diurético Lycurgo, <i>História geral da Medicina Brasileira</i> , p.106.
Anta	Males do coração; disenterias. F.C. Hoehne, <i>O que vendem os ervanários de São Paulo</i> , p. 217.
Arroz	Acaba com as diarreias. Francisco da Fonseca Henríquez, <i>Âncora Medicinal</i> , p. 163.
Azeites	Reumatismo. Sérgio Buarque de Holanda, <i>Caminhos e Fronteiras.</i> , p. 81.
Banha animal (jacaré, onça, veado, gado, galinha)	Diversas doenças (ex: reumatismo) Martius, <i>Natureza, doenças, medicina e remédios dos índios brasileiros</i> , p.224-5.
Banha de animal com carvão de madeira e ervas	Úlcera e tumores Martius, <i>Natureza, doenças, medicina e remédios dos índios brasileiros</i> , p.225.
Banha de animal (reumatismo); dentes de jacaré (ares); limões azedos (fraquezas); casca de jabuticaba (sangue); angu e batatas (desmaios)	Laura de Souza Mello. “Formas Provisórias de existência: a vida cotidiana nos caminhos, nas fronteiras e nas fortificações.” In Fernando Novais. <i>História da Vida Privada no Brasil</i> , p. 61.
Banha de onça	Úlceras Martius, <i>Natureza, doenças, medicina e remédios dos índios brasileiros</i> , p.224.

Banha de jacaré	Picada de cobra; reumatismo Martius, <i>Natureza, doenças, medicina e remédios dos índios brasileiros</i> , p.224-5.
Banhos de mar	Sarna Saint-Hilaire, Auguste de. <i>Viagem à província de São Paulo</i> , p.135.
Batatas, uvas e ameixas	Purgativos Francisco da Fonseca Henríquez, <i>Âncora Medicinal</i> , p.188.
Batatas	Purgativos Francisco da Fonseca Henríquez, <i>Âncora Medicinal</i> , p. 177.
Bexiga de ovelha torrada no forno (pó)	Incontinência urinária. Ibidem, p.98.
Bezoar do veado	Indigestões Martius, <i>Natureza, doenças, medicina e remédios dos índios brasileiros</i> , p. 225.
Butua (<i>Abuta rufescens</i>)	Doenças do fígado Martius, <i>Natureza, doenças, medicina e remédios dos índios brasileiros</i> , p.162.
Café	Vertigens, sonos profundos, memória. Francisco da Fonseca Henríquez, <i>Âncora Medicinal</i> , p.255 e 256.
Carne de sapo	Aliviar o trabalho de parto Martius, <i>Natureza, doenças, medicina e remédios dos índios brasileiros</i> , p.225.
Carne de vaca, de porco, de peixe juntamente com farinha e bacalhau	Negros doentes Camara Cascudo, <i>História da alimentação</i> , p.211.
Carne de carneiro	Cólicas Francisco da Fonseca Henríquez, <i>Âncora Medicinal</i> , p. 97.
Carne de galo	Asma Francisco da Fonseca Henríquez, <i>Âncora Medicinal</i> : Para conservar a vida com saúde, p. 116.

Carne de vaca	Pessoas que se exercitam muito Ibidem, p. 96.
Carne de vaca com diversos elementos	dores de ouvido, caspa e chagas. Ibidem, p. 95-6.
Carne de vaca com urina de bode	Surdez Ibidem, p. 95-6.
Carne do pato	Icterícia Ibidem, p. 119.
Caju	Eliminar febres e males do estômago. Vera Regina Marques, <i>Natureza em Boiões</i> , p. 60.
Cataplasmas quentes de abóbora com massa	Bócio Spix e Martius, <i>Viagem pelo Brasil (1817-1820)</i> , vol.I, p.130.
Caldo de galinha	Asma e cólicas Francisco da Fonseca Henríquez, <i>Âncora Medicinal</i> , p. 116.
Caldo de faisões e ovos de galinha	Tuberculose Ibidem, p. 120-1.
Cebola	Fazer urinar; limpar os rins. Ibidem, p. 176.
Cenoura, nabo, pepino e morangos	Efeito diurético Ibidem, pp.173, 175, 183 e 185.
Cenouras	Efeito diurético. Ibidem, p. 175.
Cereja	Elimina a paralisia na língua. Ibidem, p. 194.
Chás de percevejos e de excrementos de rato	Acabar com as diarréias. Gilberto Freyre, <i>Casa Grande e Senzala</i> , p. 508.
Chocolate, vinho, chá e café.	Dissipar flatos Francisco da Fonseca Henríquez, <i>Âncora Medicinal</i> , p.13.
Chocolate	Indigestão e febre; “conforta” o estômago. Ibidem, p. 249, 250.

Chifre cru do veado	Elimina o sarampo, febres e vermes. Ibidem, p. 102-3.
Cinzas das unhas de onça	Diminuir dores das obturações nos dentes Martius, <i>Natureza, doenças, medicina e remédios dos índios brasileiros</i> , p. 226.
Cinzas do pulmão do veado; couro do veado	Asma; problemas no útero. Francisco da Fonseca Henríquez, <i>Âncora Medicinal</i> , p. 102-3.
Comer a galinha	Acaba com a rouquidão Ibidem, p. 116.
Damascos	Dores de ouvido Ibidem, p. 192.
Dieta alimentar: comer somente peixes e frutas	Período que antecede o parto Spix e Martius, <i>Viagem pelo Brasil (1817-1820)</i> , vol.I, p.234.
<i>eiraaquãyetã</i>	Curar vômitos e desarranjava intestinos. Lomonaco, “Práticas médicas indígenas e jesuítica em Piratininga.” , p. 27.
Emplastros com almácegas e azeite	Machucados Serafim Leite, <i>História da Companhia de Jesus</i> , p. 581.
Esterco de boi	Eliminar as verrugas Ibidem, p.96.
Esterco de cão	Tumores de garganta e bexiga. Manuel da Silva Leitão. <i>Arte com vida ou vida com arte</i> , 1738, apud Fernando São Paulo, <i>Linguagem médica popular no Brasil</i> , p. 23-4.
Esterco humano, pólvora e enxofre.	Picada de cobra Luis Gomes Ferreira, <i>Erário Mineral</i> , p. 473.
Excremento da galinha (gargarejos)	Cólicas Francisco da Fonseca Henríquez, <i>Âncora Medicinal</i> , p. 116.

Excrementos	Problemas de pele e respiratórios; Úlceras; como cicatrizante. Betânia Figueiredo, <i>A arte de curar.</i> , p. 122.
Feijão	Elimina os vômitos Francisco da Fonseca Henríquez, <i>Âncora Medicinal</i> , p.161-2.
Fel de vitela misturado com vinagre	Lêndeadas Ibidem, p. 96-7.
Fel do peru	Surdez Ibidem, p. 118.
Figo	Lubrificam o ventre Ibidem, p. 187-8.
Fogo	Enfermidades Martius, <i>Natureza, doenças, medicina e remédios dos índios brasileiros</i> , p.189. Sérgio Buarque de Holanda, <i>Caminhos e Fronteiras</i> , p.78.
Formigas assadas com farinha de mandioca	Facilitar a digestão Martius, <i>Natureza, doenças, medicina e remédios dos índios brasileiros</i> , p. 225.
Fumo	Purificar os espíritos Spix e Martius, <i>Viagem pelo Brasil (1817-1820)</i> , vol.I, p.123.

Galinha e ovos	Evitar que os europeus adoecessem Camara Cascudo, <i>História da Alimentação no Brasil</i> , p. 115 e 127.
Gambá	Cólicas; gerar mais leite (cauda do gambá). Simão de Vasconcelos, <i>Vida do padre</i> , p. 116.
Geléia de cabeça e cauda de cascavel viva cozidas juntamente com um frango	Sífilis e problemas de pele Martius, <i>Natureza, doenças, medicina e remédios dos índios brasileiros</i> , p.226.

Genipapo	Males do estômago. Vera Regina Marques, <i>Natureza em Boiões</i> , p. 51.
Gordura da truta colocada nos ouvidos	Surdez Francisco da Fonseca Henríquez, <i>Âncora Medicinal</i> , p. 135.
Grãos	Facilitam o parto; provocam aborto. Ibidem, p. 160-1.
Hortelã	Males do estômago; provoca atos libidinosos; bom funcionamento do cérebro; memória Ibidem, p.13.
Ipecacuanha e a batata-purga	Purgativos. Lycurgo, <i>História Geral da Medicina Brasileira</i> , p. 106.
Ipecaunha (raiz) “ipeca”	Envenenamento Langsdorf, <i>Os diários de Langsdorff</i> , p. 91.
Jurema	Curar infecções Vera Marques, “Medicinas Secretas”. In Sidney Challoub e outros (org). <i>Artes e ofícios de curar no Brasil</i> , p171.
Laranja-da-china	Antiescorbútico Francisco da Fonseca Henríquez, <i>Âncora Medicinal</i> : Para conservar a vida com saúde, p. 13.
Leite de mamões	Vera Beltrão Marques, op. cit., p. 246.
Limonadas; lavagens externas com rum morno e diluído (banho) e purgantes	Sarna Spix e Martius, <i>Viagem pelo Brasil (1817-1820)</i> . vol.I, p.61-2.

Limões doces	Males do ventre. Francisco da Fonseca Henríquez, <i>Âncora Medicinal</i> , p. 198.
Limões azedos	Febres. Ibidem, p.198.
Limonada quente com vinagre	Diarréia Spix e Martius, <i>Viagem pelo Brasil (1817-1820)</i> , vol.I, p.62.
Limão, sal, urina, fogo e fezes.	Cicatrização Betânia Figueiredo, <i>A arte de curar</i> , p.p. 121-2.
Maçã	Depressão Francisco da Fonseca Henríquez, <i>Âncora Medicinal</i> , pp192.
Maças-de-anáfega	Tosses e rouquidões. Ibidem, p. 198.
Maracujá	Febres Lycurgo, <i>História geral da Medicina Brasileira</i> , p.106.
Maracujá	Acalmar; baixar a febre Vera Regina Marques, <i>Natureza em Boiões</i> , p. 60 e Lycurgo Santos Filho, <i>História Geral da Medicina Brasileira</i> , p. 106.
Mão fria de defunto (ao tocar no local afetado)	Eliminar feridas Luis Gomes Ferreira, <i>Erário Mineral</i> , p. 188.
Mel	Longevidade Francisco da Fonseca Henríquez, <i>Âncora Medicinal</i> , p.13.
Melão	Febres; diurético Francisco da Fonseca Henríquez, <i>âncora Medicinal</i> , p.182.
Melancia	Sangue Ibidem, p. 183.

Mingau de carimã (papa de mandioca, cevada, leite de gado, gema de ovo e açúcar)	Para crianças doentes. Câmara Cascudo, op. cit., p. 103.
Miolos de galinha	Memória Francisco da Fonseca Henríquez, <i>Âncora Medicinal</i> , p. 115-6.
Miolos de galinha e perdiz	Memória Ibidem, p. 13.
Miolos de touro derretidos em óleo de nozes	Contusões Ibidem, p. 95-6
Mistura: cabeça de cordeiro com lã, ossos e dentes com cabelos de homem, fígado de enguia. Coloque no forno a te virar pó. Dê ao bêbado este pó com vinho.	Alcoolismo. Luis Gomes Ferreira, <i>Erário Mineral</i> , p. 220.
Óleo de <i>hiboucouhu</i>	Reumatismo Lycurgo Santos Filho, op. cit., p. 106.
Oração de São Tomé	Evitar ataques de cobra Spix e Martius, <i>Viagem pelo Brasil</i> (1817-1820), p. 122.
Pão “rústico” (fibras)	Laxante Francisco da Fonseca Henríquez, <i>Âncora Medicinal</i> , p. 85-88
Partes da anhumã	Envenenamentos. Márcia Moisés Ribeiro, <i>A ciência dos trópicos</i> , p. 55-6.
Pele de cachorro recentemente esfolada	Dor ciática Martius, <i>Natureza, doenças, medicina e remédios dos índios brasileiros</i> , p.227.
Pepino e morango	Diuréticos Francisco da Fonseca Henríquez, <i>Âncora Medicinal</i> , p.183 e 185.
Peras	Males do estômago Ibidem, p. 190.

Pêssegos	Surdez Francisco da Fonseca Henríquez, <i>Âncora Medicinal</i> , p. 191.
Pó de pedra do fel da vaca / boi	Visão Ibidem, p. 95-6.
Pós da moela da galinha	Expelir pedras nos rins Ibidem, p. 115-6.
Pomada feita de gorduras ⁴⁹⁸ ou azeites de origem animal ou de origem vegetal (óleo de palma) misturada com substâncias corantes das sementes da <i>Bixa Orellana</i>	Picadas, feridas e ferimentos no geral. Martius, <i>Natureza, doenças, medicina e remédios dos índios brasileiros</i> , p. 246.
Porcos do mato	Problemas estomacais; dores no útero; retenção de líquido; febres. Apud Holanda, S. (2001, 79). Manuscrito deixado pelo então governador Rodrigo César de Menezes, Ms do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, livr. 89, ms. 1509, fl. 209.
Pulmões de carneiros (assados)	Cólicas, dores em geral Francisco da Fonseca Henríquez, <i>Âncora Medicinal</i> , p. 97
Quina: “mezinha dos padres da Companhia ou “pó dos jesuítas”	Febres intermitentes Serafim Leite, <i>História da Companhia de Jesus no Brasil</i> , p. 583.
Raízes em forma testicular da “Contra erva” (<i>Dorsteuia brasiliensis</i>) e folhas cordiformes do “Coração de Jesus” (<i>Mikania officinalis nob</i>)	Fortalecer o coração Martius, <i>Natureza, doenças, medicina e remédios dos índios brasileiros</i> , p.162.
Raízes juntamente com folhas e banha de jacaré	Picada de cobra Martius, <i>Natureza, doenças, medicina e remédios dos índios brasileiros</i> , p.224-5.

⁴⁹⁸ Essas gorduras poderiam ser preparadas com a banha de jacaré, de capivara ou de iguana.

Raiz de Butuá	Febres e doenças hepáticas. Ricardo Ribeiro. “Tortuosas raízes medicinais: as mágicas origens da farmacopéia popular brasileira e sua trajetória pelo mundo.” In Renato Venâncio e Henrique Carneiro, <i>Álcool e drogas na história do Brasil</i> , p. 166.
Raspas do chifre do veado com água fervida	Inflamação dos olhos; depressão. Francisco da Fonseca Henríquez, <i>Âncora Medicinal</i> , p. 102-3.
Romã	Evitar vômitos Ibidem, p.193.
Rum e água fria	Hidrocele Spix e Martius, <i>Viagem pelo Brasil</i> (1817-1820) vol.1, p.61.
“Saca-trapo” (composto de pólvora, caninha, pimenta da terra e suco de limão azedo)	Malária Sérgio Buarque de Holanda, <i>Caminhos e Fronteiras</i> , p. 86.
Saliva e urina	Diversas doenças e ferimentos Martius, <i>Natureza, doenças, medicina e remédios dos índios brasileiros</i> , p.224.
Sangue da galinha	Dor de dente Francisco da Fonseca Henríquez, <i>Âncora Medicinal</i> ”, p. 116.
Tabaco	Prevenir a malária; colocar os “humores” para fora Camara Cascudo, <i>História da alimentação no Brasil</i> , p. 210-1.
Tripas do carneiro	Dores de Bexiga Francisco da Fonseca Henríquez, <i>Âncora Medicinal</i> , p. 97.

Urupê (<i>Boletus sanguineus</i>)	Estancar hemorragias Martius, <i>Natureza, doenças, medicina e remédios dos índios brasileiros</i> , p.162.
Urtiga do mamão	Cataratas. Lycurgo Santos Filho, <i>História geral da Medicina Brasileira</i> , p. 106.
Urina quente	Inflamações e tumores Sérgio Buarque de Holanda, <i>Caminhos e fronteiras</i> , p. 85.
Urucum	Proteção solar Martius, op.cit., p. 246.
Uvas	Limpam os intestinos; efeito laxativo. Ibidem, p. 188-9.
Vinho	Sarampo e varíola Ernani Silva Bruno, <i>História e tradições da cidade de São Paulo</i> . V.I, p. 257.
Vinho, leite	Restabelece o corpo; “vigora o calor natural”; bom funcionamento do coração; energizante. Não deve ser consumido por crianças. Francisco da Fonseca Henríquez, <i>Âncora Medicinal</i> , p.13.

Bibliografia

Livros e artigos:

ABREU, Manuel Cardoso. “Divertimento admirável” in Revista do Instituto Histórico Geográfico de São Paulo, VI (São Paulo, 1902).

ANDRADE, Mario de. *Namoros com a medicina*. Porto Alegre, livr. Do Globo, 1939.

ANTONIL, João André. *Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas*. São Paulo: Nacional, 1934.

ARAÚJO, Maria Benedita. *O conhecimento empírico dos fármacos nos séculos XVII e XVIII*. Lisboa, Cosmos, 1992.

ALMEIDA, Marta. *Combates sanitários e embates científicos*. Emílio Ribas e a febre amarela em São Paulo. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, 2000.

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*. São Paulo: Hucitec, Brasília, UNB, 1987.

BARROS, José Flávio Pessoa. *O segredo das folhas, sistema de classificação de vegetais no candomblé jêje-nagoo do Brasil*. Rio de Janeiro: Pallas, UERJ, 1993.

BELLUZO, Ana Maria de Moraes. *O Brasil dos viajantes*. v.I e v.II São Paulo: Metalivros, 1994.

BRAGA, José Peixoto da Silva. “A bandeira de Anhaguera a Goiás.” in Gazeta literária, I, 3. Rio de Janeiro, 1/9/1883.

BRUNO, Ernani da Silva. *História e tradições da Cidade de São Paulo*. Rio de Janeiro: Olympio, 1953.

_____. *Viagem ao país dos paulistas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1966.

_____. *Alimentação* (Fichário). Equipamentos, usos e costumes da Casa Brasileira. São Paulo: Museu da Casa Brasileira, 2000.

CAMPORESI, Piero. *Hedonismo e Exotismo*. A arte de viver na época das Luzes. São Paulo: UNESP, 1990.

CARNEIRO, Henrique. *Comida e sociedade, uma história da alimentação*. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

_____. *Filtros, mezinhas e triacas*. São Paulo: Xamã, 1994.

_____. “Transformações do significado da palavra “droga” das especiarias coloniais ao protecionismo contemporâneo.” in Henrique Carneiro e Renato Venâncio (org). *Álcool e drogas na história do Brasil*. São Paulo: Alameda; Belo Horizonte: Editora PUCMinas, 2005.

_____. *Amores e sonhos da flora*. São Paulo: Xamã, 2002.

CÂNDIDO, Antônio. *Formação da Literatura Brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.

CASCUDO, Luis da Câmara. *História da alimentação no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.

CASTIGLIONI, Arturo. *História da Medicina*. 1º vol., São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1947.

CHALLOUB, Sidney e outros (org). *Artes e ofícios de curar no Brasil*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

COELHO, Geine Nunes. *Minas Perpétua*. Belo Horizonte: SESC, 1986.

CORADINI, Odaci Luiz, “Grandes famílias na medicina do Brasil”, *História, Ciência, Saúde – Manguinhos*, vol III, nº 3, 1997, pp.425-66.

DIAS, Maria Odila da Silva. *Aspectos da Ilustração no Brasil*. Rio de Janeiro. Revista do Instituto Histórico e Geográfico, 1969.

_____. *Quotidiano e Poder em São Paulo no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

_____. *A interiorização da metrópole e outros estudos*. São Paulo: Alameda, 2005.

EDLER, Flávio Coelho, As reformas do ensino médio e a profissionalização da medicina na corte do Rio de Janeiro, 1854-1884. Dissertação de mestrado, faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1994.

ELIAS, Nobert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro; Jorge Zahar, 1990.

FALCON, Francisco. *Época Pombalina. A ilustração e sua época*. São Paulo, Ática, 1982.

FARINA, Duílio Crispin. *Medicina no planalto de Piratininga*. São Paulo, (s.e.), 1981.

FERREIRA, Luiz Otávio. “Medicina impopular: ciência médica e medicina popular nas páginas dos periódicos científicos (1830-180) in Sidney Chalhoub e outros (org). *Artes e ofícios de curar no Brasil*. Campinas. S.P. Editora da Unicamp, 2003.

FERREIRA, Luis Gomes. *Erário Mineral*. v.2 Belo Horizonte: FJP, Fiocruz, 2002.

FILHO, Lycurgo Santos. *História Geral da medicina brasileira*. São Paulo: HUCITEC, EDUSP, 1991.

FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves. *A arte de curar: cirurgiões, médicos, boticários e curandeiros no século XIX em Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2002.

_____. “O arranjo das drogas nas boticas e farmácias mineiras entre os séculos XVIII e XIX.” in Henrique Carneiro e Renato Venâncio (org). *Álcool e drogas na história do Brasil*. São Paulo: Alameda, Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2005.

FLANDRIN, Jean-Louis; MONTANARI, Massimo. *História da Alimentação*. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

FLORENTINO, Manolo. *Em costas negras*. Uma história do tráfico de escravos entre a África e o Rio de Janeiro. São Paulo; Companhia das Letras, 1997.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade*, 3v. Rio de Janeiro: Graal.

FONSECA, Manuel da. *Vida do venerável padre Belchior de Pontes*. São Paulo: Melhoramentos, 1913.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade*. 3vol., Rio de Janeiro: Graal.

FRAGOSO, João Luís. *Homens de grossa aventura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. 11ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1964.

FRIEIRO, Eduardo. *Feijão, Angu e Couve*. 2.ed. São Paulo/ Belo Horizonte: EDUSP/ Itatiaia, 1982.

GLISSANT, Edouard. “Editorial”. IN: *O Correio*, Fundação Getúlio Vargas, julho, 1987, Ano 15.

GOMES, Bernadino Antônio. *Plantas medicinais do Brasil*. São Paulo, Edusp, 1972.

HOLANDA, Sérgio Buarque. *Caminhos e Fronteiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: Olympio, 1936.

_____. *Monções*. São Paulo: Brasiliense, 2000.

HOEHNE, F.C. *O que vendem os ervanários de São Paulo*. São Paulo: Serviço Sanitário do Estado de São Paulo / Casa Duprat, 1920.

HOBBSBAWM, Eric. *A era das revoluções 1789-1848*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

_____. *Era do Capital*. (1848-1875). Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.

LANGSDORFF. *Os diários de Langsdorff*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1997.

LE GOFF, Jacques; Nora, Pierre. *História: Novos objetos*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S.^a, 1986.

LEITE, Ilka Boaventura. *Negros e viajantes estrangeiros em Minas Gerais no século XIX*. São Paulo, tese de doutorado apresentada ao Depto de Ciências Sociais da FFLCH da USP, mimeo, 1986.

LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. v. II Lisboa, 1938.

_____. *Artes e ofícios do jesuítas no Brasil*. 2v. Rio de Janeiro: Vozes, MEC, 1977.

LIMA, Maria Emilia Amarante. *As caminhadas de Auguste de Saint-Hilaire pelo Brasil e Paraguai*. Belo Horizonte: Autentica, 2002.

LIMA, Manuela de Oliveira. *D. João VI no Brasil*. v.I. Rio de Janeiro: José Olympio, 1945

LISBOA, Karen Macknow. *A Nova Altântida ou o Gabinete Naturalista dos doutores Spix e Martius*. São Paulo; dissertação de mestrado. FELCH-SP, 1995.

_____. *A Nova Atlântida de Spix e Martius: Natureza e civilização na Viagem pelo Brasil (1817-1820)*. São Paulo: Hucitec, 1997.

MACHADO, Alcântara. *Vida e Morte de um Bandeirante*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971.

MAGALHÃES, Couto de. *Viagem ao Araguaia*. 3. ed. São Paulo, 1934.

MARCÍLIO, Maria Luíza. *A cidade de São Paulo: povoamento e população*. São Paulo no século XVIII(1750-1850). São Paulo: Enio Matheus e cia, 1974

_____. *Crescimento demográfico e evolução agrária paulista (1700-1836)*. São Paulo: HUCITEC, EDUSP, 2000.

MARQUES, Oliveira. *A Sociedade Medieval Portuguesa*. 3ed. Lisboa: Sá da Costa Ed., 1974.

MIRANDA, Lílian Lisboa. *Gentes de Baixa Esfera em São Paulo: Cotidiano e violência nos Setecentos*. São Paulo: dissertação de mestrado. FELCH-USP, 1997.

MARQUES, Vera Regina Beltrão. *Natureza em Boiões: medicinas e boticários no Brasil Setecentista*. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

_____. “Medicinas secretas: magia e ciência no Brasil setecentista.” In Sidney Challoub e outros (org.). *Artes e Ofícios de curar no Brasil*. Campinas, S.P. Editora da Unicamp, 2003.

MAGALHÃES, Couto. *Viagem ao Araguaia*. 3.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934.

MESGAVIS, Laima; Pinsky, Carla Bassanezi. *O Brasil que os europeus encontraram: a flora e a fauna, índios e homens brancos, antropofagia e vida sexual*. São Paulo: Contexto, 2002.

MORLEY, Helena. *Minha vida de menina*. Rio de Janeiro; Sagarana, 1971.

MORSE, Richard M. *Formação Histórica de São Paulo* (de comunidade à metrópole). São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

NARDI, Jean Baptiste. *O Fumo no Brasil Colônia*. São Paulo: Brasiliense (Col. Tudo é História n.121), 1987.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho. *A Cultura Ocultada*. Londrina, UEL, 1999.

NAVA, Pedro. *Capítulos da história da medicina no Brasil*. Separata Brasil médico-Cirúrgico. Rio de Janeiro, 1949.

NOVAIS, Fernando (org). *História da vida privada no Brasil*. Cotidiano e vida privada na América Portuguesa. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. *Portugal e Brasil na crise do Antigo sistema colonial*. São Paulo: HUCITEC, 1979.

_____. *Cotidiano e vida privada na América Portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

NOGUEIRA, Carlos Roberto Figueiredo. *Bruxaria e História- As práticas Mágicas no Ocidente cristão*, São Paulo, Ática, 1991.

PALOMBA, Guido Arturo; Gomes, Ivomar e outros (coordenadores). *450 anos de história da medicina paulistana*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004.

PINTO, Olivério Mário. “Explorações científicas.” In *História Geral da Civilização brasileira*. São Paulo, Difel, 1985, v.II, p.161.

PIMENTA, Tânia Salgado. “Terapeutas populares e instituições médicas na primeira metade do século XIX.” In Sidney Chalhoub e outros (org). *Artes e Ofícios de curar no Brasil*. Campinas, S.P. editora da Unicamp, 2003.

POHL, Johann Emanuel. *Viagem no interior do Brasil*. São Paulo, Belo Horizonte: Edusp, Itatiaia, 1976.

PORTA, Paula (org) e autores. *História da cidade de São Paulo*. A cidade colonial 1554-1822. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

PRADO Jr., Caio. *Evolução política do Brasil e outros estudos*. São Paulo: Brasiliense, 1971.

- PRESTES, Maria Elice Brzezinski. *A investigação da Natureza no Brasil Colônia*. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2000.
- RIBEIRO, Márcia Moisés. *A ciência dos trópicos*. São Paulo: Hucitec, 1997.
- _____. *Exorcistas e demônios*. Rio de Janeiro: Campus, 2003.
- RIBEIRO, Ricardo. “Tortuosas raízes medicinais: as mágicas origens da farmacopéia popular brasileira e sua trajetória pelo mundo” in Henrique Carneiro e Renato Venâncio (org). *Álcool e drogas na história do Brasil*. São Paulo: Alameda, Belo Horizonte: Editora PUCMinas, 2005.
- SALVADOR, Frei Vicente. *História do Brasil*. 3.ed. São Paulo: Melhoramentos.
- SÃO PAULO, Fernando. *Linguagem Médica popular no Brasil*. 2v. Rio de Janeiro: Barreto e Cia, 1936.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O Espetáculo das Raças*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SCLIAR, Moacyr in Revista Nova História, Medicina. Os assustadores métodos de cura no Brasil. Ano 2/n21/2005.
- SILVA, Maria Beatriz Nizza. *Vida Privada e Quotidiano no Brasil na época de D. Maria I e D. João VI*. Lisboa: Editorial Estampa, 1993.
- SOUZA, Gabriel Soares de. *Tratado descriptivo do Brasil em 1587*. 3.ed. São Paulo. Nacional, 1938.
- SOUZA, Laura de Mello e. *Desclassificados do ouro: a pobreza mineira no século XVIII*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- _____. *Opulência e miséria das Minas Gerais*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- _____. *O diabo e a Terra de Santa Cruz*. São Paulo, Companhia das Letras, 1986.
- TAUNAY, Afonso de. *História da Villa de São Paulo no século XVIII*. São Paulo: Divisão do Arquivo Histórico, 1951.
- THOMAS, Keith. *Religião e o Declínio da Magia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- _____. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1880)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- VASCONCELOS, Simão. *Vida do padre. João de Almeida*. Lisboa, 1658.
- VENÂNCIO, Renato e Henrique Carneiro (org). *Álcool e drogas na história do Brasil*. São Paulo: Alameda; Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2005.

VIOTTI, Hélio Abranches, S. J. *Cartas: correspondência ativa e passiva*. Padre Joseph de Anchieta. São Paulo: Loyola, 1954.

ZEMELA, Mafalda. *O abastecimento da capitania das Minas Gerais no século XVIII*. São Paulo: HUCITEC/EDUSP, 1990.

Fontes impressas:

ABREU, José Rodrigues. *Histologia médica*. II. Lisboa: Ocidental, 1733.

ABREU, Brás Luís de. *Portugal Medico ou Monarquia Medico lusitana*. Coimbra, 1726.

BARLÉU, Gaspar. *História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil*. Belo Horizonte: São Paulo: Itatiaia/ EDUSP, 1974.

CARDIM, Fernão. *Tratados da Terra e gente do Brasil*. Rio de Janeiro, 1925.

FRANCO Francisco de Melo. *Medicina theologica, ou supplica humilde*, feita à todos os senhores confessores, e directores, sobre o modo de proceder com seus penitentes na emenda dos peccados, principalmente da lascívia, cólera, e bebedice (Lisboa, 1794). Edição de Carlos Giordano, apresentação de Antonio Candido e introdução de Alberto Dines. São Paulo: Editora Giordano, 1994. (Memória, n.13).

FERREIRA, Luis Gomes. *Erário mineral; dividido em doze tratados*. Lisboa, Oficina de Miguel Rodrigues, 1735.

GANDAVO, Pero de Magalhães. *Tratado da Terra do Brasil*. Rio de Janeiro, 1924.

HENRIQUEZ, Francisco da Fonseca. *Âncora Medicinal: Para conservar a vida com saúde* (1721). São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

MARTIUS. *Natureza, doenças e remédios dos índios brasileiros*. São Paulo: Editora Nacional, 1844.

_____. “Como se deve escrever a história do Brasil”.(1843). Trad. Wilhelm Schüch. In *O estado de direito entre os autóctones do Brasil*. São Paulo, Edusp, 1982.

_____. *Frey Apollonio. Um Romance do Brasil*. São Paulo, Brasiliense, 1992.

_____ e Veloso de Oliveira. *Sistema de matéria médica vegetal brasileira*. Rio de Janeiro, 1854.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem à província de São Paulo*. São Paulo/ Belo Horizonte; EDUSP/Itatiaia, 1972.

_____. *Segunda Viagem a São Paulo e quadro histórico da província de São Paulo*. São Paulo: Martins, 1976.

_____. *Segunda Viagem do Rio e Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo (1822)*. São Paulo: EDUSP/ Belo Horizonte, Itatiaia, 1974.

PISO, Guilherme. *História Natural do Brasil Ilustrada*. São Paulo. Cia Editora Nacional, 1948.

SALVADOR, Frei Vicente do. *História do Brasil*. 3.ed. São Paulo, sd.

SEMEDO, João Curvo. *Compêndio dos segredos medicinais ou remédios curvianos, que inventou e compôs doutor João Curvo Semedo*. Lisboa: Of. De José de Aquino Bulhões, 1783.

_____. *Memorial de vários símplies que a Índia Oriental, da América e de outras partes vêm ao nosso reino*: Lisboa Ocidental, Oficina de Antonio Pedroso Galain, 1927.

SEQUEIRA, Ângelo de. *Botica Preciosa, e Thesouro Precioso da Lapa. Em que como em Botica, e Thesouro se Achão Todos os remédios para o Corpo, e para a Alma, e para a Vida, E huma Receita das Vocações dos Santos para Remédio de Todas as enfermidades, e Vários Remédios e Milagres de N. Sra. Da Lapa, e Muitas Novenas, Devoções, e Avisos Importantes para os Pays de Família ensinarem a Doutrina Christã a Seus Filhos, e Criados*. Lisboa. Of. Miguel Rodrigues, 1754.

SPIX e MARTIUS. *Viagem pelo Brasil (1817-1820)*. São Paulo/ Belo Horizonte: EDUSP/ Itatiaia, 1981.

VASCONCELOS, Simão de. *Vida do padre*. João de Almeida. Lisboa, 1658.